



Componentes do projeto:

- Manual do aluno
- Caderno de atividades
- Livromédia



21,41 € IVA incluído



EDIÇÃO REVISTA
DE ACORDO COM AS NOVAS
METAS
CURRICULARES

MANUAL CERTIFICADO pela Escola Superior
de Educação do Instituto Politécnico de Viseu,
nos termos da legislação em vigor



Conforme o novo
Acordo Ortográfico
da língua portuguesa

Projeto Desafios

Português

Projeto Desafios

SANTILLANA CONSTÂNCIA

Ida Lisa Ferreira, Isabel Delgado e Roberto Mendes
Consultora científica: Edite Prada



EDIÇÃO REVISTA
DE ACORDO COM AS NOVAS
METAS
CURRICULARES

MANUAL CERTIFICADO
nos termos da legislação em vigor



Projeto Desafios

Português

7^o ano

Projeto **Desafios**

O teu livro está organizado de forma a facilitar a aprendizagem. A sequência das unidades é a seguinte:

Unidade 0 — *O caminho faz-se... andando!* Nesta unidade, vamos preparar o caminho a percorrer ao longo do ano letivo, promovendo o conhecimento e diagnosticando saberes.

Unidade 1 — *O «eu» conta o seu mundo...* através de textos de carácter biográfico.

Unidade 2 — *Estórias do mundo* é um conjunto de textos narrativos de autores estrangeiros, portugueses e de países de expressão portuguesa.

Unidade 3 — *O mundo inteiro... um palco!* vai levar-te pelos caminhos da representação.

Unidade 4 — *Palavras com ritmo...* expressas em poemas que nos fazem sentir, pensar e até sonhar.

Unidade 5 — *Comunicação por palavras e por imagens* que transmitem informação.

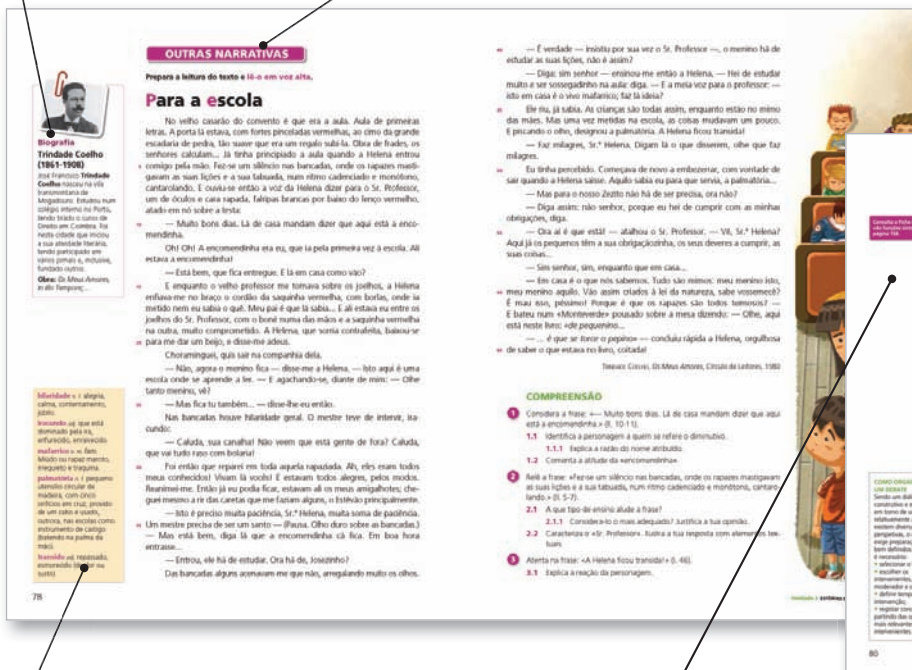


Entrada de unidade Conjunto de duas páginas que identificam a unidade, apresentam um índice de conteúdos e os objetivos da mesma. Têm como pano de fundo uma imagem e um texto ou uma citação alusivos ao tema da unidade, acompanhados de uma sugestão de exploração.

Biografia dos autores dos textos apresentados para exploração.

Tipo ou tema do texto em análise.

Atividades de exploração do texto, relativas às diversas competências a desenvolver na disciplina: **compreensão, gramática e expressão escrita**. Há ainda atividades que te permitem **aprender noutros contextos**.



Glossário de alguns termos dos textos.

Sugestão de consulta das fichas informativas sobre os conteúdos abordados.

Caixa de informação sobre alguns dos conteúdos abordados.

CARTAS

Projetos e leituras de cartas e textos de uma única obra.

ALBERTO PINOAL
Madrid, 7 de dezembro de 1962

Querido amigo!

Após alguns dias de trabalho com o livro de Fernando de Alencar e com o livro de Fernando de Alencar, estou escrevendo esta carta para você. Espero que você esteja bem e que esteja aproveitando o livro. Estou escrevendo esta carta para você porque quero que você saiba que eu estou pensando em você e que estou escrevendo esta carta para você.

Com carinho,
Alberto Pinoal

COMPREensão

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o assunto principal do texto?

1.2. Qual o objetivo principal do texto?

1.3. Qual o tom do texto?

1.4. Qual o estilo do texto?

1.5. Qual o gênero do texto?

GRAMÁTICA

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o tempo verbal usado no texto?

1.2. Qual o modo verbal usado no texto?

1.3. Qual o tipo de oração usado no texto?

INTERPRETAÇÃO

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o significado do texto?

1.2. Qual o valor do texto?

1.3. Qual o efeito do texto?

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o assunto principal do texto?

1.2. Qual o objetivo principal do texto?

1.3. Qual o tom do texto?

1.4. Qual o estilo do texto?

1.5. Qual o gênero do texto?

COMPREensão

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o assunto principal do texto?

1.2. Qual o objetivo principal do texto?

1.3. Qual o tom do texto?

1.4. Qual o estilo do texto?

1.5. Qual o gênero do texto?

GRAMÁTICA

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o tempo verbal usado no texto?

1.2. Qual o modo verbal usado no texto?

1.3. Qual o tipo de oração usado no texto?

INTERPRETAÇÃO

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o significado do texto?

1.2. Qual o valor do texto?

1.3. Qual o efeito do texto?

Ler mais

1. A LINGUAGEM

1.1. País do gelo

1.1.1. País do gelo

1.1.2. País do gelo

1.1.3. País do gelo

1.1.4. País do gelo

1.1.5. País do gelo

1.1.6. País do gelo

1.1.7. País do gelo

1.1.8. País do gelo

1.1.9. País do gelo

1.1.10. País do gelo

1.1.11. País do gelo

1.1.12. País do gelo

1.1.13. País do gelo

1.1.14. País do gelo

1.1.15. País do gelo

1.1.16. País do gelo

1.1.17. País do gelo

1.1.18. País do gelo

1.1.19. País do gelo

1.1.20. País do gelo

1.1.21. País do gelo

1.1.22. País do gelo

1.1.23. País do gelo

1.1.24. País do gelo

1.1.25. País do gelo

1.1.26. País do gelo

1.1.27. País do gelo

1.1.28. País do gelo

1.1.29. País do gelo

1.1.30. País do gelo

1.1.31. País do gelo

1.1.32. País do gelo

1.1.33. País do gelo

1.1.34. País do gelo

1.1.35. País do gelo

1.1.36. País do gelo

1.1.37. País do gelo

1.1.38. País do gelo

1.1.39. País do gelo

1.1.40. País do gelo

1.1.41. País do gelo

1.1.42. País do gelo

1.1.43. País do gelo

1.1.44. País do gelo

1.1.45. País do gelo

1.1.46. País do gelo

1.1.47. País do gelo

1.1.48. País do gelo

1.1.49. País do gelo

1.1.50. País do gelo

1.1.51. País do gelo

1.1.52. País do gelo

1.1.53. País do gelo

1.1.54. País do gelo

1.1.55. País do gelo

1.1.56. País do gelo

1.1.57. País do gelo

1.1.58. País do gelo

1.1.59. País do gelo

1.1.60. País do gelo

1.1.61. País do gelo

1.1.62. País do gelo

1.1.63. País do gelo

1.1.64. País do gelo

1.1.65. País do gelo

1.1.66. País do gelo

1.1.67. País do gelo

1.1.68. País do gelo

1.1.69. País do gelo

1.1.70. País do gelo

1.1.71. País do gelo

1.1.72. País do gelo

1.1.73. País do gelo

1.1.74. País do gelo

1.1.75. País do gelo

1.1.76. País do gelo

1.1.77. País do gelo

1.1.78. País do gelo

1.1.79. País do gelo

1.1.80. País do gelo

1.1.81. País do gelo

1.1.82. País do gelo

1.1.83. País do gelo

1.1.84. País do gelo

1.1.85. País do gelo

1.1.86. País do gelo

1.1.87. País do gelo

1.1.88. País do gelo

1.1.89. País do gelo

1.1.90. País do gelo

1.1.91. País do gelo

1.1.92. País do gelo

1.1.93. País do gelo

1.1.94. País do gelo

1.1.95. País do gelo

1.1.96. País do gelo

1.1.97. País do gelo

1.1.98. País do gelo

1.1.99. País do gelo

1.1.100. País do gelo

Aprender noutros contextos Sugestão de atividades de intertextualidade e/ou interdisciplinaridade.

Ler mais Outras sugestões de leitura do mesmo gênero ou sobre os temas trabalhados em cada unidade.

Leitura integral 5

Conto literário «Tenório»

Antes de começar...

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o assunto principal do texto?

1.2. Qual o objetivo principal do texto?

1.3. Qual o tom do texto?

1.4. Qual o estilo do texto?

1.5. Qual o gênero do texto?

COMPREensão

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o assunto principal do texto?

1.2. Qual o objetivo principal do texto?

1.3. Qual o tom do texto?

1.4. Qual o estilo do texto?

1.5. Qual o gênero do texto?

GRAMÁTICA

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o tempo verbal usado no texto?

1.2. Qual o modo verbal usado no texto?

1.3. Qual o tipo de oração usado no texto?

INTERPRETAÇÃO

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o significado do texto?

1.2. Qual o valor do texto?

1.3. Qual o efeito do texto?

Leitura integral 5

Depois de ler...

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o assunto principal do texto?

1.2. Qual o objetivo principal do texto?

1.3. Qual o tom do texto?

1.4. Qual o estilo do texto?

1.5. Qual o gênero do texto?

COMPREensão

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o assunto principal do texto?

1.2. Qual o objetivo principal do texto?

1.3. Qual o tom do texto?

1.4. Qual o estilo do texto?

1.5. Qual o gênero do texto?

GRAMÁTICA

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o tempo verbal usado no texto?

1.2. Qual o modo verbal usado no texto?

1.3. Qual o tipo de oração usado no texto?

INTERPRETAÇÃO

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o significado do texto?

1.2. Qual o valor do texto?

1.3. Qual o efeito do texto?

Leitura integral Sugestão da leitura integral de cinco textos narrativos e de um texto dramático, com um vasto conjunto de atividades de compreensão da leitura, de gramática e de expressão escrita e oral.

Ficha informativa 22

O DISCURSO DIRETO E O DISCURSO INDIRETO

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o assunto principal do texto?

1.2. Qual o objetivo principal do texto?

1.3. Qual o tom do texto?

1.4. Qual o estilo do texto?

1.5. Qual o gênero do texto?

COMPREensão

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o assunto principal do texto?

1.2. Qual o objetivo principal do texto?

1.3. Qual o tom do texto?

1.4. Qual o estilo do texto?

1.5. Qual o gênero do texto?

GRAMÁTICA

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o tempo verbal usado no texto?

1.2. Qual o modo verbal usado no texto?

1.3. Qual o tipo de oração usado no texto?

INTERPRETAÇÃO

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o significado do texto?

1.2. Qual o valor do texto?

1.3. Qual o efeito do texto?

TESTE FORMATIVO

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o assunto principal do texto?

1.2. Qual o objetivo principal do texto?

1.3. Qual o tom do texto?

1.4. Qual o estilo do texto?

1.5. Qual o gênero do texto?

COMPREensão

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o assunto principal do texto?

1.2. Qual o objetivo principal do texto?

1.3. Qual o tom do texto?

1.4. Qual o estilo do texto?

1.5. Qual o gênero do texto?

GRAMÁTICA

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o tempo verbal usado no texto?

1.2. Qual o modo verbal usado no texto?

1.3. Qual o tipo de oração usado no texto?

INTERPRETAÇÃO

1. Leia o texto e responda às questões.

1.1. Qual o significado do texto?

1.2. Qual o valor do texto?

1.3. Qual o efeito do texto?

Ficha informativa Fichas com informação teórica e exercícios de aplicação sobre os conteúdos explorados ao longo do manual e, em particular, nessa unidade.

Teste formativo No fim de cada unidade surge um teste formativo com atividades de consolidação dos conteúdos abordados.

O teu manual valoriza a diversidade, nomeadamente a nível da tipologia de textos, de imagens e de atividades. Por vezes, surgem atividades cuja resposta requer o preenchimento de espaços em branco, sobretudo de esquemas e quadros. Nesses casos, surge o ícone ✂ para te recordar de que todas as respostas devem ser registadas no teu caderno.

Todo o material textual transcrito neste projeto foi adaptado ao novo Acordo Ortográfico.

Unidade 0 O CAMINHO FAZ-SE... ANDANDO! 6

«Deus escreve direito», Sophia de Mello Breyner Andresen	8
A jogar nos conhecemos!	
1. Jogo de apresentação	
2. Dez regras para o bom funcionamento da turma	9
Questionário de interesses e expectativas	10
Ficha de análise do manual	12
Na aula de Português, vamos...	13
Projeto de Leitura	14
Sugestões de livros para Projetos de Leitura	15
Obras de leitura integral	16
Diagnose da turma	18
Ficha informativa 1 — Métodos de estudo	20
Ficha informativa 2 — O dicionário	22

Unidade 1 O «EU» CONTA O SEU MUNDO... 24

TIPO DE TEXTO	TÍTULO/AUTOR	
DIÁRIOS	<i>Diário</i> de Anne Frank	26
	<i>O Diário de Zlata</i> , Zlata Filipović	28
	Texto A — <i>Diário II</i> , Miguel Torga	31
	Texto B — <i>Diário III</i> , Miguel Torga	31
CARTAS	<i>Correspondência (1959-1978)</i> , Sophia de Mello Breyner Andresen e Jorge de Sena	33
	Texto A — <i>Correspondência Inédita</i> , Fernando Pessoa	35
	Texto B — <i>Correspondência Inédita</i> , Fernando Pessoa	35
AUTOBIOGRAFIAS	«Pescar na foz do Almonda», José Saramago	37
	«Campo Alegre», Ruben A.	39
CRÓNICAS	«A Net», Clara Ferreira Alves	41
Leitura integral		
1. <i>Os da Minha Rua</i> , Ondjaki		44
Ler mais		
Texto A — «Confidência», Emmanuelle Laborit		55
Texto B — «3 de Outubro», Luísa Ducla Soares		56

Ficha informativa 3 — O determinante	57
Ficha informativa 4 — O nome	58
Ficha informativa 5 — Os hipónimos e os hiperónimos	62
Ficha informativa 6 — O campo lexical e o campo semântico	63
Ficha informativa 7 — O diário, as memórias e a autobiografia	64
Ficha informativa 8 — A crónica	65
Ficha informativa 9 — A carta	66
Teste formativo	68

Unidade 2 ESTÓRIAS DO MUNDO 70

TIPO DE TEXTO	TÍTULO/AUTOR	
FÁBULA	«A lebre e a tartaruga», La Fontaine (trad. de Curvo Semedo)	72
CONTO POPULAR	«As três lebres», Adolfo Coelho	74
OUTRAS NARRATIVAS	«Para a escola», Trindade Coelho	78
	«O Búzio», Sophia de Mello Breyner Andresen	81
	«Pedro Pirata», António Mota	84
	«Conto da Travessa das Musas», João Pedro Méseder	86
	«Um cão diferente», Manuel Alegre	89
	«A roseira americana», Ilse Losa	91
	«Reencontro», Christopher Paolini	94
Leituras integrais		
2. «Lenda da Nazaré», Fernanda Frazão (ed.)		95
3. «Tenório», Miguel Torga		106
4. «Miura», Miguel Torga		118
5. «Mestre Finezas», Manuel da Fonseca		123
Ler mais		
Texto A — «Mar do Norte», Luis Sepúlveda		128
Texto B — «Os invencíveis», Goscinny e Sempé		129
Texto C — «Lourença», Agustina Bessa-Luís		130
Texto D — «Avô e neto contra vento e areia», Teolinda Gersão		131
Ficha informativa 10 — A lenda e o conto popular		136
Ficha informativa 11 — As categorias da narrativa		138
Ficha informativa 12 — O adjetivo		141
Ficha informativa 13 — O verbo		144
Ficha informativa 14 — O advérbio		152
Ficha informativa 15 — O pronome		154
Ficha informativa 16 — As funções sintáticas		158
Ficha informativa 17 — As relações entre as palavras		161
Teste formativo		162

3

O MUNDO INTEIRO...
UM PALCO!

164

TIPO DE TEXTO	TÍTULO/AUTOR	
TEATRO	«Das origens aos nossos dias»	166
	«Vamos ao Teatro»	167
	«A Cigarra e a Formiga», Alexandre O'Neill	168
	«E quando as chuvas caírem eu estarei no meu quarto», Maria Teresa Maia Gonzalez	172
	À Beira do Lago dos Encantos, Maria Alberta Menéres	178
	«Há sempre lugar para um sonho», Maria Teresa Maia Gonzalez	181
	As Três Cidras, Yvette K. Centeno	184
Leitura integral		
	6. Aquilo Que os Olhos Vêem ou O Adamastor, Manuel António Pina	190
Ler mais		
	Texto A — «A nau Catrineta», Almeida Garrett	204
	Texto B — «Pedra Filosofal», António Gedeão	205
	Ficha informativa 18 — O texto dramático	206
	Ficha informativa 19 — A pontuação	207
	Ficha informativa 20 — O discurso direto e o discurso indireto	208
	Ficha informativa 21 — A coordenação e a subordinação	210
Teste formativo		214

4

PALAVRAS
COM RITMO...

216

TEMA DO TEXTO	TÍTULO/AUTOR	
SER POETA	«Motivo», Cecília Meireles	218
	«Ser Poeta», Florbela Espanca	219
O SONHO	«O Sonho», Sebastião da Gama	220
	«Se...», Luísa Dacosta	221
O AMOR	«Este é o poema do amor», António Gedeão	222
	«Mãe», José Agostinho Baptista	223
A AMIZADE	«Sermos amigos», Patrícia Joyce	224
	«Amigo é...», Alexandre O'Neill	225
A VIDA	«A cavalo no tempo», Luísa Ducla Soares	226
	«Viagem», Miguel Torga	227
A NATUREZA	«Lição», Miguel Torga	228
	«Inverno», Eugénio de Andrade	229
	«Plantar uma floresta», Luísa Ducla Soares	230
		230

O MAR

«Fundo do mar», Sophia de Mello Breyner Andresen

232

POEMAS VISUAIS

Texto A — «Tontura»
 Texto B — «É no ar...»
 Texto C — «A serpente»
 Texto D — «Em quarto minguante»

234

234

234

234

Ler mais

1. A linguagem
2. O amor
3. A amizade
4. O respeito
5. A vida
6. A esperança

236

238

241

242

243

245

Ficha informativa 22 — O texto poético

246

Ficha informativa 23 — O estilo

248

Ficha informativa 24 — A formação de palavras

250

Ficha informativa 25 — Os deícticos

251

Teste formativo

252

5

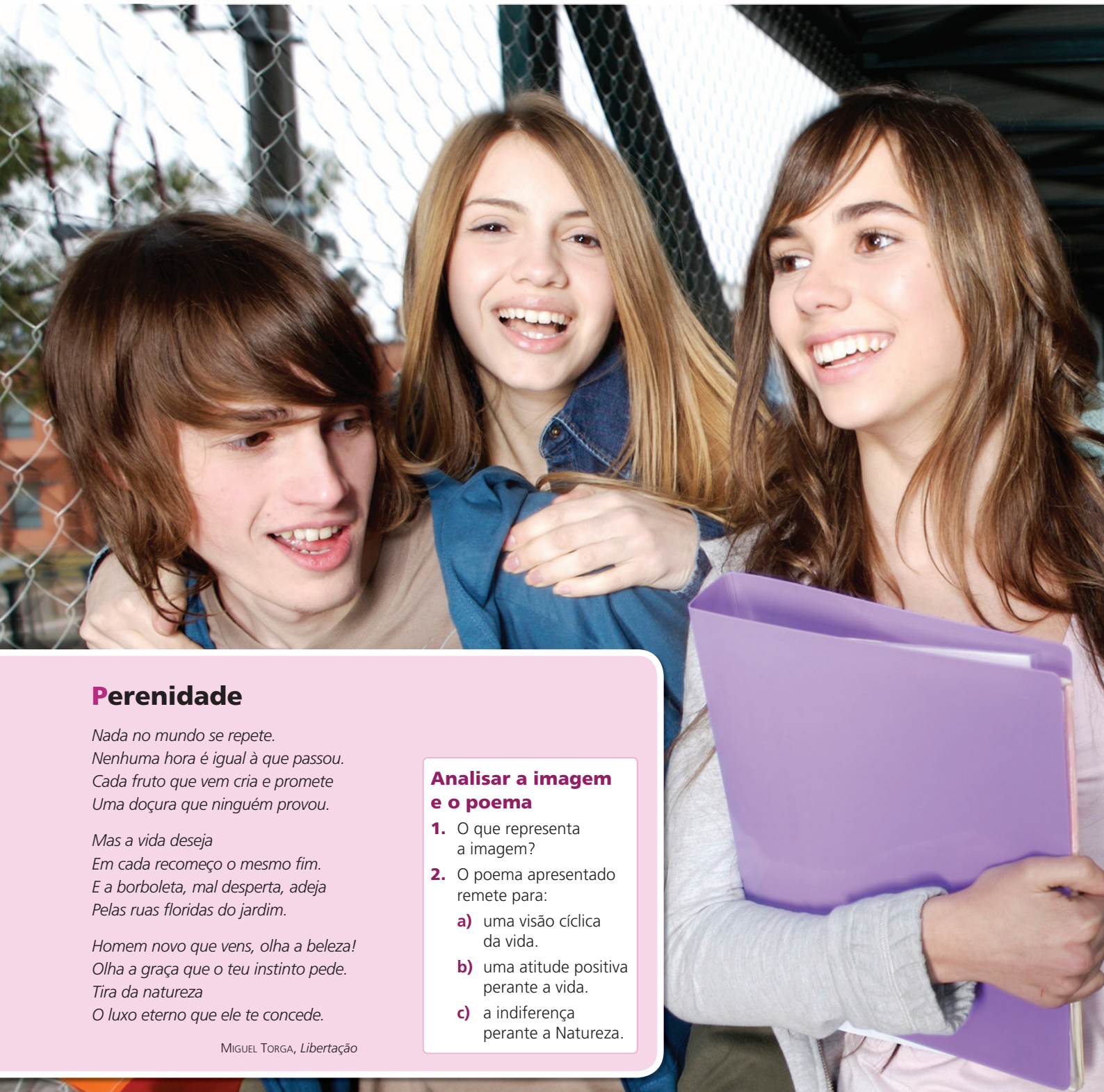
COMUNICAÇÃO

254

TIPO DE TEXTO	TÍTULO/AUTOR	
NOTÍCIA	Texto A — «Portugueses e espanhóis juntos em defesa do Tejo», Público	256
	Texto B — «E se medirmos o tempo pelas estrelas?», Diário de Coimbra	258
	Texto C — «Espaço 10 de Junho. Poesia e caça ao tesouro no mundo virtual do Second Life», Público	260
		260
ENTREVISTA	«Entrevista a Nelson Évora», Jornal de Leiria	262
ANÚNCIO PUBLICITÁRIO	«Margarina, campeã em alimentação saudável»	264
BANDA DESENHADA		266
SÍMBOLOS DE PREVENÇÃO RODOVIÁRIA		268
ETIQUETAS		269
Ler mais		
	Texto A — «Sharapova eliminada», Record	270
	Texto B — «Grande Prémio de Poesia da APE», Campo das Letras	271
	Texto C — «Brincar com a Matemática», Visão	272
	Ficha informativa 26 — A notícia	274
	Ficha informativa 27 — A entrevista	275
	Ficha informativa 28 — O anúncio publicitário	276
	Ficha informativa 29 — A banda desenhada	277
Teste formativo		278



O CAMINHO FAZ-SE... ANDANDO!



Perenidade

*Nada no mundo se repete.
Nenhuma hora é igual à que passou.
Cada fruto que vem cria e promete
Uma doçura que ninguém provou.*

*Mas a vida deseja
Em cada recomeço o mesmo fim.
E a borboleta, mal desperta, adeja
Pelas ruas floridas do jardim.*

*Homem novo que vens, olha a beleza!
Olha a graça que o teu instinto pede.
Tira da natureza
O luxo eterno que ele te concede.*

MIGUEL TORGA, *Libertação*

Analisar a imagem e o poema

1. O que representa a imagem?
2. O poema apresentado remete para:
 - a) uma visão cíclica da vida.
 - b) uma atitude positiva perante a vida.
 - c) a indiferença perante a Natureza.

Índice

O CAMINHO FAZ-SE... ANDANDO!

«Deus escreve direito», Sophia de Mello Breyner
Andresen

8

A jogar nos conhecemos!

9

1. Jogo de apresentação
2. Dez regras para o bom funcionamento da turma

Questionário de interesses e expectativas

10

Ficha de análise do manual

12

Na aula de Português, vamos...

13

Projeto de Leitura

14

Sugestões de livros para Projetos de Leitura

15

Obras de leitura integral

16

Diagnose da turma

18

Ficha informativa 1 — Métodos de estudo

20

Ficha informativa 2 — O dicionário

22

A unidade 0 vai permitir-te:

- desenvolver o teu autoconhecimento, a tua autonomia e o teu sentido de responsabilidade;
- conhecer a tua turma;
- estimular o teu relacionamento interpessoal;
- conhecer o programa da disciplina;
- desenvolver o gosto pela leitura;
- realizar atividades de diagnóstico das tuas competências.



O caminho faz-se... andando!



Deus escreve direito

Deus escreve direito por linhas tortas

E a vida não vive em linha reta

Em cada célula do homem estão inscritas

A cor dos olhos e a argúcia do olhar

5 O desenho dos ossos e o contorno da boca

Por isso te olhas ao espelho:

E no espelho te buscas para te reconhecer

Porém em cada célula desde o início

Foi inscrito o signo veemente da tua liberdade

10 Pois foste criado e tens de ser real

Por isso não percas nunca teu fervor mais austero

Tua exigência de ti e por entre

Espelhos deformantes e desastres e desvios

Nem um momento só podes perder

15 A linha musical do encantamento

Que é teu sol tua luz teu alimento.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN,
O Búzio de Cós, Editorial Caminho, 2002



1 Relê os dois primeiros versos do poema.

1.1 Identifica o ditado popular.

1.1.1 Explica o seu sentido.

1.2 Mostra que o segundo verso é uma clarificação do primeiro.

2 Responde às questões sobre o seguinte verso: «Por isso te olhas ao espelho:» (v. 6)

2.1 O que simboliza este objeto?

2.2 Que conselho te é dado pelo sujeito poético?

2.3 Concordas com esse ensinamento?
Fundamenta a tua opinião.

3 Relê, atentamente, os seguintes versos: «Nem um momento só podes perder / A linha musical do encantamento / Que é teu sol tua luz teu alimento.» (vv. 14-16)

3.1 Explica, por palavras tuas, o sentido dos versos transcritos.

3.2 Sugere uma possível pontuação.

4 A mensagem do poema pode ser aplicada ao contexto escolar. Neste sentido, define os teus objetivos para o novo ano que se inicia.

A jogar nos conhecemos!

1. Jogo de apresentação

- Em trabalho de pares, conversa com o teu colega e recolhe alguns dados sobre ele, partindo do quadro que se segue.

Quem és tu?	Identidade, idade, naturalidade, ...
O que gostas de fazer nos tempos livres?	Atividades desportivas e culturais, ...
O que pensas da Escola?	Função e missão, ...
Com que te preocupas?	Ambiente, saúde, direitos humanos, ...
Que metas pensas atingir neste ano letivo?	Objetivos, ...

- Apresenta oralmente à turma as informações que recolheste acerca do teu colega.
- Ouve atentamente o que os outros colegas têm a dizer sobre os seus pares.

2. Dez regras para o bom funcionamento da turma

- A sociedade rege-se por princípios orientadores que favorecem a interação das pessoas. Também a turma deve assumir, no início do ano letivo, um conjunto de normas que tornem a convivência mais profícua.
- Assim sendo, organizem um debate na turma sobre o tema. Após o debate, cada aluno deve enunciar um conjunto de regras para cada um dos valores que a seguir propomos e preencher uma tabela como a que se apresenta.



Valores	Dez regras para o bom funcionamento da turma
Amizade	
Autonomia	
Generosidade	
Humildade	
Partilha	
Respeito	
Responsabilidade	
Simpatia	
Solidariedade	
Tolerância	

- Em trabalho interdisciplinar com Educação Visual, elaborem um cartaz, onde figurem essas regras, para afixar na sala de aula. Podem associar uma ilustração às regras enunciadas.
- Divulguem os vossos trabalhos na página de Internet da escola, para que a informação chegue a toda a comunidade escolar.

Questionário de interesses e expectativas¹



Assinala as tuas escolhas.

1 Nos tempos livres, o que costumavas fazer?

- ☐ Ler
- ☐ Navegar na Internet
- ☐ Ouvir música
- ☐ Ver televisão
- ☐ Praticar desporto
- ☐ Sair com os amigos
- ☐ Outras atividades:



2 Que género de livros aprecias mais?

- ☐ Ficção narrativa (romance; conto)
- ☐ Ficção científica
- ☐ Aventura
- ☐ Policial
- ☐ Poesia
- ☐ Banda desenhada
- ☐ Outro:



3 Que livro e que filme mais apreciaste? Porquê?



4 O que te dá mais gosto escrever?

- ☐ Diário
- ☐ Poemas
- ☐ Cartas
- ☐ E-mails
- ☐ Mensagens SMS
- ☐ Blogue



5 O que esperas das aulas de Português?

- ☐ Ler textos variados
- ☐ Conhecer a gramática da língua portuguesa
- ☐ Exercitar a escrita
- ☐ Debater temas atuais
- ☐ Contactar com novos autores portugueses e estrangeiros



¹ Responde no teu caderno.

☐ Outros:

6 Que atividades gostarias de desenvolver?

- ☐ Leituras dramatizadas
- ☐ Representação de excertos teatrais
- ☐ Organização de visitas de estudo
- ☐ Projeto de Leitura
- ☐ Jornal de turma
- ☐ Feira do Livro
- ☐ Concurso literário
- ☐ Encontros com escritores
- ☐ Trabalhos de grupo
- ☐ Troca de correspondência interescolas
- ☐ Intercâmbios escolares
- ☐ Exposições
- ☐ Outras:



7 Que temas gostarias de desenvolver na área da cidadania?

- ☐ Educação para os Direitos Humanos
- ☐ Educação para os Valores
- ☐ Educação para a Saúde
- ☐ Educação para o Consumo
- ☐ Educação Ambiental
- ☐ Segurança e Prevenção Rodoviária
- ☐ Outros:

8 Que assuntos sugeres que se explorem num trabalho de projeto?

9 Quais são as tuas expectativas em relação ao presente ano letivo?

Ficha de análise do manual¹



1 Capa

- Considera-la apelativa?

☐ Sim ☐ Não

- Tem informações adequadas?

☐ Sim ☐ Não



2 Ficha técnica

• Título: _____

• O que te sugere? _____

• Autores: _____

• Editora: _____

3 Abre o manual

Unidade 0

- Qual é o tipo de atividades sugeridas?

- Ajudaram-te a conhecer melhor a turma e o teu professor?

☐ Sim ☐ Não

- Permitiram-te definir melhor os teus objetivos para este ano?

☐ Sim ☐ Não

- Consideras as fichas informativas úteis?

☐ Sim ☐ Não

Unidade 1

• Título: _____

- Tipo de textos apresentados:

Unidade 2

• Título: _____

- Tipo de textos apresentados:

Unidade 3

• Título: _____

- Tipo de textos apresentados:

Unidade 4

• Título: _____

- Tipo de textos apresentados:

Unidade 5

• Título: _____

- Tipo de textos apresentados:

4 Qual te parece ser a utilidade da dupla página que abre cada unidade?

5 As ilustrações são expressivas?

☐ Sim ☐ Não

6 O manual, no geral, parece-te atrativo?

☐ Sim ☐ Não

¹ Responde no teu caderno.

Na aula de Português, vamos...



Projeto de Leitura

É indiscutível que o ato de **ler** alarga horizontes. A **leitura** permite-nos relacionar experiências, desenvolver a imaginação e o espírito crítico, conhecer autores e tempos diferentes do nosso, refletir sobre a sociedade, em suma, conhecer o Mundo que nos rodeia... e conhecemo-nos melhor a nós próprios!

É também indiscutível que a leitura, ao contrário do que possa parecer, é uma atividade complexa que nos faz contactar com ideias e valores, permitindo o acesso a culturas diversificadas.

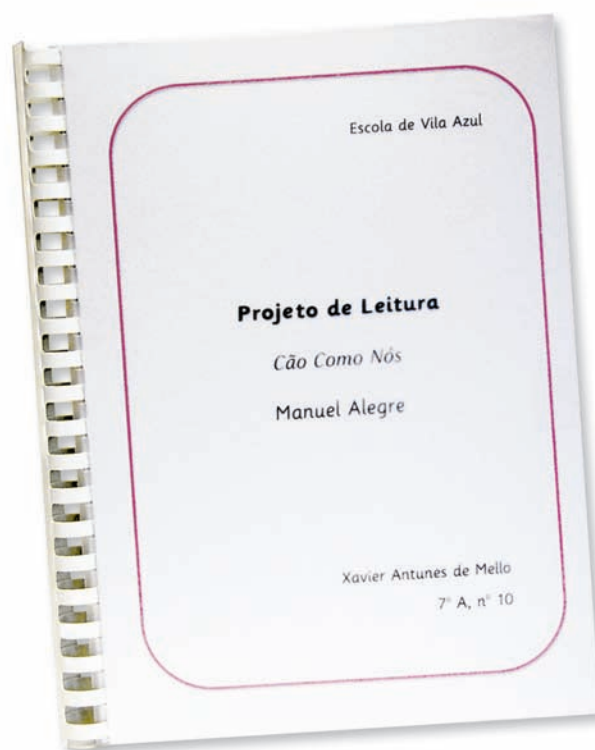
Por outro lado, temos de admitir que os meios de comunicação social e a imagem influenciam o mundo em que nos situamos, contribuindo para que a leitura não se restrinja apenas ao universo do livro e do literário. Deste modo, é possível construir leituras em torno de filmes, imagens, bandas desenhadas, *cartoons* e tantos outros suportes tão comuns no nosso quotidiano.

Neste sentido, propomos-te um **Projeto de Leitura** que deves construir ao longo do ano letivo e no qual possas integrar não só leituras literárias, como também leituras de outros textos em suportes variados.

Cada documento, seja ele um livro ou não, deverá suscitar-te um comentário escrito, que deverás apresentar oralmente à turma. Após a avaliação do teu trabalho, este deverá ser arquivado no teu **Portefólio**.

De seguida, apresentamos-te uma possível organização do teu Projeto de Leitura:

1. Capa:
 - estabelecimento de ensino;
 - nome do aluno;
 - número do aluno;
 - ano de escolaridade e turma;
 - título do trabalho.
2. Índice
3. Apresentação sumária do livro:
 - resumo do assunto do livro;
 - temáticas abordadas.
4. Comentário pessoal:
 - opinião (adesão ou não à sua leitura);
 - justificação.
5. Bibliografia/Infografia



Sugestões de livros para Projetos de Leitura

- ANDRADE, Eugénio de – *Aquela Nuvem e Outras*.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – *Contos da Terra e do Mar*.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – *O Cavaleiro da Dinamarca*.
- ALEGRE, Manuel – *As Doze Naus*.
- ALEGRE, Manuel – *Cão como Nós*.
- ALEGRE, Manuel – *O Homem do País Azul*.
- ALLENDE, Isabel – *A Cidade dos Deuses Selvagens*.
- ARAÚJO, Matilde Rosa – *O Sul e o Menino dos Pés Frios*.
- BARROS, João de – *A Odisseia*.
- BESSA-LUÍS, Agustina – *Dentes de Rato*.
- BOTELHO, Inês – *A Filha dos Mundos*.
- BRAGA, Jorge de Sousa – *Pó de Estrelas*.
- BRAGA, Teófilo – *Contos Tradicionais do Povo Português*.
- CARVALHO, Maria Judite de – *Tanta Gente Mariana*.
- COELHO, Adolfo – *Contos Populares Portugueses*.
- COELHO, Maria Helena – *A Menina dos Pés Azuis*.
- COELHO, Trindade – *Os Meus Amores*.
- COUTO, Mia – *Estórias Abensonhadas*.
- DEARY, Terry – *Terrível Diário*.
- FERREIRA, José Gomes – *Aventuras de João Sem Medo*.
- FERREIRA, Vergílio – *A Estrela Polar*.
- GEDEÃO, António – *História Breve da Lua*.
- GONZALEZ, Maria Teresa Maia – *A Lua de Joana*.
- GONZALEZ, Maria Teresa Maia – *Recados da Mãe*.
- GONZALEZ, Maria Teresa Maia – *Parabéns, Rita!*
- GROGAN, John – *Marley e Eu*.
- INOCENTI, Roberto – *O Último Hotel*.
- KIPLING, Rudyard – *Lobos do Mar*.
- LETRIA, José Jorge – *Amados Gatos: Pequenas Histórias de Gatos Célebres*.
- LIGHTMAN, Alan – *Os Sonhos de Einstein*.
- LISBOA, Irene – *Uma Mão Cheia de Nada, Outra de Coisa Nenhuma*.
- LOSA, Ilse – *O Mundo em Que Vivi*.
- MAGALHÃES, Ana Maria; ALÇADA, Isabel – *Quero Ser Outro*.
- MENÉRES, Maria Alberta – *À Beira do Lago dos Encantos*.
- MIRANDA, Pau – *Chamo-me... Alexandre Magno*.
- MOTA, António – *Cortei as Tranças*.
- MOTA, António – *Os Sonhadores*.
- MORAES, Vinicius de – *O Poeta Aprendiz*.
- O'HARA, Mary – *A Minha Amiga Flicka*.
- O'NEILL, Henrique – *Fábulas*.
- ONDJAKI – *Momentos de Aqui*.
- ONDJAKI – *Os da Minha Rua*.
- PAOLINI, Christopher – *Brisingr*.
- PAOLINI, Christopher – *Eldest*.
- PAOLINI, Christopher – *Eragon*.
- ROWLING, J. K. – *Harry Potter e a Câmara dos Segredos*.
- ROWLING, J. K. – *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.
- ROWLING, J. K. – *Harry Potter e o Cálice de Fogo*.
- ROWLING, J. K. – *Harry Potter e o Príncipe Mestiço*.
- ROWLING, J. K. – *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*.
- SABINO, Fernando – *O Menino no Espelho*.
- SALDANHA, Ana – *Um Espelho*.
- SARAMAGO, José – *A Maior Flor do Mundo*.
- SHAKESPEARE, William – *Romeu e Julieta*.
- SÜSKIND, Patrick – *A História do Senhor Sommer*.
- SALDANHA, Ana – *O Romance de Rita R*.
- SEPÚLVEDA, Luis – *História de Uma Gaivota e do Gato Que a Ensinou a Voar*.
- SEPÚLVEDA, Luis – *O Velho Que Lia Romances de Amor*.
- TORGA, Miguel – *Bichos*.
- TORRADO, António – *A Nuvem e o Caracol*.
- TORRADO, António – *Teatro às Três Pancadas*.
- VIEIRA, Alice – *Leandro, Rei da Helíria*.
- VIEIRA, Alice – *Se Perguntarem por Mim, Digam Que Voei*.

Obras de leitura integral

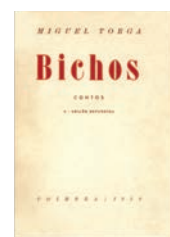
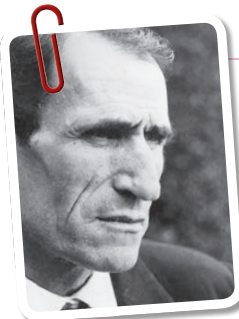
Ao longo do ano letivo, irás contactar com algumas obras para leitura integral. Para começares a formar uma ideia, apresentamos-te de forma sumária algumas sugestões, bem como os seus autores. Assim, com a ajuda do teu professor, poderás escolher aquelas que mais te agradem.

«Querido leitor:

São horas de te receber no portaló da minha pequena Arca de Noé. Tens sido de uma constância tão espontânea e tão pura a visitá-la que é preciso que me liberte do medo de parecer ufano da obra, e venho delicadamente cumprimentar-te uma vez ao menos. [...]»



(prefácio)



MIGUEL TORGA,
Bichos

«Este livro vem enriquecer a Literatura Brasileira com uma nova personagem [...] o menino Fernando, que vem a ser o próprio autor, a viver todas as fantasias da sua infância, através de aventuras mirabolantes: ensina uma galinha a conversar, aprende a voar com os pássaros e com os aviões, fica invisível, encontra-se com Tarzã e Mandrake, visita o Sítio do Pica-Pau Amarelo, torna-se agente secreto e campeão de futebol, vive aventuras na sela, enfrenta o valentão da sua escola.»



(texto da contracapa)

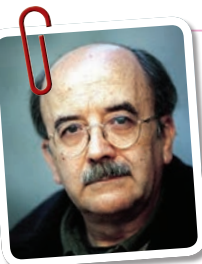


FERNANDO SABINO,
O Menino no Espelho

«A ação narrada por Mestre João passa-se no mar, em 1501, no interior de uma nau da frota de Pedro Álvares Cabral, que o mesmo Mestre João acompanhara na sua viagem, primeiro, ao Brasil e, depois, pela rota de Vasco da Gama, à Índia.»



(texto da contracapa)



MANUEL ANTÓNIO PINA,
Aquilo Que os Olhos Vêem ou O Adamastor

«A infância vive a realidade da única maneira honesta, que é tomando-a como uma fantasia. Não tentem explicar o mundo a uma criança, que ela saberá despistar as provas oferecidas. Não lhes interessam provas, mas sim mistérios. Os adultos desempenham o papel de desmancha-prazeres: porque desprezam a imaturidade. "Dentes de Rato", a pequena perversa [...]»



(texto da contracapa)



AGUSTINA BESSA-LUÍS,
Dentes de Rato

«Há muitos anos, há dezenas e centenas de anos, havia em certo lugar da Dinamarca, no extremo Norte do país, perto do mar, uma grande floresta de pinheiros, tílias, abetos e carvalhos. Nessa floresta morava com a sua família um Cavaleiro. [...]»



(excerto)



SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN,
O Cavaleiro da Dinamarca

«Numa escrita inexcedivelmente sóbria e transparente, e através de breves episódios, este romance conduz-nos em crescendo de emoção desde a primeira infância rural de uma judia na Alemanha, pelos finais da Primeira Guerra Mundial, até ao avolumar de crises [...] que por fim a obrigam ao exílio mesmo na iminência de um destino trágico num campo de concentração. [...] Um romance de características únicas [...] — e emocionalmente certo.»



(texto da contracapa)

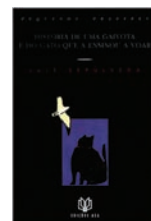


ILSE LOSA,
O Mundo em Que Vivi

«Esta é a história de Zorbas, um gato grande, preto e gordo. Um dia, uma formosa gaivota, apanhada por uma maré negra de petróleo, deixa ao cuidado dele, momentos antes de morrer, o ovo que acabara de pôr. Zorbas, que é um gato de palavra, cumprirá as duas promessas que nesse momento dramático lhe é obrigado a fazer: não só criará a pequena gaivota, como também a ensinará a voar.»



(texto da contracapa)

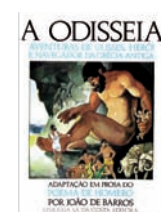


LUIS SEPÚLVEDA, *História de Uma Gaivota e do Gato Que a Ensinou a Voar*

«É esta a gloriosa história de Ulisses, do homem de mil façanhas e ardis, do herói que — depois do cerco, tomada e incêndio de Tróia, cidade célebre da Ásia Menor — visitou as cidades mais diversas, conheceu gentes estranhas e enfeitiçou a alma de povos distantes. [...]»



(texto da introdução)



JOÃO DE BARROS (adap.),
A Odisseia

«O teu livro dá conta de como crescem em segredo as crianças. É o milagre das flores do embondeiro: habitam o mundo em concha por breves momentos e veem através da luz o milagre das pequenas coisas.»



(texto da contracapa)



ONDJAKI,
Os da Minha Rua

DIAGNOSE DA TURMA

LÊ ATENTAMENTE O TEXTO QUE SE SEGUE.

Domingo, 21 de junho de 1942

Querida Kitty:



[...] Os professores são as pessoas mais caprichosas do mundo, mas talvez sejam, neste caso, caprichosos no bom sentido.

- 5 Dou-me razoavelmente com os professores e com as professoras. Ao todo são nove, sete homens e duas senhoras. O sr. Kepler, o velho professor de matemática, ao princípio embirrava comigo, por eu palrar muito. Andava constantemente a avisar-me, até que me marcou um trabalho de castigo. Mandou-me fazer uma redação sobre o tema: «Uma tagarela».
- 10 Uma tagarela! O que se poderia escrever sobre isto? Mas não me afligi. Meti o caderno de exercícios na pasta e esforcei-me por estar calada. À noite, depois de acabados os outros deveres, lembrei-me da redação. Roí um bocadinho a pena e pensei no assunto: escrever umas tretas e com as palavras tanto quanto possível distanciadas, toda a gente sabe. Mas
- 15 encontrar uma razão evidente da necessidade de palrar, aí é que estava o grande problema. Pensei e tornei a pensar. De repente as palavras surgiram. Enchi três folhas obrigatórias, rapidamente, sem cessar. Aquilo saiu-me bem. Como argumento aleguei que palrar era próprio das mulheres e que eu de bom grado faria esforços para me emendar se a minha mãe não
- 20 falasse tanto como eu. E, como era sabido, contra defeitos hereditários pouca coisa se podia fazer.

- O sr. Kepler riu-se da minha explicação. Quando na próxima aula palrei de novo, foi-me marcada outra redação: a «tagarela incurável». Lá a escrevi como pude e durante duas aulas portei-me lindamente. Mas na
- 25 teira aula já não sucedeu o mesmo, e o sr. Kepler achou que o meu mau comportamento passava das marcas.

- «Anne, como castigo por causa da tua tagarelice, vais fazer uma redação: cá, cá, cá, cá, a menina que cacareja». A turma riu a bandeiras despregadas. Também ri, embora me parecesse que tinha esgotado o meu espírito
- 30 inventivo para redações sobre o palrar. Tinha de encontrar alguma coisa de novo, de original. A minha amiga Sanne, poetisa consumada, aconselhou-me a tratar o assunto em verso e pôs o seu talento à minha disposição. Fiquei entusiasmada. O Kepler queria fazer pouco de mim, mas eu podia pregar-lhe uma partida ainda pior.

Fizemos um poema que foi um sucesso. Tratava de uma mamã de patos e de um «pai cisne» com três patinhos que, por causa de tanto cacarejar, foram mordidos pelo pai até morrerem. Felizmente o Kepler compreendeu a brincadeira e leu o poema em voz alta na nossa turma e nas outras turmas. Desde então posso falar sem que o Kepler me mande fazer redações de castigo, mas passou a dizer-me a cada passo uma piadinha.

ANNE FRANK, *Diário de Anne Frank*, Editora Livros do Brasil, s/d

RESPONDE, AGORA, DE FORMA CLARA E COMPLETA, ÀS QUESTÕES QUE SE SEGUEM, NUMA FOLHA À PARTE.

- 1  Classifica as frases como verdadeiras (V) ou falsas (F). Depois, corrige as frases que consideraste falsas.
 - (A) Ao todo, Anne tinha onze professores.
 - (B) O professor de Matemática embirrava com ela por ser faladora.
 - (C) Mandou-a fazer uma redação sobre o tema: «Uma tagarela.»
 - (D) Anne fez a redação a muito custo.
 - (E) No dia seguinte, o professor mandou-a fazer outra redação.
 - (F) À terceira, Anne foi aconselhada a tratar o assunto em verso.
 - (G) O poema acabou por ser afixado à entrada da escola.
- 2 Identifica todas as personagens mencionadas no texto.
- 3 Faz a caracterização psicológica da personagem principal.
- 4 Localiza a ação no tempo, procedendo ao levantamento das marcas textuais que o demonstram.
- 5 Menciona o espaço em que decorre a ação.
- 6 Classifica o narrador quanto à presença. Justifica a tua resposta.
- 7 Menciona duas razões que provem que o texto apresentado é de um diário.
- 8 Transcreve um exemplo de comparação e um de onomatopeia.
- 9 Faz a análise sintática das frases que se seguem.
 - a) Na escola, a turma riu a bandeiras despregadas.
 - b) Fizeram um poema extraordinário, em casa da Anne.
- 10 Recorda o teu primeiro dia de aulas neste ano letivo e escreve uma página de diário sobre ele. O texto não deve ultrapassar as cento e cinquenta palavras. Não te esqueças de realizar uma planificação da tua redação e de fazeres a sua revisão e correção antes de a dares por concluída.

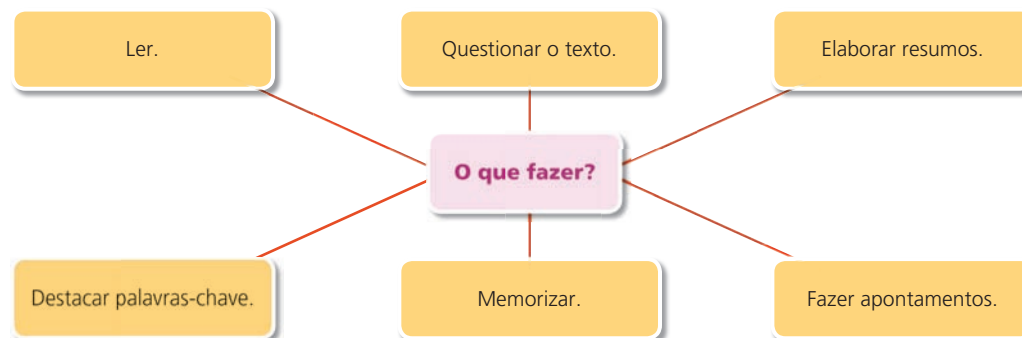
MÉTODOS DE ESTUDO

No início deste novo ciclo, convém refletires sobre os procedimentos a adotar para rendibilizares o tempo que dedicas ao estudo e te sentires motivado. Para isso, é importante que encontres um método adequado à tua personalidade e à tua rotina diária.

A. Organizar o estudo



B. Aprender a estudar



C. Técnicas de estudo

1. Destacar ideias num texto.

- Utilizar vários tipos de sublinhados:
 - linhas onduladas (~~~~~) para as ideias principais;
 - linhas retas (_____) para outros elementos informativos;
 - retângulos (□) para realçar um conceito;
 - círculos (○) para isolar nomes, datas, ...
- Recorrer a várias cores para destacar diferentes conteúdos.

2. Fazer apontamentos.

- Ler o texto integralmente.
- Esclarecer o significado das palavras desconhecidas.
- Identificar a temática do texto.
- Sublinhar as ideias principais.
- A seguir, podes optar por fazer um...

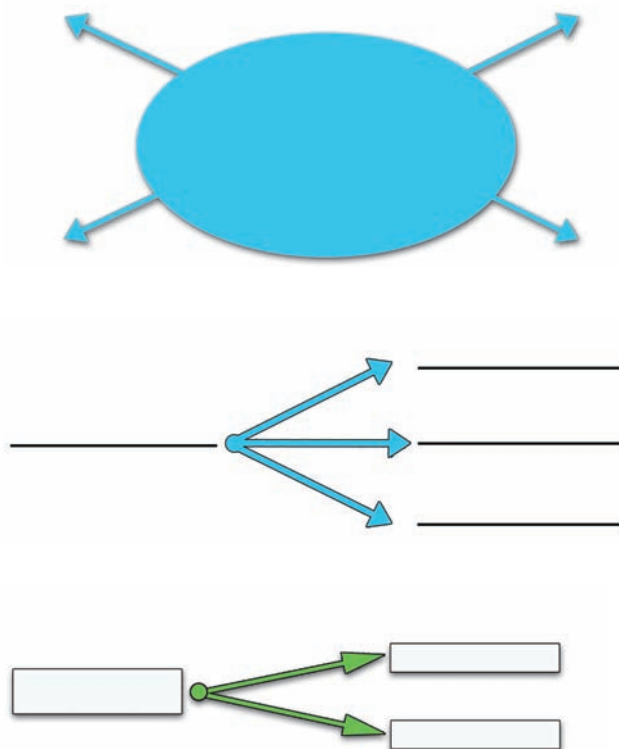
RESUMO

- Dividir o texto em partes.
- Reescrever as ideias principais.
- Construir um novo texto, respeitando a ordem e as ideias do texto-fonte.

ESQUEMA

- Selecionar as ideias/palavras-chave do texto.
- Escolher o **tipo de esquema** mais apropriado às ideias selecionadas.
- Colocar o tema abordado no centro do esquema.
- Distribuir as ideias/palavras-chave em torno do tema.
- Confirmar se todos os dados importantes constam do esquema.
- Desenvolver mentalmente os tópicos inseridos no esquema, a fim de autoavaliar o teu trabalho.

D. Tipos de esquemas



O DICIONÁRIO

Utilizar o dicionário

O dicionário é imprescindível quando se estuda. É por intermédio dele que percebemos o significado de vocábulos desconhecidos, e a sua consulta permite-nos alargar o nosso léxico. Para o utilizar, convém não esquecer certos procedimentos.

- Os vocábulos estão organizados por ordem alfabética em entradas (ou verbetes).
- Na maioria dos dicionários, no topo de cada página, encontram-se duas palavras destacadas: a do lado esquerdo corresponde à primeira entrada da página; a do lado direito, à última.
- Além dos vários significados que cada vocábulo pode assumir, são sempre fornecidas informações gramaticais (classe de palavras, género, etc.) e, ocasionalmente, indicações etimológicas (origem da palavra) e fonéticas (pronúncia).
- Os diferentes significados da palavra partem da aceção mais corrente para a mais específica, ou da mais antiga para a mais recente.
- Alguns dicionários possuem etiquetas restritivas que identificam os registos de língua, especificando o uso da palavra.
- Normalmente, no fim da entrada (ou verbete), referem-se ainda locuções e/ou expressões lexicalizadas ou idiomáticas em que pode surgir o vocábulo.
- O significado adequado ao contexto em que a palavra se encontra deve ser selecionado.
- Os verbos encontram-se sempre no infinitivo.
- Os nomes e os adjetivos encontram-se sempre no singular.
- Os nomes e os adjetivos biformes quanto ao género encontram-se sempre no masculino.



diatónico, a

primeira entrada da página

-ico). *Quím.* Diz-se do elemento cujas moléculas são formadas por dois átomos; que é constituído por dois átomos.

diatónico, a [djetóniku, -ɐ]. *adj.* (Do lat. *diatonícus* < gr. διατονικός). *Mús.* Que se compõe de tons e de meios-tons, em sucessão natural. ≠ CROMÁTICO. **escala* diatónica.**

entrada (ou verbete)
classe de palavras do vocábulo

diatribe [djetríβi]. *s. f.* (Do lat. *diatriba* < gr. διατριβή).

1. Dissertação crítica que os filósofos gregos faziam acerca de alguma obra. 2. Crítica violenta, severa... muitas vezes injuriosa, a pessoas, instituições... «O notário teve de responder a algumas perguntas de rotina e de ouvir uma violenta diatribe contra os maus portugueses.» (Á. GUERRA, *Café República*, p. 209). «Rompam ambos então em diatribes contra o sexo feminino.» (CAMILO, *Novelas*, p. 504).

dibo¹ [díbu]. *s. m.* (Do lunda). *Angol.* O m. que dendezei-ro.

género da palavra

dibo² [díbu]. *s. m.* (Do quimbundo). *Angol.* Erva glabra aquática, de caules trigonais ou roliços, com os quais são manufacturados os luandos.

origem etimológica da palavra

dica [dikə]. *s. f.* (Do lat. *dicere* 'dizer'). *Fam.* Informação, notícia, indicação novas ou pouco conhecidas; achega. *Precisou de umas dicas para encontrar a rua. Ajudou o colega dando-lhe umas dicas sobre o trabalho. «De vez em quando, apareciam pessoas amigas e familiares, que nos pediam dicas sobre baptizados, aniversários, e casamentos.»* (Público, 8.9.1991). *Dar uma +. à dica.* *loc. adv.* 1. À espreita. 2. Perto; nas proximidades. **dar à dica**, delatar; revelar segredos. «Quando este tipo for torturado, se começar a dar à dica e chegar a nós, ele vai dizer que somos conhecidos um do outro.» (N. BRAGANÇA, *Directa*, p. 39). «Ele devia estar instruído para não dar à dica sobre reuniões, mas atrapalhou-se, engasgou-se» (E. DE LEMOS, *Companheiros*, p. 689).

expressão idiomática

dicar [dikár]. *v.* (Do lat. *dicāre*, 'proclamar', 'consagrar').

1. Dedicar, oferecer em tributo. 2. Sacrificar, consagrar.

dicção [dikšɐw]. *s. f.* (Do lat. *dictiō*, -ōnis). 1. *Literat.* Escolha e combinação de palavras com fins estilísticos.

2. Arte ou forma de dizer, de pronunciar, de articular correctamente. *Corrigir a dicção. «aqueles lábios muito bem recortados [...] que se abriam e fechavam com uma precisão matemática ao pronunciar [...] numa dicção perfeita»* (F. CAMPOS, *Casa do Pó*, p. 24). *Ter uma boa, uma má +.*

verbo no infinitivo

3. Palavra, expressão. «ele me aconselhava, em vagas dicções.» (MIA COUTO, *Cada Homem*, p. 36).

diferentes significados

dichote [difóti]. *s. m.* (Do cast. *dicho* 'dito' + suf. -ote). Dito jocoso. = GRACEJO, ZOMBARIA. «Celibatário era ele, sim, o que sempre lhe dava margem para certos dichotes equívocos» (U. T. RODRIGUES, *Aves da Madrugada*, p. 32). «Mas o velho prosseguia o seu caminho e a gritaria, as gargalhadas, os dichotes iam morrendo na distância» (F. L. DE CARVALHO, *Vozes ao Longe*, p. 170).

palavra no singular

dicionário [disjunárju]. *s. m.* (Do lat. medieval *dictionarium*, do lat. *dictiō*, -ōnis 'palavra') 1. Livro de referência em que se fornecem informações, como a categoria gramatical, as acepções, os registos, a forma correspondente noutra língua..., sobre palavras e expressões de uma língua, apresentando-as de acordo com uma ordem convencional, geralmente alfabética. *Consultou vários dicionários de língua portuguesa. Um dicionário com 50.000 entradas. Os artigos, os verbetes de um dicionário. Dicionário informatizado. «O dicionário, imagem ordenada do mundo, constrói-se e desenvolve-se sobre tantíssimas palavras que viveram uma vida plena»* (Público, 6.12.1992).

pronúncia da palavra

exemplo de uso da palavra

O «EU» CONTA O SEU MUNDO...



*Não podes travar o rio da tua vida com um dique
(ideológico, afetivo, existencial, religioso, ...).
A tua vida nasce da sua fonte, segue o seu curso
e se quiseres ser consciente tens de fluir com ela
sem que te assustem os rápidos e as cascatas,
sabendo descansar nos seus remansos,
alimentar os seus canais, receber os seus afluentes
e dirigir-te com uma consciência serena até ao mar.*

J. A. GARCÍA-MONGE, in *El Diario Íntimo*, de José-Vicente Bonet

Analisar a imagem e o poema

1. O que representa a imagem?
2. O poema apresentado remete para a vivência da vida:
 - a) sem liberdade.
 - b) de modo irrefletido.
 - c) de forma serena e consciente.

Índice

O «EU» CONTA O SEU MUNDO...

DIÁRIOS

<i>Diário de Anne Frank</i> , Anne Frank	26
<i>O Diário de Zlata</i> , Zlata Filipović	28
Texto A — <i>Diário II</i> , Miguel Torga	31
Texto B — <i>Diário III</i> , Miguel Torga	31

CARTAS

<i>Correspondência (1959-1978)</i> , Sophia de Mello Breyner Andresen e Jorge de Sena	33
Texto A — <i>Correspondência Inédita</i> , Fernando Pessoa	35
Texto B — <i>Correspondência Inédita</i> , Fernando Pessoa	35

AUTOBIOGRAFIAS

«Pescar na foz do Almonda», José Saramago	37
«Campo Alegre», Ruben A.	39

CRÓNICAS

«A Net», Clara Ferreira Alves	41
-------------------------------	----

Leitura integral

<i>Os da Minha Rua</i> , Ondjaki	44
----------------------------------	----

Ler mais

Texto A — «Confidência», Emmanuelle Laborit	55
Texto B — «3 de Outubro», Luísa Ducla Soares	56

Ficha informativa 3 — O determinante	57
---	----

Ficha informativa 4 — O nome	58
-------------------------------------	----

Ficha informativa 5 — Os hipónimos e os hiperónimos	62
--	----

Ficha informativa 6 — O campo lexical e o campo semântico	63
--	----

Ficha informativa 7 — O diário, as memórias e a autobiografia	64
--	----

Ficha informativa 8 — A crónica	65
--	----

Ficha informativa 9 — A carta	66
--------------------------------------	----

Teste formativo	68
------------------------	----

A unidade 1 vai permitir-te:

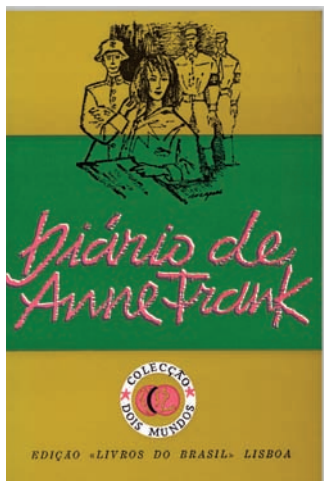
- aprofundar o gosto pessoal pela leitura;
- conhecer alguns excertos de obras nacionais e estrangeiras;
- ler integralmente um conto;
- distinguir diário, autobiografia, memória, carta e crónica;
- praticar a análise textual de excertos e obras integrais do programa;
- conhecer dados biográficos dos autores a estudar;
- comentar a expressividade da linguagem;
- conhecer de forma explícita a gramática da língua;
- desenvolver as competências de escrita;
- promover a troca de impressões sobre valores e atitudes;
- pesquisar dados decorrentes da abordagem dos textos.



Biografia

Anne Frank (1929-1945)

Anne Frank nasceu em Frankfurt no seio de uma família judaica. Quando da Segunda Guerra Mundial, foi vítima da perseguição nazi, acabando por ser presa e levada para um campo de concentração, onde morreu com apenas 15 anos de idade.



Gestapo

Designação que tinha a polícia secreta de Hitler (De **Ge**[heim] **Sta**[ats] **Pol**[izei], «polícia secreta do Estado»).

DIÁRIOS

Prepara a leitura do seguinte texto e lê-o em voz alta.

Sexta-feira, 9 de outubro de 1942

Querida Kitty!

Hoje só te posso dar notícias tristes e deprimentes. Os nossos amigos e conhecidos judaicos são deportados em massa. A Gestapo trata-os sem a menor consideração. Em vagões de gado leva-os para Westerbork, o campo para judeus. Westerbork deve ser um sítio horrível. Estão lá milhares e nem há sequer lavatórios nem W.C. que, de longe, cheguem para todos. Conta-se que as pessoas dormem em barracas, homens, mulheres e crianças, todos misturados. Não podem fugir: quase todos se podem identificar pelas cabeças rapadas ou então pelo seu tipo judaico.

Se já na Holanda as coisas se passam deste modo, como há de ser então nos sítios longínquos para onde levam essa gente? A emissora inglesa fala de câmaras de gás. De qualquer forma talvez seja a câmara de gás a maneira mais rápida de se morrer... A Miep falou-nos de acontecimentos terríveis e está excitadíssima. Ainda há pouco encontrou, em frente da sua porta, uma velhinha manca. Estava à espera do automóvel da Gestapo que recolhe as pessoas umas após outras. A velha tremia de medo. Os canhões da defesa atroavam os ares. Os raios dos projetores cruzavam-se no céu, a trovada dos aviões ingleses ecoava entre as casas. Mas a Miep não teve coragem de arrastar a mulherzinha para dentro de sua casa. Os alemães castigam com dureza tais procedimentos.

Também a Elli está desanimada e triste. O seu noivo foi levado para trabalhar na Alemanha. Ela receia que o seu Dirk possa ser atingido quando há bombardeamentos. Os aviões ingleses despejam milhões de quilos de bombas. Piadinhas como: «Descansem, não lhe cairá em cima um milhão delas», ou «só uma bomba chega bem», acho-as grosseiras. O Dirk não foi o único que teve de partir. Todos os dias saem comboios de jovens, forçados a ir. Um ou outro consegue fugir pelo caminho ou «mergulhar», mas são tão poucos! A minha cantiga triste ainda não acabou. Já ouviste falar em reféns? Pois inventaram esta coisa requintada. Parece-me o pior de tudo o que inventaram. Gente inocente é presa. Se em qualquer parte se dá uma «sabotage» e os autores não se encontrarem, fuzilam simplesmente alguns dos reféns. Depois publicam a notícia no jornal. E lembrar-me de que também já fui alemã! Hitler tirou-nos a nacionalidade há muito. Entre aquela espécie de alemães — os hitlerianos — e os judeus existe uma inimizade como não pode haver mais forte em todo o Mundo!

Tua Anne.



COMPREENSÃO

- 1 Atenta na frase: «Hoje só te posso dar notícias tristes e deprimentes.» (ll. 3-4).
 - 1.1 Apresenta a razão de ser desta afirmação.
 - 1.2 Relaciona a data da página do diário com o momento vivido pela sua autora.
- 2 Considera a frase: «Westerbork deve ser um sítio horrível.» (ll. 8-9).
 - 2.1 Caracteriza as condições de vida dos deportados neste local.
 - 2.1.1 Pela descrição feita, de que espaço se tratará?
- 3 Relê a frase: «A Miep falou-nos de acontecimentos terríveis e está excitadíssima.» (ll. 17-18).
 - 3.1 Relata, por palavras tuas, o que aconteceu.
 - 3.2 No lugar dela, farias o mesmo? Justifica a tua resposta.
- 4 Explica o sentido da afirmação: «Hitler tirou-nos a nacionalidade há muito.» (l. 37).

GRAMÁTICA

- 5 Faz a análise sintática das frases transcritas.
 - a) «Hoje só te posso dar notícias tristes e deprimentes.» (ll. 3-4)
 - b) «A Gestapo trata-os sem a menor consideração.» (ll. 5-6)
 - c) «Os canhões da defesa atroavam os ares.» (ll. 20-21)
- 6 Observa a frase «Westerbork deve ser um sítio horrível.» (ll. 8-9).
 - 6.1 Escreve o adjetivo no grau superlativo absoluto sintético.
 - 6.2 Reescreve o adjetivo no grau superlativo absoluto analítico.
 - 6.3 Passa o adjetivo para o grau superlativo relativo de inferioridade.
- 7 Completa o quadro que se segue, no teu caderno, com a ajuda das alíneas.



Flexão do nome em grau			
	Normal	Aumentativo	Diminutivo
a)			mulherzinha
b)	porta		
c)	velha		
d)			piadinha

- 8 Relê a frase: «Um ou outro consegue fugir pelo caminho ou “mergulhar”, mas são tão poucos!» (ll. 31-32).
 - 8.1 Justifica o uso das aspas no vocábulo «mergulhar».

EXPRESSÃO ESCRITA

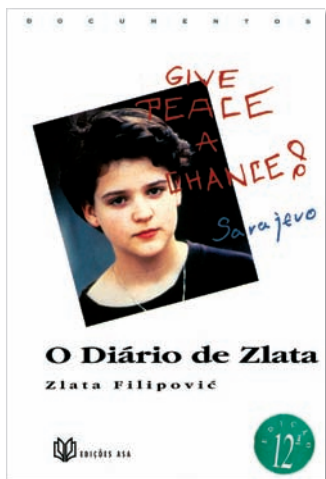
- 9 Imagina que a Guerra tinha terminado e que tu tinhas vivido esse momento. Escreve uma página de diário em que relates esses dias e descrevas as emoções sentidas.
 Não te esqueças de que deves sempre proceder à planificação do texto e à sua revisão e correção antes de o dares por concluído.

Consulta a Ficha informativa 16, «As funções sintáticas», na página 158.

Consulta a Ficha informativa 12, «O adjetivo», na página 141.

Consulta a Ficha informativa 4, «O nome», na página 58.

Consulta a Ficha informativa 7, «O diário, as memórias e a autobiografia», na página 64.



Prepara a leitura de um dos textos que se seguem e lê-o em voz alta.

Texto A

2.ª feira, 30 de março de 1992

Diário, sabes no que pensei? A Anne Frank chamou Kitty ao seu Diário; porque é que não arranjo um nome para ti? Vejamos...

ASFALTINA PIDŽAMETA

5 ŠEFIKA HIKMETA

ŠEVALA MIMMY,

ou outro nome qualquer?

Procuro, procuro...

Já escolhi! Vais-te chamar MIMMY

10 Vamos começar.

Dear Mimmy,

Está quase a acabar o trimestre na escola. Estão todos a preparar-se para os exames. Devíamos ir amanhã a um concerto em Skenderija, mas o nosso professor aconselhou-nos a que não fôssemos porque já iam dez mil
15 pessoas — perdão, dez mil crianças — e corria-se o risco de haver reféns ou caírem bombas (!!) e a minha mãe disse que não. Portanto, não vou.

Nem acreditas!... Sabes quem ganhou o concurso Yugovisão? EXTRA NENA!! Olha, até tenho medo de te dizer o que a Tia Melica me contou: ouviu dizer no cabeleireiro que no sábado, dia 4 de abril de 1992, BUM-BUM,
20 PAN-PAN, BANG-BANG, Sarajevo. Eu traduzo: vão bombardear Sarajevo.

Amo-te
Zlata.





Texto B

Domingo, 5 de julho de 1992

Dear Mimmy,

Já nem me lembro quando foi a última vez que saí de casa. Pffff..., foi talvez há dois meses! Queria muito ir visitar os meus avós! Eu ia todos os dias a casa deles, por isso parece-me que já não os vejo há uma eternidade.

Passo o tempo todo em casa e na cave. E assim se passa a minha infância na guerra. É verão. As outras crianças estão em férias, no mar, na montanha, tomam banho no mar, bronzear-se, divertem-se. Meu Deus, que pecado é que eu cometi para ser obrigada a passar assim o meu tempo? As crianças não merecem isto. Estou fechada como se estivesse numa gaiola. Só por trás das janelas partidas posso ver o parque que há perto de minha casa. Um parque vazio, deserto, sem crianças, sem alegria. Ouço explosões, e à minha volta tudo cheira a guerra. Agora a minha vida é a guerra. QUE MISÉRIA, já não posso mais! Tenho vontade de gritar, de chorar. Se ao menos eu pudesse tocar piano... mas não posso, o piano está no quarto «perigoso», onde nem sequer me atrevo a entrar. Será que tudo isto ainda vai durar muito tempo?!

Zlata.

Texto C

5.ª feira, 14 de outubro de 1993

Dear Mimmy,

Dir-se-ia que os loucos das colinas leram o que eu escrevi ontem a propósito dos bombardeamentos. Querem provar-me que continuam lá. Hoje bombardearam. Caíram obuses perto do mercado e não sabemos nada do avô e da avó. Coitados. Estes doidos não só roubaram a minha infância e a das outras crianças, roubaram também a velhice tranquila do meu avô, da minha avó e das outras pessoas velhas. Impedem que vivam em paz o tempo que lhes resta de vida. Também tinham de estragar isto.

Hoje não fui à escola nem às aulas de música. Mandaram-nos embora, portanto vou ter de passar todo o dia em casa a ler, a tocar piano ou a visitar a Nejra e o Haris. Hoje devia ir a casa da Mirna; também esse prazer eles me estragaram.

Ainda não te disse, Mimmy, que vais dar a volta ao mundo. Vão publicar-te em todo o mundo. Dei-te para que tu contes ao mundo o que eu te contei a ti. Falei-te da guerra, de mim, de Sarajevo na guerra, e o mundo quer descobrir isso através das nossas linhas. Disse-te o que sentia, o que via e ouvia; agora as pessoas fora de Sarajevo sabê-lo-ão também. Boa viagem na tua volta ao mundo, Mimmy.

A tua Zlata.

ZLATA FILIPOVIĆ, *O Diário de Zlata*, Edições ASA, 2002

COMPREENSÃO

- 1 Nota que Zlata pondera a possibilidade de atribuir um nome ao seu diário.
 - 1.1 Em que obra se inspirou para o fazer?
 - 1.2 Na tua opinião, qual é a importância da criação de um nome fictício para o seu diário?
- 2 Relê o excerto de 5 de julho de 1992.
 - 2.1 Refere o momento difícil vivido por Zlata.
 - 2.2 Caracteriza a sua infância, justificando com elementos textuais.
- 3 Detém-te, agora, no excerto de 14 de outubro de 1993.
 - 3.1 A guerra afeta não só a vida dos mais idosos, mas também a das crianças. Prova a autenticidade desta afirmação, transcrevendo uma frase elucidativa.
 - 3.2 Que novidade anuncia Zlata?
- 4 Comprova que, no último parágrafo, Zlata fala da sua relação com o seu diário.
 - 4.1 Para que lhe serviu ele?
 - 4.2 Que função terá a sua publicação?

GRAMÁTICA

Consulta a Ficha informativa 4, «O nome», na página 58.

- 5 Classifica os nomes de acordo com as indicações. Responde no teu caderno com a ajuda das alíneas.



		Flexão do nome em género			
		Geral		Situações específicas	
		Masculino	Feminino	Sobrecômum	Comum de dois
a)	trimestre				
b)	professor				
c)	crianças				
d)	reféns				
e)	eternidade				
f)	alegria				
g)	miséria				

- 6 Relê o último parágrafo do texto C.
 - 6.1 Identifica os pronomes pessoais aí presentes.

EXPRESSÃO ESCRITA / EXPRESSÃO ORAL

- 7 Atenta na seguinte frase do texto B: «As crianças não merecem isto.» (l. 10).
 - Pesquisa outras situações em que os direitos da criança sejam postos em causa.
 - Regista-as no teu caderno.
 - Com base nos resultados obtidos, prepara uma apresentação oral. Se possível, acompanha a exposição das conclusões a que chegaste com a exibição de imagens.

Prepara a leitura dos textos A e B e lê-os em voz alta.

Texto A

Coimbra, 22 de junho de 1942 — Dizia-me hoje alguém:

— Homem, se você pudesse ser na vida literária o que é na vida clínica — conciliante, passa-culpas, carregado de perdão —, que maravilha!

Sem se lembrar, o pobre, da diferença que há entre essas duas vidas, ambas sagradas para mim. Como médico, trato irmãos doentes que me batem à porta, e a quem só devo amor e amparo; como escritor, reajo contra os tartufos sãos e gordos que fazem da arte um meio para atingirem inconfessados e sujos fins.

MIGUEL TORGA, *Diário II*, Círculo de Leitores, 2001

Texto B

Caldelas, 8 de agosto de 1945 — Em Hiroxima, onde a bomba atômica foi lançada, tudo quanto era vida morreu. Por causa do fumo e da poeira que se levantaram, o mundo esteve de respiração suspensa durante vinte e quatro horas, sem saber o que tinha acontecido. Mas hoje de manhã, os jornais, diligentes, já estavam senhores da verdade inteira. Não tinham morrido vinte, trinta ou quarenta mil pessoas, como era de temer. Para matar a ridicularia de quarenta mil pessoas, não era necessário tanto sonho. Não, felizmente, não se tratava de um desapontamento. Nem quarenta, nem sessenta, nem setenta mil mortos. Isto só: todos os seres vivos liquidados!

E a humanidade dobrou o jornal aliviada.

MIGUEL TORGA, *Diário III*, Círculo de Leitores, 2001

COMPREENSÃO

1 Lê atentamente o texto A.

1.1 A que atividades se dedica Miguel Torga?

1.1.1 Caracteriza-as, tendo em conta a perspetiva do autor.

1.1.2 Na tua opinião, que papel devem desempenhar as profissões em causa?

1.2 Considerando a informação relativa à sua biografia, refere a estratégia utilizada para distinguir as duas atividades.

2 Considera, agora, o texto B.

2.1 Identifica o assunto abordado.

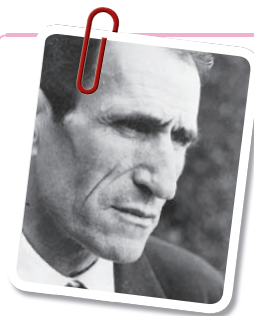
2.2 Partindo das marcas temporais, refere o dia e o local em que se deu a tragédia.

2.3 Comenta o modo como a imprensa noticiou este trágico acontecimento.

2.4 Explica o sentido do último parágrafo: «E a humanidade dobrou o jornal aliviada.»

3 Considera as características dos textos apresentados.

3.1 Indica a tipologia textual a que pertencem. Justifica a tua resposta.



Biografia

Miguel Torga (1907-1995)

Miguel Torga é o pseudónimo literário de Adolfo Correia da Rocha, natural de São Martinho de Anta (Trás-os-Montes). Formado em Medicina, viveu em Coimbra, onde exerceu a sua profissão e foi poeta, ficcionista, dramaturgo e ensaísta. Os temas mais recorrentes da sua obra são, entre outros: a ligação à terra e às origens; o desespero humanista; a problemática religiosa. Recebeu vários prémios literários, a saber: Prémio Morgado de Mateus (1980); Prémio Internacional Montaigne (1981); Prémio Camões (1989); Prémio da Crítica do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários (1993).

Obra: *Ansiedade*; *O Outro Livro de Job*; *Poemas Ibéricos*; *Orfeu Rebelde*; *Contos da Montanha*; *Vindima*; *Bichos*; *Diário*.



GRAMÁTICA

- 4 Classifica as palavras apresentadas quanto à acentuação — agudas, graves ou esdrúxulas.

- a) «você»
- b) «clínica»
- c) «sagradas»
- d) «atômica»
- e) «temer»

Consulta a Ficha informativa 13, «O verbo», na página 144.

- 5 Completa o quadro conjugando as formas verbais apresentadas nos diferentes tempos, modos e formas indicados. Responde no teu caderno com a ajuda das alíneas.

	Infinitivo	Indicativo			Conjuntivo	
	Impessoal	Presente	Perfeito	Imperfeito	Presente	Imperfeito
a)						pudesse
b)	ser					
c)		trato				
d)			levantaram			
e)				tinha		

- 6 Completa o quadro com os vocábulos adequados. Segue o exemplo.



	Nomes	Adjetivos	Verbos
a)	perdão	perdoado	perdoar
b)	doente		
c)	respiração		
d)	desapontamento		
e)		aliviado	

EXPRESSÃO ESCRITA

- 7 Escreve uma página de diário contando um dia que te tenha marcado de forma especial. Respeita a ordem dos acontecimentos.

Consulta a Ficha informativa 7, «O diário, as memórias e a autobiografia», na página 64.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

- 8 Com o auxílio dos teus professores de História e de Geografia, pesquisa informação relativa à Segunda Guerra Mundial:

- contexto político-social;
- período de tempo;
- países envolvidos;
- consequências.

8.1 Organiza a informação obtida em tópicos e apresenta o trabalho à turma, sob a forma de cartaz ou noutro tipo de suporte (por exemplo, com recurso a meios informáticos). Não te esqueças de apresentar a referência bibliográfica das fontes consultadas.

8.2 Promove um debate sobre as consequências da Guerra.

CARTAS

Prepara a leitura do seguinte texto e lê-o em voz alta.

BILHETE-POSTAL Madrid, 7 de dezembro de 1962

Caríssimo Jorge⁽¹⁾

Aqui estou maravilhada sobretudo com as *Meninas* do Velázquez e depois com o Goya, Dürer, Greco. Mas as *Meninas* são uma inacreditável obra-prima: obra de eternidade, tempo, silêncio, suspensão, espaço, realismo, geometria, 5 magia: a união de todos os valores abstratos com todos os valores concretos. Recebeu a minha carta de novembro?

Mil saudades para a Mécia e para si da muito amiga

Sophia

SOPHIA DE MELLO BREYNER A. e JORGE DE SENA, *Correspondência (1959-1978)*, Guerra e Paz, 2006

(1) Jorge de Sena (1919-1978).

COMPREENSÃO

- 1 Observa a configuração gráfica do texto.
 - 1.1 Refere a tipologia textual apresentada.
 - 1.2 Identifica o remetente e o destinatário.
 - 1.3 Transcreve as fórmulas de abertura e de fecho.
- 2 Caracteriza, agora, a relação entre o remetente e o destinatário. Justifica.
 - 2.1 Comenta a forma de tratamento utilizada.
- 3 Atenta no conteúdo da mensagem do bilhete-postal.
 - 3.1 Onde se encontra o emissor?
 - 3.2 Que assunto aborda e que sentimentos lhe desperta?
 - 3.3 Partindo do assunto, coloca hipóteses sobre a ilustração do bilhete-postal.

GRAMÁTICA

- 4 Constrói o campo semântico do vocábulo apresentado. Segue o exemplo.



obra-prima	obra	(4)
(1)		(5)
(2)		(6)

- 5 Transcreve três exemplos de nomes contáveis e três de nomes não contáveis.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 6 Relembra um local que tenhas visitado e elabora um bilhete-postal em que fales dessa experiência a um amigo. Realiza uma planificação prévia do texto e uma revisão final antes de o entregares.



Biografia

Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004)

Nasceu no Porto e é considerada um dos grandes nomes da poesia portuguesa do século xx, tendo sido a primeira mulher a receber o Prémio Camões. A sua obra é constituída por diferentes géneros literários, desde o conto, passando pela poesia até à literatura infantil. Antes do 25 de Abril de 1974, representou uma atitude política liberal, enaltecendo o valor da Liberdade. De entre os vários prémios recebidos, salientam-se os seguintes: Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores (1964) e Prémio Camões (1999).

Obra: *A Menina do Mar; A Fada Oriana; O Cavaleiro da Dinamarca; Histórias da Terra e do Mar; Contos Exemplares; Obra Poética I e II; ...*

Consulta a Ficha informativa 6, «O campo lexical e o campo semântico», na página 63.

Consulta a Ficha informativa 4, «O nome», na página 58.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

7



Pesquisa informação relativa aos artistas referidos no texto e completa o quadro no teu caderno.

Pintores	Época	Nacionalidade	Obra-prima
Velázquez	(1)	(2)	(3)
Goya	(4)	(5)	(6)
Dürer	(7)	(8)	(9)
Greco	(10)	(11)	(12)

8

Consulta páginas da Internet de museus ou livros de pintura e reúne imagens de quadros dos pintores em causa. Partilha-as com os teus colegas e organiza uma exposição na sala de aula ou na biblioteca escolar. Não te esqueças de apresentar a referência bibliográfica das fontes consultadas.



<http://www.museodelprado.es>
<http://www.louvre.fr>
<http://www.hermitagemuseum.org>
<http://www.britishmuseum.org>

9

Observa a seguinte imagem.



As Meninas,
de Diego Velázquez
(310 cm × 276 cm),
1656, Museu
do Prado (Madrid).

- 9.1 Descreve o espaço representado na imagem.
- 9.2 Identifica as figuras que se encontram em primeiro plano.
 - 9.2.1 Caracteriza-as.
 - 9.2.2 O que provoca estranheza quando as observamos?
- 9.3 Descobre, no quadro, a representação do pintor.
- 9.4 Relaciona a obra com o seu título.

Prepara a leitura do texto que se segue e lê-o em voz alta.

Texto A

Lisboa, 21 novembro 1914.

Minha querida Mamã⁽¹⁾,

Um aditamento á minha carta de hontem: ha já, felizmente, noticias da tia Annica, filha e genro. É apenas um telegramma de Lausanne dizendo
5 Bem, mas isso basta. Vê-se que, com ou sem periferias de viagens, chegaram bem ao seu destino; e isso é realmente o que importa.

Tambem hontem, quando cheguei a casa, encontrei um postal do Raul, de Marselha, que não continha mais do que um viva á França e ao generalissimo Joffre, cujo retrato, aliás, o postal continha.

10 Adeus, minha querida Mamã, novos parabens a todos e sobretudo á Henriqueta⁽²⁾ pelo dia 27. E muitas saudades e abraços a todos, e muitos beijos e abraços do seu filho muito amigo e saudoso.

Fernando

Escuta atentamente a leitura do texto.

Texto B

Lisboa, 30 dezembro 1917.

Minha querida Mamã:

Bismarck, sahindo uma vez do comboio em não sei que estação da Italia, deu um empurrão violento em um fidalgo italiano. Este protestou,
5 não sabendo, aliás, de quem se tractava; protestou, é claro, com o tom, natural nas circumstancias, de quem exige uma satisfação. O outro limitou-se a olha-lo, e disse: «Sou o Principe Bismarck.» O italiano curvou-se, com o ar de quem está satisfeito, e limitou-se, por sua vez, a dizer: «Isso não é uma desculpa; mas, ao menos, é uma explicação.»

10 Este modo, um pouco exquisito, de começar uma carta diz respeito, literariamente, á circumstancia de ha perto de quarenta dias eu não escrever para ahi uma linha. Vou explicar porque não escrevi; mas, em todo o caso, fica a Mamã já advertida, pela historia que contei, que o que vou narrar, servindo de explicação, não poderá nunca servir de desculpa.

15 De outubro para cá — desde o principio de outubro — a minha vida tem soffrido taes transformações, ou, antes, uma transformação geral tão completa, que me não tem sido possivel encontrar-me em casa no meu cerebro o tempo psychico sufficiente para escrever uma carta, redigir um postal ou dar qualquer signal escripto da minha pessoa⁽³⁾.

FERNANDO PESSOA, *Correspondência Inédita*, Livros Horizonte, 1996⁽⁴⁾

(1) Maria Madalena Pinheiro Nogueira (1862-1925).

(2) Meia-irmã de Pessoa, Henriqueta Madalena, filha mais velha do segundo casamento da mãe de Fernando Pessoa.

(3) Nessa altura, Fernando Pessoa andava muito ocupado com questões relacionadas com a sua vida profissional: tinha aberto um escritório de comissões e consignações, juntamente com dois sócios.

(4) Por motivos didáticos e históricos, preservou-se a ortografia original dos textos, não tendo sido adaptados ao novo Acordo Ortográfico.



Biografia

Fernando Pessoa (1888-1935)

Natural de Lisboa, **Fernando** António Nogueira **Pessoa** é um dos maiores poetas do século xx. A sua vida decorreu predominantemente na capital, com uma passagem, durante a infância e adolescência, pela África do Sul, onde estudou num colégio inglês. Apesar de só ter publicado um livro em vida, *Mensagem*, deixou uma obra poética muito vasta que tem sido publicada e que o poeta assinou em seu nome pessoal, mas também sob outros nomes, identidades e estilos — os seus heterónimos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, ...). A sua colaboração na revista *Orpheu* (1915) foi determinante para a consolidação do Modernismo Português.

Obra: *Mensagem*; *O Livro do Desassossego*; *Poemas Ingleses*; ...



Retrato do Poeta Fernando Pessoa, de Almada Negreiros (201 cm × 201 cm), 1954, Museu da Cidade (Lisboa).

COMPREENSÃO

- 1 Considera os textos A e B.
 - 1.1 Identifica o remetente e o destinatário, explicando a relação existente entre eles.
 - 1.2 Regista o local e as datas em que ocorre a escrita.
 - 1.2.1 Relaciona essas datas com um acontecimento histórico marcante a nível mundial.
 - 1.3 Refere sucintamente o assunto central de cada carta.
- 2 Relê o texto B.
 - 2.1 Identifica as personagens, o espaço e o tempo da narrativa que constitui o primeiro parágrafo.
 - 2.1.1 Explica a razão de ser desta história.
 - 2.2 Qual é o verdadeiro motivo do silêncio do autor?
 - 2.3 Elabora o plano da carta.

Consulta a Ficha informativa 5, «Os hipónimos e os hiperónimos», na página 62.

GRAMÁTICA

- 3 Regista, no teu caderno, os hipónimos do hiperónimo apresentado.



família	(1)
	(2)
	(3)
	(4)
	(5)

- 4 Transcreve marcas do registo de língua informal.
- 5 As cartas de Fernando Pessoa apresentam uma ortografia diferente da atual.
 - 5.1 Reescreve o texto A utilizando o novo acordo ortográfico.
 - 5.2 Lista as principais diferenças entre o teu texto e o de Fernando Pessoa.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 6 Imagina que tens um familiar residente no estrangeiro. Escreve-lhe uma carta relatando um acontecimento marcante na tua região ou no teu país. Procede à planificação do teu texto, e, quando o concluíres, à sua revisão.

Consulta a Ficha informativa 9, «A carta», na página 66.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

- 7 Recolhe informação relativa ao Acordo Ortográfico de 1990.
 - Organiza um debate em torno dos aspetos que foram alterados.
 - Elabora um quadro-síntese registando essas mudanças.
 - Afixa-o na tua sala de aula e/ou na biblioteca da escola.
 - Não te esqueças de apresentar a referência bibliográfica das fontes consultadas.

@ http://www.cplp.org/Acordo_Ortografico.aspx?ID=176
<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=acordo>

AUTOBIOGRAFIAS

Prepara a leitura do seguinte texto de Saramago e lê-o, depois, em voz alta.

Pescar na foz do Almonda

Nunca fui grande pescador. Usava, como qualquer outro rapaz da mesma idade e de posses tão modestas como eram as minhas, uma cana vulgar com o anzol, a chumbada e a boia de cortiça atados ao fio de pesca, nada que se parecesse com os artefactos modernos que por ali haveriam de
5 aparecer mais tarde e que cheguei a ver em mãos de alguns amadores locais quando já era crescido e me havia deixado de ilusões piscatórias. Como consequência, as minhas capturas sempre se reduziram a uns poucos pampos, barbos uma raridade e pequenos, e muitas horas passadas em vão (em
10 vão, a bem dizer, nenhuma, porque, sem que me desse conta, ia «pescando» coisas que no futuro não viriam a ser menos importantes para mim, imagens, cheiros, rumores, aragens, sensações). Ao sol, se não castigava demasiado, ou à sombra de algum salgueiro chorão, à espera de que o peixe picasse. Em geral, sentado à beira de água, operava no «rio da minha aldeia», o Almonda, ao fim da tarde, porque com os grandes calores já se
15 sabia que os peixes se metiam nas locas e não vinham ao isco [...] Tinha eu ido com os meus petrechos a pescar na foz do Almonda, chamávamos-lhe a «boca do rio», onde por uma estreita língua de areia se passava nessa época ao Tejo, e ali estava, já o dia fazia as suas despedidas, sem que a boia de cortiça tivesse dado sinal de qualquer movimento subaquático, quando,
20 de repente, sem ter passado antes por aquele tremor excitante que denuncia os tenteios do peixe mordiscando o isco, mergulhou de uma só vez nas profundas, quase me arrancando a cana das mãos. Puxei, fui puxado, mas a luta não durou muito. A linha estaria mal atada ou apodrecida, com um esticão violento o peixe levou tudo atrás, anzol, boia e chumbada. Imagine-
25 -se agora o meu desespero. Ali, à beira do fundão onde o malvado devia estar escondido, a olhar a água novamente tranquila, com a cana inútil e ridícula nas mãos, e sem saber o que fazer. Foi então que me ocorreu a ideia mais absurda de toda a minha vida: correr a casa, armar outra vez a cana de pesca e regressar para ajustar contas definitivas com o monstro.
30 Ora, a casa dos meus avós ficava a mais de um quilómetro do lugar onde me encontrava, e era preciso ser pateta de todo (ou ingénuo, simplesmente) para ter a disparatada esperança de que o barbo iria ficar ali à espera, entretendo-se a digerir não só o isco mas também o anzol e o chumbo, e já agora a boia, enquanto a
35 nova pitança não chegava. Pois apesar disso, contra razão e bom senso, disparei a correr pela margem do rio fora, atravessei olivais e restolhos para atalhar caminho, irrompi esbafo-rido pela casa dentro, contei à minha avó o sucedido enquanto ia preparando a cana, e ela perguntou-me se eu
40 achava que o peixe ainda lá estaria, mas eu não a ouvi, não a queria ouvir, não a podia ouvir. Voltei ao sítio, já o Sol se pusera, lancei o anzol e esperei. Não creio



Biografia

**José Saramago
(1922-2010)**

Romancista, cronista, poeta, dramaturgo e jornalista, José Saramago é hoje considerado um dos maiores escritores contemporâneos. Não tendo adquirido uma formação académica, Saramago pode considerar-se um autodidata, dotado de uma grande e multifacetada cultura. Na sua obra, reflete sobre temas relacionados com a essência humana e a sociedade. Dos vários prémios que recebeu, sobressaem o Prémio Camões (1995) e o Prémio Nobel da Literatura (1998).

Obra: *Terra do Pecado;*
Memorial do Convento;
Ensaio sobre a Cegueira;
Ensaio sobre a Lucidez;
Jangada de Pedra;
As Pequenas Memórias;
A Viagem do Elefante;
Caim; ...



que exista no mundo um silêncio mais profundo que o silêncio da água. Senti-o naquela hora e nunca mais o esqueci. Ali estive até quase não distinguir a boia que só a corrente fazia oscilar um pouco, e, por fim, com a tristeza na alma, enrolei a linha e regresssei a casa. Aquele barbo tinha vivido muito, devia ser, pela força, uma besta corpulenta, mas de certeza não morreria de velho, alguém o pescou num outro dia qualquer. De uma maneira ou outra, porém, com o meu anzol enganchado nas guelras, tinha a minha marca, era meu.

JOSÉ SARAMAGO, *As Pequenas Memórias*, Editorial Caminho, 2008

COMPREENSÃO

- 1 Atenta na ação do excerto.
 - 1.1 Localiza-a no tempo e no espaço.
- 2 Centra-te na figura do narrador.
 - 2.1 Classifica-o quanto à presença.
Justifica a tua resposta com dados textuais.
- 3 Identifica a atividade lúdica com que o narrador ocupava grande parte do tempo, na sua infância.
 - 3.1 Tendo em conta o texto, aprecia a sua aptidão para essa atividade.
 - 3.2 Identifica o conjunto dos materiais utilizados pelo narrador.
 - 3.2.1 Que conclusão tiras sobre a sua condição social?
 - 3.3 Refere o motivo pelo qual o narrador não considera que o tempo que dedicou à atividade em causa tenha sido em vão.
- 4 Verifica que, a certa altura, o narrador relembra um episódio que o marcou.
 - 4.1 Reconta-o de forma sucinta.
 - 4.2 Explica o sentido da última frase do excerto.

GRAMÁTICA

- 5 Transcreve exemplos de deícticos pessoais, temporais e espaciais.
- 6 Constrói o campo lexical do vocábulo apresentado, no teu caderno diário.



EXPRESSÃO ESCRITA

- 7 Imagina um desfecho diferente para a história, num texto criativo, com um mínimo de cem palavras. Realiza uma planificação do teu texto e revê-o depois de o concluíres.

Consulta a Ficha informativa 25, «Os deícticos», na página 251.

Consulta a Ficha informativa 6, «O campo lexical e o campo semântico», na página 63.

Escuta atentamente a leitura do texto que se segue.



Campo Alegre

O Campo Alegre era um oásis no Porto. Tanto o Campo Alegre como a quinta do mesmo nome, onde vivíamos, refugiava-se num dos sítios mais bonitos da cidade. Para se lá chegar ou era a pé ou de automóvel. Como nessa data, entre fins da segunda década do século e começos da terceira, os

5 carros escasseavam, era mesmo a pé que se descobria aquele mundo maravilhoso, não urbanizado, cheio de árvores, aves de arribação, grades do século XIX, ambiente de liberdade, histórias de amor, maldições pairadas, e muitos ingleses com o seu clube desportivo e suas casas sempre cómodas. O Campo Alegre começava ao fim da subida que vem de Vilar, dando como marco a

10 casa dos Jennings; transformava-se em planalto acompanhando a margem direita do Douro e indo morrer na descida da Quinta e da rua do Campo Alegre que vai calmamente desembocar na Igreja de Lordelo do Ouro. As casas conhecia-as uma por uma, sabia quem lá morava, e na correnteza dos nomes vinham os Kendalls, os Taites, a Quinta do Araújo — que mesmo depois de

15 mudar várias vezes de dono ficou sempre com o nome incaracterístico de um dos seus proprietários —; seguia-se a Quinta dos Burmesters e depois a quinta da minha avó, que pela sua importância tomava o nome do lugar. Do lado de lá o clube dos ingleses, com rãguebi no inverno, *cricket* e ténis no verão e o resto grupos de campos que indistintamente se chamavam do

20 Ribas. Pequenas vielas onde se espreitavam casas caiadas de amarelo com esquadrias e persianas verdes, casas cheias de trepadeiras belas-portuguesas, de flores penduradas dos muros, onde o cesto das padeiras prendia a toalha aos espinhos das rosas bravas, ruas que levavam à casa dos Grahams e do Jorge Ferreira, luras a descobrir, de onde os ingleses saíam a pé pelas sete e

25 meia da manhã já prontos a irem ao seu *Wine lodge* em Vila Nova de Gaia. Era o Campo Alegre uma espécie de colónia onde se conhecia os habitantes e se cumprimentava sem intimidades os residentes da mesma área.

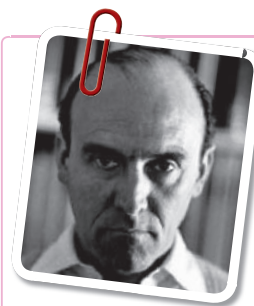
RUBEN A., *O Mundo à Minha Procura*, Assírio & Alvim, 2000

COMPREENSÃO

1 No texto, é apresentado um espaço particular. Identifica-o.

1.1 Procede à sua caracterização, recorrendo a elementos textuais.

1.2 Explica o modo como o narrador se relaciona com esse espaço.



Biografia

Ruben A.
(1920-1975)

Ruben Alfredo Andresen Leão foi, entre outras ocupações, professor no King's College (Londres), diretor-geral dos Assuntos Culturais do Ministério da Educação, romancista, contista, dramaturgo, historiador e cronista. Ao longo da sua vida, afirmou-se como uma personalidade controversa de espírito inconformista. Na sua obra, revelou particular interesse pelo tema da identidade nacional e da busca de um sentido do «ser» português.

Obra: *O Outro Que Era Eu*; *O Mundo à Minha Procura*; *Caranguejo*; *Cores*; *A Torre de Barbela*; ...

esquadria *n. f.* qualquer tipo de acabamento de janelas, portas, etc. que forme um ângulo reto.

lura *n. f.* cova ou buraco que alguns animais abrem na terra para se esconderem e protegerem.



Aves de arribação

Aves que migram numa determinada época do ano.

Bela-portuguesa

Variedade de rosa amarela e rosada.

Cesto das padeiras

Outrora, as padeiras faziam a distribuição do pão casa a casa, diariamente. Transportavam-no em cestas normalmente forradas com uma toalha de linho ou algodão.

Wine lodge

Clube inglês; bar.

Consulta a Ficha informativa 23, «O estilo», na página 248.

- 2 O espaço descrito está associado a um determinado espaço social. Caracteriza-o.
2.1 Que atividades eram praticadas pelos seus residentes?
- 3 O narrador relembra um tempo passado. Situa esse tempo, partindo de uma citação textual.
3.1 Demonstra que se tratava de um tempo diferente do atual.
- 4 Explica, por palavras tuas, as seguintes expressões.
a) «O Campo Alegre era um oásis no Porto.» (l. 1)
b) «Era o Campo Alegre uma espécie de colónia onde se conhecia os habitantes e se cumprimentava sem intimidades os residentes da mesma área.» (ll. 26-27)
- 5 Preenche o quadro com exemplos do texto. Responde no teu caderno.



Figuras	Exemplos
Metáfora	(1)
Personificação	(2)
Enumeração	(3)
Adjetivação	(4)

GRAMÁTICA

- 6 A descrição predomina ao longo do excerto. Identifica o tempo verbal que serve a intenção descritiva e transcreve três exemplos.
- 7 De acordo com o contexto, encontra sinónimos para os seguintes vocábulos.
a) «escasseavam» (l. 5) c) «incaracterístico» (l. 15)
b) «correnteza» (ll. 13) d) «residentes» (l. 27)

EXPRESSÃO ESCRITA

- 8 Relembra um espaço que faça parte do teu passado e com o qual tenhas um laço afetivo.
8.1 Descreve-o, usando marcas do discurso descritivo, como os adjetivos, as enumerações e as formas verbais no pretérito imperfeito do indicativo. Planifica o texto e revê-o depois de o concluíres.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

- 9 Informa-te sobre as mudanças que ocorreram nos últimos cinquenta anos na localidade onde habitas.
• Recolhe informações junto de um familiar mais idoso.
• Podes também pedir auxílio ao teu professor de Geografia.
• Consulta documentos da época (jornais, revistas, ...).
- 9.1 Sistematiza as informações que recolheste com base nas tuas anotações. Planifica uma apresentação oral, na qual deverás partilhar com a turma as conclusões a que chegaste. Podes documentar o teu trabalho com imagens que remetam para esse tempo passado (se possível, recorre a um suporte informático).

Prepara a leitura do texto e lê-o em voz alta.

A Net

Eu não sou analfabeta mas sou anetfabeta. Os computadores, tal como os secadores de cabelo, os vídeos, os telemóveis e as calculadoras (tudo o que tiver mais de um botão e se faça acompanhar de livro de instruções) despertam-me suspeitas e tendências agressivas. Quando não funcionam como eu quero e penso (e não funcionam como eu quero e penso porque, geralmente, me esqueci de carregar no botãozinho) acho que um murro bem assente na estrutura, ou uma pancada seca, resolvem o problema.

Sou do género de refilar com a máquina do multibanco e contar as notas à saída, porque a máquina é capaz de me querer enganar. Quando lido com pessoas e dinheiro, nunca confio. Nos carros, acendo o rádio no isqueiro e meto a cassette ao contrário. Nunca consegui utilizar o temporizador do vídeo (que talvez esteja programado para o próximo milénio) e não faço ideia para que serve um equalizador. O computador, esse «acquis»⁽¹⁾ da modernidade, é um objeto que me serve de máquina de escrever e nada mais. Nunca joguei o Tetris e só anteontem é que percebi que o DOS de MS-DOS era a abreviatura de *Disk Operating System*. [...]

Assim sendo, por que raio é que decidi investir num computador novo e entrar na Net? Em verdade vos digo que, de há uns tempos para cá, alimento fantasias sobre o acesso aos bancos de dados, catálogos e conteúdos das grandes bibliotecas do mundo. Vejo-me dentro da Biblioteca do Museu Britânico a consultar os manuscritos de Dickens ou a estudar o espólio de Graham Greene que foi vendido à universidade de Austin, sem largar a minha cadeira anatômica (ergonómica?); a propósito, nela me instalei com desconforto durante meses, sem reparar que tinha várias posições a gosto; quando descobri as manivelas e parafusos que ocultava por baixo do assento, telefonei para os vendedores pedindo explicações primárias sobre o modo de me reclinar, ao cabo de dezenas de pontapés e pancadas secas que não produziram o efeito desejado.

Quanto à Net é simples: já comecei a bombardear com perguntas um perito em computadores que, mal passada a meia hora de interrogatório, fugiu com ar abatido prometendo voltar a contactar-me com todos os problemas resolvidos nos próximos dez anos. Duvido que me queira voltar a ver pela frente, mas não tenciono desistir. Nas horas de desalento imagino a Enciclopédia Britânica metida num CD-ROM (o que significa o ROM?) e animo-me. Um CD pesa meia dúzia de gramas e tem uma espessura fininha que enche de felicidade: cá em casa, o espaço livre finou-se. O futuro arruma-se (arroma-se?) em CD-ROM.

(1) «acquis»: aquisição.



Biografia

Clara Ferreira Alves
(n. 1956)

Clara Ferreira Alves licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, mas trocou a carreira jurídica pela de jornalista. Assina semanalmente a crónica «A Pluma Caprichosa» no semanário *Expresso*. Dedicou-se à crítica literária, fez reportagem e também jornalismo de guerra. É membro do júri do Prémio Pessoa, o mais importante prémio português de artes, ciências e humanidades. Foi diretora da Casa Fernando Pessoa. Participa semanalmente no programa da SIC Notícias «O Eixo do Mal».

Obra: *A Pluma Caprichosa; Mala de Senhora e Outras Histórias*.





E há o *e-mail*, claro, que eu não sei bem o que é e decerto me suavizará a vida. Com o *e-mail* posso marcar expedições, reservar lugar em aviões, encomendar detergentes, contactar um primo na Califórnia, explorar as virtudes da lã irlandesa, conhecer Barbados, pedir o programa dos festivais de Edimburgo e Salzburgo, apreciar os tesouros do Metropolitan, ouvir ópera no Scala, etc. etc. Tudo sem sair de casa. Desconfio que, se lhe pedir com bons modos, o *e-mail* também faz um jantar para vinte pessoas e passa a ferro sem falhar os vincos. Talvez o convença a escrever esta crónica em minha substituição, enquanto vou até Barbados. Tudo a Net me dará.

É evidente que terei de introduzir algumas modificações no meu estilo de vida, com a Net cá em casa. O manual de instruções será um livro com o título de *Inforescravos*: tradução um pouco desajustada de *Microserfs*, de Douglas Coupland, o autor de *Geração X* [...].

O que o Douglas me diz é que, com a Net [...], vou deixar de ter estilo de vida, porque vou deixar de viver. Molharei os lábios na espuma dos dias e não chego a beber-lhe o champanhe. Levanto-me cedinho e sento-me ao computador onde começo a conversar com o mundo inteiro e a conhecer as diferentes espécies de vírus do mercado. Ao almoço, não almoço, para poder passar mais tempo sentada no computador. Ao lanche, não lancho porque o dia está avançado e o computador ainda não é tão rápido que me autorize a gozar intervalos. Ao jantar, alguém cá em casa, com pena de mim e temendo o estado de subalimentação, fará deslizar por baixo da porta umas fatias de queijo [...], bolachinhas, passas e demais aperitivos com uma espessura inferior à do meu CD-ROM. [...] Nas férias, vou até Barbados. Sento-me ao computador e peço o folheto eletrónico e que me mostrem as vistas. Olho para o ecrã e aterro numa praia de areia lisa, mar turquesa e palmeiras a dançar na brisa. Respiro fundo, dou um mergulho cibernético, dou duas pancadinhas no rato, e sigo viagem.

25-11-95

CLARA FERREIRA ALVES, *A Pluma Caprichosa*, Dom Quixote, 2001 (texto com supressões)

COMPREENSÃO

- 1 Comprova que o texto é uma crónica apresentando três características deste tipo de texto.
 - 1.1 Exemplifica com dados textuais.
- 2 Transcreve três frases que ilustrem a má relação que a cronista tem com as novas tecnologias, embora admita as suas vantagens, em particular as do computador e da Internet.
 - 2.1 Indica as vantagens que Clara Ferreira Alves reconhece ao computador e à Internet.
- 3 Ao longo do texto, com sentido de humor, a cronista faz a sua autocaricatura. Prova-o com referências textuais.
- 4 A cronista tenta manter uma relação de proximidade com o leitor através da utilização de uma linguagem familiar e recorrendo a marcas de oralidade. Transcreve três exemplos que o confirmem.

- 5 Explica o sentido das seguintes frases:
- a) «Eu não sou analfabeta mas sou anetfabeta.» (l. 1)
 - b) «Olho para o ecrã e aterro numa praia de areia lisa [...]» (l. 66)
 - c) «Respiro fundo, dou um mergulho cibernético, dou duas pancadinhas no rato, e sigo viagem.» (ll. 67-68)
- 6 Transcreve um exemplo para cada um dos recursos expressivos que se seguem.
- a) pergunta retórica c) enumeração e) hipérbole
 - b) metáfora d) ironia

Consulta a Ficha informativa 23, «O estilo», na página 248.

GRAMÁTICA

- 7 Completa o quadro seguinte, de acordo com o exemplo, com a ajuda das alíneas.



	Nome	Adjetivo	Verbo	Advérbio
a)	liberdade	livre	livrar	livremente
b)		simples		
c)	mão			
d)		seca		
e)	vincos			
f)		agressivas		

- 8 Lê atentamente a passagem: «Nos carros, acendo o rádio no isqueiro e meto a cassete ao contrário.» (ll. 10-11)
- 8.1 Divide a frase em orações e classifica-as.
- 8.2 Analisa-as sintaticamente.

Consulta a Ficha informativa 16, «As funções sintáticas», na página 158.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 9 «Quando lido com pessoas e dinheiro, nunca confiro.» (ll. 9-10)
- Partindo da afirmação, produz um texto argumentativo bem estruturado, pondo em evidência a importância da confiança nas relações humanas.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

- 10 Observa a seguinte página da Internet.



- 10.1 Identifica-a.
- 10.2 Que informações encontras no menu principal?
- 10.2.1 Quais te despertam mais interesse?



Biografia

Ondjaki (n. 1977)

Natural de Luanda, tem publicado desde 2000 uma obra composta por poesia e prosa narrativa (contos, novelas e romances). Membro da União dos Escritores Angolanos, tem sido agraciado com vários prémios literários: Sagrada Esperança (2004); António Paulouro (2004); APE (2008). Licenciado em Sociologia, correalizou um documentário fílmico sobre a cidade de Luanda intitulado *Oxalá Cresçam Pitangas — Histórias de Luanda*.

Obra: *Actu Sanguíneu;*
Momentos de aqui;
E se amanhã o Medo;
Os da Minha Rua; ...

Os da Minha Rua



Antes de começar...

A. O título

- 1 A partir do título, apresenta hipóteses relativamente ao conteúdo da obra.



- 2 Que significado atribuis à expressão «estórias»?

2.1 Que conclusão podes tirar?

B. A capa e a contracapa

- 1 Descreve a capa do livro.
 - 1.1 O que te sugere?
 - 1.2 Confronta as tuas observações com as hipóteses de leitura que apresentaste relativamente ao título.
- 2 Comenta o pequeno texto que aparece na contracapa.
 - 2.1 Identifica o destinatário.
 - 2.2 Quais te parecem ser as palavras-chave?
 - 2.3 Procura, no dicionário, o significado de palavras que desconheças.
 - 2.4 Pesquisa, na Internet, dados relativos ao autor do texto.

C. O autor

- 1** Partindo da informação que te é disponibilizada em nota lateral, elabora uma ficha semelhante à que se segue, no teu caderno, e completa-a com o perfil biográfico e literário do autor em causa.

Nome: _____

Data de nascimento: _____

Nacionalidade: _____

Estudos/Habilitações literárias: _____

Profissão: _____

Obras publicadas: _____

Perfil literário: _____

Prémios recebidos: _____

Outros aspetos que consideres relevantes: _____

D. O livro

- 1** Folheia o livro.
- 1.1** O que te sugere o conteúdo da dedicatória?
 - 1.2** Comenta a epígrafe.
 - 1.3** Partindo do índice, a que tipologia textual pertencerão os títulos apresentados?
 - 1.4** Justifica, agora, o uso do vocábulo «estórias» na capa.
 - 1.5** Explica a pertinência de um glossário no fim do livro.



Epígrafe

Título, máxima ou citação que surge no início de um livro e dá uma orientação de leitura, fornecendo pistas sobre o conteúdo da obra.

Começar a ler...

Prepara a leitura do seguinte texto e lê-o, depois, em voz alta.

Os calções verdes do Bruno

Até a camarada professora ficou espantada e interrompeu a aula quando o Bruno entrou na sala. Não era só o que se via na mudança das roupas, mas também o que se podia cheirar com a chegada daquele Bruno tão lavadinho.

5 No intervalo, em vez de irmos todos brincar a correr, cada um ficou só espantado a passar perto do Bruno, mesmo a fingir que ia lá fazer outra coisa qualquer. A antiga blusa vermelha tinha sido substituída por uma camisa de manga curta esverdeada e flores brancas tipo Havaí. Mas o mais espantoso era o Bruno não trazer os calções dele
10 verdes justos com duas barras brancas de lado. A pele cheirava a sabonete azul limpo, as orelhas não tinham cera, as unhas cortadas e limpas, o cabelo lavado e cheio de gel. Até os óculos estavam limpos. Tortos mas limpos.

Lá fora a gritaria continuava. O Bruno, ao contrário dos últimos
15 seis anos de partilha escolar, estava mais sério e mais triste.

Fiquei no fundo da sala. Eu era grande amigo do Bruno e mesmo assim não consegui entender aquela transformação. Olhei o pátio onde as meninas brincavam «trinta e cinco vitórias». Na porta, uma contraluz do meio-dia iluminava a cara espantada da Romina. Eu
20 olhava a Romina, o sol na porta e o Bruno também.

O mujimbo já tinha circulado lá fora e eu nem sabia. Havia uma explicação para tanto banho e perfumaria. Parece que o Bruno estava apaixonado pela Ró. A mãe do Bruno tinha contado à mãe do Helder todos os acontecimentos incríveis da tarde anterior: a procura dum
25 bom perfume, o gel no cabelo, os sapatos limpos e brilhantes, a camisa de botões. A mãe do Bruno disse à mãe do Helder, «foi ele mesmo que me chamou para eu lhe esfregar as costas».

Depois do intervalo o Bruno passou-me secretamente a carta. Começava assim:

30 *Romina: nos últimos dias já não consigo lanchar pão com marmelada e manteiga, e mesmo que a minha mãe faça batatas fritas nunca tenho apetite de comer. Ainda por cima de noite só sonho com os caracóis dos teus cabelos tipo cacho de uva...*



A carta continuava bonita como eu nunca soube que o Bruno
35 sabia escrever assim. Ele tinha a cara afundada nos braços, parecia
adormecido, eu lia a carta sem acreditar que o Bruno tinha escrito
aquilo mas os erros de português eram muito dele mesmo. Era uma
das cartas de amor mais bonitas que ia ler na minha vida, e eu próprio,
anos mais tarde, ia escrever uma carta de amor também muito bonita,
40 mas nunca tão sincera como aquela.

A camarada professora era muito má. Veio a correr e riu-se por-
que eu tinha lágrimas nos olhos. Pegou na carta e rasgou tudo em
pedacinhos tão pequenos como as minhas lágrimas e as do Bruno.
A Romina desconfiou de alguma coisa, porque também tinha os olhos
45 molhados.

O sino tocou. Saímos. Era o último tempo.

No dia seguinte, com um riso que era também de tristeza e uma
espécie de saudade, o Bruno apareceu com a blusa dele vermelha e os
calções verdes justos com duas riscas brancas de lado. Deu a garga-
50 lhada dele que incomodava a escola toda e veio brincar connosco.

Na porta da sala, uma contraluz amarela do meio-dia iluminava
a cara bonita da Romina e os olhos dela molhados com lágrimas de
ternura. E o Bruno também.

ONDJAKI, *Os da Minha Rua*, Caminho, 2007

COMPREENSÃO

- 1 De acordo com os três primeiros parágrafos, que acontecimento provocou o espanto na aula?

1.1 Como se comportaram a professora e os colegas?

1.2 Completa o quadro com os retratos físico e psicológico do Bruno.



	Retrato físico	Retrato psicológico
Passado	(1)	(3)
Presente	(2)	(4)

- 2 Relê, agora, o 4.º e o 5.º parágrafos.

2.1 Apresenta a razão que motivou a mudança do Bruno. Justifica com uma citação do texto.

2.1.1 Como se teve conhecimento?

2.2 Transcreve as referências aos «acontecimentos incríveis da tarde anterior» (l. 24).

- 3** «Depois do intervalo o Bruno passou-me secretamente a carta.» (l. 28)
- 3.1** Comenta o conteúdo da carta.
- 3.1.1** Relaciona-o com o estado emocional do Bruno.
- 3.1.2** Como reage o narrador às palavras escritas pelo amigo?
- 3.1.3** E tu, o que pensas do teor da carta? Justifica a tua opinião.
- 3.2** De que forma intervém o «eu» adulto nesta parte da narrativa?
- 4** Considera a frase: «A camarada professora era muito má.» (l. 41)
- 4.1** Explica o motivo pelo qual o narrador faz esta afirmação.
- 4.2** Descreve a reação da Romina. Que conclusão tiras?
- 5** Relê os dois últimos parágrafos.
- 5.1** O que se passou no dia seguinte? Justifica com elementos do texto.
- 5.2** Refere que sentimentos unem o Bruno e a Romina.
- 6** Identifica os vários momentos da ação, atribuindo-lhes uma frase-síntese.
- 7** Faz corresponder os vocábulos da coluna A ao seu significado na coluna B.



A	B
A. «espantada» (l. 1)	1. boato
B. «gritaria» (l. 14)	2. extraordinários
C. «mujimbo» (l. 21)	3. surgiu
D. «incríveis» (l. 24)	4. verdadeira
E. «esfregar» (l. 27)	5. admirada
F. «intervalo» (l. 28)	6. barulheira
G. «sincera» (l. 40)	7. irritava
H. «apareceu» (l. 48)	8. friccionar
I. «incomodava» (l. 50)	9. interrupção

GRAMÁTICA

- 8** Completa o quadro com palavras da mesma família (segue o exemplo).



	Nomes	Adjetivos	Verbos
a)	espanto	espantada	espantar
b)	mudança		
c)			cheirava
d)		limpas	
e)	gritaria		
f)			desconfiou

Consulta a Ficha informativa 24, «A formação de palavras», na página 250.

- 9 Retira do texto exemplos de deícticos e completa o quadro no teu caderno diário.



Deícticos	Exemplos
Pessoais	(1)
Temporais	(2)
Espaciais	(3)

Consulta a Ficha informativa 25, «Os deícticos», na página 251.

- 10 No teu caderno, constrói o campo semântico do vocábulo apresentado.



(1)	barra	(4)
(2)		(5)
(3)		(6)

Consulta a Ficha informativa 6, «O campo lexical e o campo semântico», na página 63.

- 11 Faz a análise sintática dos segmentos destacados nas frases seguintes.

a) «**Na porta**, uma contraluz do meio-dia iluminava a cara **espantada da Romina**.» (ll. 18-19)

b) «**Depois do intervalo** o Bruno **passou-me secretamente a carta**.» (l. 28)

Consulta a Ficha informativa 16, «As funções sintáticas», na página 158.

- 12 Considera a seguinte transcrição:

«A mãe do Bruno disse à mãe do Helder, “foi ele mesmo que me chamou para eu lhe esfregar as costas”.» (ll. 26-27)

12.1 Reescreve-a utilizando outros sinais de pontuação, mas sem alterar o seu sentido.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 13 Relembra a carta de amor escrita pelo Bruno.

13.1 Imagina a carta de resposta elaborada pela Romina.

- 14 No conto, o narrador descreve-nos o Bruno, um dos seus colegas.

14.1 Elabora, agora, o retrato físico e psicológico de um colega teu.

- 15 Gostaste do conto? Elabora um pequeno comentário (de cerca de cem palavras) no qual dês conta da tua opinião sobre a história, e justifica. Realiza uma planificação do teu texto e faz a sua revisão e correção antes de o dares por terminado.

Depois de ler...

A.

- 1 Após preparação da leitura, lê em voz alta o texto que se segue.

Nos dias que correm a opinião geral é de que as pessoas deixaram de escrever cartas de amor, e que o correio eletrónico e as mensagens são a morte do romantismo.

- 5 E parece impossível que até o mais apaixonado dos amantes possa afirmar, como o dramaturgo Congreve o fez, que «só tu podes dominar a minha mente, que em nada se prende para além de ti»; mas Congreve era um génio literário. Contudo Nelson não o era de todo, e mesmo ele
- 10 conseguiu expressar-se de forma comovente a Lady Hamilton, «Emma é o Alfa e o Ómega de Nelson!» [...]

- Mas afirmar que a mensagem «no bar dps futebol bjs» é mais genuína e, portanto, mais romântica, que a declaração de Byron, «Eu mais do que te amo e não paro
- 15 de te amar», não tem sentido. Esperando que esta antologia agrade, comova e, por vezes, divirta os seus leitores, possa também ela servir para relembrar aos grandes homens de hoje que não é preciso ser um génio literário para escrever uma carta sincera — ou uma mensagem ou um e-mail — de amor.

URSULA DOYLE, *Cartas de Amor de Grandes Homens*, Bertrand, 2009

- 1.1 A autora defende que, hoje em dia, as novas tecnologias estão a matar o romantismo das cartas de amor.

1.1.1 Concordas com a opinião da autora? Justifica a tua resposta.

1.1.2 Qual foi a sua intenção ao publicar uma antologia de cartas de amor?



B.

- 2 Após preparação da leitura, lê em voz alta o texto que se segue.

Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.

- 5 Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser

- 10 Ridículas.

Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são

- 15 Ridículas.

Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas.

- 20 A verdade é que hoje
As minhas memórias
Dessas cartas de amor
É que são
Ridículas.

- 25 (Todas as palavras esdrúxulas,
Como os sentimentos esdrúxulos,
São naturalmente
Ridículas.)

ÁLVARO DE CAMPOS, *Obra Completa de Fernando Pessoa*,
Verbo, 1985





3



- 2.1** Explica a razão pela qual o sujeito poético afirma: «Todas as cartas de amor são / Ridículas.» (vv.1-2)
- 2.2** Comenta o conteúdo da terceira e da quarta estrofes.

C.

Ouve o tema musical de Rui Veloso intitulado «Já não há canções de amor», e completa a letra, no teu caderno.

Um destes ____ (1) ____ vou poder
apaixonar-me outra ____ (2) ____
sem me importar de saber
se vai durar um ____ (3) ____ ou um mês

- 5** Correr e ____ (4) ____ num dia
depois não ____ (5) ____ tranquilo
pensar que o ____ (6) ____ é isto
e descobrir que afinal é ____ (7) ____

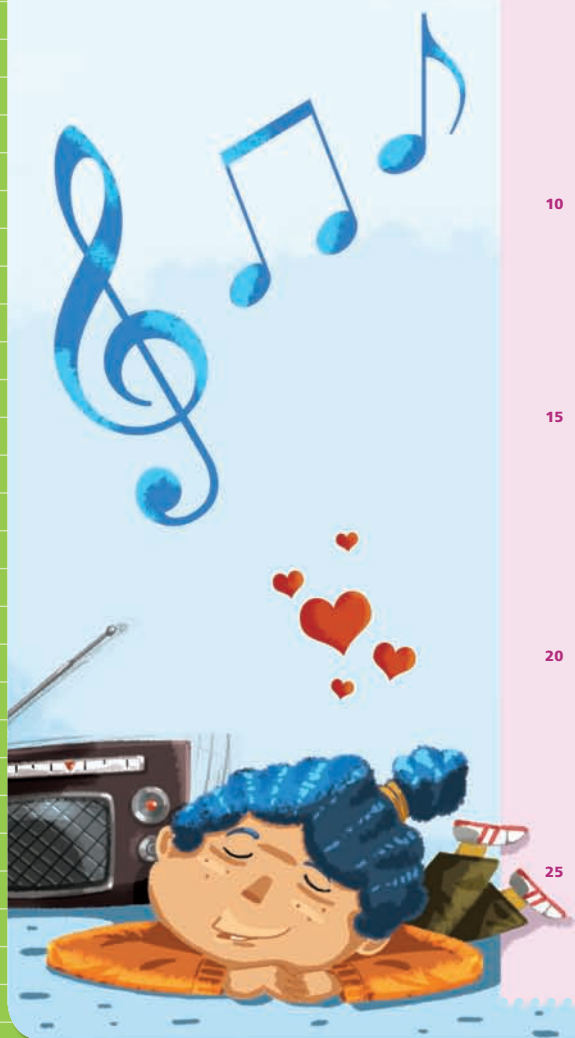
- Já não há ____ (8) ____ de amor
10 como havia ____ (9) ____
já não há canções de amor

- Um destes dias vou ser ____ (10) ____
de encontrar a ____ (11) ____
avançar em marcha-atrás
15 ir de ____ (12) ____ em verdade

Dizer que o amor é aquilo
que ____ (13) ____ estava descoberto
e ver que no fim duma ____ (14) ____
espreita sempre um ____ (15) ____

- 20** Já não há ____ (16) ____ de amor
Por não haver quem ____ (17) ____
Já não há canções de amor
Por não haver quem acredite

- E vós almas tão ____ (18) ____
25 cujo amor não tem saída
que buscais nas ____ (19) ____ canções
o ____ (20) ____ que adoça a vida



Não percebeis que é o (21)
 que prova que há uma chance
 30 acertar à primeira não é humano
 é a essência do (22)
 Já não há (23) de amor
 como havia (24)
 já não há canções de amor
 35 vou (25) o caso
 com o máximo (26)
 tirar a (27) a verdade
 que há nas (28) de amor
 vou saber se ainda é possível
 (29) canções de amor

RUI VELOSO, *Lado Lunar*, EMI — Valentim de Carvalho, 1995

3.1 Identifica o tema e o assunto desta canção.

3.2 Concordas com a opinião formulada?
 Justifica a tua resposta.

D.

4 Lê a seguinte crónica de José Eduardo Agualusa.

Havia muito sol do outro lado



Aquilo tornara-se um vício. Ele ouvia o telefone a tocar e logo estendia o braço e levantava o auscultador.

— E se fosse para mim?

Os amigos faziam troça:

5 — No consultório do teu dentista?

Uma noite estava sozinho, no Rossio, à espera de um táxi, quando o telefone tocou numa cabina ao lado. Era no fim da noite e chovia: uma água mole, desesperançada, tão leve que parecia emergir do próprio chão. Ruben enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

10 — É claro que não vou atender — disse alto. — Não pode ser para mim. Se atender este telefone é porque estou a enlouquecer.

O telefone voltou a tocar. Não chegou a tocar cinco vezes. Ele correu para a cabina e atendeu.

— Está?

15 Estava muito sol do outro lado. Era, tinha de ser, uma tarde de sol.
— Posso falar com o Gustavo?

A voz dela iluminou a cabina. Ruben pensou em dizer que era o Gustavo. Estava ali, àquela ordem absurda, abandonado como um naufrago na mais triste noite do mundo. Tinha o direito de ser o Gustavo (fosse o Gustavo quem fosse).

20 — Você não vai acreditar — disse. — A sua chamada foi parar a uma cabina telefónica.

Ela riu-se. Meu Deus — pensou Ruben — era como beber sol pelos ouvidos.

25 — Não brinques! És tu, Gustavo, não és?...

Sim, ele tinha o direito de ser o Gustavo:

— Infelizmente não. Você ligou para uma cabina telefónica, no Rossio, eu estava à espera de um táxi e atendi.

Quase acrescentou: "pensei que pudesse ser para mim." Felizmente não disse nada. Ela voltou a rir-se:

30 — Tenho a sensação de que esta chamada vai ficar-me cara. Sabe onde estou?

Estava em Pulau Penang, na Malásia, e dali, do seu quarto, num hotel chamado Paradise, podia ver todo o esplendor do mar.

35 — Nunca vi nada com esta cor — sussurrou. — Só espero que Deus me dê a alegria de morrer no mar.

Ele ficou em silêncio. Aquilo parecia a letra de um samba. Ela começou a chorar:

— Desculpe. Que vergonha... Nem sequer sei como você se chama.
40 Ruben apresentou-se:

— Ruben. 34 anos, trabalho em publicidade.

Pediu-lhe o número de telefone e ligou utilizando o cartão de crédito. Aquela chamada ficou-lhe muito cara. Casaram oito meses depois. Ele diz a toda a gente que foi o destino. Ela, pelo sim pelo não, proibiu-o de atender telefones.

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA, *A Substância do Amor e Outras Crónicas*,
3.ª edição, Dom Quixote, 2009

4.1 Relaciona o estado de espírito de Ruben, na noite em que se encontra no Rossio, com as condições atmosféricas.

4.2 Este estado de espírito da personagem poderá ter algo a ver com o facto de ter adquirido o vício de atender o telefone? Justifica a tua resposta.

4.3 De que modo o título «Havia muito sol do outro lado» anuncia o papel que a figura feminina terá na vida de Ruben?

Ler mais

Prepara a leitura de um dos textos seguintes e lê-o em voz alta.

Texto A

Confidência



Desde a minha infância que considere as palavras como uma coisa bizarra. E digo bizarra pelo que inicialmente continham de estranho.

O que queria dizer aquela mímica das pessoas à minha volta, com a boca num círculo ou esticada em diferentes caretas, os lábios
5 formando trejeitos esquisitos? Eu «sentia» a diferença quando se tratava de zanga, de tristeza ou de alegria, mas o muro invisível que me separava dos sons correspondentes àquela mímica era ao mesmo tempo de vidro transparente e de betão. Imaginava encontrar-me dum lado desse muro e os outros, de igual modo, do outro lado. Quando
10 eu tentava reproduzir a sua mímica como um macaquinho de imitação, continuavam a não ser palavras, mas letras visuais. Por vezes ensinavam-me palavras de uma só sílaba, ou de duas sílabas, como «papá», «mamã», «tátá».

Os mais simples conceitos eram ainda mais misteriosos. Ontem,
15 hoje, amanhã. O meu cérebro funcionava no presente. O que queriam dizer o passado e o futuro?

Quando compreendi, com o auxílio de gestos, que ontem significava atrás de mim e amanhã à minha frente, dei um salto fantástico. Tratou-se de um progresso imenso, que aqueles que ouvem têm dificuldade
20 em imaginar, habituados como estão desde o berço a entender palavras e conceitos repetidos exaustivamente, sem mesmo se darem conta.

Em seguida apercebi-me de que outras palavras designavam pessoas. Emmanuelle, era eu. Papá, era ele. Mamã, era ela. Maria, a minha irmã. Eu era Emmanuelle, existia, tinha uma definição, por conseguinte,
25 uma existência.

Ser alguém, compreender que se está vivo. A partir daí pude dizer «EU». Anteriormente eu dizia «ELA» quando me referia a mim própria. Procurava o meu lugar neste mundo, quem eu era, e porquê. E encontrei-me. Chamo-me Emmanuelle Laborit.

30 Depois, pouco a pouco, pude analisar a correspondência entre os atos e as palavras que os designam, entre as pessoas e os seus atos. E de súbito o mundo pertencia-me e eu fazia parte dele.

Teria então sete anos. Nascera e crescera de uma só vez.

Tinha tanta fome e sede de aprender, de conhecer, de compreender
35 o mundo que desde então nunca mais parei. Aprendi a ler e a escrever





em francês. Tornei-me tagarela, curiosa acerca de tudo, exprimindo-me no entanto noutro idioma, como uma estrangeira bilingue. Fiz o liceu, como quase toda a gente. E tive mais medo da prova escrita que da oral. Isto pode parecer estranho para alguém com dificuldade em

40 oralizar palavras, mas escrever é ainda um exercício difícil para mim.

Quando pensei fazer este livro, algumas pessoas disseram-me:

«Não vais conseguir!»

EMMANUELLE LABORIT, *O Grito da Gaivota*, Editorial Caminho, 2000

Texto B

3 de Outubro



Deram-me este Diário quando fiz anos. Tive tal desilusão quando o desembulhei, que me apeteceu atirá-lo para o caixote do lixo.

Um livro em branco, à espera que eu, que nem para ler tenho paciência, aí escreva a minha vida. Para algum dia qualquer bisbilho-

5 teiro ficar a saber os meus segredos mais íntimos, se apanhar a chave. Era o que faltava!

Além disso, «Diário» lembrou-me logo «caderno diário», essa praga em que todos os dias tenho de escrever as confidências dos setores. E os trabalhos de casa...

10 Abri-o. As suas páginas eram duras de mais para limpar o rabo mas serviam para escrever bilhetinhos... Atirei-o para o fundo da gaveta.

Hoje encontrei-o. É domingo. Devia estudar mas não estou para isso. Folheio o livrinho em branco, imagino o que está ainda em

15 branco na minha vida. Porque não hei de escrever sobre mim? Quem sabe se não virei a ser pessoa famosa? Ainda tudo me pode acontecer.

O diário de um super qualquer, que o meu pai tem, está recheado de altos pensamentos. Tão recheado que até enjoa.

Fora com os pensamentos! Viva o Sol!

20 Estou aqui fechada em casa com quatro dinossauros (familiares). E chove: ótimo para as alfaces, péssimo para mim. Que hei de fazer para sentir que estou viva, senão pôr a música no máximo?

LUÍSA DUCLA SOARES, *Diário de Sofia & C.ª (aos 15 anos)*, Civilização Editora, 1994



- 1 Depois de leres os textos apresentados, encontra afinidades entre eles.
- 2 Qual foi o texto que te cativou mais? Justifica a tua resposta.

O DETERMINANTE

Classe fechada de palavras que ocorrem à esquerda do nome num grupo nominal e que dão informações sobre ele: acerca do possuidor, da sua localização, etc. O determinante concorda com o núcleo do grupo nominal em género e em número.

	Determinantes artigos			
	Definidos		Indefinidos	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Masculino	<i>o</i>	<i>os</i>	<i>um</i>	<i>uns</i>
Feminino	<i>a</i>	<i>as</i>	<i>uma</i>	<i>umas</i>

Determinantes possessivos					
		Singular		Plural	
Pessoa		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Singular (um só possuidor)	1. ^a	<i>meu</i>	<i>minha</i>	<i>meus</i>	<i>minhas</i>
	2. ^a	<i>teu</i>	<i>tua</i>	<i>teus</i>	<i>tuas</i>
	3. ^a	<i>seu</i>	<i>sua</i>	<i>seus</i>	<i>suas</i>
Plural (vários possuidores)	1. ^a	<i>nosso</i>	<i>nossa</i>	<i>nossos</i>	<i>nossas</i>
	2. ^a	<i>vosso</i>	<i>vossa</i>	<i>vossos</i>	<i>vossas</i>
	3. ^a	<i>seu</i>	<i>sua</i>	<i>seus</i>	<i>suas</i>

Determinantes demonstrativos			
Singular		Plural	
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
<i>este, esse, aquele, o mesmo, o outro, (o) tal</i>	<i>esta, essa, aquela, a mesma, a outra, (a) tal</i>	<i>estes, esses, aqueles, os mesmos, os outros, (os) tais</i>	<i>estas, essas, aquelas, as mesmas, as outras, (as) tais</i>

Determinantes indefinidos			
Singular		Plural	
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
<i>certo</i>	<i>certa</i>	<i>certos</i>	<i>certas</i>
<i>outro</i>	<i>outra</i>	<i>outros</i>	<i>outras</i>

Determinantes relativos			
Singular		Plural	
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
<i>cujo</i>	<i>cuja</i>	<i>cujos</i>	<i>cujas</i>

Determinantes interrogativos	
Singular	Plural
<i>qual</i>	<i>quais</i>
<i>que</i>	

O NOME

Classe aberta de palavras variáveis que designam diferentes entidades ou objetos reais ou imaginários.

- **Pessoas** — *Manuela, Joaquim, Bruno, ...*
- **Animais** — *tigre, gato, borboleta, ...*
- **Objetos** — *agrafador, agenda, computador, ...*
- **Qualidades** — *amizade, lealdade, generosidade, ...*
- **Ações** — *partilha, testemunho, dádiva, ...*
- **Estados** — *meninice, juventude, calor, ...*
- **Fenómenos** — *trovoada, tufão, terremoto, ...*
- **Sentimentos** — *nostalgia, saudade, empatia, ...*
- **Sensações** — *frio, bem-estar, vazio, ...*

O nome, sendo o núcleo do grupo nominal, pode ser antecedido de um determinante ou quantificador, selecionar grupos adjetivais ou grupos preposicionais como seus complementos e ainda ser modificado por modificadores do nome.

Classes do nome	
Próprios	Os nomes próprios individualizam pessoas, animais, locais ou coisas. Ex.: <i>Manuela, Joaquim, Bruno.</i>
Comuns	Os nomes comuns nomeiam todos os seres e objetos da mesma espécie, sem os individualizar. Exs.: <i>tigre, computador, agenda, amizade, lealdade, generosidade.</i> Os nomes comuns podem ser: 1. Contáveis — que se aplicam a objetos ou entidades que podem ser enumerados, ou seja, diferenciados como partes singulares ou partes plurais de um conjunto. Assim, o singular aplica-se a um ser e o plural a um conjunto de seres. Ex.: <i>Tivemos de cortar a árvore maior para não prejudicar as árvores mais pequenas.</i> 2. Não contáveis — ao contrário, os nomes não contáveis aplicam-se a conjuntos de objetos ou entidades em que não é possível distinguir partes e, por isso, não são enumeráveis. Por esta razão, estes nomes não podem ocorrer em construções de enumeração, nem com alguns quantificadores. Ex.: <i>O ar é puro.</i> 3. Coletivos — designam, no singular, um conjunto de seres vivos ou de coisas da mesma espécie. Exs.: <i>matilha, cordilheira, cardume, flora (não contável), fauna (não contável).</i>
NOTAS: — Os nomes não contáveis no plural designam não uma quantidade mas uma qualidade. Ex.: <i>As pratas precisam de ser limpas.</i> — Certos nomes não contáveis, quando se apresentam na sua forma plural, assumem significados diferentes, não traduzindo uma oposição quantitativa em relação ao singular. Exs.: <i>águas, ares, amores.</i>	

Flexão do nome

Género	Masculino	São masculinos os nomes aos quais se podem antepor os artigos o, os, um, uns . Exs.: o <i>aluno</i> o <i>coelho</i>
	Feminino	São femininos os nomes aos quais se podem antepor os artigos a, as, uma, umas . Exs.: uma <i>aluna</i> uma <i>coelha</i>

REGRAS DE FORMAÇÃO DO FEMININO:

- Os nomes terminados em **-o** ou **-e**, no masculino, mudam para **-a** no feminino.
Exs.: o empregado/a empregada, o mestre/a mestra.
- Os nomes terminados nas consoantes **-s**, **-r** e **-z**, no masculino, formam o feminino acrescentando-se um **-a**.
Exs.: marquês/marquesa, senhor/senhora, juiz/juíza.
- Os nomes terminados em **-tor** e **-dor**, no masculino, passam a **-triz**, **-tora**, **-dora** ou **-deira**, ou obedecem ao previsto no ponto anterior.
Exs.: ator/atriz, doutor/doutora, imperador/imperatriz, pescador/pescadora, vendedor/vendedeira (ou vendedora).
- Os nomes terminados em **-ão**, no masculino, mudam para **-ã**, **-ana**, **-oa**, **-ona**.
Exs.: irmão/irmã, João/Joana, melão/meloa, comilão/comilona.
Exceções: barão/baronesa, ladrão/ladra, lebrão/lebre, perdigão/perdiz.
- Alguns nomes formam o feminino em **-essa**, **-esa**, **-isa** ou **-ina**.
Exs.: conde/condessa, duque/duquesa, poeta/poetisa, herói/heroína.
- Os nomes terminados em **-eu** formam o feminino em **-eia** ou **-ia**.
Exs.: europeu/europeia, judeu/judia.
- Muitos nomes apresentam uma forma feminina que se afasta bastante da masculina.
Exs.: rapaz/rapariga, cão/cadela, frade/freira.
- Noutros casos, temos no feminino uma palavra muito diferente.
Exs.: homem/mulher, pai/mãe, cavalo/égua, genro/nora.

NOTAS:

- Os nomes são **sobrecomuns**, quando têm a mesma forma para o masculino e para o feminino.
Exs.: a *criança*, a *criatura*, a *testemunha*, o *cadáver*.
- Os nomes são **epícenos** quando dispõem de um único valor de género, qualquer que seja o sexo da entidade referida (ser animado não humano). O contraste de género pode ser estabelecido com recurso à composição morfossintática.
Exs.: *águia-macho/águia-fêmea*, *tigre-macho/tigre-fêmea*, *corvo-macho/corvo-fêmea*
- Os nomes designam-se **comuns de dois** quando são ambíguos quanto ao sexo da entidade referida (ser humano). O contexto sintático, o determinante ou o adjetivo que o acompanha podem desfazer essa ambiguidade.
Exs.: o/a *estudante*, o/a *colega*, o/a *jornalista*, o/a *jovem*, o/a *intérprete*.

Flexão do nome

Número	Singular	O singular designa uma pessoa ou coisa. Exs.: cravo, rosa.
	Plural	O plural designa várias pessoas ou coisas. Exs.: cravos, rosas.

REGRAS DE FORMAÇÃO DO PLURAL:

1. O plural dos nomes forma-se, geralmente, acrescentando um **-s** ao singular, se o nome terminar em vogal ou ditongo.
Exs.: rato/ratos, chapéu/chapéus.
2. Os nomes terminados em **-n**, **-r**, **-s** ou **-z** formam o plural acrescentando **-es**.
Exs.: íman/ímanes, cor/cores, deus/deuses, voz/vozes.
3. Os nomes terminados em **-m** formam o plural em **-ns**.
Exs.: nuvem/nuvens, patim/patins, som/sons, atum/atuns.
4. Os nomes terminados em **-ão** podem formar o plural de três formas: em **-ães**, em **-ãos**, ou em **-ões**.
Exs.: cão/cães, irmão/irmãos, coração/corações.
5. Os nomes terminados em **-l** apresentam várias formas de flexão: **-al/-ais**, **-el (tónico)/-éis**, **-el (átono)/-eis**, **-il (tónico)/-is**, **-il (átono)/-eis**, **-ol/-óis**, **-ul/-uis**.
Exs.: canal/canais, papel/papéis, automóvel/automóveis, carril/carris, réptil/répteis, anzol/anzóis, azul/azuis.

Flexão do nome

Grau	Normal	É a forma normal da palavra. Exs.: mulher, porta, peixe.
	Aumentativo	É a forma da palavra que contém uma ideia de grandeza. Exs.: mulheraça, portão, peixão.
	Diminutivo	É a forma da palavra que contém uma ideia de pequenez. Exs.: mulherzinha, portinha, peixinho.

NOTAS:

- A ideia de aumentativo ou de diminutivo pode ser transmitida por dois processos:
 - **Sintético** — por meio dos sufixos aumentativos (**-ão**, **-ona**, **-aço**, ...) ou diminutivos (**-inho**, **-ito**, **-ico**, ...);
Exs.: casarão, solteirona, ricaço, carrinho, homenzito, burrico.
 - **Analítico** — por meio de um adjetivo que se junta ao nome.
Exs.: grande quadro, pequeno apartamento, árvore enorme, letra minúscula.
- As formas aumentativas e diminutivas, em especial as formas sintéticas, podem expressar outras ideias:
 - Os sufixos aumentativos podem transmitir as ideias de desproporção, disformidade, grosseria ou desprezo. Deste modo, o nome assume um valor depreciativo ou pejorativo.
Exs.: narigão, bocarra, carantonha.
 - Os sufixos diminutivos podem transmitir as ideias de carinho, ironia, desprezo ou ofensa. Assim sendo, o nome adquire uma carga afetiva.
Exs.: mãezinha, homenzito, pintorzeco.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

- 1** Partindo das indicações dadas, completa o texto com as palavras do quadro e reescreve-o corretamente no teu caderno.



a) leitura c) origem e) virtude g) jovens i) aspetos k) crianças m) coleção
b) alunos d) herói f) magia h) Beedle j) maldade l) séculos n) fadas

Os Contos de (*nome próprio*) o Bardo são uma (*nome comum, contável, feminino, singular*) de histórias escritas para (*nome comum de dois*) feiticeiros e feiticeiras. Há (*nome comum, contável, masculino, plural*) que constituem a (*nome comum, contável, feminino, singular*) preferida da hora de deitar, sendo o Caldeirão Saltitante e a Fonte do Justo Merecimento tão familiares a muitos (*nome comum, contável, masculino, plural*) de Hogwarts como a Cinderela e a Bela Adormecida o são para as (*nome epiceno*) Muggles (não mágicas).

Em muitos (*nome comum, masculino, plural*), as histórias de Beedle assemelham-se aos nossos contos de (*nome comum, feminino, plural*); por exemplo, a (*nome comum, feminino, singular*) é normalmente recompensada e a (*nome comum, feminino, singular*) castigada. Todavia, há uma diferença óbvia: nos contos de fadas dos Muggles, a (*nome comum, feminino, singular*) está normalmente na (*nome comum, feminino, singular*) dos problemas do (*nome comum, contável, masculino, singular*) ou da heroína.



J. K. ROWLING, *Os Contos de Beedle, o Bardo*, Presença, 2008

- 2** Considera os seguintes nomes.

a) anel c) funil e) pão g) saia
b) feiticeiros d) missa f) pulseiras h) trambolhões

2.1 Forma dois grupos, o dos nomes no singular e o dos nomes no plural.

2.1.1 Passa os nomes que estão no singular para o plural.

2.1.2 Passa os nomes que estão no plural para o singular.

2.2 Apresenta as regras que presidiram às transformações que efetuaste.

- 3** Completa o quadro, no teu caderno, de acordo com o exemplo.



Flexão do nome em grau			
	Normal	Aumentativo	Diminutivo
a)	rato	ratão	ratinho
b)			casinha
c)		mulherão	
d)	homem		
e)	cão		
f)			rapazinho

OS HIPÓNIMOS E OS HIPERÓNIMOS

- 1. Hipónimos** — são palavras de sentido mais restrito ou específico, relativamente a outras de sentido mais geral.

Exs.: Boneca é hipónimo de *brinquedo*.

Gato é hipónimo de *felino*.

- 2. Hiperónimos** — são palavras de sentido mais geral, relativamente a outras de sentido mais específico.

Exs.: *Brinquedo* é hiperónimo de *boneca*.

Felino é hiperónimo de *gato*.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

- 1** Completa o quadro que se segue, no teu caderno, de acordo com o exemplo.



	Hiperónimo	Hipónimos
a)	felino	gato, lince, tigre, pantera, leão, ...
b)		branco, amarelo, ...
c)	marisco	
d)		xadrez, damas, gamão, ...
e)	estrela	
f)		saia, camisa, calças, ...
g)	planta	
h)		caderno, estojo, lápis, ...
i)	alimento	
j)		crónica, notícia, reportagem, ...
k)	chapéus	

- 2** Atenta nas várias palavras apresentadas nas colunas A, B e C, e estabelece as relações de hiperonímia-hiponímia existentes entre elas, partindo da mais geral para a mais específica. Segue o exemplo e responde no teu caderno.



A	B	C
A. ave	1. aluno	a) escola
B. país	2. pomar	b) andorinha
C. quinta	3. cidade	c) música
D. hip-hop	4. animal	d) distrito
E. turma	5. arte	e) macieira

Ex.: A. 4. b) — animal > ave > andorinha

O CAMPO LEXICAL E O CAMPO SEMÂNTICO

1. **Campo lexical** — é o conjunto de palavras que se associam a uma mesma área da realidade.

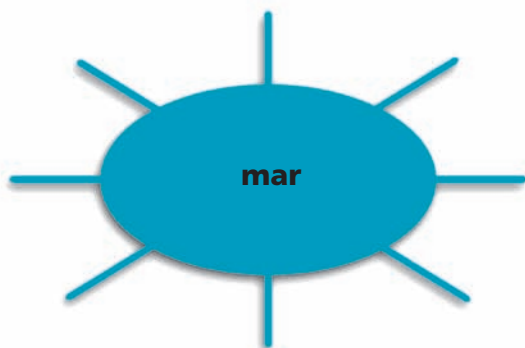
Ex.: escola — alunos, funcionários, professores, salas, horários, turmas, carteiras, quadro, giz, livros, cadernos, refeitório, sumários.

2. **Campo semântico** — é o conjunto dos diferentes significados que uma palavra pode adquirir, segundo o contexto em que está integrada.

Ex.: mãe — terra-mãe, mãe-pátria, mãe galinha, mãe de família, mãe de aluguer, mãe solteira.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

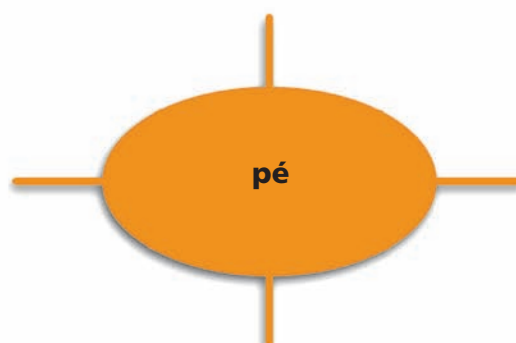
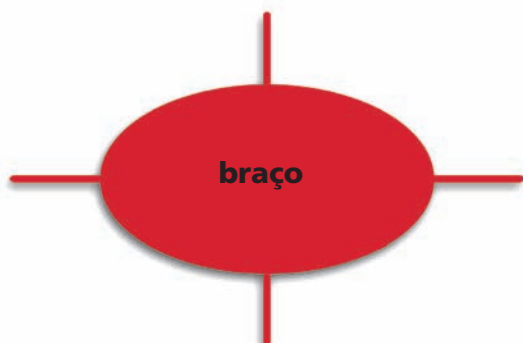
- 1 No teu caderno, constrói o campo lexical dos vocábulos apresentados.



- 1.1 Elabora um texto em que uses todas as palavras que constam dos dois diagramas.

- 1.2 Lê o teu texto à turma.

- 2 No teu caderno, constrói o campo semântico dos vocábulos indicados.



- 2.1 Escreve frases em que utilizes duas das palavras de cada um dos campos semânticos que construístes.

O DIÁRIO, AS MEMÓRIAS E A AUTOBIOGRAFIA

O diário e as memórias, tal como os textos de natureza autobiográfica, utilizam um discurso de primeira pessoa (visível, por exemplo, nos deícticos pessoais — Ficha informativa 25, página 251), centrado num «eu» que se revela pela escrita.

Há, no entanto, algumas diferenças que os afastam significativamente. Observa o quadro que se segue.

Diário	Memórias	Autobiografia
• remete para uma situação de comunicação verbal espontânea, em que o ato de escrita está muito próximo da situação evocada no texto; • nasce de uma vontade de confidenciar ou registar os acontecimentos do dia a dia, sem o intuito de os dar a conhecer a um leitor; • datado e localizável, remete para pessoas e factos do momento da escrita, frequentemente produzido sem preocupações estético-literárias; • o tempo verbal predominante é o presente.	• dão-nos um testemunho de um tempo e de um ambiente, aliando a narração de casos pessoais a acontecimentos históricos e políticos; • os acontecimentos são filtrados pela lembrança/memória;	• nasce de uma vontade consciente e intencional de contar a sua história de vida;
	• remetem para uma situação de comunicação verbal em que há um distanciamento temporal entre a ação narrada e o ato da escrita; • assumem uma preocupação estético-literária; • ganham um valor documental ao remeterem para um tempo histórico preciso; • os factos narrados ordenam-se, frequentemente, de forma linear e cronológica; • do ponto de vista da localização temporal, os factos narrados situam-se no passado.	

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1



Faz corresponder cada um dos excertos de textos autobiográficos da coluna A à respetiva designação da coluna B. Responde no teu caderno.

A	B
A. Quando eu era criança, recebi como presente de aniversário um cão de corda. Era o meu brinquedo preferido.	1. Diário
B. Hoje o dia correu-me mal. O Zé nem olhou para mim.	2. Memórias
C. No dia 25 de abril de 74, encontrava-me em Lisboa, em trabalho.	3. Autobiografia

1.1 Justifica a tua resposta, tendo por base as características de cada um desses textos.

1.2 Escreve um parágrafo ilustrativo de cada um dos tipos de textos estudados nesta ficha sobre o mesmo acontecimento.

A CRÓNICA

A crónica constitui um espaço de opinião, numa publicação periódica, permitindo ao jornalista ou ao colaborador a inclusão do seu ponto de vista e a explicitação da sua opinião pessoal. Trata-se, pois, de um texto mais subjetivo do que outros existentes na imprensa.

Sendo assim, a crónica permite expressões valorativas, o recurso a argumentação pessoal que ajuda à criação de uma opinião pública, ao mesmo tempo que utiliza, por vezes, uma linguagem que a pode aproximar de um texto literário. É também de salientar que a crónica parte frequentemente da atualidade ou do que é notícia.

Crónica
Características
• Texto de um jornalista ou de uma figura conhecida que parte de um facto ou acontecimento da atualidade; • Ocupa um espaço fixo dentro da estrutura do jornal ou da revista em que é publicada e tem uma certa periodicidade; • Permite a emissão de juízos de valor, sem o recurso a ofensas pessoais ou linguagem menos própria; • O estilo utilizado varia de acordo com o autor da crónica.
Estrutura
• Não há uma estrutura-tipo de crónica. No entanto, o mais comum é este tipo de texto dar uma visão dinâmica do acontecimento que focaliza, seguindo uma lógica temporal; • A abertura e o fecho da crónica são dois momentos fundamentais, pois permitem a apresentação do tema e o remate incisivo da perspetiva do cronista.
Linguagem
• Concisa e clara, visando captar a atenção do leitor; • Emprego da primeira pessoa; • Recurso frequente à ironia e à caricatura, como processos para atingir a crítica.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

- 1 Identifica as características da crónica evidenciadas no excerto que se segue.

A TV mentirativa

Uma das características da televisão, além de nos fazer mais gordos, é atacar com virulência os fracos e vulneráveis, as crianças e os velhos. Se os deixarmos na sala com a TV ligada, podem apanhar coisas más. Sou do tempo em que se tinha muito cuidado e um amigo meu, depois dum acidente grave, esteve um ano proibido de entrar em qualquer divisão com o televisor ligado, para não apanhar as radiações, explicou o médico aos pais dele, e ouvia a série completa dos desenhos animados da Heidi pela parede do corredor, com a porta da sala fechada, avozinho, diz-me tu porque cheira o ar assim, diz-me porque sou tão feliz. [...]

RUI CARDOSO MARTINS, *Pública*, 25 de maio de 2009 (texto com supressões)

A CARTA

A carta é um tipo de texto cujas organização e linguagem são condicionadas pela intenção de quem comunica (remetente) com alguém (destinatário), para dar notícias, cumprimentar, reclamar, fazer um pedido, etc.

É um meio de comunicação que perdeu muito em face do avanço das novas tecnologias, tais como o telefone, o *e-mail*, o fax, entre outras.

<u>LOCAL E DATA</u>	}	1. Cabeçalho
<u>SAUDAÇÃO INICIAL</u>		
<u>INTRODUÇÃO</u>	}	2. Corpo da carta
<u>DESENVOLVIMENTO</u>		
<u>CONCLUSÃO</u>	}	3. Fecho
<u>DESPEDIDA</u>		
<u>ASSINATURA</u>		

REMETENTE

**DESTINATÁRIO**

Expressões usadas nas cartas

Tipos de carta	Fórmulas de saudação	Fórmulas de despedida
• Dirigida a uma entidade oficial	• Ex.^{mo} Senhor Presidente • Senhora Diretora	• Apresento a Vossa Ex.^a os meus respeitosos cumprimentos • Atentamente
• Comercial • Dirigida a alguém que se trata com deferência	• Ex.^{mos} Senhores • Caríssimo • Meu Caro Senhor	• Com os melhores cumprimentos • Atentamente • Com amizade • Com as melhores saudações
• Familiar	• Queridos pais • Olá, Mariana • Querida amiga • Oi, maninha • Meu amor	• Beijinhos • Um grande abraço • Até sempre • Um abraço amigo • Montes de beijinhos

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1 Imagina destinatários extraordinários, tais como o Sol, a Lua, o Luar, D. Sebastião, etc.

1.1 Elabora uma lista com esses destinatários.

1.2 Selecciona um e escreve-lhe uma carta. Planifica o teu texto e revê-o antes de o dares por concluído.

1.2.1 Lê-a aos teus colegas sem identificares o destinatário.

1.2.2 Tentem adivinhar os destinatários da carta de cada um.

1.2.3 Identifiquem o tipo de carta que cada um escreveu.

TESTE FORMATIVO

LÊ ATENTAMENTE O TEXTO QUE SE SEGUE.

Nasci em maio, o mês das rosas, diz-se. Talvez por isso eu fiz da rosa a minha flor, um símbolo, uma espécie de bandeira para mim mesmo.

E todos os anos, quando chegava o mês de maio, ou mais exatamente, no dia 12 de maio, às dez e um quarto da manhã (que foi a hora em que eu
5 nasci), a minha mãe abria a porta do meu quarto, acordava-me com um beijo e colocava numa jarra um ramo de rosas vermelhas, sem palavras. Só as suas mãos, compondo as rosas, oficiavam nesse estranho silêncio cheio de ritos e ternura.

Nesse tempo o Sol nascia exatamente no meu quarto. Eu abria a janela.
10 Em frente era o largo, a velha árvore do largo dos ciganos. Quando chegava o mês de maio, eu abria a janela e ficava bêbado desse cheiro a fogueiras, carroças e ciganos. E respirava o ar de todas as viagens, da minha janela, capital do mundo, debruçado sobre o largo onde começavam todos os caminhos.

E tudo estava certo, nesse tempo, ou, pelo menos, nada tinha o sabor do
15 irremediável. Nem mesmo a morte da minha tia. Por muito tempo ela ficou nos retratos e no jardim, bordando à sombra das magnólias, andando pela casa nos pequenos ruídos do dia a dia, até que, pouco a pouco, se foi confundindo com as muitas ausências que vinham sentar-se na cadeira, onde, dantes, minha tia se sentava.

E eu dormia poisado sobre a eternidade, como se tudo estivesse certo
20 para sempre, eu dormia com muitos olhos, muitos gestos vigilantes sobre o meu sono. Por vezes tinha pesadelos, acordava, inquieto, a meio da noite, qualquer coisa parecia querer despedaçar-se e então exclamava:

— Mãe!

25 [...]

E logo uma voz, tão calma, mandava embora os fantasmas. E era a paz, nesse tempo, em que todos os anos, quando chegava o mês de maio, ou mais exatamente, o dia 12 de maio, às dez e um quarto da manhã, a minha mãe abria a porta do meu quarto e colocava, religiosamente, um ramo de rosas
30 vermelhas sobre a minha vida, nesse tempo, em que dormir, acordar, nascer, crescer, viver, morrer, eram um rito no rito das estações.

Em maio de 1963 eu estava na cadeia. Por vezes, a meio da noite, um grito abalava as traves da minha cabeça, direi mesmo da minha vida, e eu acordava suado, dolorido, como se um rato (talvez o medo?) me roesse o
35 estômago. E era inútil chamar. Onde ficara essa voz que dantes vinha repor o sono no seu lugar, repondo a paz dentro de mim? E as manhãs penduradas no mês de maio, onde acordar era uma festa? Onde ficara a ternura? Onde ficara a minha vida? [...]

MANUEL ALEGRE, «Rosas Vermelhas», in *30 Anos de Poesia*, Dom Quixote, 1995

RESPONDE, AGORA, ÀS QUESTÕES QUE SE SEGUEM DE FORMA CLARA E COMPLETA.

- 1** Identifica o dia de aniversário do narrador.
 - 1.1** Que lembranças do seu passado associa a essa ocasião?
Ilustra a tua resposta com elementos textuais.
 - 1.2** Refere as sensações que experimentava quando abria a janela do seu quarto.
- 2** Identifica a personagem que assume particular importância nas memórias do narrador.
 - 2.1** Caracteriza-a recorrendo ao texto.
 - 2.2** Comenta o papel desempenhado por essa personagem na vida do narrador. Justifica a tua opinião.
- 3** Menciona o acontecimento recordado no último parágrafo do texto.
 - 3.1** Que sentimentos revela o narrador? Fundamenta a tua resposta.
 - 3.1.1** Relaciona esse estado de alma com o tempo histórico que se vivia em Portugal nessa altura.
- 4** Explica o sentido das passagens abaixo transcritas.
 - a)** «[...] debruçado sobre o largo onde começavam todos os caminhos.» (l. 13)
 - b)** «E tudo estava certo, nesse tempo, ou, pelo menos, nada tinha o sabor do irremediável.» (ll. 14-15)
 - c)** «Por vezes, a meio da noite, um grito abalava as traves da minha cabeça [...]» (ll. 32-33)
- 5** Propõe um título sugestivo para o texto, agora que o conheces melhor.
- 6** Identifica os recursos expressivos presentes nas passagens.
 - a)** «[...] capital do mundo [...]» (ll. 12-13)
 - b)** «[...] muitas ausências que vinham sentar-se na cadeira [...]» (l. 18)
 - c)** «[...] em que dormir, acordar, nascer, crescer, viver, morrer, [...]» (ll. 30-31)
- 7** Transcreve as formas verbais que se encontram nos dois primeiros parágrafos, identificando o tempo verbal em que se encontram.
- 8** Relê o terceiro parágrafo e transcreve os deícticos pessoais, temporais e espaciais.
- 9** Identifica a função sintática de cada um dos segmentos destacados.
 - a)** «E logo **uma voz, tão calma**, mandava embora os fantasmas.» (l. 26)
 - b)** «**Em maio de 1963** eu estava **na cadeia**.» (l. 32)
- 10** Relembra um dia de aniversário que te tenha marcado de forma especial e escreve sobre o assunto. Planifica a tua redação e revê-a antes de a dares por terminada.

ESTÓRIAS DO MUNDO...



A história é o repertório de tudo o que se tem passado sobre a terra. A literatura, essa, é o testemunho de tudo o que se tem passado no coração dos homens.

CLAUDE ROY

Analisar a imagem e a citação

1. O que representa a imagem?
2. A citação apresentada remete para:
 - a) o caráter documental da Literatura.
 - b) os papéis desempenhados pela História e pela Literatura.
 - c) o caráter ficcional da História.

Índice

ESTÓRIAS DO MUNDO

FÁBULA

«A lebre e a tartaruga», La Fontaine (trad. de Curvo Semedo)	72
---	----

CONTO POPULAR

«As três lebres», Adolfo Coelho	74
---------------------------------	----

OUTRAS NARRATIVAS

«Para a escola», Trindade Coelho	78
«O Búzio», Sophia de Mello Breyner Andresen	81
«Pedro Pirata», António Mota	84
«Conto da Travessa das Musas», João Pedro Méseder	86
«Um cão diferente», Manuel Alegre	89
«A roseira americana», Ilse Losa	91
«Reencontro», Christopher Paolini	94

Leituras integrais

«Lenda da Nazaré», Fernanda Frazão (ed.)	96
«Tenório», Miguel Torga	106
«Miura», Miguel Torga	118
«Mestre Finezas», Manuel da Fonseca	123

Ler mais

Texto A — «Mar do Norte», Luis Sepúlveda	128
Texto B — «Os invencíveis», Goscinny e Sempé	129
Texto C — «Lourença», Agustina Bessa-Luís	130
Texto D — «Avó e neto contra vento e areia», Teolinda Gersão	131

Ficha informativa 10 — A lenda e o conto popular	136
---	-----

Ficha informativa 11 — As categorias da narrativa	138
--	-----

Ficha informativa 12 — O adjetivo	141
--	-----

Ficha informativa 13 — O verbo	144
---------------------------------------	-----

Ficha informativa 14 — O advérbio	152
--	-----

Ficha informativa 15 — O pronome	154
---	-----

Ficha informativa 16 — As funções sintáticas	158
---	-----

Ficha informativa 17 — As relações entre as palavras	161
---	-----

Teste formativo	162
------------------------	-----

A unidade 2 vai permitir-te:

- aprofundar o gosto pessoal pela leitura;
- conhecer alguns excertos de obras nacionais e estrangeiras;
- ler integralmente uma lenda e um conto;
- distinguir lenda, fábula e conto;
- reconhecer as diferentes categorias da narrativa e os modos de expressão;
- praticar a análise textual de excertos e obras integrais do programa;
- conhecer dados biográficos dos autores a estudar;
- comentar a expressividade da linguagem;
- conhecer de forma explícita a gramática da língua;
- desenvolver as competências de escrita;
- promover a troca de impressões sobre valores e atitudes;
- pesquisar dados decorrentes da abordagem dos textos.



Biografia

La Fontaine (1621-1695)

Este autor deve a sua celebridade às *Fábulas Escolhidas*, que começou a publicar em 1668. Das sessenta e nove fábulas que compõem esta recolha, a maior parte põe em cena o mundo dos animais. Estes guardam certas características tradicionalmente atribuídas à respetiva espécie, mas apresentam traços perfeitamente humanos.

FÁBULA

É uma narrativa breve e simples, geralmente protagonizada por animais ou seres inanimados, tendo uma finalidade lúdica ou moralizante. Visa representar as qualidades e os defeitos do ser humano.

Biografia

Curvo Semedo (1766-1838)

Natural de Montemor-o-Novo, Belchior Manuel **Curvo Semedo** Torres Sequeira foi um poeta da Arcádia, onde utilizou o nome de Belmiro Transtagano. Foi tradutor de La Fontaine.

Obra: *O Fauno*; *Cartas de Inês de Castro ao Príncipe D. Pedro*.



A lebre e a tartaruga

«Apostemos — disse à lebre
A tartaruga matreira —
Que eu chego primeiro ao alvo
Do que tu, que és tão ligeira!»

- 5 Dado o sinal da partida,
Estando as duas a par,
A tartaruga começa
Lentamente a caminhar.

A lebre tendo vergonha

- 10 De correr diante dela,
Tratando uma tal vitória
De peta ou de bagatela,

Deita-se e dorme o seu pouco;
Ergue-se e põe-se a observar

- 15 De que parte corre o vento,
E depois entra a pastar;

Eis que deita uma vista de olhos
Sobre a caminhante sorna,
Ainda a vê longe da meta,

- 20 E a pastar de novo torna.

Olha; e depois que a vê perto
Começa a sua carreira;
Mas então apressa os passos
A tartaruga matreira.

- 25 À meta chega primeiro,
Apanha o prémio apressada,
Pregando à lebre vencida
Uma grande surriada.

Não basta só haver posses

- 30 Para obter o que intentamos;
É preciso pôr-lhe os meios,
Quando não, atrás ficamos.

O contendor não desprezes
Por fraco, se te investir;

- 35 Porque um anão acordado
Mata um gigante a dormir.



CURVO SEMEDO (trad.), *Fábulas de La Fontaine*,
Texto Editores, 2001

COMPREENSÃO

- 1 No teu caderno, completa o quadro que se segue com informação do texto.



Assunto	(1)	
Personagens (caracterização)	Lebre	(2)
	Tartaruga	(3)
Moral	(4)	

GRAMÁTICA

- 2 De acordo com o contexto, encontra sinónimos para os seguintes vocábulos. Consulta um dicionário, se necessário.

- a) «matreira» (v. 2) d) «sorna» (v. 18)
b) «peta» (v. 12) e) «surriada» (v. 28)
c) «bagatela» (v. 12) f) «intentamos» (v. 30)

- 3 No teu caderno, completa o quadro seguinte com formas verbais do texto.



Presente do indicativo	(1)
Presente do conjuntivo	(2)
Gerúndio	(3)
Infinitivo	(4)

Consulta a Ficha informativa 13,
«O verbo», na página 144.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 4 Cria uma história em que se aplique a máxima: «Porque um anão acordado / Mata um gigante a dormir.» (vv. 35-36).
Realiza uma planificação do teu texto e faz a sua revisão e correção antes de o dares por terminado.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

- 5 Faz uma recolha de outras fábulas de La Fontaine ou de outros autores que tenham escrito este tipo de textos.
- 5.1 Seleciona uma dessas fábulas e apresenta-a à turma.
- 5.2 Em conjunto com os teus colegas, elabora um caderno com as fábulas que cada um apresentou.

CONTO POPULAR

Prepara a leitura do texto e lê-o depois **em voz alta**.

As três lebres



Biografia

Adolfo Coelho
(1847-1919)

Francisco **Adolfo Coelho** foi professor do curso Superior de Letras e integrou o grupo responsável pelas Conferências do Casino (1871). Linguista e pedagogo, a sua obra revela um gosto particular pela língua portuguesa e pela etnografia.

Obra: *Contos Populares Portugueses;*
Língua Portuguesa;
Os Ciganos de Portugal;
Obra Etnográfica; ...



Havia noutros tempos um rei que tinha uma filha, que dizia que só casaria com o homem que fosse capaz de deitar uma adivinhação que ela não adivinhasse. Correram ao palácio muitos príncipes e fidalgos, mas todos se foram sem que as suas adivinhações ficassem por adivinhar. Foi-se passando muito
5 tempo e estas notícias corriam por muitas partes, até que chegaram aos ouvidos de certo aldeão muito esperto e ele, ao saber isto, dispôs-se logo a partir para o palácio, sem saber ainda o que havia de perguntar à princesa. Montou a cavalo, sem mais bagagem do que o seu livro de orações, e sem farnel de qualidade alguma. Durante o caminho teve fome e sede, mas não havia ali em
10 tal descampado nem comer nem água; então o aldeão, olhando, viu morto no chão um coelho, tomou-o, e depois de o esfolar, fez uma fogueira do seu livro de orações, assou o coelho e comeu-o. A sede era, porém, cada vez maior; ele então fez correr muito o cavalo até que o suor lhe caía em bica; apanhou-o no seu chapéu e bebeu-o, e depois continuou a sua viagem. Chegado ao palácio,
15 viu muitos fidalgos que perguntavam adivinhações à princesa e ela tudo adivinhava. Então ele, depois de todos terem falado, levantou-se e disse:

«Comi carne sem ser caçada
Em palavras de Deus assada;
Bebi água que não foi do céu caída,
20 Nem também na terra nascida.

Adivinhei agora, princesa, se de tanto sois capaz.»

Então a princesa disse que pedia três dias para adivinhar, pois era esta a que maiores voltas lhe havia de dar à cabeça. Ficou o aldeão no palácio à espera que a princesa adivinhasse; mas logo no primeiro dia foi ter com ele uma aia da princesa que lhe disse: «Explicai-me o que hoje perguntastes
25 à princesa e far-vos-ei tudo o que me pedirdes.» Respondeu o aldeão: «Explicar-vos-ei tudo daqui a três dias, se me deixardes ficar esta noite no vosso quarto.» Disse logo a aia que sim, e fez uma cama no chão para o aldeão dormir nela. Deitou-se o aldeão e a aia, julgando que ele já dormia, deitou-se também; mas logo que viu que ela estava deitada, tirou-lhe uma saia que ela tinha despida e saiu do quarto. No dia seguinte foi ter com ele outra aia da princesa, a quem sucedeu o mesmo que à primeira. Finalmente, sem saber o que tinha sucedido às aias, foi a princesa ao terceiro dia ter com o aldeão, e ele disse-lhe também o mesmo que tinha dito às aias;
35 mas em vez de tirar uma saia à princesa tirou-lhe o seu *chambre* de dormir, que era de finas rendas. No quarto dia, logo de manhã, foi o aldeão explicar a adivinhação às aias e à princesa; e à hora em que a corte estava toda reunida para ouvirem, a princesa respondeu logo: «A carne sem ser caçada, em palavras de Deus assada, era um coelho que encontrei morto no
40 caminho e que assaste no teu livro das orações. A água sem ser da terra nascida, nem do céu caída, era o suor do teu cavalo.» «É verdade», disse

o aldeão. Então o rei, levantando-se, ordenou ao aldeão que se fosse para a sua terra pois nada tinha a esperar. Mas ele disse logo: «Já que a princesa é tão inteligente, peço-lhe que adivinhe agora esta:

45 Quando neste palácio entrei
Três lebres encontrei,
Todas três esfolei;
E as peles delas mostrarei.

50 la para mostrar as saias das aias e o chambre da princesa, mas esta
levantou-se logo e disse: «Basta, basta, serás meu esposo, pois és o homem
mais esperto que aqui tem vindo.»

(Coimbra)

ADOLFO COELHO, *Contos Populares Portugueses*, Dom Quixote, 2002

COMPREENSÃO

1 Ordena as sequências narrativas do conto, no teu caderno, começando pela letra D.



Sequências narrativas
A — Quando o aldeão se viu na iminência de ser expulso do palácio, lançou um último desafio à princesa: uma adivinha que a desmascarava.
B — Finalmente, chegou a hora da decifração e a princesa conseguiu responder à adivinha.
C — Na viagem, para matar a fome e a sede, comeu um coelho que encontrou morto e bebeu o suor do cavalo.
D — A princesa só casaria com um homem que lhe dissesse uma adivinha que ela não conseguisse decifrar.
E — Na noite seguinte, sucedeu o mesmo com outra aia.
F — Acorreram muitos pretendentes ao palácio.
G — A princesa pediu três dias para adivinhar.
H — A princesa viu-se obrigada a casar com o aldeão, cuja esperteza a suplantou.
I — Na terceira noite, foi a própria princesa ao quarto do aldeão.
J — Quando chegou a sua vez, apresentou o enigma.
K — Na primeira noite, uma aia foi ter com o aldeão para conseguir a resposta.
L — Certo aldeão pôs-se a caminho sem adivinha para lançar.

1.1 Identifica o modo como se organizam as sequências narrativas.

1.2 A ação do conto é aberta ou fechada? Justifica a tua resposta.

2 Considera as personagens do conto.

2.1 Nomeia o protagonista e caracteriza-o.

2.2 Enumera os traços caracterizadores da princesa.

2.3 Refere o papel desempenhado pelas aias da princesa.

3 Presta atenção às referências espaciais e temporais, como «Havia noutros tempos [...]» (l. 1), e responde às questões.

3.1 Situa a ação do conto no espaço e no tempo.

3.2 Relaciona essas marcas com as características do conto popular.

Consulta a Ficha informativa 12, «O adjetivo», na página 141.

Consulta a Ficha informativa 17, «As relações entre as palavras», na página 161.

- 4 Relê o enigma introduzido pela seguinte fala: «Já que a princesa é tão inteligente, peço-lhe que adivinhe agora esta:» (ll. 43-44).

4.1 Resolve o enigma apresentado pelo aldeão.

4.2 Explicita a moral veiculada pelo conto.

GRAMÁTICA

- 5 Identifica o grau em que se encontra o adjetivo nas frases que se seguem.

a) «[...] de certo aldeão muito esperto [...]» (l. 6)

b) «[...] és o homem mais esperto que aqui tem vindo.» (ll. 50-51)

5.1 Produz uma frase, com este adjetivo no grau comparativo de igualdade.

- 6 Copia o quadro que se segue para o teu caderno e completa-o de acordo com o exemplo apresentado. Para a justificação, utiliza os sinais = (igual), ≠ (diferente) e ≈ (semelhante).

Vocábulos		Classificação	Justificação		
			Som	Grafia	Significado
Caminho	Caminho	Homónimas	=	=	≠
Comprido	(1)	Parónimas	≈	≈	≠
Sede	Sede	(2)			
Moral	(3)	Parónimas			
Bica	Bica	(4)	=	=	≠
Saia	(5)	Homógrafas			
Esta	Está	(6)			
Caçada	(7)	Homófonas			

- 7 Regista um sinónimo e um antónimo de cada um dos vocábulos apresentados.

a) ficaram c) corriam e) perguntar g) levantou-se
b) pouco d) chegaram f) morto h) encontrei

7.1 Selecciona três vocábulos e escreve frases em que os utilizes.

7.1.1 Reescreve as frases substituindo, em cada uma, o vocábulo seleccionado pelo respetivo sinónimo.

7.1.2 Reescreve as frases substituindo, em cada uma, o vocábulo seleccionado pelo respetivo antónimo.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 8 Imagina que também tu eras um pretendente à mão da princesa.

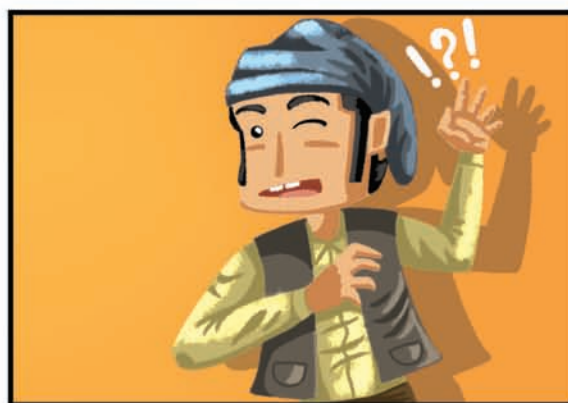
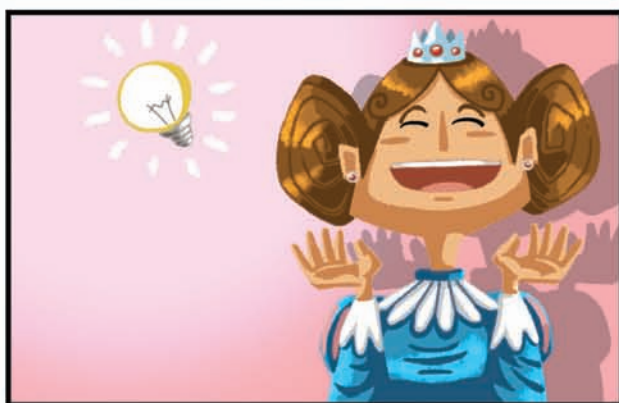
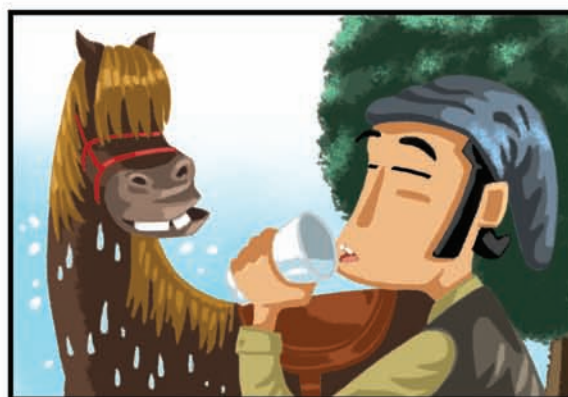
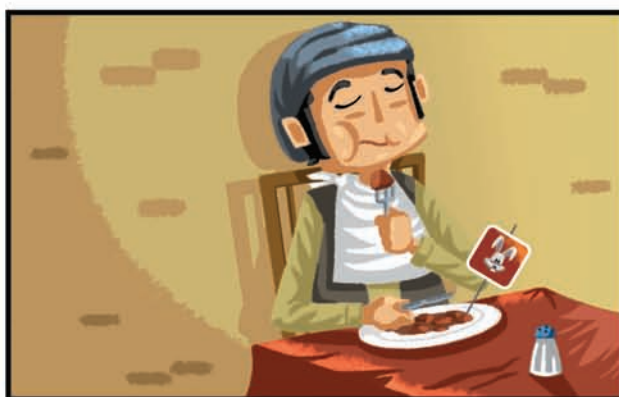
8.1 Em verso (sob a forma de quadra), cria o teu enigma.

8.1.1 Apresenta-o à turma para adivinhação.

- 9 Imagina que um príncipe/princesa em altura de casar tinha pedido a todos os seus pretendentes que fizessem o seu autorretrato. Aquele(a) que lhe parecesse melhor seria o(a) escolhido(a).

9.1 Elabora o teu autorretrato, salientando as tuas virtudes a nível físico e psicológico. Planifica o texto e faz a sua revisão e correção antes de o dares por terminado.

- 10 Observa a banda desenhada, insere os balões que consideres necessário e escreve as falas/pensamentos das personagens.



OUTRAS NARRATIVAS

Prepara a leitura do texto e lê-o em voz alta.



Biografia

Trindade Coelho (1861-1908)

José Francisco **Trindade Coelho** nasceu na vila transmontana de Mogadouro. Estudou num colégio interno no Porto, tendo tirado o curso de Direito em Coimbra. Foi nesta cidade que iniciou a sua atividade literária, tendo participado em vários jornais e, inclusive, fundado outros.

Obra: *Os Meus Amores, In Illo Tempore;*...

hilaridade *n. f.* alegria, calma, contentamento, júbilo.

iracundo *adj.* que está dominado pela ira, enfurecido, enraivecido.

mafarrico *n. m. fam.* Miúdo ou rapaz maroto, irrequieto e traquina.

palmatória *n. f.* pequeno utensílio circular de madeira, com cinco orifícios em cruz, provido de um cabo e usado, outrora, nas escolas como instrumento de castigo (batendo na palma da mão).

transido *adj.* repassado, esmorecido (de dor ou susto).

Para a escola

LER+ MC
PLANO NACIONAL DE LECTURA EDUCAÇÃO LITERÁRIA
METAS CURRICULARES

No velho casarão do convento é que era a aula. Aula de primeiras letras. A porta lá estava, com fortes pinceladas vermelhas, ao cimo da grande escadaria de pedra, tão suave que era um regalo subi-la. Obra de frades, os senhores calculam... Já tinha principiado a aula quando a Helena entrou
5 comigo pela mão. Fez-se um silêncio nas bancadas, onde os rapazes mastigavam as suas lições e a sua tabuada, num ritmo cadenciado e monótono, cantarolando. E ouviu-se então a voz da Helena dizer para o Sr. Professor, um de óculos e cara rapada, falipas brancas por baixo do lenço vermelho, atado em nó sobre a testa:

10 — Muito bons dias. Lá de casa mandam dizer que aqui está a encomendinha.

Oh! Oh! A encomendinha era eu, que ia pela primeira vez à escola. Ali estava a encomendinha!

— Está bem, que fica entregue. E lá em casa como vão?

15 E enquanto o velho professor me tomava sobre os joelhos, a Helena enfiava-me no braço o cordão da saquinha vermelha, com borlas, onde ia metido nem eu sabia o quê. Meu pai é que lá sabia... E ali estava eu entre os joelhos do Sr. Professor, com o boné numa das mãos e a saquinha vermelha na outra, muito comprometido. A Helena, que sorria contrafeita, baixou-se
20 para me dar um beijo, e disse-me adeus.

Choraminguei, quis sair na companhia dela.

— Não, agora o menino fica — disse-me a Helena. — Isto aqui é uma escola onde se aprende a ler. — E agachando-se, diante de mim: — Olhe tanto menino, vê?

25 — Mas fica tu também... — disse-lhe eu então.

Nas bancadas houve hilaridade geral. O mestre teve de intervir, iracundo:

— Caluda, sua canalha! Não veem que está gente de fora? Caluda, que vai tudo raso com bolaria!

30 Foi então que reparei em toda aquela rapaziada. Ah, eles eram todos meus conhecidos! Vivam lá vocês! E estavam todos alegres, pelos modos. Reanimei-me. Então já eu podia ficar, estavam ali os meus amigalhões; cheguei mesmo a rir das caretas que me faziam alguns, o Estêvão principalmente.

— Isto é preciso muita paciência, Sr.^a Helena, muita soma de paciência.

35 Um mestre precisa de ser um santo — (Pausa. Olho duro sobre as bancadas.) — Mas está bem, diga lá que a encomendinha cá fica. Em boa hora entrasse...

— Entrou, ele há de estudar. Ora há de, Josezinho?

Das bancadas alguns acenavam-me que não, arregalando muito os olhos.

40 — É verdade — insistiu por sua vez o Sr. Professor —, o menino há de estudar as suas lições, não é assim?

— Diga: sim senhor — ensinou-me então a Helena. — Hei de estudar muito e ser sossegadinho na aula: diga. — E a meia voz para o professor: — isto em casa é o vivo mafarrico; faz lá ideia?

45 Ele riu, já sabia. As crianças são todas assim, enquanto estão no mimo das mães. Mas uma vez metidas na escola, as coisas mudavam um pouco. E piscando o olho, designou a palmatória. A Helena ficou transida!

— Faz milagres, Sr.^a Helena. Digam lá o que disserem, olhe que faz milagres.

50 Eu tinha percebido. Começava de novo a embezzerrar, com vontade de sair quando a Helena saísse. Aquilo sabia eu para que servia, a palmatória...

— Mas para o nosso Zezito não há de ser precisa, ora não?

— Diga assim: não senhor, porque eu hei de cumprir com as minhas obrigações, diga.

55 — Ora aí é que está! — atalhou o Sr. Professor. — Vê, Sr.^a Helena? Aqui já os pequenos têm a sua obrigaçõzinha, os seus deveres a cumprir, as suas coisas...

— Sim senhor, sim, enquanto que em casa...

— Em casa é o que nós sabemos. Tudo são mimos: meu menino isto, 60 meu menino aquilo. Vão assim criados à lei da natureza, sabe vossemecê? É mau isso, péssimo! Porque é que os rapazes são todos teimosos? — E bateu num «Monteverde» pousado sobre a mesa dizendo: — Olhe, aqui está neste livro: «*de pequenino...*

— ... é que se torce o pepino» — concluiu rápida a Helena, orgulhosa 65 de saber o que estava no livro, coitada!

TRINDADE COELHO, *Os Meus Amores*, Círculo de Leitores, 1980

COMPREENSÃO

1 Considera a frase: «— Muito bons dias. Lá de casa mandam dizer que aqui está a encomendinha.» (ll. 10-11).

1.1 Identifica a personagem a quem se refere o diminutivo.

1.1.1 Explica a razão do nome atribuído.

1.2 Comenta a atitude da «encomendinha».

2 Relê a frase: «Fez-se um silêncio nas bancadas, onde os rapazes mastigavam as suas lições e a sua tabuada, num ritmo cadenciado e monótono, cantarolando.» (ll. 5-7).

2.1 A que tipo de ensino alude a frase?

2.1.1 Considera-lo o mais adequado? Justifica a tua opinião.

2.2 Caracteriza o «Sr. Professor». Ilustra a tua resposta com elementos textuais.

3 Atenta na frase: «A Helena ficou transida!» (l. 46).

3.1 Explica a reação da personagem.



Consulta a Ficha informativa 16, «As funções sintáticas», na página 158.

- 4 Tendo em conta o seu contexto, comenta o adágio popular: «*de pequenino é que se torce o pepino*» (ll. 63-64).

GRAMÁTICA

- 5 Atenta na frase: «[...] a Helena enfiava-me no braço o cordão da saquinha vermelha [...]» (ll. 15-16).

5.1 Analisa-a sintaticamente.

5.2 Procede à sua expansão introduzindo um modificador do grupo adverbial.

- 6 Completa o quadro que se segue, no teu caderno, com a ajuda das alíneas.



	Frases	Tipo	Polaridade
a)	«Ali estava a encomendinha!» (ll. 12-13)		
b)	«Não, agora o menino fica» (l. 22)		
c)	«Mas fica tu também...» (l. 25)		
d)	«Não veem que está gente de fora?» (l. 28)		
e)	«Ele riu, já sabia.» (l. 45)		

EXPRESSÃO ESCRITA

- 7 O primeiro dia de escola é uma memória marcante para todos nós. Recorda esse dia e produz um texto narrativo com informação sobre:

- quem te acompanhou nesse primeiro dia na escola;
- como foste recebido pelo teu professor ou pela tua professora;
- a constituição da tua turma;
- os teus colegas que mais se destacaram;
- as tuas primeiras impressões sobre a escola em geral e a tua sala de aula em particular;
- como recordas hoje esse dia.

Não te esqueças de planificar o texto e de fazer a sua revisão e correção antes de o dares por concluído.

COMO ORGANIZAR UM DEBATE

Sendo um diálogo construtivo e estruturado em torno de um tema relativamente ao qual existem diversas perspetivas, o debate exige preparação e papéis bem definidos. Assim, é necessário:

- seleccionar o tema;
- escolher os intervenientes, o moderador e o secretário;
- definir tempos de intervenção;
- registar conclusões, partindo das opiniões mais relevantes dos intervenientes.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

- 8 Procura saber junto dos teus pais e dos teus avós como foi a sua primeira experiência na escola. Aproveita também para recolher informação sobre:

- as salas de aula;
- a organização da aula (que atividades se realizavam, que métodos seguiam os professores, ...);
- os manuais escolares;
- a ocupação nos recreios e dos tempos livres.

8.1 Com base nas notas que tomaste, elabora tópicos e planifica uma apresentação oral.

8.2 Em seguida, apresenta oralmente à turma o resultado da tua pesquisa (se possível, com recurso a um suporte informático).

8.3 Confronta a tua informação com os dados recolhidos pelos teus colegas.

8.4 Promove um debate sobre a escola do passado e a do presente.



O Búzio

Quando eu era pequena, passava às vezes pela praia um velho louco e vagabundo a quem chamavam o Búzio.

O Búzio era como um monumento manuelino: tudo nele lembrava coisas marítimas. A sua barba branca e ondulada era igual a uma onda de espuma. As grossas veias azuis das suas pernas eram iguais a cabos de navio. O seu corpo parecia um mastro e o seu andar era baloiçado como o andar dum marinheiro ou dum barco. Os seus olhos, como o próprio mar, ora eram azuis, ora cinzentos, ora verdes, e às vezes mesmo os vi roxos. E trazia sempre na mão direita duas conchas.

Eram daquelas conchas brancas e grossas com círculos acastanhados, semirredondas e semitriangulares, que têm no vértice da parte triangular um buraco. O Búzio passava um fio através dos buracos, atando assim as duas conchas uma à outra, de maneira a formar com elas umas castanholas. E era com essas castanholas que ele marcava o ritmo dos seus longos discursos cadenciados, solitários e misteriosos como poemas.

O Búzio aparecia ao longe. Via-se crescer dos confins dos areais e das estradas. Primeiro julgava-se que fosse uma árvore ou um penedo distante. Mas quando se aproximava via-se que era o Búzio.

Na mão esquerda trazia um grande pau que lhe servia de bordão e era seu apoio nas longas caminhadas e sua defesa contra os cães raivosos das quintas. A este pau estava atado um saco de pano, dentro do qual ele guardava os bocados secos do pão que lhe davam e os tostões. O saco era de chita remendada e tão desbotada pelo sol que quase se tornara branca.

O Búzio chegava de dia, rodeado de luz e de vento, e dois passos à sua frente vinha o seu cão, que era velho, esbranquiçado e sujo, com o pelo grosso, encaracolado e comprido e o focinho preto.

E pelas ruas fora vinha o Búzio com o sol na cara e as sombras trémulas das folhas dos plátanos nas mãos.

Parava em frente duma porta e entoava a sua longa melopeia ritmada pelo tocar das suas castanholas de conchas.

Abria-se a porta e aparecia uma criada de avental branco que lhe estendia um pedaço de pão e lhe dizia:

— Vai-te embora, Búzio.

E o Búzio, demoradamente, desprendia o saco do seu bordão, desatava os cordões, abria o saco e guardava o pão.

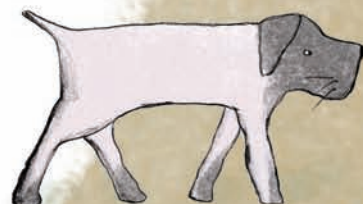
Depois de novo seguia.

Parava debaixo de uma varanda cantando, alto e direito, enquanto o cão farejava o passeio.

E na varanda debruçava-se alguém rapidamente, tão rapidamente que o seu rosto nem se mostrava, e atirava-lhe um tostão e dizia:

— Vai-te embora, Búzio.

E o Búzio demoradamente — tão demoradamente que cada um dos seus gestos se via — desprendia o saco do pau, desatava os cordões, abria o saco, guardava o tostão, e de novo fechava o saco e o atava e o prendia.



bordão *n. m.* pau roliço e resistente que serve de apoio a quem caminha; cajado; bastão.

chita *n. f.* tecido de algodão, leve e de menor qualidade com estampados de cores vistosas.

melojeia *n. f.* canto monótono e repetitivo.

45 E seguia com o seu cão.

Havia na terra muitos pobres que apareciam aos sábados em bandos acastanhados e trágicos, e que pediam esmola pelas portas e faziam pena. Eram cegos, coxos, surdos e loucos, eram tuberculosos cuspidos sangue nos seus trapos, eram mães escanzeladas de filhos quase verdes, eram
50 velhas curvadas e chorosas com as pernas incrivelmente inchadas, eram rapazes novos mostrando chagas, braços torcidos, mãos cortadas, lágrimas e desgraça. E sobre o bando pairava um murmúrio incansável de gemidos, queixas, rezas e lamentações.

Mas o Búzio aparecia sozinho, não se sabia em que dia da semana, era
55 alto e direito, lembrava o mar e os pinheiros, não tinha nenhuma ferida e não fazia pena. Ter pena dele seria como ter pena de um plátano ou de um rio, ou do vento. Nele parecia abolida a barreira que separa o homem da natureza.

O Búzio não possuía nada, como uma árvore não possui nada. Vivia com a terra toda que era ele próprio.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, *Contos Exemplares*, Figueirinhas, 2002

COMPREENSÃO

1 Considera a passagem: «O Búzio era como um monumento manuelino [...]» (l. 3).

1.1 Quem era esta personagem?

1.1.1 Caracteriza-a, recorrendo a dados textuais.

1.2 Que objetos trazia sempre com ele?

1.2.1 Refere a sua utilidade.

2 Atenta na frase: «O Búzio aparecia ao longe.» (l. 16).

2.1 Por onde andava ele?

2.2 Ao longe, o que parecia? Justifica a tua opinião com dados textuais.

3 Relê o quinto parágrafo.

3.1 Indica o tipo de caracterização feita pelo narrador. Justifica a tua resposta.

4 Identifica o fiel amigo que acompanhava o Búzio na sua caminhada.

5 Responde às questões, depois de leres atentamente a seguinte frase: «Parava em frente de uma porta e entoava a sua longa melopeia [...]» (l. 29).

5.1 O que fazia o Búzio?

5.2 Qual era a reação das pessoas, quando ele se aproximava?

5.2.1 E o Búzio, como se comportava ele?

6 Repara nos visitantes que apareciam lá na terra aos sábados.

6.1 Qual era o seu aspeto?

6.2 O que faziam eles?

7 Indica o dia da semana em que o Búzio aparecia sozinho.

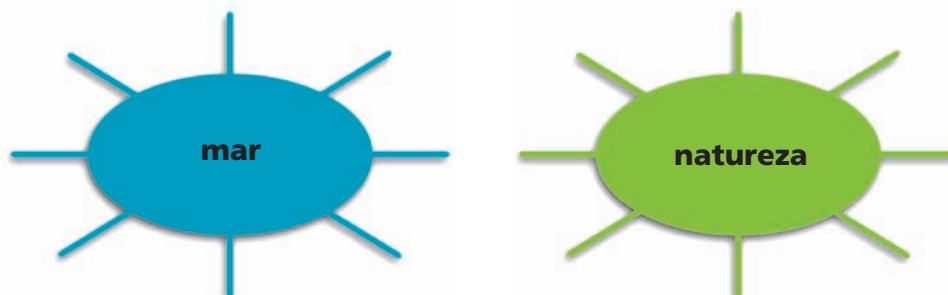
7.1 O que pensavam as pessoas a seu respeito?

8 Explica, por palavras tuas, o sentido do último parágrafo.

- 9 Transcreve do texto:
- a) três exemplos de dupla adjectivação;
 - b) dois exemplos de enumeração;
 - c) dois exemplos de comparação;
 - d) dois exemplos de metáfora.

GRAMÁTICA

- 10 A partir do texto, constrói o campo lexical dos vocábulos apresentados, no teu caderno.



Consulta a Ficha informativa 6, «O campo lexical e o campo semântico», na página 63.

- 11 Atenta nas frases que se seguem e esclarece o sentido do vocábulo destacado em cada uma.
- a) «[...] pediam esmola pelas portas e faziam **pena**.» (l. 47)
 - b) O pato tem **penas** brancas.
 - c) O réu foi condenado a uma **pena** de cinco anos.
 - d) Camões escreveu *Os Lusíadas* com uma **pena**.

Consulta a Ficha informativa 17, «As relações entre as palavras», na página 161.

- 12 Considera a seguinte frase:
- «Parava **em frente** **duma porta** e entoava **a sua longa melopeia ritmada** [...]» (l. 29)
- 12.1 Indica as funções sintáticas desempenhadas pelos segmentos destacados.
 - 12.2 Reescreve a frase acrescentando um modificador do grupo adverbial.

Consulta a Ficha informativa 16, «As funções sintáticas», na página 158.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 13 Imagina que, num certo dia, o Búzio aparecia na praia com uma aparência cuidada.
- 13.1 Produz um texto em que expliques as razões dessa mudança. Planifica o teu texto e faz-lhe uma revisão final antes de o dares por concluído.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

- 14 Lê o conto «Homero», de onde foi extraído o texto «O Búzio». Elabora tópicos com as tuas impressões de leitura e apresenta-as à turma. Se possível, faz a apresentação com o auxílio de um suporte informático.
- 15 Faz uma pesquisa sobre Homero e toma notas das informações mais importantes.

Prepara a leitura do texto e lê-o, depois, em voz alta.

Pedro Pirata

LER⁺
PLANO NACIONAL
DE LEITURA

Pedro Pirata passava por Montepó na primeira e última semana de cada mês. Chovesse ou fizesse sol, aparecia todas as quartas-feiras, logo depois de o sino ter batido doze badaladas.

5 Trazia com ele um cão enorme, ronceirão, com o pelo chamuscado no rabo e na barriga. Também trazia uma égua carregada com duas caixas e duas grandes latas de folha de zinco, uma de cada lado do lombo. Essas latas tinham torneirinhas amarelas. Uma deixava correr azeite, a outra largava petróleo.

10 Na caixa mais pequena havia rijas barras de sabão. A maior, forrada com palha muito moída, servia para lá meter ovos.

Em Montepó, Pedro Pirata raramente tocava em dinheiro. O sabão, o azeite e o petróleo eram trocados por dúzias de ovos. Era um negócio de mulheres.

15 Pedro era o seu nome de batismo; Pirata, o que ganhou mais tarde. Contava minha mãe que uma bomba dum foguete lhe estoirara um olho, era ele rapazola destemido e farsante.

Logo que pôde, Pedro começou a usar uma pala de couro para tapar um horrendo buraco redondo que causava repugnância e compaixão a quem o via pela primeira vez.

20 Começaram, em tom de brincadeira, a chamar-lhe Pirata por causa da pala negra. E assim nasceu um novo apelido, que fez esquecer o que os pais mandaram escrever no registo civil.

ANTÓNIO MOTA, *Filhos de Montepó*, Gailivro, 2003

COMPREENSÃO

- 1 Atenta nos dois primeiros parágrafos.
 - 1.1 Identifica a personagem que se destaca.
 - 1.2 Levanta hipóteses relativamente à sua profissão. Justifica a tua resposta com elementos textuais.
 - 1.3 Identifica o espaço em que decorre a ação.
 - 1.4 Refere o tempo para o qual o texto nos remete.
- 2 Considera, agora, os três últimos parágrafos.
 - 2.1 Que história justifica o nome da personagem?
 - 2.2 Como é que o narrador teve conhecimento dessa história?
 - 2.3 Classifica o narrador quanto à presença. Justifica a tua resposta.

GRAMÁTICA

- 3 Procura, no dicionário, o significado dos seguintes vocábulos.
 - a) «ronceirão» (l. 4)
 - b) «farsante» (l. 15)
 - c) «repugnância» (l. 17)

- 4 Centra-te nas palavras «torneirinhas» (l. 7) e «rapazola» (l. 15).
- 4.1 Menciona o grau em que se encontram.
- 4.2 Explica o seu sentido.
- 5 Considera a frase: «Contava minha mãe que uma bomba dum foguete **lhe** estoirara um olho, era **ele** rapazola destemido e farsante.» (ll. 14-15).
- 5.1 Identifica o nome que os pronomes destacados substituem.
- 5.2 Transcreve as formas verbais presentes na frase e refere o tempo em que se encontram.
- 5.3 Copia dois adjetivos.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 6 Recolhe informação junto de familiares mais velhos, professores de História ou de Geografia sobre profissões itinerantes ou sazonais existentes no passado. Elabora tópicos com os dados mais importantes.
- 6.1 Escreve um artigo de jornal sobre uma dessas profissões. Planifica o teu texto e faz a sua revisão e correção.
- 7 Observa as imagens.



- 7.1 Identifica as profissões representadas.
- 7.2 Escolhe uma e cria uma história a partir dela. Planifica o teu texto e, no fim, faz a sua revisão e correção.

Prepara a leitura do seguinte texto e **lê-o em voz alta**.

Conto da Travessa das Musas



Biografia

João Pedro Méseder
(n. 1957)

Nasceu no Porto, onde completou estudos universitários. Colabora em obras coletivas, revistas e publicações de natureza vária. Foi agraciado com o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho (1999).

Obra: *Fissura; Versos com Reversos; De Que Cor É o Desejo; História com Muitas Mãos; O G é Um Gato Enroscado; Romance do 25 de Abril; ...*



Era uma vez um menino sem tempo para ficar quieto. Quando se cansava de ler ou de brincar sozinho, uma névoa toldava-lhe os grandes olhos castanhos. Sabia que apenas o deixavam sair se fosse para ir à escola, ou a recados à mercearia do senhor Carvalho ou à «loja das miudezas», como a mãe chamava a uma locanda onde uma doce senhora de olhos vinhos vendia carrinhos de linhas, botões, colchetes, fivelas e elásticos. Por isso, o João — era este o nome do menino — passava horas sem fim à janela.

Vivia no primeiro andar de um prédio novo, mas baixo, numa rua estreita de casinhas velhas, habitadas por gente pobre, onde, pelo fim da tarde, se ouvia por vezes a corneta do azeiteiro, sempre acompanhado do seu burro. Travessa das Musas: assim se chamava a rua nesse tempo, nome que deveras intrigava o menino, pois só mais tarde ouviria falar dessas criaturas fantásticas, as musas, que, segundo os antigos, sopravam ao ouvido dos poetas. Teriam elas inspirado o poeta José Gomes Ferreira que, muitos anos antes, nascera bem perto dali, na Rua das Musas? Seja como for, nessa época, João não ouvira ainda falar dele nem se interessava por versos — mas o certo é que a poesia morava na sua rua.

Da janela, observava aquela travessa de pessoas humildes, onde a sua família era a única de «gente remediada» — como dizia a mãe — e por onde, ao fim da tarde, circulava um polícia gordo e pachorrento, com cara de trator amolgado, a quem a garotada chamava «o Bigodes». Era também na rua, quase sem trânsito, que brincava e jogava à bola, com grande alarido, a miudagem das casas pobres.

João tinha medo de magias, de bruxas e de fadas, que povoavam as histórias de uma tia velha que um dia saíra da aldeia para viver naquela casa da Travessa das Musas, não longe do centro da grande cidade. Evitava, por isso, sonhar com tais prodígios e o seu único sonho contemplava-o todas as tardes na própria rua onde morava, quando a garotada se entregava em liberdade a jogos e a bulhas que, por vezes, assarapantavam a vizinhança.

Em frente à casa do João vivia o senhor Olímpio, um pedreiro já entredote que, todos os fins de tarde, afogava a solidão em que vivia em copinhos de vinho tinto. Metia-se então com os passantes e soltava impropérios, bramindo ao rapazio, na sua voz arrastada, mas sem nunca ousar descer da soleira da porta, não fosse a polícia molestá-lo e prendê-lo. Da janela, o menino ria dos disparates com que o homem zurzia aquele mundo pequeno e pobre, e divertia-se com a cara irritada do Bigodes.

— O menino para onde está a olhar? Nunca viu gente? — perguntava a voz rouca do velho Olímpio, meio zangado meio a brincar, quando João o fixava por muito tempo.

— Queres vir andar com nós? — Era assim, gritando «com nós» em vez de «connosco», que o desafiavam os rapazitos rotos e de monco no nariz, que passavam horas deslizando pela rua num tosco carrinho de rodas de metal e tábuas velhas, marteladas com pedregulhos nos terrenos baldios das redondezas.

45 Mas João não respondia. Sem querer, exibia aquele sorriso triste de quem pouco mais podia fazer do que sonhar com uma viagem no carrinho de madeira.

Certo dia de inverno, pelo fim da tarde, entretinha-se a atirar bolinhas de papel de rebuçado do seu primeiro andar e a esconder-se, depois, por
50 trás da cortina. As bolinhas caíam nos cocurutos de velhas com bigode (e tantas eram...) que andavam a compras de última hora, ou nas cabeças de funcionários cansados que, um após outro, subiam a rua ao fim de um dia de trabalho. Mas nem as caras de surpresa e indignação o consolavam. Apenas se alegrou ao ver os dois garotos, que já conhecia, deslizarem rua
55 abaixo no carrinho, até se despistarem pela centésima vez e caírem do passeio, um por cima do outro, com grande estardalhaço de gritos e palavrões. Era nesses momentos que João se desfazia em gargalhadas de menino, até as lágrimas lhe virem aos olhos.

JOÃO PEDRO MÉSEDER, *Contos da Cidade das Pontes*, Ambar, 2001

COMPREENSÃO

- 1 Atenta no título do excerto.
 - 1.1 Que indicações te dá quanto ao tipo de texto?
 - 1.1.1 Relaciona esse título com o modo como se inicia a história.
- 2 Relê o primeiro parágrafo.
 - 2.1 Classifica o narrador quanto à presença e à ciência. Justifica a tua resposta com dados textuais.
 - 2.2 Identifica a personagem que ocupa um lugar de destaque.
 - 2.2.1 Procede à sua caracterização inicial.
- 3 Considera, agora, o segundo e o terceiro parágrafos.
 - 3.1 Onde vivia o menino?
 - 3.2 O que via da sua janela?
 - 3.2.1 O que representa essa janela para ele? Justifica a tua resposta.
- 4 Repara nos quatro parágrafos seguintes.
 - 4.1 Continua a caracterização do menino, ilustrando as tuas afirmações com elementos textuais.
 - 4.1.1 Que processo(s) de caracterização usaste?
 - 4.2 Da sua janela, que personagens observa o rapaz?
 - 4.2.1 Comenta a relação que mantém com elas.
 - 4.3 Transcreve duas frases do texto que provem que o protagonista tem uma situação privilegiada.
- 5 Relê a frase: «Mas João não respondia.» (l. 45).
 - 5.1 Sugere hipóteses para explicar o silêncio dele.
 - 5.1.1 Como interpretas a sua tristeza?



- 5.2** No teu caderno, elabora um esquema semelhante ao que se segue e preenche-o com expressões retiradas do texto.



GRAMÁTICA

- 6** Faz corresponder os vocábulos da coluna A ao respetivo significado da coluna B. Consulta um dicionário se necessário.



A	B
A. «locanda» (l. 5)	1. indolente
B. «azeiteiro» (l. 10)	2. injúrias
C. «pachorrento» (l. 20)	3. incomodá-lo
D. «prodígios» (l. 27)	4. maravilhas
E. «assarapantavam» (l. 29)	5. criticava
F. «impropérios» (l. 32)	6. burburinho
G. «molestá-lo» (l. 34)	7. tenda, loja
H. «zurzia» (l. 35)	8. corutos
I. «cocurutos» (l. 50)	9. espantavam
J. «estardalhaço» (l. 56)	10. vendedor de azeite

Consulta a Ficha informativa 5, «Os hipónimos e os hiperónimos», na página 60.

- 7** Considera o hiperónimo «miudezas», presente no primeiro parágrafo do texto, e transcreve, do mesmo parágrafo, cinco hipónimos.
- 8** Explica a razão pela qual as expressões «loja de miudezas» (l. 4) e «gente remediada» (l. 19) estão entre aspas.
- 9** Procura nos 3.º, 4.º e 5.º parágrafos quatro exemplos de nomes coletivos.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 10** Como certamente reparaste, o texto é o início do conto de João Pedro Mésse-der e nele apresenta-se o protagonista, bem como o espaço físico e social em que se insere. Nada se diz quanto à ação propriamente dita.
- 10.1** Continua o texto, pensando na possível história do João. Começa por «Ora, certo dia...». Planifica o texto e revê-o no fim.
- 10.2** Procura na biblioteca da tua localidade o referido conto e compara-o com o teu texto.

Um cão diferente...



Não era um cão como os outros. Já o meu pai o dizia, quando caçávamos às codornizes nos campos de Águeda.

— Este cão é um grande sacana, caça um bocado e depois põe-se a fazer a parte, olha para ele, está-se nas tintas para as codornizes e para nós.

5 Era uma das suas características, fazer ouvidos moucos, aparentar indiferença, fosse por espírito de independência fosse porque gostava de armar à originalidade. Mais tarde um dos meus filhos diria que o cão tinha apanhado os tiques de certas pessoas da família, numa alusão indireta ao avô e a mim, esquecendo-se que era a ele próprio a quem o cão mais imitava.

10 Mas era, também, um cão capaz do inesperado, como, de repente, levantar uma narceja.

Então o meu pai comovia-se:

— Este filho da mãe podia ser um bom cão, é pena não estar para isso.

15 Mas não estava, essa era a questão. Ele nunca estava para aquilo que dele se pretendia. Desobedecer era a sua divisa, a gente a chamar e ele a fazer de conta. Desde que chegou, ainda cachorro.

— De se comer, dizia Mafalda, minha mulher, embevecida.

20 Mas à noite, logo que se fechou a porta da cozinha, começou o fadário, palavra que minha mulher repetiria durante muitos anos. O fadário tanto podia ser ele raspar a porta até ficar com as unhas em sangue, como uivar até que alguém aparecesse. Mesmo que fosse para lhe dar umas sapatadas. Parece que gostava, pelo menos preferia isso a estar fechado e sozinho. Queria que lhe prestassem atenção, ser o centro, ainda que para tal, mesmo já depois de muito ensinado, tivesse que mijar o chão da cozinha ou, em ocasiões de especial suscetibilidade, o tapete da sala.

25 Então, a minha mulher dizia como quem carrega uma cruz: Isto é um fadário.

E ele abanava o rabo, todo contente. Tinha conseguido o que queria: a atenção da dona, a quem acho que considerava mãe. Por isso lhe queria tanto e a atormentava até mais não. Mas não só a ela. A todos nós. Era talvez um excesso de paixão, misturado com altivez e alguma perversidade.

— Vem cá.

É o vens.

35 — Vai-te embora.

E ele vinha.

— Fica.

E ele virava as costas.

— Em pé.

40 E ele deitava-se.

Talvez fosse da raça, *épagneul-breton*, L.O.P., de manchas castanhas e uma espécie de estrela branca no meio da cabeça, por sinal muito bonita.

— Puro demais, dizia o meu pai. Este cão tem a mania que é fino.



Biografia

Manuel Alegre (n. 1936)

Natural de Águeda, estudou em Coimbra, onde nasceu a sua consciência política e se envolveu na luta contra o regime salazarista. Esteve em Angola durante a Guerra Colonial, mas o seu ideal antifascista obrigou-o a um exílio prolongado em Paris e Argel. Após o 25 de Abril de 1974, regressou à Pátria e, desde então, tem participado ativamente na vida política do País, tendo desempenhado inclusivamente o cargo de vice-presidente da Assembleia da República. Recebeu o Prémio Fernando Pessoa em 1999.

Obra: *O Canto e as Armas; O Homem do País Azul; Alma; 30 Anos de Poesia; A Terceira Rosa; Senhora das Tempestades; Cão como Nós; Rafael; O Quadrado e Outros Contos; ...*



45 Fino e fidalgo. Lemos livros e revistas sobre a raça, todos sublinhavam o caráter afetivo destes cães que só são felizes quando ao pé do dono.

Esqueciam o resto, a rebiteza, a dificuldade em obedecer, a irrequietude, o exibicionismo. Ou então era este que era diferente. O sonho dele era dormir no mesmo quarto, senão na mesma cama de um de nós. E ter
50 alguém, especialmente a dona, a tratar dele. Queria estar sempre junto de um de nós, principalmente daquele que o não quisesse ao pé de si. E não podia ver uma porta fechada. Começava logo a raspar.

— Este cão tem um problema, disse por fim o meu pai, está convencido de que não é cão.

MANUEL ALEGRE, *Cão como Nós*, Dom Quixote, 2002

COMPREENSÃO

- 1 O texto gira em torno de uma personagem muito especial. Identifica-a.
 - 1.1 Indica a raça a que pertence.
 - 1.2 Faz a caracterização física e comportamental da personagem. Ilustra a tua resposta com elementos do texto.
- 2 Explica a razão pela qual o pai do narrador profere a seguinte afirmação: «— Este cão tem um problema, disse por fim o meu pai, está convencido de que não é cão.» (ll. 53-54)
- 3 Tendo em conta o temperamento do cão, propõe um nome para ele.

GRAMÁTICA

- 4 Preenche o quadro com os vocábulos adequados, de acordo com o exemplo. Responde no teu caderno.



	Nome	Adjetivo	Verbo
a)	perversidade	perverso	perverter
b)			levantar
c)		contente	
d)			desobedecer
e)	exibicionismo		
f)		diferente	

- 5 Relê as seguintes frases: «Tinha conseguido o que queria: a atenção da dona, a quem acho que considerava mãe. Por isso lhe queria tanto e a atormentava até mais não. Mas não só a ela.» (ll. 30-31)
 - 5.1 Identifica o referente dos vocábulos assinalados.
 - 5.1.1 Indica a classe de palavras a que pertencem esses vocábulos.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 6 Todos nós já tivemos, um dia, um animal de estimação. Relembra um episódio que tenhas vivido com um animal de estimação e conta essa história. Não te esqueças de proceder à planificação do texto e à sua revisão e correção antes de o dares por concluído.

Prepara a leitura do texto de Ilse Losa e lê-o em voz alta.

A roseira americana



Biografia

Ilse Losa
(1913-2006)

Ilse Lieblich Losa nasceu em Hanôver, na Alemanha, em 1913 e morreu no Porto em 2006. O facto de ser judia criou-lhe embaraços no seu país, de onde foi forçada a sair. Em Inglaterra teve os primeiros contactos com escolas infantis e com os problemas das crianças. Refugiou-se em Portugal, na cidade do Porto, onde se casou, adquirindo a nacionalidade portuguesa.

Em 1984, recebeu o Grande Prémio Gulbenkian, pelo conjunto de obras para crianças. Com o livro *À Flor do Tempo*, ganhou o Grande Prémio da Crónica em 1998.

Obra: *O Mundo em Que Vivi; Histórias Quase Esquecidas; Rio sem Ponte; Aqui Havia Uma Casa; Sob Céus Estranhos; Caminhos sem Destino; ...*

Eram as flores no friso da janela que davam a nota mais colorida à sala de estar, virada para a rua. A tia Gertrud da América mandara, certo dia, um cartucho de sementes que a avó espalhara num vaso com terra. Em breve nasceria uma roseira. Não uma roseira vulgar, mas sim rara, que dava apenas uma
5 rosa em cada verão, rosa dum vermelho carregado e, no dizer da avó, mais bela e mais duradoura do que todas as rosas da aldeia. Assim como o Sol é o astro mais altivo e mais luminoso no firmamento, também essa rosa era a flor mais altiva e mais luminosa no friso da janela. Ao contemplá-la, absorta, pensava na terra da América e na cidade de Nova Iorque, que estava para a nossa
10 aldeia como o elefante para a mosca. E assaltava-me então a curiosidade de terras distantes, estranhas, de tal forma que me esquecia do avô Markus, a quem prometera nunca deixar. Sonhava com ruas largas, sem fim, onde floresciam sebes de rosas diante de casas brancas cujas janelas transbordavam de rosas, molhos e molhos de rosas, e uma inquietação tomava posse de mim.
15 A ânsia de permanecer junto do friso da janela e ao mesmo tempo de poder estar lá, onde as rosas eram assim, e até em toda a parte do mundo.

Ao lado da janela, precisamente onde floria a roseira americana, a avó Ester dormia todas as tardes a sua sesta de quinze minutos. A cabeça encostada à almofada, os pés no escabelo, certinhos um ao lado do outro, a meia
20 com as cinco agulhas no regaço, dormia sem se mexer. O rosto miúdo, sulcado de rugas, donde o nariz parecia querer saltar, refletia o seu cansaço. Quando a via assim a dormir, lembrava-me dum pássaro morto que certa vez encontrei, com o avô, na borda de um poço coberto de neve.

Entretanto eu tinha licença de folhear as velhas revistas, de dobrar
25 tiras de papel para acender o candeeiro de gás ou o cachimbo do avô, pois a avó não consentia que se gastassem fósforos estando o fogão aceso para fornecer lume. De tempos em tempos interrompia essas ocupações para contemplar a avó a dormir. Em vão procurava no rosto esgotado os vestígios da beleza e da graciosidade que tivera, no dizer do avô, quando fora
30 nova e ele a escolhera para mulher.

Uma das duas portas da sala de estar dava para o quarto de dormir, onde pairava sempre um cheiro a lilases saído da gaveta inferior da cómoda. Ali a avó guardava as suas quinquilharias pessoais. Não deixava de ser estranho ela, a mulher prática, não conseguir desfazer-se de todas essas rendas e
35 rendinhas, golas e golinhas antiquadas, dos leques, das flores de papel e de outras coisas no género e em vez disso conservá-las em caixas de sabonetes e latas de rebuçados. A avó dormia numa das duas camas, enquanto eu ficava com o avô na outra. Era ela que me lavava, no fim do dia, dos pés à cabeça, numa bacia de zinco, mas era o avô quem me levava às cavalitas para a cama
40 que, nos primeiros dias depois de a avó lhe ter mudado os lençóis, cheirava a alfazema. Todas as noites o avô se sentava ao meu lado. Contava histórias e cantava canções. A voz volumosa, grave, animava a escuridão com as figuras dos contos de fadas e da Bíblia e embalava-me até eu adormecer.



ILSE LOSA, *O Mundo em Que Vivi*, Afrontamento, 1992

COMPREENSÃO

- 1** Atenta na frase: «Eram as flores no friso da janela que davam a nota mais colorida à sala de estar, virada para a rua.» (ll. 1-2).
- 1.1** Que flores eram essas?
- 1.1.1** Indica a sua proveniência. Justifica a tua resposta com elementos do texto.
- 1.2** O que pensa a narradora dessas flores?
- 1.2.1** Transcreve a frase que comprova a tua resposta.
- 2** Considera a expressão: «Ao contemplá-la, absorta, [...]» (l. 8).
- 2.1** Para onde é transportada a imaginação da narradora ao observar a planta?
- 2.2** Refere as diferenças entre esse espaço sonhado e a realidade.
- 3** Identifica as duas personagens, muito importantes para a narradora, com quem ela se relaciona.
- 3.1** Explicita a relação que têm com a narradora.
- 3.2** Que importância tiveram na sua vida? Justifica a tua opinião.
- 4** Atenta, agora, na figura da narradora.
- 4.1** Classifica-a quanto à presença e à ciência. Justifica a tua resposta.
- 4.2** Identifica quatro características da sua personalidade. Ilustra a tua resposta com elementos do texto.
- 5** Considera a frase: «Ali a avó guardava as suas quinquilharias pessoais.» (l. 33).
- 5.1** Menciona esses objetos.
- 5.2** O que nos dizem as quinquilharias sobre a maneira de ser da avó?
- 5.2.1** Explica a razão pela qual este comportamento causa estranheza à narradora.
- 6** Explica por palavras tuas o sentido das frases abaixo apresentadas.
- a)** «Ao contemplá-la, absorta, pensava na terra da América e na cidade de Nova Iorque, que estava para a nossa aldeia como o elefante para a mosca.» (ll. 8-10)
- b)** «Em vão procurava no rosto esgotado os vestígios da beleza e da graciosidade que tivera, no dizer do avô, quando fora nova e ele a escolhera para mulher.» (ll. 28-30)

GRAMÁTICA

- 7** Completa as frases substituindo os segmentos destacados pelos adjetivos correspondentes. Responde no teu caderno.
- a)** «E assaltava-me então a **curiosidade** de terras distantes [...]» (ll. 10-11)
E ficava **(1)**.
- b)** «[...] e uma **inquietação** tomava posse de mim.» (l. 14)
E sentia-me **(2)**.
- c)** «A **ânsia** de permanecer junto do friso da janela [...]» (l. 15)
Ficava, por isso, **(3)**.
- d)** «Em vão procurava no rosto esgotado os vestígios da **beleza** e da **graciosidade** que tivera. [...]» (ll. 28-29)
A avó fora **(4)** e **(5)**.

- 8 Completa o quadro com os antónimos dos vocábulos apresentados.



Vocábulos	Antónimos
«espalhara» (l. 3)	(1)
«vulgar» (l. 4)	(2)
«duradura» (l. 6)	(3)
«curiosidade» (l. 10)	(4)
«junto» (l. 15)	(5)

EXPRESSÃO ESCRITA

- 9 «Sonhava com ruas largas, sem fim, onde florescia sebes de rosas diante de casas brancas cujas janelas transbordavam de rosas, molhos e molhos de rosas, e uma inquietação tomava posse de mim.» (ll. 12-14). Produz uma história original e divertida, continuando o estranho sonho da narradora. Planifica o teu texto e faz a sua revisão e correção depois de o redigires.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

- 10 Ouve o tema «Canção de embalar», da autoria de Zeca Afonso, e completa a letra. Responde no teu caderno.



Canção de embalar



Dorme meu menino a estrela ____ (1) ____

Já a procurei e não a vi

Se ela não vier de madrugada

Outra que eu souber será pra ti

- 5 Outra que eu souber na noite escura

Sobre o teu sorriso de ____ (2) ____

Ouvirás cantando nas alturas

____ (3) ____ e cantigas de embalar

Trovas e cantigas muito belas

- 10 Afina a ____ (4) ____ meu cantor

Quando a luz se apaga nas janelas

Perde a estrela d'alva o seu ____ (5) ____

Perde a estrela d'alva pequenina

Se outra não vier para a ____ (6) ____

- 15 Dorme qu' ____ (7) ____ a noite é uma menina

Deixa-a vir também adormecer

ZECA AFONSO, *Cantares do Andarilho*, Disco Orfeu, 1978

10.1 Relaciona o assunto do poema com a parte final do texto que estudaste.

10.2 Justifica o título atribuído à canção.

10.3 Junto de pessoas mais velhas tuas conhecidas, recolhe outras canções de embalar e apresenta-as oralmente à tua turma. Se possível, faz a exposição com o auxílio de um suporte informático.

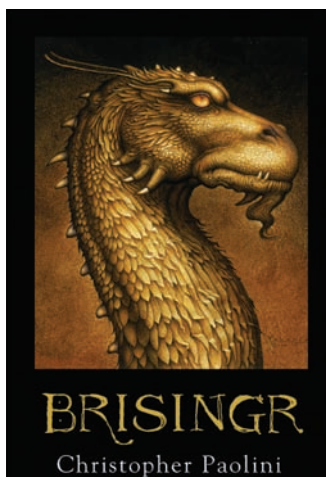


Biografia

Christopher Paolini (n. 1983)

Nasceu nos Estados Unidos da América, revelando desde muito cedo uma paixão fortíssima pela fantasia e pela ficção científica. Com quinze anos, começou a escrever o seu primeiro romance — *Eragon* —, que se revelou um sucesso a nível mundial. Atualmente, vive em Paradise Valley (Montana), onde está a trabalhar no próximo volume da sua trilogia.

Obra: *Eragon*; *Eldest*; ...



Prepara a leitura do texto e lê-o depois em voz alta.

Reencontro

Eragon continuou em frente. Pilares de mármore salpicados de rubis e ametistas ladeavam os primeiros seis metros de túnel. A seguir, o túnel revelava-se nu e desolado, com paredes macias, apenas interrompidas por uma lanterna sem chama, de seis em seis metros, e portas ou portões fechados, 5 dispostos em intervalos irregulares. «Onde será que vão dar?», pensou Eragon. Depois imaginou os quilómetros de pedra a comprimirem-no por cima e, por momentos, o túnel pareceu-lhe insuportavelmente opressivo. Eragon apressou-se a afastar essa imagem.

A meio caminho do túnel, Eragon sentiu-a.

10 — Saphira! — gritou ele, com a mente e com a voz, ouvindo o nome dela ecoar através das paredes de pedra, com a intensidade de uma dúzia de gritos.

— *Eragon!* — instantes depois, o ténue ruído de um rugido distante ressoou-lhe nos ouvidos, vindo do outro lado do túnel.

15 Redobrando a velocidade, Eragon abriu a sua mente a Saphira, removendo todas as barreiras em torno da sua identidade para que se reunissem sem quaisquer reservas. A consciência dela penetrou no seu interior, como um fluxo de água morna; no mesmo instante em que a dele penetrava em Saphira. Eragon ofegou, tropeçou e quase caiu. Ambos se envolveram nas 20 pregas das consciências um do outro, enlaçando-se com uma intimidade que nenhum abraço físico poderia reproduzir e permitindo que as suas identidades se voltassem a unir. O seu maior consolo era simples: já não estavam sozinhos. Saber que se está com alguém que gosta de nós, que entende cada fibra do nosso ser e que não nos abandona, por muito desesperadas que sejam as circunstâncias, é o relacionamento mais precioso que se pode ter. Tanto Eragon como Saphira cultivavam-no.

Pouco depois, Eragon avistou Saphira a correr em direção a ele, tão depressa quanto podia, batendo com a cabeça no teto e arranhando as asas nas paredes. As garras chiaram no chão de pedra, ao derrapar e parar à sua 30 frente, feroz, cintilante e magnífica.

Gritando de alegria, Eragon saltou para cima dela e, ignorando as escamas aguçadas, colocou os braços à volta do pescoço e abraçou-a com toda a força que tinha, com os pés suspensos vários centímetros.

35 — *Pequenino* — disse Saphira, num tom afetuosamente. Depois baixando-o até ao chão, roncou e disse:

— *É melhor largares-me o pescoço, pequenino, a não ser que me queiras sufocar!*

— *Desculpa.* — Ele sorriu, recuou e deu uma gargalhada, encostando a testa ao focinho dela e massajando-lhe os cantos das maxilas.

40 Os gemidos baixos de Saphira ecoavam pelo túnel. [...]

— *Nunca voei tanto e tão depressa. Parei apenas uma vez, depois de abandonar os Varden. Por minha vontade não teria parado; no entanto, senti demasiada sede para continuar.*

CHRISTOPHER PAOLINI, *Brisingr*, Círculo de Leitores, 2003 (texto com supressões)

COMPREENSÃO

- 1 Identifica o espaço exíguo em que decorre a ação.
 - 1.1 Recorrendo ao texto, procede à sua caracterização.
- 2 Atenta nas personagens Eragon e Saphira.
 - 2.1 Tendo em conta os elementos do texto, identifica a espécie animal a que que pertence Saphira.
 - 2.2 Indica o modo como comunicam entre si. Justifica a tua resposta com elementos textuais.
 - 2.2.1 Por que razão se encontram em itálico as falas de Saphira?
 - 2.3 Explicita a relação existente entre ambos. Fundamenta a tua opinião com dados textuais.
- 3 Completa o quadro que se segue com exemplos do texto, no teu caderno.



Figuras	Exemplos
Dupla adjetivação	(1)
Hipérbole	(2)
Comparação	(3)
Metáfora	(4)
Tripla adjetivação	(5)

GRAMÁTICA

- 4 No teu caderno, constrói o campo lexical do vocábulo apresentado com palavras do texto.



Consulta a Ficha informativa 6, «O campo lexical e o campo semântico», na página 56.

- 5 Passa para a forma passiva as seguintes frases.
 - a) «Pouco depois, Eragon avistou Saphira [...]» (l. 27)
 - b) Eragon atravessara o túnel com muito receio.
- 6 Faz a análise sintática das seguintes frases.
 - a) «A meio caminho do túnel, Eragon sentiu-a.» (l. 9)
 - b) «[...] Eragon abriu a sua mente a Saphira. [...]» (l. 15)

Consulta a Ficha informativa 16, «As funções sintáticas», na página 158.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 7 Eragon tem uma relação muito especial com Saphira. Produz um texto narrando a tua relação com um animal de estimação real ou imaginário. Planifica a tua redação e faz-lhe uma revisão final antes de a entregares.

Lenda da Nazaré

Antes de começar...

A. O título

- 1 Partindo do título, prevê o tipo de texto que vais ler.
- 2 Pesquisa informação relativa à localidade referida no título:
 - localização geográfica;
 - número de habitantes;
 - atividades predominantes;
 - curiosidades culturais (folclore, trajes típicos, festas religiosas, artesanato, gastronomia, ...).

B. A imagem

- 1 Observa a imagem que se segue.



- 1.1 Descreve-a.
- 1.2 Quais te parecem ser os elementos mais importantes?
- 1.3 Relaciona esses elementos com as informações que recolheste anteriormente.

Começar a ler...

Prepara a leitura do seguinte texto e **lê-o**, depois, **em voz alta**.

Lenda da Nazaré

Quase todos conhecemos a lenda do Sítio da Nazaré, onde D. Fuas Roupinho foi salvo, no último minuto, de cair no precipício quando perseguia um veado. Valeu-lhe então a invocação que fez à Senhora da Nazaré. Essa, porém, é outra história que na devida altura contarei.

A Nazaré mantém ainda hoje um certo ar antigo e típico de vila de pescadores. No tempo em que se passa a história que vou contar, não existia sequer; foi a partir de então que ela começou a nascer, isto a acreditar no que diz a lenda.

Começa esta história há cerca de mil e quinhentos anos, em pleno século IV, no tempo das perseguições aos cristãos em Roma, altura em que muitos dali fugiram e se refugiaram na Península Ibérica.

Nessa época, um monge grego que vivia em Roma, Ciríaco, fugiu para Belém de Judá, levando na sua mísera bagagem uma pequena imagem da Virgem Maria amamentando Jesus, a Virgem do Leite. Em Belém, Ciríaco ofereceu a imagem a São Jerónimo, que, por sua vez, a mandou a Santo Agostinho, o célebre bispo de Hipona, autor de *A Cidade de Deus*. De mão em mão, a pequena Virgem do Leite não se ficou no Norte de África, porque Santo Agostinho decidiu oferecê-la a um convento peninsular, a poucos quilómetros de Mérida, o Mosteiro de Cauliniana.





Os monges de Cauliniana, como a
35 imagem tivesse vindo da terra da Virgem, mudaram-lhe o nome para Nossa Senhora da Nazaré, e, durante algum tempo, pareceu ter terminado a longa peregrinação da imagem que fora do
40 monge Ciríaco. Novos factos, porém, vieram alterar o sossego na Península Ibérica e, mais uma vez, obrigar a outra fuga da Senhora da Nazaré.

Estava-se no ano 711. Os mouros
45 de Tárique, há pouco entrados no território peninsular, constituíam um tão grande perigo para os cristãos visigodos que estes reuniram um poderoso exército em Guadalete. O resultado foi, contudo, desastroso para os cristãos, que
50 perderam a batalha. Com efeito, durante dois dias, a sorte fora favorável aos visigodos, em virtude da cavalaria que possuíam e de que os mouros careciam. No
55 entanto, a traição de dois chefes visigodos que, com os seus exércitos, se puseram ao lado dos invasores, resolveu a sorte da batalha a favor destes últimos, que, em breve, invadiam toda a penín-

60 sula e passavam a região dos Francos, onde, finalmente, foram derrotados, na célebre batalha de Poitiers, por Carlos Martel.

O rei Rodrigo, último grande rei dos Visigodos, era o chefe do exército cristão. Uma vez derrotado, fugiu para Mérida e apresentou-se disfarçado no Convento de Cauliniana, onde se deu a conhecer ao
65 abade frei Romano. Depois de o Rei lhe contar a derrota dos seus exércitos, frei Romano decidiu fugir juntamente com ele, por não se crer em segurança.

Disfarçou-se, como o Rei, meteu numa caixa as relíquias que Santo Agostinho oferecera ao mosteiro e confiou a pequena imagem
70 de Nossa Senhora à guarda do companheiro. Deste modo se reiniciou a peregrinação da Virgem, agora em direção a oeste, até à costa atlântica, onde diz a lenda que terminou, no local onde hoje se levanta a Pederneira.

Diz-se que os caminhantes chegaram àqueles montes inóspitos e
75 escalvados no dia 2 de novembro de 713. No monte, que hoje se
chama de São Bartolomeu, encontraram uma sepultura com uma cruz.
Durante algum tempo, mantiveram-se aí, juntos, como anacoretas, até
que Rodrigo manifestou o desejo de viver só. Frei Romano pegou nas
reliquias e na imagem e mudou-se para o monte fronteiro, o atual
80 Sítio da Nazaré, escondendo os objetos sagrados sob uma lapa.

Os dois eremitas correspondiam-se diariamente através de foguei-
ras. Tinham assim o consolo humano de se saberem acompanhados, e
isso lhes bastava. Mas, a 26 de março de 716, Rodrigo verificou que
não tinha resposta ao seu sinal. Intrigado, desceu a custo o monte de
85 São Bartolomeu e escalou o outro, indo deparar com o corpo sem vida
do companheiro. Abriu-lhe uma cova ao lado da lapa, enterrou-o e,
tomado de súbito horror, abandonou aquele deserto, que só as gaivo-
tas partilhavam consigo em dias de temporal. A caminhada que ini-
ciou, a última da sua atribulada vida, levou-o até próximo de Viseu, no
90 lugar de Fetal, onde se diz que morreu.

Durante quatro séculos e meio, as reliquias e a imagem ficaram
escondidas sob a lapa, no local onde frei Romano as depusera. Em
1178, uns pastores descobriram-nas fortuitamente e espalharam a
notícia do santo achado. Muitos devotos acorreram a venerar a
95 pequena imagem da Senhora da Nazaré, de modo que a população
foi aumentando e formando um núcleo de gente dedicada em espe-
cial à pesca. Em memória da pequena imagem de Nossa Senhora, os
pescadores chamaram à sua terra Nazaré. E tão importante e sabedor
do seu ofício era este grupo de homens que chegou a levar os seus
100 pequenos barcos até às longínquas costas do Algarve, onde o peixe
era mais graúdo e abundante.

FERNANDA FRAZÃO (ed.), *Lendas Portuguesas*, Círculo de Leitores, s/d

COMPREENSÃO

- 1 Considera o primeiro parágrafo do texto.
 - 1.1 A que lenda se refere o narrador?
 - 1.1.1 Mostra que essa lenda não se constitui como o centro da narrativa.
- 2 Atenta, agora, no segundo parágrafo.
 - 2.1 Identifica a localidade aí mencionada e caracteriza-a.
 - 2.2 Prova que a lenda explica o nome da localidade.

3 Relê o início do terceiro parágrafo: «Começa esta história há cerca de mil e quinhentos anos [...]» (ll. 19-20)

3.1 Refere o contexto histórico do início da lenda.

3.2 Conta, por palavras tuas, a história que envolve Ciríaco e a imagem que o acompanha.

3.3 Explica a razão da mudança do nome da imagem.

4 Centra-te nas duas personagens principais da narrativa.

4.1 Identifica-as, referindo o cargo que desempenham.

4.2 Explica o contexto em que se conheceram essas personagens.

4.2.1 Face à situação vivida, que decisão tomaram?

5 Atenta na seguinte informação: «[...] os caminhantes chegaram àqueles montes inóspitos e escavados [...]» (ll. 74-75)

5.1 Que lugares escolhem eles para viver?

5.2 Refere o motivo que leva ao seu afastamento.

5.3 Menciona os objetos que frei Romano leva consigo e o destino que lhes deu.

6 Verifica que, certo dia, algo de estranho aconteceu.

6.1 O que sucedeu?

6.2 Como reagiu Rodrigo?

7 Relê o último parágrafo.

7.1 O que aconteceu quatro séculos e meio depois de Rodrigo ter partido para Fetal?

7.2 Relaciona o sucedido com a localidade aí criada.

8 Ao longo do texto, o narrador vai-se manifestando. Transcreve marcas da sua presença.

8.1 Tendo em conta as características de uma lenda, o que concluis?

9 Completa o quadro fazendo corresponder frases-síntese às marcas temporais que organizam a narrativa. Responde no teu caderno.



Consulta a Ficha informativa 10, «A lenda e o conto popular», na página 136.

Marcas temporais	Frases-síntese
Século IV	(1)
711	(2)
713	(3)
716	(4)
1178	(5)

- 10** Agora que conheces melhor a lenda, assinala no mapa o percurso que a imagem da Virgem fez depois de sair de Belém. Decalca este mapa e realiza a atividade no teu caderno diário.



GRAMÁTICA

- 11** Faz corresponder os vocábulos apresentados na coluna A ao respetivo significado da coluna B. Responde no teu caderno.

A	B
A. «mísera» (l. 25)	1. conhecido
B. «célebre» (l. 29)	2. caminhada
C. «sossego» (l. 41)	3. pobre
D. «peregrinação» (l. 71)	4. desertos
E. «inóspitos» (l. 74)	5. movimentada
F. «atribulada» (l. 89)	6. calma

- 12** Procura as palavras que se seguem no dicionário e, no teu caderno, regista o seu significado.
- a) «precipício» (l. 5)
 - b) «careciam» (l. 54)
 - c) «escalvados» (l. 75)
 - d) «anacoretas» (l. 77)
 - e) «fronteiro» (l. 79)
 - f) «lapa» (l. 80)



- 13 Considera o excerto que reproduz o décimo parágrafo do texto.

«Os dois eremitas correspondiam-se diariamente através de fogueiras. Tinham assim o consolo humano de se saberem acompanhados, e isso lhes bastava. Mas, a 26 de março de 716, Rodrigo verificou que não tinha resposta ao seu sinal. Intrigado, desceu a custo o monte de São Bartolomeu e escalou o outro, indo deparar com o corpo sem vida do companheiro. Abriu-lhe uma cova ao lado da lapa, enterrou-o e, tomado de súbito horror, abandonou aquele deserto, que só as gaivotas partilhavam consigo em dias de temporal. A caminhada que iniciou, a última da sua atribulada vida, levou-o até próximo de Viseu, no lugar de Fetal, onde se diz que morreu.»

13.1 Identifica os determinantes.

13.2 Transcreve os pronomes.

- 14 Observa as frases e identifica as funções sintáticas dos segmentos destacados.

- a) «[...] Ciriaco ofereceu a imagem a São Jerónimo [...]» (Il. 27-28)
- b) «[...] a pequena Virgem do Leite não se ficou no Norte de África [...]» (Il. 30-31)
- c) «O rei Rodrigo, último grande rei dos Visigodos, era o chefe do exército cristão.» (Il. 62-63)
- d) «Os dois eremitas correspondiam-se diariamente através de fogueiras.» (Il. 81-82)

- 15 Partindo do texto, constrói o campo lexical do vocábulo «exército».

- 16 Considera o sexto parágrafo do texto e transcreve:

- a) quatro formas verbais no pretérito imperfeito do indicativo;
- b) uma forma verbal no mais-que-perfeito do indicativo;
- c) quatro formas verbais no pretérito perfeito do indicativo.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 17 Pesquisa a lenda de D. Fuas Roupinho e reconta-a. Planifica o teu texto e faz a sua revisão e correção antes de o concluir.

Depois de ler...

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

A.

- 1 Lê o excerto que se segue.

Nazaré



Junho — 1923

Para aquém de Mira pesca-se sempre da mesma maneira e com idênticos aparelhos, na Tocha, na Costinha, em Quiaios e em Buarcos, onde há uma rede curiosa para o robalo e o sargo — a majoeira que flutua na crista da vaga; pesca-se na Figueira, em Pedrógão e em muitas terrinhas perdidas pela beira-mar, como no areal perto da linda Coimbrã, que me deixou preso ao seu pacífico encanto e às suas casinhas térreas alpendradas. É uma terra de mulheres. São elas que a habitam e que cultivam a areia movediça, enquanto os homens, todos serradores, trabalham em Lisboa no ofício. Mas a Nazaré é a terra mais importante de pescadores nesta parte da costa portuguesa.

10 Do Valado à Nazaré são seis quilómetros, quase sempre através do monótono pinheiral de El-Rei. É um majestoso templo que não acaba e onde a solidão se torna palpável entre os troncos cerrados e sob as copas espessas. Por fim, o caminho desce, passando a Pedreneira, e avista-se lá em baixo a branca Nazaré e o mar apertado num vasto semicírculo de montes verdes, que mergulham no azul os alicerces.

15 Ao norte, o panorama acaba de repente num paredão temeroso, que entra direito pelas águas e entaipa o céu. É um morro avermelhado e riscado, com vegetação pegajosa de urzes e de cardos e um penedo destacado na ponta — o bico do Guilhim. Lá em cima, as paredes brancas duma aldeia árabe entre as sebes de catos hostis — o Sítio. Pedacos de rochas salientes ameaçam desabar a toda a hora...

RAUL BRANDÃO, *Os Pescadores*, Ulisseia, 1995

- 1.1 Partindo da descrição feita no segundo parágrafo e das imagens que acompanham a «Lenda da Nazaré», faz uma ilustração em trabalho interdisciplinar com Educação Visual.

1.1.1 Afixa, juntamente com a turma, os trabalhos produzidos na biblioteca da escola.

1.1.2 Promove um concurso, tendo em vista a escolha da melhor ilustração.



2



B.

Escuta a canção de Rui Veloso «Porto Covo» e completa a letra, no teu caderno.

Porto Covo

Roendo uma (1) na falésia
Olhando um mundo (2) à minha frente
Ouvindo um rouxinol na (3)
No calmo improviso do (4)

5 Em baixo (5) trémulos nas tendas
Ao largo as águas brilham como (6)
E a brisa vai contando velhas (7)
De portos e (8) de piratas

Havia um (9) na ilha
10 Plantado por um vizir de (10)
Que dizem por amor se matou (11)
Aqui no (12) de Porto Covo

A lua já desceu sobre esta (13)
E reina sobre todo este (14)
15 À volta toda a (15) se compraz
Enquanto um (16) assa no braseiro

Ao longe a (17) de um navio
Acende-se no (18) como um desejo
Por trás de mim o bafo do (19)
20 Devolve-me à lembrança o (20)

(refrão)

Roendo uma (21) na falésia
Olhando à minha frente o (22) escuro
Podia ser um (23) na maré
25 Nadando sem passado nem (24)

(refrão)

RUI VELOSO, *Concerto Acústico*, EMI, 2003

3

Pesquisa a lenda de Porto Covo e compara-a com a letra da música.

C.

- 4 Lê a notícia seguinte.

Alunos da Nazaré tornam-se «empreendedores por um dia»

Cerca de 200 alunos da EB 2,3 Amadeu Gaudêncio e do Externato D. Fias Roupinho transformaram-se, no passado dia 25 de fevereiro, em verdadeiros empresários, no âmbito da iniciativa «Empreendedores por Um Dia».

- Os jovens saíram para a rua e
- 5 apresentaram as suas ideias de negócio, desenvolvendo no terreno os conceitos apreendidos nas aulas de empreendedorismo, que estão a ser ministradas aos alunos
- 10 entre o 9.º e o 12.º anos de escolaridade.

- Por toda a vila, foram instaladas bancas de negócios tão diversificados como cafetaria e doçaria,
- 15 medição de tensão arterial e glicemia, prestação de serviços de beleza, venda de artesanato, *karaoke* ou exercícios *antisstress*. Houve mesmo quem, recorrendo às novas tecnologias digitais, colocasse os clientes em destinos tão exóticos quanto as dunas do Sara, uma praia tropical ou as pirâmides do Egito.

- 20 A iniciativa «Empreendedor por Um Dia» é mais uma das atividades inseridas no projeto Nazaré Concelho Empreendedor, que a câmara municipal e a empresa municipal Nazaré Qualifica pretendem desenvolver, com o objetivo de incentivar uma cultura empresarial orientada para o conhecimento e para a inovação.



www.nazarequalifica.pt, 28 de março de 2008 (adaptado)

- 4.1 Regista o título da notícia.
- 4.1.1 Explica-o por palavras tuas.
- 4.2 Responde às questões:
- | | |
|-----------|------------|
| a) Quem? | d) Quando? |
| b) O quê? | e) Como? |
| c) Onde? | f) Porquê? |

Conto literário «Tenório» **LER⁺**

PLANO NACIONAL
DE LEITURA

Antes de começar...

A.

- 1 Lê os textos e observa a imagem.

Em certas regiões do nosso país, existia o costume antigo de preparar um galo especialmente para cantar na chamada Missa da Meia-Noite do dia de Natal...

Esse galo, escolhido entre os melhores de cada terra, gozava de grandes regalias, era tratado com requintes de cautela e tinha uma alimentação privilegiada. [...]

GENTIL MARQUES (org.), *Lendas de Portugal*,
Círculo de Leitores, 1997



O Galo — esta ave tem um grande valor simbólico na tradição popular, pois lembra o arrependimento de S. Pedro, porquanto foi o galo que afirmou a divindade de Jesus Cristo quando o apóstolo negou três vezes o Senhor.

- 5 Aliás, desde tempos remotos, o galo foi sempre considerado como vigilante e profeta do próprio tempo. E há a crença geral de que o seu canto afugenta os maus espíritos e as calamidades. Tal crença está difundida mesmo através de alguns hinos da Igreja e em muitas cantigas populares. Em
10 Roma, no tempo dos Césares, os áugures faziam oráculos usando os galos. Para tanto, desenhavam um círculo no solo, em volta do qual escreviam as letras do alfabeto. E junto das letras colocavam grãos de trigo, para atrair os galos. À maneira que ia picando o trigo, o galo indicava as letras que formavam o
15 oráculo... E para o nosso povo, o galo tem sido e continua a ser, como alguém já disse e muito bem, «um despertador vivo».

GENTIL MARQUES (org.), *Lendas de Portugal*, Círculo de Leitores, 1997

- 1.1 Partindo da imagem, dos textos fornecidos e do título, levanta hipóteses relativamente ao assunto do conto.

Começar a ler...

Prepara a leitura do texto e **lê-o**, depois, **em voz alta**.

Tenório **LER⁺** **MC**
PLANO NACIONAL DE LEITURA EDUCAÇÃO LITERÁRIA METAS CURRICULARES

Esta é a história verdadeira de Tenório, o galo.

Nascido duma ninhada que a senhora Maria Puga deitou amorosamente debaixo das asas chocas da Pedrês, em doze de janeiro, pelas três da tarde, quando a velhota o viu sair da casca, disse logo:

5 — É frango.

E realmente. Aquela amostra de crista que trazia do ovo, poucas semanas depois, parecia já uma mitra. E ninguém mais duvidou de que era frango macho. Dos dois irmãos, muito tinhosos, sempre enjeridos, desses é que a incerteza se manteve por largo tempo.

10 — Que te parece, António?

— Eu sei-te lá, mulher!...

— O da dianteira está-se mesmo a ver. Aquelas três são pitas, com certeza. Agora estes enxalmos...

15 Frangos também, mas fracos. Mal viam gavião sobre o quintal, metiam nojo:

— Piu... Piu... Piu...

Lá parava a mãe de esganarhar.

— Piu... Piu... Piu...

Até metidos nos sovacos da progenitora se borravam!

20 Ele, porém, continuava ao ar livre, a desafiar o inimigo, que planava lá no alto.

— Há de ficar para galo!

E a sujeita tinha palavra. Em maio, por alturas da Ascensão, ao dar de caras com os irmãos degolados e depenados,

25 ainda lhe tremeu a passarinha. Olha que brincadeira! Felizmente que a dona sabia distinguir o trigo do joio, e o deixava para semente... Um futuro bonito, afinal! É certo que não

estava nesse momento em condições de apreciar devidamente a grandeza da sorte que lhe coubera. Muito embora

30 a simples certeza de viver lhe enchesse a alma duma confiança cega no porvir, só daí a algum tempo é que viu claramente o tamanho do seu destino. Quando tal compreendeu, cuidou que estalava de orgulho.





Foi num certo amanhecer de outubro... Que grande dia, esse!
 35 Ao cabo de um sono profundo, acordara cedo, ainda mal se adivi-
 nhava a alvorada pelo buraco da fechadura. Um silêncio de comu-
 nhão. O cheiro forte do mosto que fervia na adega, adocicado, entrava
 pelo corpo dentro e punha-o a sonhar volúpias. E, no meio da mudez
 das coisas e daquele perfume de levedação, começou a sentir uma tal
 40 ânsia de abrir o peito e cantar, que até cuidou que tinha febre e deli-
 rava. Mas não. Felizmente, estava bem de saúde. A estranha sensação,
 que o atormentava era apenas necessidade de se expandir, de anun-
 ciar ao mundo não sabia o quê. Aterrado, tolhido de medo e pudor,
 cerrou a garganta, numa defesa instintiva. Foi o mesmo que nada.
 45 Estoirava, se impedisse por mais tempo a saída dum hino de saudação
 à luz que vinha rompendo! Nenhuma vontade conseguia açaimar o
 grito irreprimível que o sufocava.

E cantou:

Cá-que-rá-cá!...

50 Acordou tudo. Foi como se de repente caísse um raio no gali-
 nheiro e despertasse a mãe, os irmãos e as primas. Ele próprio, mal a
 voz lhe voou da boca, se pôs frio. E, à semelhança dos outros, ficou
 reduzido a uma pergunta e a um pasmo. Mas não acabara sequer de
 entender o que se passava, e já novo brado a sair-lhe do bico:

55 *Cá-que-rá-cá!...*

O som desta vez pareceu-lhe mais são, mais seguro. E acariciou
 por momentos o desenho fino e agudo das notas que lhe ficaram a
 ressoar nos ouvidos maravilhados. Repetiu:

Cá-que-rá-cá!...

60 Qual medo, qual pudor, qual nada! Era ou não era um galo a
 valer?! Ou não via como, em toda a capoeira alvoroçada, do espanto se
 passara a um rumor de pura admiração?... Na capoeira e até lá dentro...

— Ouviste o frango, António?

— Ouvi.

65 Frango! Palermas! O pior é se daí a nada, logo que a patroa
 abriu a porta do quinteiro, não galou ali à sua frente a Calçada, a
 madre abadessa de todo aquele gado! É verdade que foi uma galadela
 à toa, a ferver, trémula, em que nem teve a certeza de ter deixado
 semente no ovelheiro. Mas esteve-lhe trepado em cima como um galo!

70 Como um galo que era já, realmente.

Frango! Seriam falsas, se calhar, as penas doiradas que lhe almo-
 fadavam o peito, e postiços os esporões que, desvanecido, via crescer
 dia a dia nas pernas lisas e musculadas?!

Frango!

75 Foi, de resto, a última vez que a ama se referiu a ele sem a consideração devida. Pouco tempo depois, quando avisou a comadre, já falou doutra maneira.

— Vê se fechas o teu galo, que eu não quero que passe o tempo às turras com o meu!...

80 Hã?! Pois então! Ali, a dar a mão à palmatória, que não tinha outro remédio! E não lhe fazia favor nenhum. Era um galo, e não cuidasse lá o senhor borra-botas do lado que, por ser novo, lhe havia de andar ao beija-mão toda a vida. Melhor fora! Tirava o chapéu aos mais velhos, mas lá cornambanas, isso é que não! Agora, doesse a quem
85 doesse, santa paciência: ali mandava ele. E muito respeitinho! Mas o outro teimava sempre em manter as regalias antigas, e, ao primeiro barulho que surgiu, a dona preveniu a Teodora. Escusadamente, afinal, porque aquilo só à pancada, como teve de ser.

Por acaso estava de invernia. Uma sinclada como não havia lembrança. E nem assim o safado do vizinho teve mão no vício! Muito agasalhado nas penas, com ar de quem vinha à bisca, apareceu no quinteiro. Mostrara-lhe a melhor cara, evidentemente. Se queria apenas espairer, dar dois dedos de cavaco, entrasse e ficasse à vontade. O ladrão, porém, pôs as unhas de fora antes de um credo. Mal acabara de lhe dar as boas-vindas, já o bandalho chamava aos peitos a
95 Garnisé! Cegou-se. O cabrão! E ajustaram as contas logo ali.

Mas o patife sabia da poda. Tinha prática, o filho da mãe! Uma girândola de bicadas facinorosas, sem errar uma. E golpes baixos, de rufia. A matar, o bandido! Felizmente que descobriu o jogo a tempo.

100 E, como o primeiro milho é dos pardais, deixou-o arremeter, a desviar-se o mais que podia. Salto adiante, salto atrás, o preciso para ir tentando. O outro, sem perceber a manobra, sempre de espada erguida. Mas já não era criança. Já lhe pesava o papo. Estava aqui, estava como havia de ir. Continuasse. Não fazia mal que o mulherio
105 do galinheiro, deslumbrado, torcesse pelo farçola. Bicho mulher é assim. Não há que fiar. Esperassem-lhe pela resposta! Até ao lavar dos cestos... Um bom bocado, realmente, foi só negacear o corpo, entreter. E, quando o pedaço de asno começou a perder o fôlego, cansado de um quarto de hora de luta, caiu-lhe em cima como um

110 dragão. E sem olhar a meios! O palerma, a cuidar que levava a melhor! Ora aí tinha. Uma tosa tamanha, que à volta houve um murmúrio de espanto. Mais quatro arrochadas, e lá se foi levado pelo mesmo caminho, num frangalho.



115 Galo! Galo e duma maneira tal, que agora no quinteiro, mal franzia a testa, tremia tudo! E então lindo! A crista caía-lhe dobrada sobre o ouvido. Um rico brinco de cada lado. E em todo o peito, sobre o papo redondo, um avental de penas que pareciam de pavão! Sem falar nas asas, um primor de beleza, nos esporões que, de brancos, lembravam marfim, e naquela rica voz, legítimo orgulho da dona.

120 — Muito bem canta o seu galo, Ti Maria!
— Nem há...

Vaidoso e seguro de si, como é natural, já não cantava só ao amanhecer. Cantava ao dar a meia-noite, às tantas da manhã, e várias vezes pelo dia fora.

125 À meia-noite, era por simples exibição. Àquela hora, gostava de lançar no silêncio recolhido do lugarejo o seu grito escarolado e subversivo. Fraquezas terrenas... Aproveitava a circunstância de toda a gente dormir, para tocar a sentido. E os mortos, claro, ressuscitavam!

De madrugada, abria o peito por grata fidelidade ao amanhecer
130 longínquo em que acordara com a vida a bater-lhe nos sentidos. Não tinha mais consoladora recordação na memória... E festejava-a religiosamente.

Pelo dia adiante, entoava o bendito por motivos particulares... Ah, ele bem sabia que não devia fazer aquilo! Que é feio servir-se a
135 gente dos seus dons naturais para desinquietar lares alheios. Por via disso dera no vizinho a coça que o levava à sepultura, e arranjava sari-lhos a cada momento. De mais a mais não tendo necessidade. Quinze mulheres no harém... Que diabo! Mas um homem não se manda fazer. Natureza desgraçada, a sua! Não se fartava! E, quando em casa
140 já tudo se desviava do seu andar de lado, não havia outro remédio senão fazer chegar lá fora um grito de fome. De resto, também gostava de variar... Sabia-lhe pela vida uma extravagância!

— É danado, o seu galo! Onde não chega, manda. Leva as frangas cá do povo a eito...

145 Era a Júlia Pirraças a falar à dona. Ele ouvia com ar modesto. Por dentro, a babar-se, evidentemente. Quem é que não gosta que lhe louvem as valentias?... Ah, se não fosse o espinho que começava a crescer-lhe no coração!...

— E tenho aí um filho que não lhe há de ficar atrás...

150 O espinho. Entusiasmada com aquela virilidade, a velha lembrara-se de lhe aproveitar a casta. Andava a criar um cachopo da penúltima ninhada. E não é que o fedelho crescia e prometia?! Raios partissem a sorte! Quando tudo lhe corria às mil maravilhas — fartura,

saúde e paz de espírito — aquilo! Claro: passou a empreender no
155 caso, a afligir-se. Cumpria as obrigações, cantava, dava o seu dedo de
conversa, mas às duas por três lá vinha a mortificação. Por mais que
tentasse disfarçar, não havia maneira.

— O galo velho tem coisa...

Galo velho! Isto é que era uma vida!... Andava um homem sabe
160 Deus como, roído por dentro, não lhe apetecia arreganhar os dentes,
e logo uma sentença sem apelo: — galo velho! Parece que não dera
motivos a ninguém para semelhante juízo?!... O mulhredo continuava
a aninhar-se mal o via dar meia volta sobre a asa, e ainda nenhuma se
queixara de falta de assistência. Pelo menos, que lhe constasse. A não
165 ser que alguma serigaita... Teria a dona surpreendido qualquer pouca
vergonha? Precisava de arregalar os olhos.

— Mata-se, e faz-se um bolo. O filho já dá conta do recado...

Era o senhor menino, então, que começava a pôr as unhas de
fora! Ah, mas saía-lhe cara a brincadeira! Oh, se saía! Garoto! Um
170 chafedes, ainda com os cueiros agarrados ao rabo, e a fazer-se fino!
Ele que o apanhasse com a boca na botija!...

Passou a vigiar o rapaz dia e noite, mordido duns ciúmes de
morte. Mas nada conseguiu descobrir. Durante o resto do verão, não
teve a menor razão de queixa. O moço portava-se na linha. E pôde
175 respirar com mais sossego.

Ora justamente em outubro, fazia três anos que se estreara,
desabou a trovoada. Acordara para tocar a alvorada. O mesmo silên-
cio profundo enchia a noite, e o mesmo cheiro forte de mosto toldava
tudo. E, ao abrir a garganta, rompe a seu lado um canto tão cristalino
180 e tão puro, que se calou.

— Ouviste o frango?

— Ouvi.

Não havia dúvida nenhuma: a formiga tinha catarro. Ou cortava
o mal pela raiz, ou estava perdido.

185 A manhã vinha a romper e, com a luz do dia, a casa movimen-
tou-se. Às tantas, a velha começou a afiar a faca no alguidar.

Quê? Seria possível?! O raio da mulher teria alma de o degolar?!
Mas ele ainda a pôr o caso em teoria, e já ela a deitar-lhe as mãos.
— Cá-que-rá-cá!...

O filho, outra vez. Aquele maldito filho, que a dona não depe-
nara juntamente com os outros irmãos.

MIGUEL TORGA, *Bichos*, edição do autor, 1995



COMPREENSÃO

1



Classifica as seguintes afirmações como verdadeiras (V) ou falsas (F).

- A. A história de Tenório, o cão, é falsa.
- B. Tenório era um galo que vivia na capoeira da senhora Maria Puga.
- C. António era o filho da senhora Maria Puga.
- D. Tenório era igual aos irmãos.
- E. Tenório orgulhava-se de ser galo e só descobriu quando cantou pela primeira vez.
- F. O galo sentiu-se ofendido ao escutar a dona chamar-lhe «frango».
- G. O galo envolveu-se numa briga com o rival vizinho e não venceu a querela.
- H. Tenório tornou-se um vaidoso e cantava a toda a hora.
- I. O velho galo começou a sentir-se ameaçado pelas qualidades do filho.
- J. Ao fim de três anos de vida, Teodora, a dona, decidiu degolá-lo.

1.1 Justifica as afirmações que classificaste como verdadeiras com citações do texto.

1.2 Transforma as afirmações falsas em verdadeiras.

2



Ordena cronologicamente as sequências narrativas que constituem a ação do conto. Responde no teu caderno.

- A — A dona resolveu que o Tenório ficava para galo de capoeira, adivinhando-lhe um futuro promissor.
- B — Tenório teve o mesmo fim que o seu progenitor, sendo substituído pelo novo frango.
- C — A fim de marcar o seu território, Tenório deu uma valente tarefa ao galo da Teodora, comadre de Maria Puga.
- D — Demonstrando um orgulho desmedido, Tenório cantava sempre que lhe apetecia e a qualquer hora do dia e da noite, chegando mesmo a visitar as capoeiras vizinhas.
- E — Tenório, o galo, nasceu de uma das ninhadas da Pedrês, cuja dona era Maria Puga.
- F — Tenório começou a vigiar atentamente o novo frango, com o intuito de mostrar quem mandava na capoeira.
- G — Tenório tinha-se afirmado como galo dominante, tanto pelo seu aspeto físico como pelo tom do seu canto.
- H — Maria Puga andava a criar um frango, descendente de Tenório.
- I — Finalmente, numa manhã de outubro, Tenório cantou pela primeira vez, anunciando o nascer do dia.

J — Certo dia, Tenório começou a ficar preocupado sem uma razão aparente.

K — Os donos, reparando nas alterações comportamentais de Tenório, começaram a ficar preocupados e atentos ao que se passava.

L — Tenório começava a revelar-se: galou a Calçada, a galinha mais velha da capoeira.

M — Desde muito cedo que Tenório se distinguia dos outros frangos, evidenciando muita coragem e ousadia.

N — Inesperadamente, um dia, em outubro, o novo frango entoou pela primeira vez o seu canto, tão puro e cristalino como o do seu progenitor.

2.1 Refere o modo como estão organizadas as sequências narrativas. Justifica a tua resposta.

3 Atenta no primeiro parágrafo do texto: «Esta é a história verdadeira de Tenório, o galo.» (l. 1).

3.1 Classifica a personagem quanto ao relevo e à composição. Fundamenta o teu parecer.

3.2 Completa o quadro, no teu caderno, caracterizando o comportamento de Tenório.



	Comportamento de Tenório
Infância	(1)
Juventude	(2)
Idade adulta	(3)

4 Considera a passagem: «Foi num certo amanhecer de outubro...» (l. 34).

4.1 Caracteriza o ambiente que envolvia Tenório.

4.2 Refere o que aconteceu nesse dia.

4.3 Comenta a reação despertada nos familiares.

5 Ao longo do conto, Tenório aparece personificado muitas vezes, recorrendo o narrador à expressão do pensamento do galo.

5.1 Transcreve três passagens em que se verifique essa situação.

5.2 Classifica o narrador quanto à presença e à ciência. Justifica a tua resposta.

- 6** Atenta no espaço onde decorre a ação.
- 6.1** Faz o levantamento de três marcas espaciais.
- 6.2** Caracteriza esse espaço.
- 7** Como decerto reparaste, a narrativa recorre a uma linguagem popular.
- 7.1** Transcreve quatro exemplos da utilização desse registo informal.
- 7.2** Transcreve três ditados populares.
- 8** Comenta o sentido das seguintes passagens:
- a)** «Felizmente que a dona sabia distinguir o trigo do joio [...]» (l. 26)
- b)** «Um silêncio de comunhão.» (ll. 37-38)
- c)** «Mas o patife sabia da poda.» (l. 97)
- d)** «Ah, se não fosse o espinho que começava a crescer-lhe no coração!...» (ll. 147-148)
- e)** «Era o senhor menino, então, que começava a pôr as unhas de fora.» (ll. 168-169)
- 9** Atenta na frase: «Claro: passou a empreender no caso, a afligir-se.» (ll. 154-155)
- 9.1** Explica a preocupação de Tenório.
- 9.2** Relaciona-a com o desfecho do conto.
- 10** O conto apresenta uma certa circularidade de acontecimentos. Refere três situações em que isso ocorra.

GRAMÁTICA

- 11** No teu caderno diário, faz corresponder os vocábulos apresentados na coluna A ao respetivo significado da coluna B.



A	B
A. «dianteira» (l. 12)	1. matar
B. «atormetava» (l. 42)	2. grito
C. «brado» (l. 54)	3. destino
D. «alvorçada» (l. 61)	4. frente
E. «sorte» (l. 153)	5. sobressaltada
F. «degolar» (l. 187)	6. preocupava

- 12** Transcreve dois exemplos de onomatopeias.
- 12.1** Identifica as formas verbais correspondentes.
- 12.2** Escreve duas frases em que uses cada uma das onomatopeias e a respetiva forma verbal.

13 Relê o décimo quarto parágrafo.

13.1 Identifica as formas verbais aí presentes.

13.1.1 Refere os tempos verbais em que se encontram.

13.1.2 Reescreve a primeira frase desse parágrafo no presente do indicativo.

13.2 Transcreve duas frases exclamativas e duas declarativas.

13.2.1 Identifica a sua polaridade.

13.2.2 Reescreve-as invertendo a sua polaridade.

13.3 Copia três advérbios e apresenta o adjetivo correspondente.

14 Centra-te nas frases seguintes.

a) «A **crista** caía-**lhe** dobrada sobre o ouvido.» (ll. 115-116)

b) «— Muito bem canta **o seu galo**, **Ti Maria!**» (l. 120)

14.1 Faz a análise sintática dos segmentos destacados.

14.2 Faz a expansão das frases acrescentando à alínea a) um modificador constituído por um grupo adverbial e à b) um modificador constituído por um grupo preposicional.

Consulta a Ficha informativa 16, «As funções sintáticas», na página 158.

15 Transcreve hipónimos do vocábulo «ave».

16 Atenta no conjunto de palavras que se seguem.

a) era c) cerrou e) roído

b) voz d) houve f) vez

16.1 Escreve a palavra homófona correspondente a cada uma.

16.2 Escreve frases para cada um dos pares de palavras que obtiveste.

17 Coloca no plural a expressão destacada na passagem: «[...] e não cuidasse lá o senhor **borra-botas** [...].» (ll. 81-82).

17.1 Explicita a regra de formação do plural que aplicaste.

EXPRESSÃO ESCRITA/EXPRESSÃO ORAL

18 Imagina que o experiente Tenório estava a conversar com o seu filho sobre as dificuldades da vida.

18.1 Produz um texto criativo e original em que recries essa conversa entre pai e filho. Planifica a tua redação e faz-lhe uma revisão final antes de a dares por concluída.

18.2 Compara o teu texto com os dos teus colegas, lendo-o à turma em voz alta.

18.3 Escolhe o texto que consideres ser o melhor, expondo as razões dessa preferência.

Depois de ler...

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

A.

- 1** Lê a fábula que se segue.

Os dois galos

Dois galos se meteram em peleja
A fim de se saber qual deles seja
O capataz de um bando de galinhas:
Unhadas e picadas tão daninhas

5 Levou um, que se deu por convencido,
E andava envergonhado e escondido.
O vencedor se encheu de tanta glória,
Que para fazer pública a vitória,
Pôs-se de alto, voou sobre umas casas;

10 Ali cantava, ali batia as asas.
Andando nessas danças e cantares,
Veio uma águia, levou-o pelos ares;
E saindo o que estava envergonhado,
Gozou do seu ofício descansado.

15 Quem contemplasse bem quão pouco dura
Neste mundo qualquer prosperidade,
Livre estava de inchar por vaidade
Com um leve sucesso de ventura.
O que tem a alegria por segura,

20 É doente, e o seu mal fatuidade:
Que ela passa com muita brevidade,
E vem logo a tristeza, e muito atura.
De mudanças o mundo está tão cheio,
Que hoje rio, amanhã estou sentindo

25 Uma grande desgraça que me veio:
Delira quem dos tristes anda rindo;
Que é absurdo gostar do mal alheio,
Quando o próprio a instantes está vindo.

COUTO GUERREIRO, *Fábulas de La Fontaine*, Texto Editores, 2001

- 2 Identifica, na fábula, dois ensinamentos úteis para a vida.

B.

- 3 Faz uma pesquisa de receitas culinárias em que o ingrediente principal seja o galo.

3.1 Apresenta a receita à turma. Se possível, faz a apresentação com o auxílio de um suporte informático.

3.2 Elejam a melhor receita e proponham a sua confeção no refeitório da vossa escola.

- 4 Em trabalho de grupo prepara uma leitura dramatizada da fábula que acabaste de estudar.

4.1 Apresenta oralmente à turma o resultado desse trabalho.

C.

- 1 Lê os restantes contos de *Bichos*, de Miguel Torga. Selecciona o teu preferido e reconta-o oralmente à turma.



Leitura integral 4

Começar a ler...

Propomos-te de seguida mais um conto de Miguel Torga (*Bichos*). Lê-o com atenção e, no fim, responde ao questionário proposto.



Fez um esforço. Embora ardesse numa chama de fúria, tentou refrear os nervos e medir com a calma possível a situação.

Estava, pois, encurralado, impedido de dar um passo, à espera de que lhe chegasse a vez! Um ser livre e natural, um toiro nado e
5 criado na lezíria ribatejana, de gaiola como um passarinho, condenado a divertir a multidão!

Irreprimível, uma onda de calor tapou-lhe o entendimento por um segundo. O corpo, inchado de raiva, empurrou as paredes do cubículo, num desespero de Sansão.

10 Nada. Os muros eram resistentes, à prova de quanta força e quanta justa indignação pudesse haver. Os homens, só assim: ou montados em cavalos velozes e defendidos por arame farpado, ou com sebes de cimento armado entre eles e a razão dos mais...

Palmas e música lá fora. O Malhado dava gozo às senhorias...

15 Um frémito de revolta arrepiou-lhe o pelo. Dali a nada, ele. Ele, Miura, o rei da campina!

A multidão calou-se. Começou a ouvir-se, sedante, nostálgico, o som grosso e pacífico das chocas.

20 A planície!... O descampado infinito, loiro de sol e trigo... O ilimitado redil das noites luarentas, com bocas mudas, limpas, a ruminar o tempo... A fornalha escaldante, sedenta, desesperante, que o estríduo das cegarregas levava ao rubro.

Novamente o silêncio. Depois, ao lado, passos incertos de quem entra vencido e humilhado no primeiro buraco...

25 Refrescou as ventas com a língua húmida e tentou regressar ao paraíso perdido.

A planície...

Um som fino de corneta.

Estremeceu. Seria agora? Teria chegado, enfim, a sua vez?

30 Não chegara. Foi a porta da esquerda que se abriu, e o rugido soturno que veio a seguir era do Bronco.

Sem querer, cresceu outra vez quanto pôde para as paredes estreitas do cárcere. Mas a indignação e os músculos deram em pedra fria.

A planície... O bebedoiro da Terra-Velha, fresco, com água limpa
35 a espelhar os olhos...

Assobios.

O Bronco não fazia bem o papel...

Um toque estranho, triste, calou a praça e rarefez o curro.

Rápida e vaga, a sombra do companheiro passou-lhe pela vista
40 turva. Apertou-se-lhe o coração. Que seria?

Palmas, música, gritos.

Um largo espaço assim, com o mundo inteiro a vibrar para além
da prisão. Algum tempo depois, novamente o silêncio e novamente as
notas lúgubres do clarim.

45 Todo inteiro a escutar o dobre a finados, abrasado de não sabia
que lume, Miura tentava em vão encontrar no instinto confuso o des-
tino do amigo.

Subitamente, abriu-se-lhe sobre o dorso um alçapão, e uma fer-
roadada fina, funda, entrou-lhe na carne viva. Cerrou os dentes, e arqueou-
50 -se, num ímpeto.

Desgraçadamente, não podia nada. O senhor homem sabia bem
quando e como as fazia. Mas por que razão o espetava daquela
maneira?

Três pancadas secas na porta, um rumor de tranca que cede,
55 uma fresta que se alargou, deram-lhe num relance a explicação do
enigma da agressão: chegara a sua vez.

Nova picada no lombo.

— Miura! Cornudo!

Dum salto todo muscular, quase de voo, estava na arena.

60 Pronto!

A tremer como varas verdes, de cólera e de angústia, olhou à
volta. Um tapume redondo e, do lado de lá, gente, gente, sem acabar.

Com a pata nervosa escarvou a areia do chão. Um calor de bosta
macia correu-lhe pelo rego do servidoiro. Urinou sem querer.

65 Gritos da multidão.

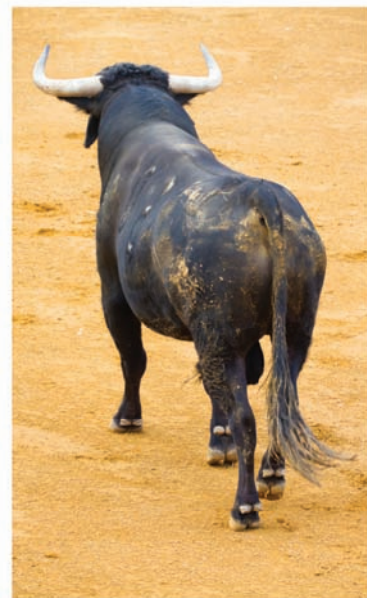
Que papel ia representar? Que se pedia do seu ódio?

Hesitante, um tipo magro, doirado, entrou no redondel.

Olhou-o a frio. Que força traria no rosto mirrado, nas mãos ama-
relas, para se atrever assim a transpor a barreira?

70 A figura franzina avançou.

Admirado, Miura olhava aquela fragilidade a dois pés. Olhava-a
sem pestanejar, olímpica e ansiosamente.



Com ar de quem joga a vida, o manequim de lantejoulas caminhava sempre. E, quando Miura o tinha já à distância dum arranco, e
75 ainda sem compreender olhava um tal heroísmo, enfatuadamente o outro bateu o pé direito no chão e gritou:

— Eh! boi! Eh! toiro!

A multidão dava palmas.

— Eh! boi! Eh! toiro!

Tinha de ser. Já que desejavam tão ardentemente o fruto da sua
80 fúria, ei-lo.

Mas o homem que visou, que atacou de frente, cheio de lealdade, inesperadamente transfigurou-se na confusão de uma nuvem vermelha, onde o ímpeto das hastes aguçadas se quebrou desiludido.

Cego daquele ludíbrio, tornou a avançar. E foi uma torrente de
85 energia ofendida que se pôs em movimento.

Infelizmente, o fantasma, que aparecia e desaparecia no mesmo instante, escondera-se covardemente de novo por detrás da mancha atordoadora. Os cornos ávidos, angustiados, deram em cor.

Mais palmas ao dançarino.

90 Parou. Assim nada o poderia salvar. À suprema humilhação de estar ali, juntava-se o escárnio de andar a marrar em sombras. Não. Era preciso ver calmamente. Que a sua raiva atingisse ao menos o alvo.

O espectro doirado lá estava sempre. Pequenino, com ar de troça,
95 olhava-o como se olhasse um brinquedo inofensivo.

Silêncio.

Esperou. O homem ia desafiá-lo certamente outra vez.

Tal e qual. Inteiramente confiado, senhor de si, veio vindo, veio vindo, até lhe não poder sair do domínio dos chifres.

100 Agora!

De novo, porém, a nuvem vermelha apareceu. E de novo Miura gastou nela a explosão da sua dor.

Palmas, gritos.

Desesperado, tornou a escavar o chão, agora com as patas e
105 com os galhos. O homem!

Mas o inimigo não desistia. Talvez para exaltar a própria vaidade, aparentava dar-lhe mais oportunidades. Lá vinha todo empertigado, a apontar dois pequenos paus coloridos, e a gritar como há pouco:

— Eh! toiro! Eh! boi!

110 Sem lhe dar tempo, com quanta alma pôde, lançou-se-lhe à figura, disposto a tudo. Não trouxesse ele o pano mágico, e veríamos!

Não trazia. E, por isso, quando se encontraram e o outro lhe pregou no cachaço, fundas, dolorosas, as duas farpas que erguia nas
115 mãos, tinha-lhe o corno direito enterrado na fundura da barriga mole.

Gritos e relâmpagos escarlates de todos os lados.

Passada a bruma que se lhe fez nos olhos, relanceou a vista pela plateia. Então?!

Como não recebeu qualquer resposta, desceu solitário à consciência do seu martírio. Lá levavam o moribundo em braços, e lá saltava
120 na arena outro farsante doirado.

Esperou. Se vinha sem a capa enfeitada, sem o diabólico farapo que o cegava e lhe perturbava o entendimento, morria.

Mas o outro estava escudado.

125 Apesar disso, avançou. Avançou e bateu, como sempre, em algodão.

Voltou à carga.

O corpo fino do toureiro, porém, fugia-lhe por artes infernais.

Protestos da assistência.

130 Avançou de novo. Os olhos já lhe doíam e a cabeça já lhe andava à roda.

Humilhado, com o sangue a ferver-lhe nas veias, escarvou a areia mais uma vez, urinou e roncou, num sofrimento sem limites. Miura, joguete nas mãos dum zé-ninguém!

135 Num ímpeto, sem dar tempo ao inimigo, caiu sobre ele. Mas quê! Como um gamo, o miserável saltava a vedação.

Desesperado, espetou os chifres na tábua dura, em direção à barriga do fugitivo, que arquejava ainda do outro lado. Sangue e suor corriam-lhe pelo lombo abaixo.

140 Ouviu uma voz que o chamava. Quem seria? Voltou-se. Mas era um novo palhaço, que trazia também a nuvem, agora pequena e triangular.

Mesmo assim, quase sem tino e a saber que era em vão que avançava, avançou.

145 Deu, como sempre, na miragem enganadora.

Renovou a investida. Iludido, outra vez.

Parou. Mas não acabaria aquele martírio? Não haveria remédio para semelhante mortificação?

150 Num último esforço, avançou quatro vezes. Nada. Apenas palmas ao ator.

Quando? Quando chegaria o fim de semelhante tormento?



Subitamente, o adversário estendeu-lhe diante dos olhos congestionados o brilho frio dum estoque.

Quê?! Pois poderia morrer ali, no próprio sítio da sua humilhação?! Os homens tinham dessas generosidades?!

155 Calada, a lâmina oferecia-se inteira.

Calmamente, num domínio perfeito de si, Miura fitou-a bem. Depois, numa arremetida que parecia ainda de luta e era de submissão, entregou o pescoço vencido ao alívio daquele gume.

MIGUEL TORGA, *Bichos*, edição do autor, 1995

COMPREENSÃO

- 1 «Embora ardesse numa chama de fúria, tentou refrear os nervos e medir com a calma possível a situação.» (ll. 1-2)
 - 1.1 Explica o motivo que levava Miura a sentir-se furioso.
- 2 O touro tinha uma boa opinião dos homens? Justifica a tua resposta transcrevendo, para o efeito, um excerto do texto.
- 3 Identifica o local que o animal relembra constantemente enquanto está enclausurado.
 - 3.1 O que leva Miura a evocar este lugar?
- 4 Enuncia os sentimentos manifestados por Miura no momento em que é forçado a entrar na arena.
- 5 «Passada a bruma que se lhe fez nos olhos, relanceou a vista pela plateia. Então?!» (ll. 117-118)
 - 5.1 Por que razão se mostra Miura perplexo com a ausência de reação por parte da plateia?
- 6 Explica o motivo por que, no desenlace, se afirma que a arremetida de Miura, apesar de parecer «de luta», era, na realidade, «de submissão» (ll. 157-158).

EXPRESSÃO ORAL

- 7 Touradas: tradição legítima ou crueldade inaceitável?
 - 7.1 Realiza um debate com os teus colegas sobre este assunto, procurando que cada um exponha a sua opinião de forma fundamentada.

Leitura integral 5

Começar a ler...

Apresentamos-te ainda o conto «Mestre Finezas», de Manuel da Fonseca (*Aldeia Nova*). Lê-o com atenção e, no fim, responde ao questionário proposto.

Mestre Finezas



Agora entro, sento-me de perna cruzada, puxo um cigarro, e à pergunta de sempre respondo soprando o fumo:

— Só a barba.

Ora é de há pouco este meu à-vontade diante do Mestre Ilídio

5 Finezas.

Lembro-me muito bem de como tudo se passava. Minha mãe tinha de fingir-se zangada. Eu saía de casa, rente à parede, sentindo que aquilo era pior que ir para a escola.

Mestre Finezas puxava um banquinho para o meio da loja e enro-
10 lava-me numa enorme toalha. Só me ficava a cabeça de fora. Como o tempo corria devagar! A tesoura tinha e cortava junto das minhas orelhas. Eu não podia mexer-me, não podia bocejar sequer. «Está quieto, menino», repetia Mestre Finezas segurando-me a cabeça entre as pontas duras dos dedos: «Assim, quieto!» Os pedacitos de cabelo
15 espalhados pelo pescoço, pela cara, faziam comichão e não me era permitido coçar. Por entre as madeixas caídas para os olhos via-lhe, no espelho, as pernas esguias, o carão severo de magro, o corpo alto, curvado. Via-lhe os braços compridos, arqueados como duas garras sobre a minha cabeça. Lembrava uma aranha.

20 E eu — sumido na toalha, tolhido numa posição tão incómoda que todo o corpo me doía — era para ali uma pobre criatura indefesa nas mãos de Mestre Ilídio Finezas.

Nesse tempo tinha-lhe medo. Medo e admiração. O medo resultava do que acabo de contar. A admiração vinha das récitas dos ama-
25 dores dramáticos da vila.

Era pelo inverno. Jantávamos à pressa e nessas noites minha mãe penteava-me com cuidado. Calçava uns sapatos rebrilhantes e umas peúgas de seda que me enregelavam os pés. Saíamos. E, no negrume da noite que afogava as ruas da vila, eu conhecia pela voz famílias
30 que caminhavam na nossa frente e outras que vinham para trás. Depois, ao entrar no teatro, sentia-me perplexo no meio de tanta luz e gente silenciosa. Mas todos pareciam corados de satisfação.

Daí a pouco, entrava num mundo diferente. Que coisas estranhas aconteciam! Ninguém ali falava como eu ouvia cá fora. E mesmo quando calados tinham outro aspeto; constantemente a mexerem os braços. Mestre Finezas era o que mais se destacava. E nunca, que me recorde, o pano desceu, no último ato, com Mestre Finezas ainda vivo. Quase sempre morria quando a cortina principiava a descer e, na plateia, as senhoras soluçavam alto.

40 Aquelas desgraças aconteciam-lhe porque era justo e tomava, de gosto, o partido dos fracos. E, para que os fracos vencessem, Mestre Finezas não tinha medo de nada nem de ninguém. Heroicamente, de peito aberto, e com grandes falas, ia ao encontro da morte.

Eu arrepiava-me todo.

45 Uma noite Mestre Finezas morreu logo no primeiro ato. Foi um desapontamento. Todos criticaram pelo corredor, no intervalo. «O melhor artista morrer mal entra em cena!... Não está certo! Agora vamos gravar quatro atos só com canastrões!», dizia o doutor delegado a meu pai.

50 Mas a cena tinha sido tão viva e a sua morte tão notada durante o resto do espetáculo que, no outro dia, me surpreendi ao vê-lo caminhando em direção à loja.

Ora havia também um outro motivo para a minha admiração. Era o violino. Mestre Finezas, quando não tinha fregueses, o que era
55 frequente durante a maior parte do dia, tocava violino. E, muita vez, aconteceu eu abandonar os companheiros e os jogos e quedar-me, suspenso, a ouvi-lo, de longe.



Era bem bonito. Uma melodia suave saía da loja e enchia a vila de tristeza.

60 Passaram anos. Um dia, parti para os estudos. Voltei homem. Mestre Finezas é ainda a mesma figura alta e seca. Somente tem os cabelos todos brancos.

— Olha bem para mim, — pede-me às vezes — olha bem e diz lá se este é o mesmo homem que tu conheceste?...

65 Finjo-me admirado de uma tal pergunta. Procuro convencê-lo de que sim, de que ainda é. Compreende as minhas mentiras e abana docemente a cabeça:

— Estou um velho, Carlinhos!...

Vou lá de vez em quando. A loja está sempre deserta. As mãos 70 muito trémulas de Mestre Finezas mal seguram agora a navalha. Também abriram, na vila, outras barbearias cheias de espelhos e vidrinhos, e letreiros sobre as portas a substituírem aquela bola com um penacho que Mestre Finezas ainda hoje tem à entrada da loja.

Mestre Finezas passa necessidades. Vive abandonado da família, 75 com a mulher entrevada, num casebre próximo do castelo. Eu sou um dos raros fregueses e o seu único confidente.

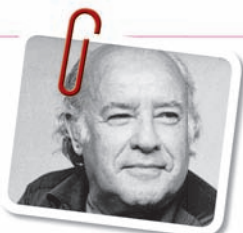
Algo de comum nos aproximou. Ilídio Finezas sonhou ser um grande artista, ir para a capital, e quem sabe se pelo mundo fora. Eu falhei um curso e arrasto, por aqui, uma vida de marasmo e ociosidade. Há entre mim e esta gente da vila uma indiferença que não consigo vencer. O meu desejo é partir breve. Mas não vejo como. E, quando 80 o presente é feio e o futuro incerto, o passado vem-nos sempre à ideia como o tempo em que fomos felizes. Daí eu ser o confidente de Mestre Finezas.

85 Ele ajuda as minhas recordações contando-me dos dias a que chama da «sua glória». Estamos sozinhos na loja. De navalha em punho, Mestre Finezas declama cenas inteiras dos «melhores dramas que já se escreveram». E há nele uma saudade tão grande das noites em que fazia soluçar de amor e mágoa as senhoras da vila que, amiúde, esquece tudo o que o cerca e fica, longo tempo, parado. Os seus 90 olhos ganham um brilho metálico. Fixos, olham-me mas não me veem. Estão a ver para lá de mim, através do tempo.

Lentamente, aflora-lhe aos lábios, premidos e brancos, um sorriso doloroso.

95 — Eu fui o maior artista destas redondezas!... — murmura.

Na cadeira, com a cara ensaboada, eu revivo a infância e sonho o futuro. Mestre Finezas já nem sonha; recorda só.



Biografia

Manuel da Fonseca (1911-1993)

Poeta, contista, romancista e cronista, Manuel da Fonseca, estudou também Belas-Artes, em Lisboa.

Nasceu em Santiago do Cacém, sendo o Alentejo o espaço de eleição dos seus primeiros textos; mais tarde, passou a centrar-se em Lisboa a partir do livro de contos *Um Anjo no Trapézio*. Considerado por muitos como um dos melhores escritores do neorrealismo português, Manuel da Fonseca transporta para as suas obras uma assinalável intervenção social e política.

Obra: *Rosa dos Ventos*; *Planície*; *Poemas Completos*; *Aldeia Nova*; *O Fogo e as Cinzas*; *A Torre da Má Hora*; *Cerromaior*; *Seara de Vento*; *Crónicas Algarvias*; *O Vagabundo na Cidade*; ...

De novo, a mão treme-lhe junto da minha cara. No espelho, vejo-lhe o busto mirrado, os cabelos escorridos e brancos. Oiço-lhe a voz desencantada:

100

— A navalha magoa-te?

Uma onda de ternura por aquele velho amolece-me. Dá-me vontade de lhe dizer que não, que a navalha não magoa, que nem sequer a sinto. O que magoa é ver a presença da morte alastrando pelas paredes escuras da loja, escorrendo dos papéis caídos do teto, envolvendo-o cada vez mais, dobrando-lhe o corpo para o chão...

105

Mas Mestre Finezas parece nada disto sentir. Salta de um assunto para outro com facilidade. Preciso de tomar atenção para lhe seguir os fios do pensamento. Agora faz-me queixas da vila. E termina como sempre:

110

— Esta gente não pensa noutra coisa que não seja o negócio, a lavoura. Para eles, é a única razão da vida...

Volto a cabeça e olho-o. Sei o que vai dizer-me. Vai falar-me do abandono a que o votaram. Vai falar-me do teatro, da música, da poesia. Vai repetir-me que a arte é a coisa mais bela da vida. Mas não.

115

Já nos entendemos só pelo olhar. Mestre Finezas salta por cima de tudo isto e ergue a navalha num lance teatral:

— Que sabem eles da arte? Tu que estudaste, tu sabes o que é a arte. Eles hão de morrer sem nunca terem gozado os mais belos momentos que a vida pode dar!...

120

Atravessou a loja, abriu um armário cavado na parede, e tirou o violino.

— Eu não te disse nada, Carlinhos, mas, olha, tenho vendido tudo para não morrer de fome... Tudo. Mas isto!...

Estendeu o violino na minha direção e continuou, reprimindo um

125

soluço:

— Isto nem que eu morra!... É a minha última recordação...

Calou-se por longo tempo de olhos no chão. Depois, de boca muito descerrada, disse-me como quem pede uma esmola:

— Tu queres ouvir uma música que eu tocava muito, Carlinhos?...

130

— Quero!... — respondi, forçando um sorriso de agrado.

Nem me ouviu. Estava, ao meio da loja, entre mim e a porta e prendia o violino no queixo.

O arco roçou pelas cordas e um murmúrio lento começou, no silêncio que vinha das ruas da vila e enchia a casa. Lentamente, o fio

135

de música ia engrossando. Era agora mais forte — agudo, desamparado como um choro aflito. E demorava, ondeava por longe, vinha e penetrava-me de uma sensação dolorosa.

Levantei-me de toalha caída no peito, cara ensaboada, preso não sei de que vagos desgostosos pensamentos. Talvez pensasse em fugir,
140 pedir-lhe que não tocasse mais aquela música desarmada e triste.

Mas, na minha frente, Mestre FINEZAS, alheio a tudo, fazia gemer o seu violino, as suas recordações. O sol da meia tarde entrava pela porta e aureolava-o de uma luz trémula. E erguia o corpo como levado na toada que os seus dedos desfiavam; ficava nos bicos dos pés, todo
145 jogado para o teto.

De súbito, uma revoada de notas soltaram-se, desencontradas, raivosas. Encheram a loja, e ficaram vibrando...

Os braços caíram-lhe para os lados do corpo. Numa das mãos segurava o arco, na outra o violino. E, muito esguio, macilento, Mestre
150 FINEZAS curvou a cabeça branca, devagar, como a agradecer os aplausos de um público invisível.

MANUEL DA FONSECA, *Aldeia Nova*, Caminho, 1996

COMPREENSÃO

- 1 No início da narrativa, o narrador evoca acontecimentos da sua infância.
1.1 Transcreve a frase que marca o início deste recuo temporal.
- 2 Que sentimentos nutria o narrador, na sua infância, por Mestre FINEZAS?
2.1 Porquê?
- 3 Considera a passagem: «Passaram anos.» (l. 60).
3.1 Como se alterou a vida de Mestre FINEZAS durante este período?
- 4 Lê a frase: «Algo de comum nos aproximou.» (l. 77).
4.1 Explica o que têm o narrador e Mestre FINEZAS em comum.
- 5 Por que motivo se recusou Mestre FINEZAS a vender o seu violino?

EXPRESSÃO ORAL

- 6 Atenta na passagem: «Vai falar-me do abandono a que o votaram.» (ll. 112-113)
6.1 Tal como sucedeu a Mestre FINEZAS, muitos idosos são pouco valorizados na sociedade contemporânea. Realiza uma pequena investigação sobre este tema e apresenta as tuas conclusões à turma, numa exposição oral devidamente estruturada.



Biografia

Luis Sepúlveda
(n. 1949)

Nasceu em Ovalle (Chile), tornando-se conhecido quando, em 1992, publicou em França *O Velho Que Lia Romances de Amor*. É um dos escritores de língua espanhola mais lidos em todo o mundo, aliando na sua escrita versatilidade e qualidade literária.

Obra: *O Velho Que Lia Romances de Amor*; *Rosas de Atacama*; *Patagónia Express*; *História de Uma Gaivota e do Gato Que a Ensinou a Voar*; ...



Texto A

Mar do Norte



— Banco de arenques a bombordo! — anunciou a gaivota de vigia, e o bando do Farol da Areia Vermelha recebeu a notícia com grasnidos de alívio.

Iam com seis horas de voo sem interrupções e, embora as gaivotas-piloto as tivessem conduzido por correntes de ares cálidos que lhes haviam tornado agradável aquele planar sobre o oceano, sentiam a necessidade de recobrar forças, e para isso não havia nada melhor que um bom fartote de arenques.

Voavam sobre a foz do rio Elba, no Mar do Norte. [...] Kengah, uma gaivota de penas cor de prata, gostava especialmente de observar as bandeiras dos barcos, pois sabia que cada uma delas representava uma forma de falar, de dar nome às mesmas coisas com palavras diferentes.

— As dificuldades que os humanos têm! Nós, gaivotas, ao menos grasnamos o mesmo em todo o mundo — comentou uma vez Kengah para uma das suas companheiras de voo.

— Pois é. E o mais notável é que às vezes até conseguem entender-se — grasnou a outra.

Mais para além da linha de costa, a paisagem tornava-se de um verde intenso. Era um enorme prado em que se destacavam os rebanhos de ovelhas pastando ao abrigo dos diques e das preguiçosas velas dos moinhos de vento.

Seguindo as instruções das gaivotas-piloto, o bando do Farol da Areia Vermelha tomou uma corrente de ar frio e lançou-se em voo picado sobre o cardume de arenques. Cento e vinte corpos perfuraram a água como setas e, ao regressar à superfície, cada gaivota segurava um arenque no bico.

Saborosos arenques. Saborosos e gordos. Era mesmo do que precisavam para recuperar energias antes de continuarem o voo para Den Helder, onde se lhes juntaria o bando das ilhas Frísias.

No plano de voo estava previsto que seguiria depois até ao estreito de Calais e ao canal da Mancha, onde seriam recebidas pelos bandos da baía do Sena e de Saint-Malo, com os quais voariam juntas até chegarem aos céus da Biscaia.

LUIS SEPÚLVEDA, *História de Uma Gaivota e do Gato Que a Ensinou a Voar*, ASA, 1999 (texto com supressões)

Texto B

Os invencíveis

VAMOS FAZER UM BANDO... Foi o Godofredo que teve a ideia. Ele disse-nos, no recreio, que tinha lido um livro em que os amigos formavam um bando e, depois, faziam coisas bestiais, defendiam as pessoas dos maus, ajudavam os pobres, apanhavam os bandidos, divertiam-se à brava.

— O bando vai chamar-se os Invencíveis, como no livro. Vamos reunir-nos depois das aulas, no terreno vazio — disse-nos o Godofredo. — A senha é: «Coragem indomável!»

Quando cheguei ao terreno vazio, o Godofredo, o Rufus, o Eudes, o Alceste e o Joaquim já lá estavam. Eu tinha ficado um pouco mais de tempo na sala porque a professora me disse que eu me tinha enganado num trabalho de aritmética; tinha de dizer ao papá para prestar mais atenção.

— A senha? — perguntou o Alceste cuspidando-me bocadinhos de *croissant* para a cara (o Alceste passa o tempo a comer).

— «Coragem indomável» — disse eu.

— Podes entrar.

O terreno vazio é formidável. Vamos para lá brincar muitas vezes; há lá relva, gatos, latas de conserva, pneus e um automóvel velho que já não tem rodas, mas onde nos divertimos imenso, vrum, vrum!

É no automóvel que nos vamos reunir — disse o Godofredo.

O Godofredo fez-me rir, ele tinha tirado da pasta uma máscara que pôs nos olhos, uma capa negra com um «Z» atrás, e um chapéu. O papá dele é muito rico e está sempre a comprar-lhe brinquedos e disfarces.

— Pareces um fantoche — disse eu ao Godofredo, e isso não lhe agradou nada.

— É um bando secreto — disse o Godofredo — e como eu sou o chefe ninguém me pode ver.

— O chefe? — disse o Eudes. — Estás a brincar ou quê?

Porque é que hás de ser o chefe, por pareceres um cogumelo com o teu chapéu?

— Não, senhor — disse o Godofredo —, porque fui eu que tive a ideia do bando, eis porquê!

E depois o Clotário chegou. O Clotário sai sempre da escola depois dos outros. Como é o pior da turma, tem muitas vezes problemas com a professora, e tem que fazer cópias.

— A senha? — perguntou-lhe o Alceste.



Biografia

René Goscinny
(1926-1977)

Natural de Paris, foi um autor de banda desenhada que se celebrou com a criação de Lucky Luke e que, juntamente com Albert Uderzo, notabilizou o gaulês mais famoso dos quadrinhos: Astérix. Ficou também conhecido, na literatura infantil, pela personagem do menino Nicolau.

Obra: *O Menino Nicolau*; *O Regresso do Menino Nicolau*; ...





Biografia

Jean-Jacques Sempé
(n. 1932)

Natural de Bordéus, Sempé é um conhecido ilustrador francês que começou a sua carreira na imprensa e, mais tarde, ganhou relevo com as ilustrações das *Aventuras do Menino Nicolau*. Com uma grande capacidade de observação, notabilizou-se pelos desenhos humorísticos que ainda hoje são publicados no *Paris Match* e no *Le Figaro Littéraire*.

Obra: *Rien n'est simple; ...*

- Coragem divertida — respondeu o Clotário.
- Não — disse o Alceste —, tu não entras. Não é essa a senha!
- 40 — O quê, o quê? — disse o Clotário. — Vais deixar-me entrar, seu grandessíssimo gordo.
- Não, senhor — disse o Rufus —, só entras quando souberes a senha, não é a brincar! Alceste, fica de olho nele!
- Eu — disse o Alceste — proponho que se escolha o chefe,
- 45 pico, pico, sarapico...
- Nem pensar! — disse o Godofredo. — No livro, o chefe era o mais corajoso e o mais bem vestido. O chefe sou eu!
- Então, o Eudes deu-lhe um soco no nariz, o Eudes gosta muito de fazer isso. O Godofredo caiu sentado no chão, a máscara de lado e
- 50 as mãos no nariz.
- Se é assim — disse o Godofredo —, já não fazes parte do bando.
- Ora! — disse o Eudes —, eu prefiro ir para casa e brincar com o comboio elétrico! — E foi-se embora.
- Coragem terrível? — disse o Clotário, e o Alceste respondeu-
- 55 -lhe que não, que essa também não era a senha e que ele não podia entrar.
- Bem — disse o Godofredo —, é preciso decidirmos o que vamos fazer. No livro, os Invencíveis apanhavam o avião para ir à América procurar o tio de um pequeno órfão a quem os maus tinham roubado a herança.

GOSCINNY e SEMPÉ, *O Regresso do Menino Nicolau*, Teorema, 2005

Texto C

Lourença



- Lourença fez nove anos. Era uma idade em que ninguém reparava. Quando Marta fez quinze, Serafina disse que era um número bonito. E quando Artur completou dezoito, o pai deu-lhe uma cigareira de prata e deu-lhe também licença para fumar; Artur fumava
- 5 desde os dez anos, mas pareceu ficar muito contente. Quem repara em quem faz nove anos? Serafina disse-lhe:
- Se fizesses doze, dava-te a minha gargantilha com o coração de ouro. — E não fez mais do que presenteá-la com um lenço de cambraia. Ainda assim, foi o melhor de tudo. Era um dia como os outros e
- 10 não pôde faltar às aulas. Marta disse, sabendo que lhe desagradava:
- Esta pancrácia faz hoje anos.



E Falco tocou alegremente a buzina do velho Ford, que soava duma maneira ridícula. Quando tio António chegou, dois dias depois, trouxe-lhe um relógio de pulso. Tio António era padrinho de Lourença.

15 — Toma, pelo dia dos teus anos — disse. Puxou-lhe o cabelo e deu-lhe dois safanões. Com ele, as coisas pareciam não ter mudado. O relógio não funcionava lá muito bem, mas era elegante e de muito bom gosto. Outra coisa não se podia esperar de tio António.

À noite, estando aberta a janela do quarto, uma pomba veio
20 pousar no peitoril. Começou a dar voltas e a arrulhar. «É o meu presente de anos» — pensou Lourença. «Alguém o mandou, de muito longe...» O coração dela, oprimido e cheio de inconfessáveis tristezas, encontrou de repente consolação. Achou que o mundo inteiro esperava por ela e os mares todos, com as suas tempestades, podiam ficar
25 calmos porque ela assim queria que fosse.

Porto, 9 de maio de 1983.

AGUSTINA BESSA-LUÍS, *Dentes de Rato*, Guimarães Editores, 1995

- 1 Os textos que acabaste de ler correspondem a momentos diferentes das obras em que se inserem. Levanta hipóteses quanto ao momento da história a que pertencem, relacionando-os com o título e com outros elementos que os acompanham.

Texto D

Avó e neto contra vento e areia



Tinham ido à praia, porque estava uma manhã muito bonita. A avó vestia uma saia clara e levava o neto pela mão. Ia muito contente, e o seu coração cantava.

O neto levava um balde, porque se propunha apanhar conchas e
5 búzios, como já fizera de outras vezes em que tinha ido à praia com a avó.

Ir à praia com a avó é das melhores coisas que lhe podiam acontecer nos dias livres. Por isso também ele ia contente, e o balde dançava-lhe na mão.

A praia estava como devia estar, com sol e ondas baixas. Quase
10 não havia vento, e a água do mar não estava fria. Por isso, o neto teve muito tempo de procurar conchas e búzios e de tomar banho no mar. A avó sentou-se num rochedo, e ficou a olhar o neto, por detrás dos óculos. Nunca se cansava de olhá-lo, porque o achava perfeito. Se pudesse mudar alguma coisa nele, não mudaria nada.



Biografia

Agustina Bessa-Luís (n. 1922)

Nasceu em Vila Meã, concelho de Amarante. Estudou na Póvoa de Varzim, tendo vivido também em Coimbra. Dirigiu o Teatro Nacional D. Maria II. Algumas das suas obras foram adaptadas ao cinema por Manoel de Oliveira.

Obra: *Contos Impopulares*; *A Sibila*; *Vale Abraão*; *A Alma dos Ricos*; ...

15 Olhava para ele, também, para que não se perdesse. A mãe do neto confiava nela. Deixava-o à sua guarda, em manhãs assim. A avó sentia-se orgulhosa: ainda era suficientemente forte para ter alguém por quem olhar. Ainda era uma avó útil, antes que viesse o tempo que mais temia, em que poderia tornar-se um encargo para os outros. Mas
20 na verdade essa ideia não a preocupava muito, porque tencionava morrer antes disso.

Estava uma manhã tão boa que também a avó tirou a blusa e a saia e ficou em fato de banho. Depois tirou os óculos, que deixou em cima de um rochedo, e entrou no mar, atrás do neto, que nadava à
25 sua frente, muito melhor e mais depressa do que ela.

— Não te afastes, dizia a avó, um pouco ofegante. Volta para trás!

A avó fazia gestos com as mãos, para que voltasse, o neto ria-se, mergulhava e andava para a frente, e depois regressava, ao encontro dela.

30 A avó não sabia mergulhar, mas deixava o neto mergulhar sozinho. Ele só tinha cinco anos, mas nadava como um peixe.

No entanto nunca ia demasiado longe, nem mergulhava demasiado fundo, para não assustar a avó. Sabia que ela era um bocado assustadiça, e ele gostava de protegê-la contra os medos.

35 A avó tinha medo de muitas coisas: dos paus que podiam furar os olhos, das agulhas e alfinetes que se podiam engolir se se metessem na boca, das janelas abertas, de onde se podia cair, do mar onde as pessoas se podiam afogar. A avó via todos esses perigos e avisava. Ele ouvia, mas não ligava muito. Só o suficiente.

40 Não tinha medo de nada, mas, apesar disso, gostava de sentir o olhar da avó. De vez em quando voltava a cabeça, para ver se ela lá estava sentada, a olhar para ele. Depois esquecia-se dela e voltava a ser o rei do mundo.

Por isso se sentiam tão bem um com o outro.

45 Quando saía com o neto, a avó tinha a sensação de entrar para dentro de fotografias, tiradas nos mesmos lugares, muitos anos antes. Era uma sensação de deslumbramento e de absoluta segurança, porque as coisas boas já vividas ninguém as podia mudar: eram instantes absolutos, que durariam para sempre.

50 Outras vezes a avó pensava que a vida era como uma lição já tão sabida, tão aprendida de cor e salteada, que ela se sentia verdadeiramente mestra. Mestra em quê? Ora, em tudo e em nada: nascimento, morte, amor, filhos, netos, tudo, enfim. A avó tinha a sensação de entender o mundo.

Embora lhe parecesse que o via agora desfocado. Sobretudo ao
55 longe. Ah, meu Deus, tinha-se esquecido dos óculos, em cima do
rochedo. Tinham de lá voltar, e depressa, a avó sem os óculos não via
nada. Mas quando chegaram ao local, não estavam lá. A avó não
entendia como isso pudera acontecer. Não teria sido aquele rochedo?
Teria a maré subido e uma onda os arrastara? Passara alguém que os
60 levasse? Mas a ninguém aproveitavam, e provavelmente nem tinha
passado ninguém, a praia estava quase deserta, porque ainda não era
o verão. Ora, não era grave, pensou a avó, quando se cansou de pro-
curar. Arranjaria outros óculos.

Caminhou com o neto à beira das ondas, e depois subiram para
65 umas dunas à procura de camarinhas que a avó não via, mas o neto
apanhava logo. Passou muito tempo e nem deram conta de se terem
afastado. O neto cada vez mais feliz, com o balde onde depusera os
búzios acabado de encher com camarinhas. Apesar da falta dos ócu-
los, pensou a avó, não deixava de ser, como das outras vezes, uma
70 manhã perfeita.

Até se levantar o vento.

Na verdade não se percebeu por que razão de repente o céu se
toldou e se levantou cada vez mais vento. Deixou de se ver o azul,
debaixo de nuvens carregadas, e a areia começou a zunir em volta.
75 O vento levantava a areia, cada vez mais alto, a areia batia na cara e
era preciso semicerrar as pálpebras para não a deixar entrar nos olhos.

— Que coisa, disse a avó.

A manhã acabara, e agora iam depressa para casa. Estariam
bem, em casa, jogando às cartas atrás de uma janela fechada.



80 Mas, de repente, a avó não sabia onde estava. As dunas eram altas e não sabia que direção tomar. Caminharam ao acaso, voltando as costas à praia. Mas deveriam virar à esquerda ou à direita? A avó não sabia onde ficavam as casas. Não se via nada na linha do horizonte, a não ser as dunas. E, sem óculos, a avó sentia-se perdida.

85 — Dói-me o pé, disse o neto. Espetei um pico no pé.

— Calça as sandálias, disse a avó.

Calçaram ambos as sandálias que traziam na mão.

— Ainda dói, disse o neto. Dói o pé.

90 — Deixa ver, disse a avó tirando-lhe outra vez a sandália. É um espinho, sim, disse a avó, que sem óculos via bem ao perto. Mas está muito enterrado e não consigo tirá-lo. Em casa eu tiro, com um alfinete. Agora vamos depressa.

— Dói o pé, disse o neto começando a chorar.

— Já passa, disse a avó.

95 O vento levantava-lhe a saia, a areia batia-lhe nos braços e nas pernas, subia até à cara e queria entrar nos olhos. O neto esfregava os olhos, com as mãos sujas de areia.

— Não posso andar, disse ele. Dói o espinho.

100 — A avó não pode levar-te ao colo, disse ela. Não tem os ossos fortes.

Arrastou-o alguns passos, pela mão. Ele chorava e escondia a cara na saia dela, para proteger os olhos do vento.

— Não posso andar, disse ele sentando-se e tapando a cara com o chapéu. Dói o pé.

105 — Eu levo-te um bocadinho, cedeu a avó. Mas só um bocadinho.

Levantou-o nos braços e avançou contra o vento. Uns metros mais adiante, deviam chegar ao fim das dunas e saberia a direção das casas.

O neto era muito pesado, mas a avó não se dava por vencida. Caminhava resoluta, enterrando as sandálias na areia. Agora o caminho entre as dunas começava a subir.

110 E depois dessa duna, havia ainda outra duna. A avó começou a ter medo de estar perdida.

Muitos anos atrás, a avó perdera uma criança. A lembrança veio subitamente e ela não conseguia afastá-la. Sempre quisera esquecê-la, 115 mas de repente ela voltava. Mesmo em sonhos. Uma criança ardendo em febre, e ela correndo com ela nos braços, através de um hospital labiríntico. E depois os dias passavam e ela perdia a criança.

Durante muito tempo, não soube onde estava, quando lhe vieram dizer que perdera a criança.

120 E agora estava outra vez perdida, com uma criança nos braços.
Já tinha vivido algo assim. A vida era só vento e areia e ela arrastando-se, lutando em vão, contra o vento e a areia.

Doíam-lhe os ossos, não aguentava carregar o peso dele. E se de repente ficasse imobilizada, estendida no chão, como já lhe sucedera
125 mais do que uma vez? Aquela hérnia na coluna podia sair do lugar e ela ficar sem conseguir mexer-se. E se isso acontecesse e ela ficasse ali, sem poder andar? E se a criança se afastasse, sozinha, à procura de socorro, e se perdesse? Se ela perdesse a criança?

Pousou o neto, e sentou-se a seu lado na areia.

130 — Vamos descansar um pouco, disse ela ofegante. Põe a cabeça no meu ombro, para fugir do vento.

Apetecia-lhe chorar, mas não podia dar-se por vencida. Ele estava à sua guarda e ela encontraria maneira de voltar a casa.

Mas sentia-se perdida. O mundo era uma coisa sem direções e
135 desfocada.

Já vivera isso antes. Uma longa extensão de areia, deserta. E ela tão desamparada como a criança que levava. Ambas perdidas, no vento e na areia.

— Avó, olha o cão do senhor Lourenço! apontou de repente o
140 neto, recomeçando a andar, na direção de um cão que corria para eles.

— Louvado Deus, disse a avó recomeçando também a andar. Porque então estariam salvos. O café do senhor Lourenço iria aparecer, como um farol, no meio das dunas. Bastava seguir o cão.

145 O neto esquecia o espinho e esquecia a dor no pé, e quase corria, alegremente, atrás do cão.

Em breve se sentavam à mesa do café, e viam o vento levantar a areia. Mas agora isso passava-se lá fora, do lado de lá da janela.

A avó pediu um café e o neto um chocolate quente. Sorriram um
150 para o outro e o mundo voltou a ser perfeito.

Aflijo-me de mais e dramatizo as coisas, pensou a avó. Afinal atravessámos o vento e a areia. E, amanhã de manhã, vou ao oculista.

TEOLINDA GERSÃO, *A Mulher Que Prende a Chuva e Outras Histórias*, Sextante, 2007



Biografia

Teolinda Gersão (n. 1940)

Estudou Filologia Germânica em Coimbra e doutorou-se em 1976. Foi leitora de Português na Universidade de Berlim, assistente na Faculdade de Letras de Lisboa e, posteriormente, professora catedrática da Universidade Nova de Lisboa. Desde 1995, passou a dedicar-se exclusivamente à literatura.

As suas narrativas, estruturalmente metafóricas, caracterizam-se pela simplicidade da frase, pela redução do número de personagens e pela simplicidade da ação.

Obra: *Silêncio*; *Os Guarda-Chuvas Cintilantes*; *O Cavalo de Sol*; *A Casa da Cabeça de Cavalo*; *A Árvore das Palavras*; *Os Teclados*; *Os Anjos*; *Histórias de Ver e Andar*; *A Cidade de Ulisses*; ...

2 Qual dos quatro textos anteriores te agradou mais e porquê?

2.1 Lê o livro onde esse texto se insere, requisitando-o numa biblioteca.

A LENDA E O CONTO POPULAR

1. **A lenda** — proveniente da tradição oral e transportada pela voz do povo, a lenda é uma narrativa transmitida de geração em geração, em que o maravilhoso aparece frequentemente, mas que tem sempre um fundo histórico. A realidade transforma-se graças à imaginação do povo e tentam explicar-se factos de natureza geográfica ou a origem de certas localidades, bem como a ocorrência de factos históricos em que o fantástico marca a sua presença.

Os heróis surgem bem identificados — a Virgem, Jesus Cristo, fadas, mouras encantadas, homens e mulheres, ou ainda personagens da História — e as marcas espaciotemporais aparecem claramente determinadas.

2. **O conto popular** — constitui um valioso documento, refletindo valores, crenças e tradições de uma determinada comunidade. As suas origens perdem-se nos tempos e podem variar de região para região, fazendo justiça ao conhecido provérbio: «Quem conta um conto, acrescenta-lhe um ponto.»

Pela sua dimensão e especificidade, o conto popular tem a capacidade de nos transportar para o mundo do maravilhoso, criando e desenvolvendo em nós a capacidade de sonhar, aberta pela expressão mágica «Era uma vez...» A partir daí, entramos num espaço e num tempo de difícil identificação em que circulam personagens frequentemente sem nome próprio, designadas pela sua profissão ou estatuto social.

Elementos simbólicos e maravilhosos constituem ingredientes que facilitam a distinção entre Bem e Mal, permitindo ao herói ultrapassar provas e responder à finalidade lúdica e moralizante dessa narrativa breve e simples, de ação linear.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

- 1 Lê a lenda que se segue.

Tejo, Douro e Guadiana



Havia três rios irmãos, o Tejo, o Guadiana e o Douro, que combinaram deitar-se a dormir, dizendo que o primeiro que acordasse partisse para o mar. O Guadiana foi o primeiro que acordou; escolheu lindos sítios e partiu de seu vagar. O Tejo acordou depois, e como queria chegar primeiro ao mar, largou mais depressa, e já as suas margens não são tão belas como as daquele.

- 5 O Douro foi o último que acordou, por isso rompeu por montes e vales, sem se importar com a escolha, e eis porque as suas margens são tristes e pedregosas.

TEÓFILO BRAGA, *Contos Tradicionais do Povo Português*, vol. II, Dom Quixote, 2002

- 1.1 O que pretende explicar esta lenda?

- 1.2 No teu caderno, elabora um quadro semelhante ao seguinte e preenche-o com três características da lenda que possam ser identificadas neste texto.



Características da lenda

(1)

(2)

(3)

- 2 Considera agora o conto popular que se segue.

O burro do azeiteiro

Dois estudantes encontraram numa estrada um azeiteiro que ia guiando um burro carregado de bilhas de azeite. Os estudantes, que estavam sem dinheiro, ficaram muito contentes com aquele encontro e combinaram furtar o burro do azeiteiro para o venderem; e enquanto o pobre homem seguia o seu caminho muito sossegado da sua vida, levando pela mão a arreata do jumento, um deles tirou a cabeçada do burro e colocou-a no pescoço, e o outro escapou-se com o burro e a carga. O que ficou em lugar do animal parou fazendo com que o azeiteiro olhasse para trás. Qual não foi, porém, o espanto deste vendo um homem em vez do burro!...

O estudante disse para ele com voz muito terna: «Ah, senhor, quanto lhe agradeço ter-me dado uma pancada na moleirinha! Quebrou-me o encanto que durante tantos anos me fez fazer burro!...» O azeiteiro, tirando o chapéu, disse muito humildemente: «Perdi no senhor, como burro, o meu ganha-pão; mas paciência! Como homem que agora é, peço-lhe muitos perdões... por tê-lo maltratado tanta vez; mas, que quer?, o senhor fazia-me às vezes desesperar com as suas birras, e eu não era senhor de mim!»

«Está perdoado, bom homem!», disse o estudante. «O que lhe peço é que me deixe em paz.» O pobre azeiteiro, quando se viu só, lamentou-se da sua desgraça, e foi pedir dinheiro a um compadre para ir no dia seguinte à feira comprar outro burro. Quando chegou à feira, viu lá o jumento que lhe tinha pertencido e que o estudante, que ele vira quando lho roubaram, estava a vender. O azeiteiro, julgando que o homem-burro se tinha transformado outra vez em burro, chegou-se ao pé do estudante e pediu-lhe licença para dizer um segredo ao burro. O estudante disse-lhe que sim e o azeiteiro, chegando a boca à orelha do animal, gritou com toda a força:

«Olhe, senhor burro, quem o não conhecer que o compre.»

(Lisboa, de uma pessoa de Almeida, Beira Baixa)

ADOLFO COELHO, *Contos Populares Portugueses*, Dom Quixote, 2002

- 2.1 No teu caderno, preenche o quadro com os elementos solicitados.



Tempo e espaço	(1)	
Personagens (caracterização)	Estudantes	(2)
	Azeiteiro	(3)
Moral	(4)	

- 2.2 Lê as seguintes expressões populares:

- a) «[...] a cabeçada do burro [...]» (l. 5);
- b) «Quebrou-me o encanto [...]» (l. 9);
- c) «[...] ganha-pão;» (l. 11).

- 2.2.1 Explica-as por palavras tuas.

AS CATEGORIAS DA NARRATIVA

1. **Ação** — conjunto de acontecimentos que constituem uma narrativa.

Relevo	Central — constituída pelos acontecimentos principais. Secundária — constituída pelos acontecimentos menos relevantes.
Estrutura (sequências narrativas)	Encadeamento — as sequências encontram-se ordenadas cronologicamente. Encaixe — uma sequência é encaixada dentro de outra. Alternância — várias sequências vão sendo narradas alternadamente.
Momentos	Situação inicial — corresponde à introdução, onde se apresentam as personagens e o enredo. Desenvolvimento — corresponde ao desenrolar do enredo (englobando as peripécias e o ponto culminante), que conduz ao desenlace. Desenlace — corresponde à conclusão.
Delimitação	Aberta — o final da história fica em suspenso, ou seja, desconhece-se o destino das personagens. Fechada — o desenlace é definitivo, conhecendo-se o destino das personagens.

2. **Personagens** — agentes da narrativa em torno dos quais gira a ação.

Relevo	Principal — assume um papel preponderante na história e é à sua volta que gira toda a ação. Secundária — intervém na ação sem ocupar um lugar central. Figurante — não intervém diretamente na ação, servindo apenas como figura decorativa.
Processo de caracterização	Direta — feita pelo narrador, pela própria personagem ou por outra personagem. Indireta — deduzida pelo leitor a partir do comportamento, atitudes ou falas da personagem.

3. **Narrador** — entidade fictícia a quem cabe o papel de narrar a história.

Presença	Participante	Autodiegético — é a personagem principal; usa um discurso de 1.ª pessoa. Homodiegético — é uma personagem secundária; utiliza um discurso de 1.ª e 3.ª pessoas.
	Não participante	Heterodiegético — não participa na ação; usa um discurso de 3.ª pessoa.
Ciência/ Focalização	Interna — adota o ponto de vista de uma personagem. Externa — conhece apenas os aspetos superficiais ou exteriores da ação, do espaço ou das personagens. Omnisciente — revela um total conhecimento da história e das personagens, conhecendo até os seus pensamentos.	
Posição	Objetivo — relata os acontecimentos de forma imparcial, utilizando, muitas vezes, a focalização externa. Subjetivo — relata os acontecimentos de forma parcial, utilizando um discurso valorativo, associado, frequentemente, à focalização omnisciente e interna.	

4. Espaço — lugar, ambiente ou atmosfera interior onde decorre a ação.

Espaço	Físico — refere-se ao lugar onde se desenrola a ação. Social — refere-se ao meio ou ambiente onde a ação decorre. Psicológico — refere-se às situações em que o narrador permite ao leitor o acesso à mente das personagens (sonhos, planos, sentimentos, pensamentos).
---------------	--

5. Tempo — momento em que a ação se desenrola.

Tempo	Cronológico — corresponde à sucessão cronológica dos acontecimentos. Histórico — corresponde à época ou ao momento em que decorre a ação. Psicológico — corresponde ao tempo vivido pela personagem, de acordo com o seu estado de espírito. Do discurso — modo como os acontecimentos são narrados e ordem pela qual é feita a sua narração.
--------------	--

Os modos de expressão

Narração	Relato de acontecimentos necessários ao evoluir da ação, conferindo-lhe dinamismo; os tempos verbais mais utilizados são o pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito.
Descrição	Processo narrativo ao qual corresponde um momento de pausa, uma vez que se fornecem dados relativos ao tempo, ao espaço, às personagens ou aos objetos; o tempo verbal predominante é o pretérito imperfeito do indicativo; é frequente a presença de adjetivos, advérbios, figuras de estilo, etc.
Diálogo	Interação verbal entre as personagens da narrativa, tornando-a mais viva e autêntica.
Monólogo	Fala da personagem consigo própria.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1 Lê o texto que se segue.

O Conclave

Reunidos no solar de Sara, todos se encontravam suspensos do discurso de Nuno Costa.

Tal como era de seu gosto, o ex-inspetor juntava, de forma clara, as peças que até aí se apresentavam confusas e explicava o enigma do Código de Avintes:

— Quero começar por vos dar os parabéns! A todos! Para já, desmantelámos o Conclave!

5 Como sabem, o Conclave é uma organização que coloca estratégias criminosas, sem o mais leve cheiro de escrúpulos, ao serviço de uma ideologia totalitária, aliada a ambições pessoais e a inconfessáveis interesses económicos. Uma mistura explosiva...

Nuno Costa fez uma pausa solene para refrescar a garganta sem se dar conta da entrada discreta de Lili por uma porta do fundo.

10 — Passo a explicar a composição do núcleo central, cérebro da organização.

O Velho assumia-se, naturalmente, como o chefe, com um enorme ascendente sobre os companheiros, que não lhe discutiam as ordens. Sabemos, de fonte segura, que se tratava de uma das principais cabeças pensantes das Máfias de Leste.

Yoko-san era a proprietária encoberta de uma das maiores multinacionais farmacêuticas.

- 15** Inventaram uma estranha doença das aves para lançar no mercado uma nova vacina que renderia milhões. Além do poder que a manipulação do vírus lhes trazia. O mal já foi lançado, mas pelo menos conhecemos-lhe a origem e podemos travar outras ameaças.

Carlos Fritz é neto de um general alemão da Gestapo, refugiado numa propriedade do interior da Argentina. Esta sinistra personagem cresceu num ambiente nazi, com todo o cortejo de horrores que lhe estão subjacentes.

ALICE VIEIRA e OUTROS, *O Código d'Avintes*, Oficina do Livro, 2006

- 2** Identifica o espaço em que tem lugar a ação.

2.1 Justifica a tua resposta com dados textuais.

2.2 Por que motivo todas as personagens estão aí reunidas?

- 3** Atenta nas personagens.

3.1 Identifica a personagem que se destaca no excerto.

3.1.1 Refere a sua profissão.

3.1.2 Faz a sua caracterização direta e indireta.

3.1.3 Classifica-a quanto ao relevo, fundamentando a tua opinião.

3.2 Enumera as personagens que fazem parte do Conclave.

3.2.1 Completa o quadro, no teu caderno, tendo em conta a caracterização dessas personagens.



Personagens	Caracterização
(1)	(2)
(3)	(4)
(5)	(6)

3.3 Explica, por palavras tuas, o que é o Conclave.

- 4** Observa o narrador.

4.1 Classifica-o quanto à presença e à posição.

4.1.1 Transcreve marcas que justifiquem a tua resposta anterior.

- 5** Considera os modos de expressão presentes no texto.

5.1 Transcreve um exemplo de:

a) narração; **b)** descrição; **c)** diálogo.

5.2 Fundamenta a tua escolha.

- 6** Relê a última fala de Nuno Costa:

«— Passo a explicar a composição do núcleo central, cérebro da organização.» (l. 10)

6.1 Consideras a ação aberta ou fechada? Fundamenta a tua resposta.

O ADJETIVO

Classe de palavras variáveis que tem como função precisar o significado do nome, exprimindo uma qualidade ou um estado em relação ao nome que acompanha. O adjetivo desempenha, geralmente, a função de **modificador** do nome, com o qual concorda em género e em número. Varia também em grau.

1. Género — relativamente ao género, os adjetivos podem ser:

- **Biformes** — quando apresentam uma forma para o masculino e outra para o feminino.

Exs.: *Aquele rapaz é **alto**.*
*Aquela rapariga é **alta**.*

- **Uniformes** — quando têm a mesma forma para o masculino e para o feminino.

Exs.: *Este aluno é **inteligente**.*
*Esta aluna é **inteligente**.*

2. Número — os adjetivos variam em número, sendo acrescentado um -s à forma singular para gerar o plural.

Exs.: *sereno/serenos*
serena/serenas

NOTA:

1. Quando o adjetivo qualifica vários nomes no singular, toma a forma de plural.

Ex.: *A girafa e a ovelha são **herbívoras**.*

2. Quando o adjetivo qualifica vários nomes masculinos e femininos, toma a forma do masculino plural.

Ex.: *O Tiago, a Maria e o José são **educados**.*

3. Os adjetivos terminados em -s no singular apresentam a mesma forma no plural quando são graves quanto à acentuação.

Exs.: *O texto era **simples**.*
*Os textos eram **simples**.*

4. Nos adjetivos compostos referentes a cores e a gentílicos, apenas o último elemento vai para o plural.

Exs.: *O contacto **lusu-brasileiro** foi importante.*
*Os contactos **lusu-brasileiros** foram importantes.*

5. Os adjetivos compostos formados por adjetivo mais nome são invariáveis.

Ex.: *Os botões parecem **cinzento-pérola**.*

3. Grau — é o que permite que o adjetivo possa designar as características do nome de forma mais ou menos intensa ou em comparação com outros nomes.

- **Normal** — quando o adjetivo exprime simplesmente uma característica.

Ex.: *A Joana é **responsável**.*

- **Comparativo** — quando o adjetivo é utilizado para estabelecer uma comparação de um elemento com outro, recorrendo aos advérbios de quantidade *mais*, *menos* ou *tão*.

a) de superioridade **Ex.:** *A Joana é **mais responsável do que** o Manuel.*

b) de inferioridade **Ex.:** *O Manuel é **menos responsável do que** a Joana.*

c) de igualdade **Ex.:** *A Joana é **tão responsável como** o João.*

- **Superlativo** — quando o adjetivo é utilizado para exprimir uma característica num grau mais elevado.

a) absoluto — se exprime um grau elevado. Pode ser:

1. sintético — formado pela junção dos sufixos *-íssimo(a)*, *-líssimo(a)* ou *-érrimo(a)*.

Exs.: A Joana é *altíssima*.

O Manuel é *humilíssimo*.

O João é *paupérrimo*.

2. analítico — formado pela junção dos advérbios *muito*, *bem*, *assaz*, *bastante*, *excessivamente*, entre outros.

Ex.: A Joaquina é *muito faladora*.

b) relativo — se indica em grau maior ou menor. Pode ser:

1. de superioridade — forma-se colocando antes do adjetivo a expressão *o/a mais*, que deve concordar com este em género e em número.

Ex.: A Joaquina é *a mais faladora*.

2. de inferioridade — forma-se colocando antes do adjetivo a expressão *o/a menos*, que deve concordar com este em género e em número.

Ex.: A Joaquina é *a menos faladora*.

NOTA:

Existem, no entanto, alguns adjetivos que apresentam formas próprias no comparativo e no superlativo, como os apresentados na tabela que se segue.

Grau dos adjetivos			
Normal	Comparativo	Superlativo	
		Relativo	Absoluto
<i>bom</i>	<i>melhor</i>	<i>o melhor</i>	<i>ótimo</i>
<i>mau</i>	<i>pior</i>	<i>o pior</i>	<i>péssimo</i>
<i>grande</i>	<i>maior</i>	<i>o maior</i>	<i>máximo</i>
<i>pequeno</i>	<i>menor</i>	<i>o menor</i>	<i>mínimo</i>

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

- 1** Lê o excerto seguinte.



Quando Lourença voltou para o colégio, estava muito modificada. Já não merecia o nome de Dentes de Rato, porque eles tinham-lhe caído e tinha outros novos, mais redondos e fortes. Falco ficava um bocado amuado quando ela o convidava a apreciar a bonita dentadura que agora tinha.

- 5** — Ainda és um inseto — dizia Falco. — Nunca hás de ser outra coisa. — Mas Lourença não só tinha dentes mais fortes; o coração também estava mais valente e não se preocupava com aquelas injúrias. Até gostava de desafiar Falco, e sabia como havia de o incomodar de

variadas maneiras. Marta tinha uma quantidade de namorados a quem ela prometia amor eterno; mas logo a seguir dava ouvidos a outros e divertia-se com o sofrimento deles. Imitava as mulheres más do cinema, mas o pai dizia que ela era uma menina como outra qualquer. Lourença pensava que ser uma menina como outra qualquer não era lá grande coisa.

De repente aborreceu-se de usar bibes ou o uniforme preto que a mãe achava tão distinto.

AGUSTINA BESSA-LUIS, *Dentes de Rato*, Guimarães Editores, 1995

- 1.1** Transcreve todos os adjetivos presentes no excerto para um quadro semelhante ao apresentado abaixo.



Adjetivos	
Uniformes	Biformes
(1)	(2)

- 2** No teu caderno, completa um quadro semelhante ao que se segue, colocando os adjetivos no respetivo grau.



Grau dos adjetivos							
Normal	Comparativo			Superlativo			
	de superioridade	de inferioridade	de igualdade	Relativo		Absoluto	
				de superioridade	de inferioridade	sintético	analítico
grande							
	mais forte						
		menos amuado					
			tão nova				
				o mais valente			
					o menos branco		
						péssimo	
							muito alterada

O VERBO

É a classe gramatical que constitui o núcleo significativo de uma frase e exprime uma ação ou um estado localizados no tempo (presente, passado ou futuro).

1. Verbo principal — constitui o núcleo do grupo verbal e determina a ocorrência de sujeito e de complementos na frase.

- **Intransitivo** — seleciona um sujeito, mas não determina complementos.

Ex.: *A criança chora.*

- **Transitivo**

a) Direto — seleciona um sujeito e um complemento direto.

Ex.: *A Maria vestiu a camisola.*

b) Indireto — seleciona um sujeito e um complemento (indireto/obliquo).

Exs.: *A canção agradou ao júri.*
O Miguel vai à escola.

c) Direto e indireto — seleciona um sujeito e dois complementos (um complemento direto e um complemento indireto/obliquo).

Exs.: *O João comprou um DVD à Beatriz.*
O Miguel colocou um livro na mesa.

- **Transitivo-predicativo** — seleciona um sujeito, um complemento direto e um predicativo do complemento direto.

Ex.: *O Luís achou o filme interessante.*

2. Verbo copulativo — liga o sujeito a um predicativo do sujeito.

Ex.: *A Joana é professora.*

3. Verbo auxiliar — ocorre antes de um verbo principal ou de um verbo copulativo, formando, portanto, um complexo verbal.

Ex.: *O José tem lido muito.*

Flexão verbal	
Pessoa	1.^a — pessoa que fala. Ex.: <i>canto/cantamos</i> 2.^a — pessoa a quem se fala. Ex.: <i>cantas/cantais</i> 3.^a — pessoa de quem se fala. Ex.: <i>canta/cantam</i>
Número	Singular Ex.: <i>canto/cantas/canta</i> Plural Ex.: <i>cantamos/cantais/cantam</i>
Forma	Ativa — designa o sujeito que pratica a ação expressa pelo verbo. Ex.: <i>A Joana apreciou a peça de teatro.</i> Passiva — designa o sujeito que recebe a ação expressa pelo verbo. Ex.: <i>A peça de teatro foi apreciada pela Joana.</i>

Modo (indica a atitude do locutor em relação ao facto apresentado)	Formas verbais finitas: • Indicativo — apresenta um facto como real. Ex.: <i>Eu estudo em Coimbra.</i> (Ou: <i>estudei; estudava; estudara; estudarei.</i>) • Conjuntivo — exprime uma possibilidade, uma dúvida ou um desejo. Ex.: <i>Eu talvez jogue hoje.</i> (Ou: <i>jogasse.</i>) • Imperativo — apresenta o enunciado como ordem, conselho, convite ou pedido. Ex.: <i>Presta atenção!</i> (Ou: <i>prestai.</i>) • Condicional — indica que a realização da ação depende de uma condição. Ex.: <i>Ficaria feliz se fôssemos passear.</i>
Tempo (identifica o momento em que se realiza a ação.)	Presente — situa a ação no momento da enunciação. Ex.: <i>Recordo o primeiro dia de aulas.</i> Pretérito — situa a ação no momento anterior ao da enunciação. • Imperfeito — indica uma ação passada simultânea a outra também passada. Ex.: <i>As aulas decorriam com normalidade quando se ouviu o estrondo.</i> • Perfeito — indica uma ação passada completamente concluída. Ex.: <i>O autocarro percorreu todo o país.</i> • Mais-que-perfeito — indica uma ação anterior a outra também passada. Ex.: <i>O João adormecera quando os amigos chegaram.</i> Futuro — situa a ação no momento posterior ao tempo da enunciação. Ex.: <i>Sairei mais tarde.</i>

Formas verbais não finitas	
Infinitivo	Pessoal — apresenta flexão de pessoa e número e é usado sempre que o sujeito da oração subordinante é diferente do sujeito da subordinada infinitiva. • Simplex Ex.: <i>É importante treinares regularmente.</i> • Composto Ex.: <i>Que azar termos chegado atrasados!</i> Impessoal — é equivalente a um nome, mas sem qualquer flexão. • Simplex Ex.: <i>Cantar é fundamental.</i> • Composto Ex.: <i>Foi preciso ter sonhado para acreditar.</i>
Particípio passado	Equivalente a um adjetivo, com flexão de género e de número. Expressa o resultado da ação. Ex.: <i>Iniciadas as aulas, tudo voltou ao normal.</i>
Gerúndio	Com valor equivalente a um adjetivo ou a um advérbio. Exprime o resultado da ação. • Simplex Ex.: <i>Participou no concurso representando Portugal.</i> • Composto Ex.: <i>Participou no concurso tendo representado Portugal.</i>

NOTAS:

— Há a considerar ainda os tempos compostos, formados por um verbo auxiliar e o particípio passado do verbo principal.

Ex.: *O João já tinha comprado o livro que lhe ofereci.*

Conjugação dos verbos regulares — tempos simples

			1.ª conjugação (tema em -a)	2.ª conjugação (tema em -e)	3.ª conjugação (tema em -i)
Modelo			<i>contar</i>	<i>escrever</i>	<i>partir</i>
Tempo	Número	Pessoa	Modo indicativo		
Presente	Singular	eu tu ele/ela	<i>conto</i> <i>contas</i> <i>conta</i>	<i>escrevo</i> <i>escreves</i> <i>escreve</i>	<i>parto</i> <i>partes</i> <i>parte</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>contamos</i> <i>contais</i> <i>contam</i>	<i>escrevemos</i> <i>escreveis</i> <i>escrevem</i>	<i>partimos</i> <i>partis</i> <i>partem</i>
Pretérito imperfeito	Singular	eu tu ele/ela	<i>contava</i> <i>contavas</i> <i>contava</i>	<i>escrevia</i> <i>escrevias</i> <i>escrevia</i>	<i>partia</i> <i>partias</i> <i>partia</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>contávamos</i> <i>contáveis</i> <i>contavam</i>	<i>escrevíamos</i> <i>escrevíeis</i> <i>escreviam</i>	<i>partíamos</i> <i>partíeis</i> <i>partiam</i>
Pretérito perfeito	Singular	eu tu ele/ela	<i>contei</i> <i>contaste</i> <i>contou</i>	<i>escrevi</i> <i>escreveste</i> <i>escreveu</i>	<i>parti</i> <i>partiste</i> <i>partiu</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>contámos</i> <i>contastes</i> <i>contaram</i>	<i>escrevemos</i> <i>escrevestes</i> <i>escreveram</i>	<i>partimos</i> <i>partistes</i> <i>partiram</i>
Pretérito mais-que- perfeito	Singular	eu tu ele/ela	<i>contara</i> <i>contaras</i> <i>contara</i>	<i>escrevera</i> <i>escreveras</i> <i>escrevera</i>	<i>partira</i> <i>partiras</i> <i>partira</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>contáramos</i> <i>contáreis</i> <i>contaram</i>	<i>escrevêramos</i> <i>escrevéreis</i> <i>escreveram</i>	<i>partíramos</i> <i>partíreis</i> <i>partiram</i>
Futuro	Singular	eu tu ele/ela	<i>contarei</i> <i>contarás</i> <i>contará</i>	<i>escreverei</i> <i>escreverás</i> <i>escreverá</i>	<i>partirei</i> <i>partirás</i> <i>partirá</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>contaremos</i> <i>contareis</i> <i>contarão</i>	<i>escreveremos</i> <i>escrevereis</i> <i>escreverão</i>	<i>partiremos</i> <i>partireis</i> <i>partirão</i>

			Modo conjuntivo		
Presente	Singular	eu tu ele/ela	conte contes conte	escreva escrevas escreva	parta partas parta
	Plural	nós vós eles/elas	contemos conteis contem	escrevamos escrevais escrevam	partamos partais partam
Pretérito imperfeito	Singular	eu tu ele/ela	contasse contasses contasse	escrevesse escrevesses escrevesse	partisse partisses partisse
	Plural	nós vós eles/elas	contássemos contásseis contassem	escrevêssemos escrevêsseis escrevessem	partíssemos partísseis partissem
Futuro	Singular	eu tu ele/ela	contar contares contar	escrever escreveres escrever	partir partires partir
	Plural	nós vós eles/elas	contarmos contardes contarem	escrevermos escreverdes escreverem	partirmos partirdes partirem
Modo condicional	Singular	eu tu ele/ela	contaria contarias contaria	escreveria escreverias escreveria	partiria partirias partiria
	Plural	nós vós eles/elas	contaríamos contaríeis contariam	escreveríamos escreveríeis escreveriam	partiríamos partiríeis partiriam
Modo imperativo	Singular	tu	conta	escreve	parte
	Plural	vós	contai	escrevei	parti
Formas verbais não finitas	Infinitivo	peçoal (com flexão de pessoa e número)	contar/contares/ contar/contarmos/ contardes/ contarem	escrever/escreveres/ escrever/escrevermos/ escreverdes/ escreverem	partir/partires/ partir/partirmos/ partirdes/partirem
		impessoal (sem flexão)	contar	escrever	partir
	Particípio passado		contado	escrito	partido
	Gerúndio		contando	escrevendo	partindo

Conjugação dos verbos regulares — tempos compostos

			1.ª conjugação (tema em -a)	2.ª conjugação (tema em -e)	3.ª conjugação (tema em -i)
Modelo			<i>contar</i>	<i>escrever</i>	<i>partir</i>
Tempo	Número	Pessoa	Modo indicativo		
Pretérito perfeito	Singular	eu tu ele/ela	<i>tenho contado</i> <i>tens contado</i> <i>tem contado</i>	<i>tenho escrito</i> <i>tens escrito</i> <i>tem escrito</i>	<i>tenho partido</i> <i>tens partido</i> <i>tem partido</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>temos contado</i> <i>tendes contado</i> <i>têm contado</i>	<i>temos escrito</i> <i>tendes escrito</i> <i>têm escrito</i>	<i>temos partido</i> <i>tendes partido</i> <i>têm partido</i>
Pretérito mais-que-perfeito	Singular	eu tu ele/ela	<i>tinha contado</i> <i>tinhas contado</i> <i>tinha contado</i>	<i>tinha escrito</i> <i>tinhas escrito</i> <i>tinha escrito</i>	<i>tinha partido</i> <i>tinhas partido</i> <i>tinha partido</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>tínhamos contado</i> <i>tinheis contado</i> <i>tinham contado</i>	<i>tínhamos escrito</i> <i>tinheis escrito</i> <i>tinham escrito</i>	<i>tínhamos partido</i> <i>tinheis partido</i> <i>tinham partido</i>
Futuro	Singular	eu tu ele/ela	<i>terei contado</i> <i>terás contado</i> <i>terá contado</i>	<i>terei escrito</i> <i>terás escrito</i> <i>terá escrito</i>	<i>terei partido</i> <i>terás partido</i> <i>terá partido</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>teremos contado</i> <i>tereis contado</i> <i>terão contado</i>	<i>teremos escrito</i> <i>tereis escrito</i> <i>terão escrito</i>	<i>teremos partido</i> <i>tereis partido</i> <i>terão partido</i>
			Modo conjuntivo		
Pretérito perfeito	Singular	eu tu ele/ela	<i>tenha contado</i> <i>tenhas contado</i> <i>tenha contado</i>	<i>tenha escrito</i> <i>tenhas escrito</i> <i>tenha escrito</i>	<i>tenha partido</i> <i>tenhas partido</i> <i>tenha partido</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>tenhamos contado</i> <i>tenhais contado</i> <i>tenham contado</i>	<i>tenhamos escrito</i> <i>tenhais escrito</i> <i>tenham escrito</i>	<i>tenhamos partido</i> <i>tenhais partido</i> <i>tenham partido</i>
Pretérito mais-que-perfeito	Singular	eu tu ele/ela	<i>tivesse contado</i> <i>tivesses contado</i> <i>tivesse contado</i>	<i>tivesse escrito</i> <i>tivesses escrito</i> <i>tivesse escrito</i>	<i>tivesse partido</i> <i>tivesses partido</i> <i>tivesse partido</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>tivéssemos contado</i> <i>tivésseis contado</i> <i>tivessem contado</i>	<i>tivéssemos escrito</i> <i>tivésseis escrito</i> <i>tivessem escrito</i>	<i>tivéssemos partido</i> <i>tivésseis partido</i> <i>tivessem partido</i>

Futuro	Singular	eu tu ele/ela	<i>tiver contado</i> <i>tiveres contado</i> <i>tiver contado</i>	<i>tiver escrito</i> <i>tiveres escrito</i> <i>tiver escrito</i>	<i>tiver partido</i> <i>tiveres partido</i> <i>tiver partido</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>tivermos contado</i> <i>tiverdes contado</i> <i>tiverem contado</i>	<i>tivermos escrito</i> <i>tiverdes escrito</i> <i>tiverem escrito</i>	<i>tivermos partido</i> <i>tiverdes partido</i> <i>tiverem partido</i>
Modo condicional	Singular	eu tu ele/ela	<i>teria contado</i> <i>terias contado</i> <i>teria contado</i>	<i>teria escrito</i> <i>terias escrito</i> <i>teria escrito</i>	<i>teria partido</i> <i>terias partido</i> <i>teria partido</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>teríamos contado</i> <i>teríeis contado</i> <i>teriam contado</i>	<i>teríamos escrito</i> <i>teríeis escrito</i> <i>teriam escrito</i>	<i>teríamos partido</i> <i>teríeis partido</i> <i>teriam partido</i>
Formas verbais não finitas	Infinitivo	peçoal (com flexão de pessoa e número)	<i>ter contado/</i> <i>teres contado...</i> <i>terem contado</i>	<i>ter escrito/</i> <i>teres escrito...</i> <i>terem escrito</i>	<i>ter partido/</i> <i>teres partido...</i> <i>terem partido</i>
		impessoal (sem flexão)	<i>ter contado</i>	<i>ter escrito</i>	<i>ter partido</i>
	Gerúndio		<i>tendo contado</i>	<i>tendo escrito</i>	<i>tendo partido</i>

Conjugação dos verbos auxiliares — os exemplos seguintes estão conjugados nos tempos simples e são usados em diferentes situações. O verbo *ser* é auxiliar da passiva. O *estar* é um auxiliar aspetual. Os verbos *ter* e *haver* são os auxiliares dos tempos compostos.

			<i>ser</i>	<i>estar</i>	<i>ter</i>	<i>haver</i>
Tempo	Número	Pessoa	Modo indicativo			
Presente	Singular	eu tu ele/ela	<i>sou</i> <i>és</i> <i>é</i>	<i>estou</i> <i>estás</i> <i>está</i>	<i>tenho</i> <i>tens</i> <i>tem</i>	<i>hei</i> <i>hás</i> <i>há</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>somos</i> <i>sois</i> <i>são</i>	<i>estamos</i> <i>estais</i> <i>estão</i>	<i>temos</i> <i>tendes</i> <i>têm</i>	<i>havemos</i> <i>haveis</i> <i>hão</i>
Pretérito imperfeito	Singular	eu tu ele/ela	<i>era</i> <i>eras</i> <i>era</i>	<i>estava</i> <i>estavas</i> <i>estava</i>	<i>tinha</i> <i>tinhas</i> <i>tinha</i>	<i>havia</i> <i>haviais</i> <i>havia</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>éramos</i> <i>éreis</i> <i>eram</i>	<i>estávamos</i> <i>estáveis</i> <i>estavam</i>	<i>tínhamos</i> <i>tínheis</i> <i>tinham</i>	<i>háviamos</i> <i>háveis</i> <i>havam</i>

Pretérito perfeito	Singular	eu tu ele/ela	<i>fui foste foi</i>	<i>estive estiveste esteve</i>	<i>tive tiveste teve</i>	<i>houve houveste houve</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>fomos fostes foram</i>	<i>estivemos estivestes estiveram</i>	<i>tivemos tivestes tiveram</i>	<i>houvemos houvestes houveram</i>
Pretérito mais-que-perfeito	Singular	eu tu ele/ela	<i>fora foras fora</i>	<i>estivera estiveras estivera</i>	<i>tivera tiveras tivera</i>	<i>houvera houveras houvera</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>fôramos fôreis foram</i>	<i>estivêramos estivêreis estiveram</i>	<i>tivêramos tivêreis tiveram</i>	<i>houvéramos houvéreis houveram</i>
Futuro	Singular	eu tu ele/ela	<i>serei serás será</i>	<i>estarei estarás estará</i>	<i>terei terás terá</i>	<i>haverei haverás haverá</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>seremos sereis serão</i>	<i>estaremos estareis estarão</i>	<i>teremos tereis terão</i>	<i>haveremos haveréis haverão</i>

Modo conjuntivo

Presente	Singular	eu tu ele/ela	<i>seja sejas seja</i>	<i>esteja estejas esteja</i>	<i>tenha tenhas tenha</i>	<i>haja hajas haja</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>sejamos sejais sejam</i>	<i>estejamos estejais estejam</i>	<i>tenhamos tenham tenham</i>	<i>hajamos hajais hajam</i>
Pretérito imperfeito	Singular	eu tu ele/ela	<i>fosse fosses fosse</i>	<i>estivesse estivesses estivesse</i>	<i>tivesse tivesses tivesse</i>	<i>houvesse houvesse houvesse</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>fôssemos fôsseis fossem</i>	<i>estivéssemos estivésseis estivessem</i>	<i>tivéssemos tivésseis tivessem</i>	<i>houvéssemos houvésseis houvessem</i>
Futuro	Singular	eu tu ele/ela	<i>for fores for</i>	<i>estiver estiveres estiver</i>	<i>tiver tiveres tiver</i>	<i>houver houveres houver</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>formos fordes forem</i>	<i>estivermos estiverdes estiverem</i>	<i>tivermos tiverdes tiverem</i>	<i>houvermos houverdes houverem</i>

Modo condicional	Singular	eu tu ele/ela	<i>seria</i> <i>serias</i> <i>seria</i>	<i>estaria</i> <i>estarias</i> <i>estaria</i>	<i>teria</i> <i>terias</i> <i>teria</i>	<i>haveria</i> <i>haverias</i> <i>haveria</i>
	Plural	nós vós eles/elas	<i>seríamos</i> <i>serieis</i> <i>seriam</i>	<i>estaríamos</i> <i>estarieis</i> <i>estariam</i>	<i>teríamos</i> <i>terieis</i> <i>teriam</i>	<i>haveríamos</i> <i>haverieis</i> <i>haveriam</i>
Modo imperativo	Singular	tu	sê	está	tem	há
	Plural	vós	sede	estai	tende	havei
Formas verbais não finitas	Infinitivo	peçoal (com flexão de pessoa e número)	<i>ser/seres/ser/sermos/serdes/serem</i>	<i>estar/estares/estar/estarmos/estardes/estarem</i>	<i>ter/teres/ter/termos/terdes/terem</i>	<i>haver/haveres/haver/havermos/haverdes/haverem</i>
		impessoal (sem flexão)	<i>ser</i>	<i>estar</i>	<i>ter</i>	<i>haver</i>
	Particípio passado		<i>sido</i>	<i>estado</i>	<i>tido</i>	<i>havido</i>
	Gerúndio		<i>sendo</i>	<i>estando</i>	<i>tendo</i>	<i>havendo</i>

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1



Completa as frases que se seguem com as formas verbais adequadas. Responde no teu caderno com a ajuda das alíneas e dos números.

Ex.: *Ontem nós (visitar) **visitámos** essa fábrica de móveis e (ver) **vimos** como os carpinteiros (fazer) **faziam** os armários.*

- Ontem (ver) **(1)** o novo filme, mas eu bem te (dizer) **(2)** que não (ser) **(3)** nada de especial.
- Talvez lhe (parecer) **(1)** útil este equipamento, mas o preço, segundo me (informar) **(2)**, (ir) **(3)** baixar na próxima semana.
- (Observar) **(1)** os comportamentos do seu cão e (dizer) **(2)** o que **(3)** (achar) estranho.
- Os alunos (estudar) **(1)** a lição para o teste e (obter) **(2)** bons resultados.
- Eles (reparar) **(1)** que o professor (ter) **(2)** um aspeto jovial e (convidar + pronome) **(3)** para ir ao concerto.
- (ser) **(1)** óbvio que (viajar) **(2)** de carro é mais dispendioso do que (utilizar) **(3)** o comboio, mas (preferir) **(4)** o primeiro.
- Devido à fila do almoço, eu (atrasar-se) **(1)** e (chegar) **(2)** quinze minutos depois do toque.
- Oxalá eles não (precisar) **(1)** do livro que (deixar) **(2)** em minha casa.

O ADVÉRBIO

Classe de palavras invariáveis em género e em número que funcionam como modificadores ou complementos de um verbo, de um adjetivo ou de uma frase. Atualmente, com base em critérios sintáticos, consideram-se as subclasses dos advérbios que se seguem.

Subclasses dos advérbios	
Advérbios de predicado	Podem funcionar como complementos do verbo ou como modificadores adverbiais da frase: • com valor locativo Exs.: <i>abaixo, acima, acolá, adiante, aí, além, algures, ali, antes, aquém, aqui, atrás, através, cá, debaixo, defronte, dentro, detrás, fora, lá, longe, perto, ...</i> • com valor temporal Exs.: <i>agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, brevemente, cedo, depois, doravante, enfim, então, entretanto, hoje, já, jamais, logo, ontem, outrora, sempre, ...</i> • com valor de modo Exs.: <i>assim, bem, depressa</i>, e muitos outros advérbios terminados em «-mente».
Advérbios de frase	São modificadores da frase, exprimindo uma ideia de probabilidade, afirmação, dúvida ou outra perspetiva do falante. Exs.: <i>certamente, felizmente, provavelmente, talvez, acaso, porventura, quiçá, ...</i>
Advérbios conectivos	Estabelecem uma ligação entre os elementos da frase. Exs.: <i>assim, contrariamente, conseqüentemente, depois, melhor, nomeadamente, primeiramente, porém, contudo, todavia, apesar disso, no entanto, ainda assim, ...</i>
Advérbio de afirmação	<i>sim</i>
Advérbio de negação	Funciona como modificador do verbo ou de elementos dependentes do verbo: <i>não</i>
Advérbios de quantidade e grau	Exs.: <i>assaz, bastante, bem, demais, demasiado, demasiadamente, mais, menos, muito, pouco, quanto, tanto, tão, quão, quase, ...</i>
Advérbios de inclusão	Exs.: <i>até, mesmo, também, inclusivamente, ...</i>
Advérbios de exclusão	Exs.: <i>apenas, exclusivamente, salvo, senão, simplesmente, só, somente, unicamente, ...</i>
Advérbios interrogativos	• com valor temporal Ex.: <i>Quando?</i> • com valor de modo Ex.: <i>Como?</i> • com valor causal Ex.: <i>Porquê?</i>
Advérbio relativo	Ex.: <i>onde</i>

As locuções adverbiais

As locuções adverbiais são constituídas por grupos de palavras intimamente ligadas entre si e funcionam como os advérbios.

Locuções adverbiais			
<i>a custo</i>	<i>com certeza</i>	<i>de tempos a tempos</i>	<i>por aqui</i>
<i>à distância</i>	<i>com efeito</i>	<i>de vez em quando</i>	<i>por certo</i>
<i>à esquerda</i>	<i>de bom grado</i>	<i>em breve</i>	<i>por cima</i>
<i>à noite</i>	<i>de dentro</i>	<i>em geral</i>	<i>por demais</i>
<i>à pressa</i>	<i>de forma alguma</i>	<i>em vão</i>	<i>por dentro</i>
<i>a sós</i>	<i>de longe</i>	<i>frente a frente</i>	<i>por detrás</i>
<i>à vontade</i>	<i>de manhã</i>	<i>já agora</i>	<i>por fora</i>
<i>ao acaso</i>	<i>de mau grado</i>	<i>já então</i>	<i>por norma</i>
<i>ao contrário</i>	<i>de modo nenhum</i>	<i>na verdade</i>	<i>por onde</i>
<i>ao largo</i>	<i>de novo</i>	<i>para onde</i>	<i>por perto</i>
<i>às avessas</i>	<i>de pé</i>	<i>pela manhã</i>	<i>por vezes</i>
<i>às escuras</i>	<i>de repente</i>	<i>por acaso</i>	<i>sem dúvida</i>

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

- 1 Lê o excerto textual que se segue.

A Sociedade

Por causa da falta de dinheiro, eu e o Nicolau fizemos uma sociedade que durou três meses. Infelizmente não deu os resultados previstos e agora, quando nos lembramos dessa loucura, dá-nos vontade de gargalhar.

- 5 Quem teve a ideia foi o Nicolau. Em meados de outubro, andávamos já no sexto ano, o Nicolau, depois de muitos rodeios, perguntou-me:

— Ó Alecrim, não queres ficar rico?

Claro que essa pergunta não tem resposta. Quem me dera!

— Tenho andado a pensar e acho que com alguma sorte podemos ser ricos! Bem, não pode ser já, ainda temos de esperar algum tempo. Se tu quisesses, fazíamos uma sociedade...

- 10 Eu não estava a perceber nada, mas agradava-me ouvir aquela estranha conversa.

Sentámo-nos num penedo e o Nicolau, cada vez mais entusiasmado com as próprias palavras, contou-me pormenorizadamente o plano que não havia de demorar muito tempo a pôr-nos a nadar em dinheiro.

ANTÓNIO MOTA, *Pedro Alecrim*, Gailivro, 2006

1.1 Transcreve todos os advérbios que encontrares.

1.2 Agrupa-os segundo as subclasses a que pertencem.

- 2 Imagina uma continuação para o texto acima apresentado. No teu texto, usa:

- a) um advérbio modificador com valor locativo;
- b) um advérbio modificador com valor modal;
- c) um advérbio de quantidade e grau;
- d) um advérbio de negação.

O PRONOME

Os pronomes são palavras que substituem nomes nas frases, evitando a sua repetição. Apresentam variação em número e género, de acordo com o nome que substituem.

- Pronomes pessoais** — identificam as pessoas que são referenciadas no ato de fala (o locutor, o destinatário e a pessoa de quem se fala) e podem desempenhar a função de sujeito, complemento direto, complemento indireto, complemento oblíquo e complemento agente de passiva.

Pronomes pessoais						
Número	Pessoa	Formas tónicas (deíticos)	Formas átonas (clíticos)	Formas tónicas		
		Sujeito	Complemento			
			direto	indireto		oblíquo/ agente da passiva
				sem preposição	com preposição	
Singular	1. ^a	<i>eu</i>	<i>me</i>	<i>me</i>	<i>mim</i>	<i>mim, comigo⁽¹⁾</i>
	2. ^a	<i>tu, você</i>	<i>te</i>	<i>te</i>	<i>ti</i>	<i>ti, contigo⁽¹⁾</i>
	3. ^a	<i>ele, ela</i>	<i>se, o, a</i>	<i>lhe</i>	<i>si, ele, ela</i>	<i>si, ele, ela, consigo⁽¹⁾</i>
Plural	1. ^a	<i>nós</i>	<i>nos</i>	<i>nos</i>	<i>nós</i>	<i>nós, connosco⁽¹⁾</i>
	2. ^a	<i>vós, vocês</i>	<i>vos</i>	<i>vos</i>	<i>vós</i>	<i>vós, convosco⁽¹⁾</i>
	3. ^a	<i>eles, elas</i>	<i>se, os, as</i>	<i>lhes</i>	<i>si, eles, elas</i>	<i>si, eles, elas, consigo⁽¹⁾</i>

(1) Forma que contém a preposição *com*: (co)migo, (con)tigo, (con)sigo, (con)nosco, (con)vosco.

NOTAS:

— Os pronomes pessoais podem surgir combinados:

me + o (a, os, as) = mo (ma, mos, mas)

te + o (a, os, as) = to (ta, tos, tas)

lhe + o (a, os, as) = lho (lha, lhos, lhas)

nos + o (a, os, as) = no-lo (no-la, no-los, no-las)

vos + o (a, os, as) = vo-lo (vo-la, vo-los, vo-las)

Exs.: O livro está acolá, dá-mo.

Esta prenda deu-ta a tua mãe.

O chapéu dei-lho eu.

— Os pronomes pessoais *o, a, os, as* podem apresentar as seguintes variantes:

- lo, la, los, las*, depois de formas verbais terminadas em *-r, -s* ou *-z*, consoantes estas que se suprimem

Exs.: *amar + o = amá-lo; amas + o = ama-lo; faz + o = fá-lo.*

Depois de *eis*, os pronomes *o, a, os, as* tomam, igualmente, as formas *lo, la, los, las*, suprimindo-se o *-s*.

Ex.: *eis + lo = ei-lo*

- no, na, nos, nas*, depois de formas verbais terminadas em ditongo nasal.

Exs.: *amam + o = amam-no; traziam + as = traziam-nas; dão + o = dão-no.*

2. Pronomes demonstrativos — substituem um nome e indicam a sua localização em relação aos intervenientes da enunciação.

Ex.: *Esta revista é mais interessante do que **aquela**.*
*Ofereceram-me emprego, mas não **o** aceitei.*
*Gosto do meu carro, mas prefiro **aquele**.*

Pronomes demonstrativos				
Singular		Plural		Invariáveis
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
este esse aquele o mesmo o	esta essa aquela a mesma a	estes esses aqueles os mesmos os	estas essas aquelas as mesmas as	isto isso aquilo
tal		tais		

NOTAS:

- Os pronomes *o, a, os, as* são formas átonas equivalentes a *este (esta, estes, estas), esse (essa, esses, essas), aquele (aquela, aqueles, aquelas)*. Utilizam-se antes de:
 - Pronome relativo *que*.
Ex.: A matéria de que ele gosta menos é *a* que está a estudar agora.
 - Preposição *de*.
Ex.: O texto mais original é *o* do meu colega.
- As formas *tal, tais* são equivalentes a *este (esta, estes, estas, isto), esse (essa, esses, essas, isso), aquele (aquela, aqueles, aquelas, aquilo)*.
Ex.: Não disse *tal*.
- A maior parte dos pronomes demonstrativos é variável em género e em número. As formas *isto, isso* e *aquilo* são invariáveis e nunca se referem a pessoas. Os adjetivos que com elas se relacionam usam-se no masculino singular.
Ex.: *Aquilo* é estupendo.
- Os pronomes *este, esta, estes, estas* referem o que está mais próximo do locutor.
- Os pronomes *esse, essa, esses, essas* referem o que está mais próximo do interlocutor ou a ele ligado no espaço ou no tempo.
- Os pronomes *aquela, aquela, aqueles, aquelas* referem um afastamento tanto do locutor como do(s) interlocutor(es).

3. Pronomes possessivos — substituem o nome e estabelecem uma relação de posse entre o possuidor, o objeto possuído e os intervenientes do discurso; têm um valor de dêitico, uma vez que localizam, no espaço ou no tempo, o grau de aproximação ou de afastamento. Os pronomes possessivos variam em género, número e pessoa, e são geralmente precedidos de artigo definido.

Exs.: *Os meus apontamentos estão aqui. Onde estão os **teus**?*
*Os nossos instrumentos estão no carro. Onde estão os **vossos**?*

Pronomes possessivos					
Pessoa		Singular		Plural	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Um possuidor	1. ^a	<i>meu</i>	<i>minha</i>	<i>meus</i>	<i>minhas</i>
	2. ^a	<i>teu</i>	<i>tua</i>	<i>teus</i>	<i>tuas</i>
	3. ^a	<i>seu</i>	<i>sua</i>	<i>seus</i>	<i>suas</i>
Vários possuidores	1. ^a	<i>nosso</i>	<i>nossa</i>	<i>nossos</i>	<i>nossas</i>
	2. ^a	<i>vosso</i>	<i>vossa</i>	<i>vossos</i>	<i>vossas</i>
	3. ^a	<i>seu</i>	<i>sua</i>	<i>seus</i>	<i>suas</i>

- 4. Pronomes indefinidos** — exprimem uma ideia imprecisa acerca dos nomes que substituem.

Exs.: *Alguém* partiu o vidro. / *Tudo* estava excelente.

	Pronomes indefinidos			
	Singular		Plural	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Variáveis	algum	alguma	alguns	algumas
	nenhum	nenhuma	nenhuns	nenhumas
	todo	toda	todos	todas
	um	uma	uns	umas
	muito	muita	muitos	muitas
	pouco	pouca	poucos	poucas
	tanto	tanta	tantos	tantas
	outro	outra	outros	outras
	qualquer		quaisquer	
Invariáveis	alguém, ninguém, tudo, outrem, algo, nada			

NOTAS:

- *alguém, outrem* — referem-se a pessoas desconhecidas ou a pessoas cujo nome não se quer revelar.
- *ninguém* — refere-se a pessoas, mas designa a quantidade nula.
- *tudo, nada, algo* — substituem seres inanimados.

Locuções indefinidas		
<i>seja quem for quem quer que seja fosse quem fosse</i>	<i>cada qual seja qual for qualquer que seja</i>	<i>seja o que for fosse o que fosse o que quer que seja</i>

- 5. Pronomes relativos** — substituem um nome ou outros pronomes e introduzem uma oração subordinada relativa.

Pronomes relativos				
Variáveis				Invariáveis
Singular		Plural		
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
<i>o qual</i>	<i>a qual</i>	<i>os quais</i>	<i>as quais</i>	<i>que, quem</i>

NOTAS: — As formas *que*, *qual* podem referir-se a seres animados ou inanimados.

Exs.: A subida à serra *que* queremos fazer vai demorar umas horas.
Surgiram repentinamente grandes ondas acerca *das quais* se tinha ouvido falar.

— A forma *quem* refere-se a pessoas e não apresenta marcas nem de género, nem de número.

Exs.: Os músicos de *quem* falas são muito talentosos.

- 6. Pronomes interrogativos** — identificam uma pergunta sobre **a identidade** de pessoas ou coisas. A interrogação pode ser feita de maneira direta ou indireta.

Exs.: *Quem fez este desenho? / Perguntei-lhe **quais** preferia.*

Pronomes interrogativos				
Variáveis				Invariáveis
Singular		Plural		
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
qual		quais		
				que (o quê) / quem
NOTAS: — As formas <i>que</i> , <i>qual</i> podem referir-se a seres animados ou inanimados.				
— A forma <i>quem</i> refere-se a pessoas e não apresenta marcas nem de género, nem de número.				

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

- Classifica o pronome destacado nas frases seguintes.
 - A família vai para férias. Para onde vai **ela**?
 - Não vou ouvir o CD hoje, vou fazê-**lo** amanhã.
 - O meu estojo de primeiros socorros está comigo. Onde está o **teu**?
 - Alguém** viu o meu pai?
 - Tudo** isto é fantástico, amigos!
 - Aqueles** chegaram de autocarro, os outros de avião.
 - Qual** dos cães te parece mais saudável?
 - Os amigos de **quem** falaste chegarão amanhã.
- Reescreve as frases substituindo os constituintes destacados por pronomes.
 - Leram o **livro**?
 - Amanhã, darei o **dinheiro** à minha mãe.
 - Se pudesses, farias a **viagem**?
 - Vais buscar a **tua prima** ao aeroporto?

AS FUNÇÕES SINTÁTICAS

Uma frase é constituída por uma palavra ou grupos de palavras que funcionam como uma unidade de sentido completo. Assim, cada elemento da frase desempenha uma função distinta, denominada **função sintática**.

Funções sintáticas a nível da frase

Sujeito	É a função sintática desempenhada pelo constituinte da frase que se encontra em relação de concordância com o predicado e que, nas frases simples, aparece em posição pré-verbal. O sujeito pode ser representado por: - um determinante e um nome Ex.: <i>O António adormeceu.</i> - um nome Ex.: <i>Coimbra é a cidade dos estudantes.</i> - um pronome Ex.: <i>Ela escreve bem.</i> - uma palavra ou expressão nominal Ex.: <i>Negar é típico do inverno.</i> O sujeito pode classificar-se em: Simples — constituído por um grupo nominal ou por uma oração. Exs.: <i>A Joana é trabalhadora.</i> <i>Quem viu o filme gostou.</i> Composto — constituído por uma coordenação de grupos nominais ou de orações. Exs.: <i>A Inês e o José são primos.</i> <i>Quem leu o livro e viu o filme ficou desiludido.</i> Nulo a) subentendido — não está expresso o sujeito, mas, pelo contexto, sabe-se quem pratica a ação. Ex.: <i>Adormeceram cedo.</i> b) indeterminado — não se sabe quem pratica a ação. Ex.: <i>Conta-se que era uma princesa.</i> c) expletivo — ocorre com verbos impessoais. Ex.: <i>Parece que o exame correu mal.</i>
Predicado	É a função sintática desempenhada pelo verbo e pelos complementos que seleciona. O predicado permite determinar o objeto indicado pelo sujeito ou afirmar algo sobre este. O predicado é constituído pelo verbo e pelos constituintes dele dependentes: - complemento direto (<i>O filho escreveu uma carta à mãe.</i>); - complemento indireto (<i>O filho escreveu uma carta à mãe.</i>); - complemento oblíquo (<i>Fiquei comovido com o teu gesto.</i>); - predicativo do sujeito (<i>Fiquei comovido com o teu gesto.</i>); - predicativo do complemento direto (<i>Os alunos acharam o teste difícil.</i>); - complemento agente da passiva (<i>A carta foi escrita pela Maria.</i>);
Vocativo	O vocativo é a função que identifica o interlocutor e que ocorre frequentemente em frases imperativas, exclamativas e interrogativas. Funciona como aposição ao sujeito, expresso ou subentendido, aparecendo sempre isolado por vírgulas. Exs.: <i>Maria, faz-me um favor.</i> <i>Já te disse, filho, para estudares!</i> <i>Vais amanhã ao cinema, Júlio?</i>

Modificador de frase	Este constituinte não é selecionado por nenhum elemento da frase. No entanto, afeta globalmente a sua interpretação, acrescentando-lhe informação. Por não ser exigido por nenhum elemento, pode ser omitido sem pôr em causa a gramaticalidade da frase. Esta função sintática pode ser desempenhada por um grupo adverbial (a) ou por uma oração subordinada adverbial concessiva (b) ou condicional (c). Exs.: a) <i>Infelizmente</i>, o João não pode vir. b) Vou fazer o trabalho, <i>embora me sinta muito cansada</i>. c) <i>Se tivesse estudado</i>, teria tido uma boa nota.
-----------------------------	--

Funções sintáticas internas ao grupo nominal

Complemento do nome	São os elementos que, pela íntima relação que têm com o nome, lhe alteram o sentido, caso sejam retirados; aparecem sempre à direita do nome. Pode ser formado por: - um grupo preposicional que restringe a realidade do nome. Exs.: A visita <i>ao museu</i> correu bem. O irmão <i>do Nuno</i> ganhou um prémio. - um adjetivo colocado à direita do nome, formando uma unidade de sentido. Ex.: A pesca <i>baleeira</i> tem vindo a aumentar.
Modificador do nome	É uma função sintática facultativa desempenhada por grupos de palavras que modificam o nome. Pode ser: Restritivo — é um constituinte do grupo nominal que se situa normalmente à direita do nome e que não pode aparecer separado por vírgulas. Pode ser um adjetivo, um grupo preposicional ou uma oração subordinada relativa restritiva. Exs.: O cão <i>vadio</i> dormia na rua. Os jornais <i>que li ontem</i> eram de desporto. Apositivo — é um constituinte do grupo nominal que presta uma informação adicional, sendo sempre isolado por vírgulas. Pode ser um grupo nominal, um grupo adjetival, um grupo preposicional ou uma oração subordinada relativa explicativa. Exs.: O atleta, <i>peessoa humilde e empenhada</i>, lesionou-se. O jovem, <i>que era atento e trabalhador</i>, obteve bons resultados.

Funções sintáticas internas ao grupo verbal

Complementos verbais	É cada um dos constituintes obrigatórios que fazem parte integrante do predicado. Complemento direto — é o elemento que está diretamente ligado a um verbo transitivo direto. Ex.: Ontem vi <i>um ET</i>. Complemento indireto — é o elemento que se encontra indiretamente ligado a um verbo transitivo por meio da preposição a. Ex.: Darei flores <i>à minha namorada</i>. Complemento oblíquo — é um constituinte obrigatório que pode apresentar a forma de grupo preposicional ou de grupo adverbial ou ainda a coordenação de uma dessas formas. Exs.: A Joana vive <i>em Coimbra</i>. Puseste <i>ali</i> o livro. Complemento agente da passiva — é um grupo preposicional introduzido pela preposição por, que corresponde à entidade que pratica a ação na frase equivalente da voz ativa. Ex.: A baleia foi encontrada <i>por um pescador</i>. [Um pescador encontrou a baleia.]
-----------------------------	---

Predicativo	É o constituinte selecionado por um verbo copulativo, predicando o sujeito, ou por um verbo transitivo, predicando o complemento direto. • Predicativo do sujeito — surge na oração junto de verbos copulativos (<i>ser, estar, ficar, permanecer, parecer, ...</i>) e estabelece uma relação de sentido com o sujeito. Ex.: <i>O miúdo ficou magado no jogo.</i> • Predicativo do complemento direto — é o elemento que se junta ao complemento direto de verbos como <i>considerar</i> e <i>eleger</i>. Ex.: <i>A assembleia nomeou o João presidente.</i>
Modificador	É um constituinte funcional opcional, que não é selecionado pelo núcleo do grupo sintático de que depende. Pode ser constituído por: • um grupo adverbial que não é exigido por nenhum elemento da frase. Podem ser interrogados e negados. Exs.: <i>Os alunos foram ontem a uma visita de estudo.</i> <i>A professora leu o texto pausadamente.</i> • um grupo preposicional não exigido pelo núcleo verbal, sendo sempre iniciado por uma preposição; pode ser identificado através de uma pergunta cuja resposta corresponde ao grupo verbal. Exs.: <i>O pai recebeu a notícia com alegria.</i> <i>O cão estragou a roupa no estendal.</i> • uma frase subordinada que tem como função modificar o grupo verbal. Exs.: <i>Necessito de mais tempo para concluir o trabalho.</i> <i>Maria chorou quando o seu cão morreu.</i> <i>Foi à discoteca porque queria divertir-se.</i>

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

- 1 Faz a análise sintática das frases que se seguem.
 - a) Os primos, Adriana e João, foram visitar os avós à aldeia.
 - b) Ana, emprestaste o livro ao teu colega para ele estudar as funções sintáticas?
 - c) Ontem, a professora apresentou calmamente o regulamento do concurso literário.
 - d) O Bruno foi ultrapassado pelo atleta da equipa adversária durante a maratona.
 - e) No Natal, os alunos dinamizaram uma campanha de solidariedade na escola.
 - f) Depois da prova de natação, o Miguel, jovem esforçado e humilde, estava esgotado.
- 2 Lê a receita seguinte e identifica as funções sintáticas assinaladas.

Gelatina de frutos caseira

Descongele (1) **as framboesas**, reservando o sumo que largarem. Misture as framboesas e o sumo (2) **com açúcar** (3) **numa caçarola** e leve ao lume. Deixe levantar fervura. Escorra (4) **cuidadosamente** as framboesas, reservando a calda. Coloque (5) **a gelatina** (6) **de molho** em água durante cinco minutos. Misture com a calda quente, (7) **até a gelatina se dissolver**. Deite a mistura numa taça ou numa forma plástica com capacidade para três chávenas, passada por água fria. Deixe arrefecer e guarde (8) **no frigorífico**. (9) **Para desenformar a gelatina** (10) **depois de solidificar**, mergulhe rapidamente (11) **a taça ou a forma** em água quente e vire sobre a travessa, agitando (12) **energicamente**. Sirva com frutos frescos e iogurte.

AS RELAÇÕES ENTRE AS PALAVRAS

Relações entre palavras	
Sinonímia	As palavras sinónimas são as que têm um significado idêntico, mas significantes diferentes. Exs.: <i>alegre/feliz, refletir/pensar.</i>
Antonímia	As palavras antónimas são as que se opõem pelo significado. Exs.: <i>rapaz/rapariga, dar/receber.</i>
Homonímia	As palavras homónimas são as que partilham a grafia e a pronúncia, mas que conservam origem e significado distintos. Exs.: <i>rio (nome)/rio (forma verbal), conta (nome)/conta (forma verbal).</i>
Homografia	As palavras homógrafas são as que têm grafia idêntica, mas pronúncia e significado diferentes. Exs.: <i>para (preposição)/para (forma verbal), governo (nome)/governo (forma verbal).</i>
Homofonia	As palavras homófonas possuem a mesma pronúncia, mas grafia e significado diferentes. Exs.: <i>sem (preposição)/cem (numeral), nós (pronome)/noz (nome).</i>
Paronímia	As palavras parónimas são as que têm grafia e pronúncia semelhantes, mas significado diferente. Exs.: <i>perfeito (adjetivo)/prefeito (nome), moral (nome)/mural (adjetivo).</i>

Em síntese:

Palavras	Grafia	Som	Significado	Exemplos
Homónimas	=	=	≠	são (adjetivo)/são (forma verbal)
Homógrafas	=	≠	≠	pôr (verbo)/por (preposição)
Homófonas	≠	=	≠	aço (nome)/asso (forma verbal)
Parónimas	≈	≈	≠	emigrante (nome)/imigrante (nome)

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1 Indica um sinónimo e um antónimo para cada um dos vocábulos apresentados.

a) cheio b) dormir c) chegar d) abrir e) nascer

2 Completa com a informação necessária para obteres pares de palavras entre as quais se estabelece algum tipo de relação. Segue o exemplo.



Ex.: paço (nome)/passo (verbo) — homófonas

a) comprimento (____ (1) ____)/____ (2) ____ (nome) — ____ (3) ____

b) saia (____ (4) ____)/____ (5) ____ (____ (6) ____) — homógrafas

c) como (____ (7) ____)/____ (8) ____ (____ (9) ____) — homónimas

d) livro (____ (10) ____)/____ (11) ____ (____ (12) ____) — ____ (13) ____

e) pais (nome) / ____ (14) ____ (____ (15) ____) — ____ (16) ____

f) sinto (____ (17) ____)/____ (18) ____ (____ (19) ____) — homófonas

TESTE FORMATIVO

LÊ ATENTAMENTE O TEXTO QUE SE SEGUE.

— Venham, meninos. Esta não é uma visita qualquer. O Palácio da Vila nasce de um alcácer levantado pelos mouros no século x e há nesta arquitetura um sabor enigmático, um encanto oriental que eu gostaria que vocês apreendessem.

5 — Ó pai, e as queijadas? Estou cheio de fome — disse o Miguel.

E a Luísa:

— O pai prometeu que íamos às queijadas. [...]

— Hão de ser sempre uns burros, vocês. Uns burros e uns ignorantes.

Vamos então só dar uma volta, ver o que veem os turistas, a Sala dos Cisnes, a

10 Sala das Pegas, uma espreitadela ao terreiro de São Sebastião. Depois podem ir lanchar, mas eu fico. Encontramo-nos mais tarde, ao pé da escadaria do palácio.

— Devias ter sido arquiteto — disse Helena. — Arquiteto e não historiador.

— A arquitetura faz parte da História — defendi-me, porque aquilo era

15 um ataque. — Não a que se constrói, mas a que se estuda. Há mais História numa simples porta fechada que em todas as versões oficiais dos acontecimentos que vêm nos vossos manuais escolares.

— Que exagero, Gonçalo. Mas está bem. Vamos lá dar uma volta, e por favor mostra-nos só o essencial.

20 — Nós vemos o resto na Internet — disse a Luísa.

— O essencial — refilei. — O essencial é a essência, e isso é precisamente o que vocês não querem perceber. Um dia, quando eu estiver gagá, hão de ter saudades das minhas explicações.

— Eu acho que o pai já está gagá — disse o Miguel em voz baixa à

25 irmã. Mas eu ouvi. E magoou-me a forma imbecil como os meus próprios filhos se riram de mim.

Lá fizemos a tal voltinha para turistas e depois deixei-os ir, porque não se assimila nada se o coração não está lá, e não é com o coração num pacote de queijadas que se pode aprender o inefável da História.

30 Deixei-os ir. Com pena, porque a minha intenção era interessá-los nos mil e um mistérios daquele palácio, desde a carta régia de D. Diniz datada de 1281 na qual se refere aos *mea palacia* de Oliva preceituando que a sua conservação deveria ficar a cargo dos mouros forros de Colares, até à Sala dos Brasões, já do século xvi, onde havia de mostrar-lhes o nosso, enfim, o brasão dos

35 Vieiras, com a concha do marisco que nos dá o nome.

[...] Conheço bem o palácio e não me lembro de alguma vez ter estado nesta sala. É uma divisão pentagonal com as paredes cobertas de azulejos de fabrico sevilhano, século xv, suponho, em verdes, azuis e brancos como os da Sala dos Árabes, mas sem o friso de flores-de-lis e maçarocas e sem a janela

40 manuelina que ali deita para o Pátio dos Cisnes.

Pensei tudo isto num ápice, sem entender como viera ali parar, correndo os olhos pelas paredes à procura do arco ou passagem que me dera acesso. E sim, lá estava ela, uma pequena porta renascentista, de elegante mármore lavrado, sedutora e fechada.

45 *Há mais história numa porta fechada...* tinha eu dito aos meus filhos minutos antes.

ALICE VIEIRA e OUTROS, *Os Novos Mistérios de Sintra*, Oficina do Livro, 2005
(texto com supressões)

RESPONDE ÀS QUESTÕES QUE SE SEGUEM, NUMA FOLHA À PARTE.

- 1** Considera o diálogo inicial do excerto.
 - 1.1** Identifica as personagens.
 - 1.1.1** Clarifica as relações familiares que as unem.
 - 1.2** Indica a profissão de Gonçalo.
 - 1.2.1** O que pensa ele da sua profissão? Justifica a tua resposta com dados textuais.
 - 1.3** Refere o espaço em que se encontram as personagens.
 - 1.3.1** Que motivo está na origem da sua presença ali?
- 2** «Lá fizemos a tal voltinha para turistas e depois deixei-os ir [...]» (l. 27)
 - 2.1** Identifica o narrador.
 - 2.1.1** Classifica-o quanto à presença e à ciência. Justifica a tua resposta com elementos textuais.
- 3** Considera os três últimos parágrafos do texto.
 - 3.1** Apresenta o motivo do espanto do narrador.
 - 3.2** Onde se encontrava de facto Gonçalo?
 - 3.2.1** Refere o objeto que se evidencia nesse espaço.
- 4** Explica, por palavras tuas, a seguinte passagem: «Há mais História numa simples porta fechada que em todas as versões oficiais dos acontecimentos que vêm nos vossos manuais escolares.» (ll. 15-17)
- 5** No texto, há vários momentos de narração e de descrição. Transcreve um exemplo para cada um deles. Fundamenta a tua resposta.
- 6** Considera a passagem: «Encontramo-nos mais tarde [...]» (l. 11).
 - 6.1** Reescreve a frase iniciando-a com «Talvez».
- 7** Identifica o processo de formação do vocábulo «flores-de-lis».
 - 7.1** Enuncia a regra de formação deste plural.
- 8** «Há mais História numa porta fechada...» (l. 45). Escreve um texto criativo e bem estruturado imaginando o que estaria por detrás daquela porta.

O MUNDO INTEIRO... UM PALCO!



[U]m lugar de exaltação, mistério e liberdade, onde a gente pode amar, sofrer, rir e chorar, fingir à vontade, mascarar-se, declamar, correr atrás dos outros e perder-se na confusão das cordas e dos bastidores [...].

JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS

Analisar a imagem e a citação

1. O que representa a imagem?
2. Relaciona a citação com a imagem apresentada.



Índice

O MUNDO INTEIRO... UM PALCO!

TEATRO

Das origens aos nossos dias	166
Vamos ao teatro!	167
«A Cigarra e a Formiga», Alexandre O'Neill	168
«E quando as chuvas caírem...», Maria Teresa	
Maia Gonzalez	172
À Beira do Lago dos Encantos, Maria Alberta Menêres	178
«Há sempre lugar para um sonho...», Maria Teresa	
Maia Gonzalez	181
As Três Cídras do Amor, Yvette K. Centeno	184

Leitura integral

Aquilo Que os Olhos Vêem ou O Adamastor, Manuel António Pina	190
---	-----

Ler mais

Texto A — «A nau Catrineta», Almeida Garrett	204
Texto B — «Pedra filosofal», António Gedeão	205

Ficha informativa 18 — O texto dramático	206
---	-----

Ficha informativa 19 — A pontuação	207
---	-----

Ficha informativa 20 — O discurso direto e o discurso indireto	208
--	-----

Ficha informativa 21 — A coordenação e a subordinação	210
---	-----

Teste formativo	214
------------------------	-----

A unidade 3 vai permitir-te:

- aprofundar o gosto pessoal pela leitura de textos dramáticos e pelo teatro;
- reconhecer as diferentes categorias do texto dramático;
- compreender a especificidade das estruturas interna e externa do texto dramático;
- praticar a análise textual de excertos e obras integrais do programa;
- conhecer dados biográficos dos autores a estudar;
- comentar a expressividade da linguagem;
- conhecer de forma explícita a gramática da língua;
- desenvolver as competências de escrita;
- promover a troca de impressões sobre valores e atitudes;
- pesquisar dados decorrentes da abordagem dos textos.

Das origens aos nossos dias



Teatro romano de Mérida

Desde a Pré-História que o Homem tentou desenvolver o seu poder comunicativo com o que o rodeava e com o que o transcendia. Jogo e ténue religiosidade, bem como mistério e magia, foram ingredientes das primeiras representações humanas de contornos teatrais

Só na Grécia Antiga, alguns séculos antes de Cristo, o teatro se configura como manifestação artística e cultural. Estão na sua origem os ritos em honra de Dionísio, com a representação das cenas da sua vida, com finalidade didática e moralizadora. No teatro grego, distinguem-se tragédias e comédias, e se as primeiras refletem a

condição humana e o destino do Homem conduzido pelos Deuses, as segundas são mais ligeiras e vocacionadas para o riso e para a crítica dos vícios e costumes da sociedade. Estes textos gregos estiveram na base de espetáculos direcionados para um grande público e representados em monumentais anfiteatros ao ar livre, construídos em declive, aproveitando as condições naturais do terreno. A representação só podia ser realizada por atores masculinos, que utilizavam a máscara como instrumento técnico de construção da sua personagem.

Levado para o resto do mundo pelos Romanos, o teatro estendeu-se pelos horizontes do Império, nunca atingindo o esplendor das representações helénicas.

Durante a Idade Média, as representações teatrais abordavam as temáticas religiosas e o passar do tempo sazonal, que desde sempre se relacionou com as festas profanas.

Na corte, sobretudo no Renascimento, o teatro instituiu-se como um espaço de diversão e de comemoração, para um público mais selecionado e restrito.

Na atualidade, o espaço do teatro alargou-se, e cada vez mais se assiste a um entendimento vasto e multidisciplinar do acontecimento teatral. Fora dos circuitos tidos como clássicos, abertos pelo Romantismo, com a criação de teatros públicos, hoje em dia qualquer espaço pode proporcionar o espetáculo que a conjugação da palavra, da música e da luz, do cenário, da movimentação do ator, do seu gesto e da sua voz trazem para o momento fugaz do contacto com o público. Assim, em teatro, o texto pode eventualmente prevalecer,

mas tudo o resto é efémero e, por isso mesmo, sedutor e misterioso, e desse momento de partilha entre a máscara do ator e o deslumbramento do espectador pode ficar uma lição de vida, um momento de mera distração e riso, ou um desejo urgente de modificar o mundo. Teatro é, pois, espaço de criação, de afetos e de compromisso, momento único em que energias várias se congregam numa ação vivida por uma máscara: o ator.



Teatro Nacional D. Maria II,
Lisboa



Interior de uma sala de teatro

1

Elabora um resumo deste texto.

Vamos ao teatro!

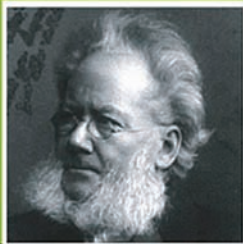
Ir ao teatro constitui uma excelente experiência para contactares com o texto dramático ao vivo. Muitas vezes, a comemoração de um autor dramático suscita iniciativas várias que se relacionam com áreas culturais e artísticas, em diálogo com o teatro. Neste sentido, apresentamos-te um folheto de divulgação de um desses ciclos culturais consagrados a um autor.

- 1 Observa o folheto e preenche o quadro com as informações que retiveste.



Título da iniciativa	(1)
Atividades publicitadas	(2)
Objetivos da iniciativa	(3)
Responsáveis pela organização	(4)
Datas	(5)
Espaços envolvidos	(6)
Entidades financiadoras	(7)
Apoios e parcerias	(8)

Ciclo Ibsen



Henrik Ibsen

No ano em que se assinala o centenário da morte do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen, O Teatrão propõe, em co-produção com o Curso de Teatro e Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra, a realização de um ciclo dedicado ao pensamento em torno da obra de Ibsen, considerado o pai do teatro moderno, um teatro de discussão que coloca o indivíduo, na relação consigo mesmo e com o seu lugar no mundo, no centro do debate.

Henrik Ibsen, autor praticamente ignorado em Portugal, coloca nas suas obras questões que são fundamentais hoje em dia, no sentido da compreensão das camadas que compõem o ser humano, enquanto agente responsável no mundo e pelo mundo.

Propomos, então, uma contextualização à temática ibseniana através de uma exposição, leituras, cinema e teatro. Pretendemos, através de uma série de momentos com entrada livre, contribuir para a reflexão em torno da actualidade da proposta de Ibsen.

➤ **Exposição "Ser Poeta é ver - Ibsen no nosso tempo"**
De 1 a 31 de julho, Sala Branca do TAGV
Seg a Sex 9h30-12h30 e 14h00-01h00 - Sáb. e Dom 14h00-01h00

➤ **Lançamento do livro "Henrik Ibsen - Peças Escolhidas", Vol. I, Livros Cotovia**
Leitura de excertos de textos de Ibsen
3 de julho, 18h00, Auditório FNAC

➤ **Cinema**

Immortal Ibsen!, de Erling Borgen, 1999, documentário, 40'
12 de julho, 21h45, Museu dos Transportes

The Wild Duck, de Tancred Ibsen, 1963, drama, 100.32'
13 de julho, 21h45, Museu dos Transportes

Terje Vigen, de Victor Sjöström, 1917, Drama, 60'
14 de julho, 21h45, Museu dos Transportes

The Adventures of Peer Gynt, de David Toustler, 1992, Animação, 30'
15 de julho, 18h00, Museu dos Transportes

➤ **Teatro**

"Peer Gynt", de 20 e 29 de julho
Pavilhão 1 do Polo II da Escola Superior de Educação de Coimbra, 21h00

Em todos os eventos do Ciclo Ibsen a entrada é gratuita.

➤ **O Teatrão**

Oficina Municipal do Teatro - Rua Pedro Nunes,
Quinta da Nora 3030-199 Coimbra
Telef. 239 714 013 Fax 239 724 490 - Telemóvel 914 617 383
Museu dos Transportes - Rua da Alegria - 3000 Coimbra
www.oteatrao.blogspot.com
geral@teatrao.com

Estrutura Financiada por:



Apoios e Parcerias:



- 2 Pesquisa informação sobre peças de teatro em cena na tua região.
- 2.1 Organiza uma ida ao teatro, para ver um espetáculo do teu interesse.
- 2.1.1 No fim da peça, procura conversar com os atores e, eventualmente, com o encenador.
- 2.1.2 Redige um texto com as tuas impressões do espetáculo. Realiza uma planificação prévia e uma revisão final.
- 2.2 Elabora um relatório sobre a visita de estudo. Planifica o texto e procede a uma revisão final.
- 3 Informa-te, junto do teu professor de Português, sobre os primórdios do teatro em Portugal. Procura saber:
- quais foram as primeiras manifestações teatrais;
 - que autores começaram por escrever textos dramáticos;
 - por quem e onde eram representados.
- 3.1 Sistematiza a informação obtida em tópicos e apresenta oralmente o resultado da tua pesquisa à turma. Se possível, faz a apresentação com o auxílio de um suporte informático.



Biografia

Alexandre O'Neill
(1924-1986)

Alexandre Manuel Vahia de Castro de **O'Neill** de Bulhões, natural de Lisboa, foi um autodidata, tendo-se destacado como poeta e publicitário. Ficou conhecido como um dos divulgadores do Surrealismo.

Obra: *No Reino da Dinamarca; Tempo de Fantasmas; As Andorinhas não Têm Restaurante; Entre a Cortina e a Vidraça; ...*



A Cigarra e a Formiga

A Cigarra e a Formiga saem debaixo de um cogumelo, chegam à boca de cena e, pondo as mãos em megafone, falam para cima, para donde vem a voz do Homem. À medida que falam, ilumina-se, alto, um trono onde está sentado o Homem, com um longo spray a fazer de cetro e um mata-

5 -moscas à mão.

Formiga Ó rei dos inseticidas,
uma coisa te devemos:
nossa recente amizade.
Graças a ti,
10 a Cigarra e a Formiga
são hoje amigas.

Mas vamos ao que importa,
que o resto são fábulas...

Tu não percebes, Homem,
15 que não podes passar a vida a ameaçar
os outros?
Que mal te fizeram os insetos?

(Somos muitos é certo...)
Mas deixa que cada um
20 vá à sua vida, à sua morte.
Não nos dites a sorte.
Se matas estes dás mais vida àqueles,
se matas aqueles dás mais vida a estes,
se matas todos,
25 vais matar-te a ti...

Que sabes tu da vida, ó Homem?
Nada!
A vida é como um conto
que não começa nem acaba,

30 **Homem** *(despertando da sua modorra,
empunha o spray e ameaça)* Histórias...

Cigarra *(corajosa)* Tu que passas os dias
a exterminar os bichos
(que o diga o rinoceronte,
35 que anda a monte
ou o lince da Malcata, que anda à rasca),
que despejas tua baba industrial
nos rios de Portugal,
que injetas hormonas nas galinhas
40 e envenenas o peixe até à espinha,



que não sabes que fazer dos lixos,
que fazer das praias,
das hepatites que por lá apanhas,
dos automóveis,
45 dos gases que se escapam,
dos dejetos atómicos,
das simples embalagens perdidas,
queres, agora, acabar com as nossas vidas.

Homem (grosseiro) Quer dizer,
50 doravante
sou obrigado a ter a pulga
por amante,
o piolho, por confidente,
55 a mosca, por visitante,
a lagarta, por dentista,
a carochinha, por namorada...
E, por aí fora, não é?
Fiquem sabendo:
eu não ataco,
60 eu defendo-me!

Formiga Mentira! Mentira!
Tu inventaste a superarma
contra os insetos.
Tu matas mais
65 do que seria necessário.
Esse mata-moscas bastava...
É uma arma razoável
quase aceitável.
É uma arma negociável.

70 Passa para cá o aerossol
fica com o mata-moscas,

Homem *(levanta-se do trono, esbraceja, dispara o spray em
todas as direções, agita o mata-moscas. De tanto disparar o spray
assassino, fica envolvido numa nuvem de inseticida. Cai, inani-*
75 *mado, sobre o trono, como um rei assassinado. Antes de desmaiar,
ainda encontra tempo para dizer quase com ingenuidade:)*

Na embalagem diz
que não faz mal ao homem
nem aos outros animais de sangue quente.

80 Guardar sob chave
e longe das crianças...
(gritando)
As crianças, levem as crianças!



COMPREENSÃO

- 1** Presta atenção às personagens intervenientes.
 - 1.1** Identifica-as.
 - 1.2** Qual é a relação existente entre os insetos e o «rei dos inseticidas»?
 - 1.2.1** Que função desempenham os adereços que acompanham o Homem?
- 2** Verifica que o discurso da Formiga é marcadamente violento.
 - 2.1** Que acusações faz? Ilustra a tua resposta com dados textuais.
 - 2.2** O que prevê para o futuro da Humanidade? Fundamenta a tua resposta.
- 3** Observa a intervenção da Cigarra.
 - 3.1** Enumera as acusações que são feitas pela Cigarra.
 - 3.2** Onde pretende chegar a Cigarra com este rol de acusações?
- 4** Repara na reação do rei perante o discurso dos dois insetos.
 - 4.1** Que atitude revela relativamente à primeira fala da Formiga?
 - 4.2** Como atua em relação à intervenção da Cigarra?
 - 4.2.1** Que argumentos apresenta em sua defesa?
 - 4.2.2** Concordas com a sua posição? Justifica a tua opinião.
 - 4.3** O que lhe propõe a Formiga?
 - 4.4** O que resolve fazer o Homem como reação ao «ataque» dos insetos?
 - 4.5** Com base nas falas do rei e nas didascálias apresentadas, traça o seu perfil psicológico.
- 5** Reflete sobre a intenção comunicativa que o texto apresenta.
 - 5.1** Explicita-a, fundamentando a tua opinião.
 - 5.2** Consideras que a mensagem que se pretende transmitir ainda se verifica na atualidade, ou que faz parte do passado? Justifica a tua opinião.
- 6** Transcreve um exemplo de:
 - a) apóstrofe;
 - b) antítese;
 - c) comparação;
 - d) anáfora;
 - e) enumeração.

Consulta a Ficha informativa 23, «O estilo», na página 248.

GRAMÁTICA

- 7** Completa o seguinte quadro, no teu caderno, com a ajuda das alíneas.



	Frase	Tipo	Polaridade
a)	«Que mal te fizeram os insetos?» (l. 17)		
b)	«Não nos dites a sorte.» (l. 21)		
c)	«[...] eu defendo-me!» (l. 60)		
d)	«É uma arma negociável.» (l. 69)		
e)	«Passa para cá o aerossol [...]» (l. 70)		
f)	«As crianças, levem as crianças!» (l. 83)		

- 8** Indica a classe e a subclasse de palavras a que pertencem os vocábulos que se seguem: «Tu» (l. 14); «te» (l. 17); «estes» (l. 22); «aqueles» (l. 23); «eu» (l. 59).

- 9** Atenta na seguinte frase: «(Somos muitos é certo...)» (l. 18)
- 9.1** Explica a pontuação utilizada.
- 9.2** Reescreve a frase e conclui-a.
- 10** Relê a passagem relativa à fala da Formiga nas linhas seis a onze.
- 10.1** Passa-a para o discurso indireto.
- 10.2** Refere as alterações a que procedeste.
- 11** Atenta nas frases transcritas:
- a)** «Passa para cá o aerossol / fica com o mata-moscas, [...]» (ll. 70-71)
- b)** «(levanta-se do trono, esbraceja, dispara o spray em todas as direções, agita o mata-moscas.» (ll. 72-73)
- 11.1** Divide as frases em orações e classifica-as.
- 11.2** Faz a análise sintática da frase da alínea a).

Consulta a Ficha informativa 19, «A pontuação», na página 207.

Consulta a Ficha informativa 20, «O discurso direto e o discurso indireto», na página 208.

Consulta a Ficha informativa 16, «As funções sintáticas», na página 158.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 12** Além de outros aspetos, a peça chama a atenção para a importância do equilíbrio entre as várias espécies e o sistema ecológico. Pesquisa dados sobre um animal em vias de extinção e produz um texto onde apresentes as medidas que levarias a cabo para a sua preservação. Planifica o texto e revê-o antes de o entregares.
- 13** «Se o Homem não proteger o ambiente, estará a comprometer a sua própria sobrevivência.» Elabora um texto argumentativo no qual defendas o ponto de vista acima apresentado.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

- 14** Lê atentamente a fábula, traduzida por Bocage, «A raposa e as uvas».

A raposa e as uvas

Contam que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Viu roxos, maduros cachos
Pendentes de alta latada.
5 De bom grado os trincaria,
Mas sem lhes poder chegar,
Disse: «Estão verdes, não prestam,
Só cães os podem tragar!»
Eis cai uma parra, quando
10 Prosseguia seu caminho,
E crendo que era algum bago,
Volta depressa o focinho.

BOCAGE (trad.), *Fábulas de la Fontaine*, Texto Editores, 2001

- 14.1** Elabora um guião dramático, partindo da fábula anterior.
- 14.2** Representa a peça à turma.





Biografia

Maria Teresa Maia Gonzalez
(n. 1958)

Maria Teresa Maia Gonzalez nasceu em Coimbra, tendo-se licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Franceses e Ingleses. Foi professora de Língua Portuguesa entre 1982 e 1997.

Obra: *A Fonte dos Segredos; O Guarda da Praia; A Lua de Joana; Histórias com Jesus; A Cruz Vazia; O Amigo do Computador; Retratos Imperfeitos; Anti-Bonsai; ...*

Prepara a leitura do texto e **lê-o em voz alta**.

E quando as chuvas caírem, estarei no meu quarto



Cena 5

(Na sala, ainda com a toalha e alguns copos sobre a mesa, estão Mercedes, Sara e Gil. Mercedes está sentada no cadeirão. Gil está sentado no sofá e liga a televisão. Sara está em pé, com um copo na mão. A luz do candeeiro de pé está acesa.)

5 **Mercedes** *(Com ar grave)* Ó Sarinha, deixa o copo aí na mesa e vem sentar-te aqui ao pé de nós, filha.

Sara *(Surpreendida)* Mas ainda não acabei de levantar a mesa!

Mercedes *(Pausadamente)* Não faz mal. *(Com ternura)* Vem aqui para ao pé do teu irmão, que eu preciso muito de falar convosco.

10 **Sara** *(Poisa o copo na mesa e vai sentar-se ao lado do Gil.)* Pronto. Já aqui estou. *(Pausa breve. Vira-se para a Mãe.)* Nem parece teu querer que a mesa fique por levantar...

Mercedes *(Pausadamente)* Uma vez não são vezes e eu preciso muito de ter uma conversa com os meus filhos...

15 **Sara** *(Olhando para Gil e, depois, para a Mãe)* Uma conversa?...

Mercedes *(Triste)* Sim. *(Pausa breve)* E bem séria!

Gil *(Com algum nervosismo)* Diz lá o que aconteceu, Mãe! Só gramo *sus-pense* nos filmes de ficção científica.

Mercedes *(Em tom solene)* O assunto não é uma brincadeira, Gil! Já disse 20 que é muito sério.

Sara *(Assustada, levanta-se.)* Morreu alguém?! Houve algum acidente?!

Mercedes *(Calmamente)* Volta a sentar-te, filha. *(Pausa breve)* Não, não morreu ninguém nem houve acidentes, graças a Deus.

Sara *(Sentando-se novamente junto do irmão)* Então?

25 **Gil** *(A medo, [...] para a Mãe)* Tem a ver... contigo e com o Pai, não tem?

Sara *(Nervosa)* É isso, Mãe?!

Mercedes *(Pesarosa)* É isso mesmo. *(Virando-se para Gil)* Ó filho, desliga a televisão por um bocado, se não te importas...

Gil *(Desliga a televisão.)* Pronto. *(Em tom afável)* Podes falar à vontade.

30 **Mercedes** *(Apertando as mãos uma na outra, muito constrangida)* Na verdade, não há assim muito para dizer, por enquanto... *(Pausa breve)* Eu gostava que o Sérgio estivesse aqui connosco esta noite, para não ter de repetir o que vos vou dizer e que muito me custa... *(Pausa. Suspira.)* Mas, enfim, o Sérgio resolveu sair logo hoje, ele que há tanto tempo não quer sair de casa... *(Pausa breve)* Depois, terei de conversar com ele, noutra altura, se ele tiver disposição para me ouvir... *(Pausa breve)* Bem, mas o que eu tenho para vos dizer é, realmente, grave e peço que me desculpem pela tristeza que vos vou causar com a notícia...



Sara (A medo) A... notícia?

40 Mercedes (Pausadamente) Como, certamente, já se aperceberam, o vosso Pai quase não tem posto os pés cá em casa, ultimamente.

Gil (Atrapalhado) É que o Pai tem tido imenso trabalho!

Mercedes (Forçando um sorriso) Não é só isso, Gil. Não se trata apenas de trabalho. (Pausa. Respira fundo.) Acontece que o Pai e eu não estamos
45 a conseguir entender-nos minimamente, compreendem? (Pausa) A nossa vida, nos últimos tempos, tem sido muito difícil para ambos. (Pausa. Chora discretamente. Tira um lenço do bolso e assoa-se.) Enfim, as coisas entre nós têm sido bastante diferentes do que costumavam ser, percebem? (Fica cabisbaixa.)

50 Sara (Assentindo, com um gesto de cabeça) Hum-hum...

Gil (Aflito, levanta-se.) Queres dizer que tu e o Pai se vão divorciar?!

Mercedes (Volta a assoar-se. Respira fundo e endireita-se no cadeirão, olhando para Gil, que retoma o seu lugar, no sofá.) Neste momento, ainda não sei responder à tua pergunta, filho. (Pausa breve) Para já,
55 o Pai e eu decidimos separar-nos.

Sara (Preocupada) Quando foi que decidiram isso?!

Mercedes (Muito pesarosa.) Hoje mesmo. (Pausa breve) Cheguei mais tarde a casa, precisamente porque estive a conversar com o vosso Pai e decidimos que, amanhã, ele vem cá buscar algumas das suas coisas e vai
60 passar uns tempos em casa da tia Madalena. (Pausadamente) Mais tarde, resolveremos o que vamos fazer da nossa vida. (Pausa. Respira fundo.) É melhor assim, podem crer.

Gil (Espantado) É?!

Sara (Cautelosamente, virando-se para o irmão) Os pais é que sabem, Gil.
65 (Pausa breve) De qualquer forma, nós os dois já tínhamos percebido que havia alguma coisa errada com os pais. (Virando-se para a Mãe) Até já tínhamos falado do assunto, só que não pensámos que fosse assim tão... grave.

Mercedes Pois é, queridos... (Pausa) Evidentemente, o Pai também há de
70 falar convosco e com o Sérgio, quando ele puder.

Gil (Em voz baixa) Duvido...

Mercedes (Surpreendida) Porquê, filho?

Gil Ora! Como se o Sérgio largasse o computador para ouvir conversas sérias (Com ironia) 'Tou mesmo a ver...

75 Mercedes O Sérgio tem andado muito arisco, de facto, mas isso há de passar-lhe. (Consulta o relógio de pulso.) Já é tarde e aquele rapaz ainda não chegou! (Pausa breve) Bem, era isto que eu tinha para vos contar, lamento... (Levanta-se devagar.) Vêm ajudar-me a arrumar a cozinha? (Desanimada)
80 É que, hoje, não estou com disposição para nada...

(Sara e Gil acenam afirmativamente com a cabeça, levantam-se, vão buscar o que ficou na mesa e, em silêncio e cabisbaixos, saem da sala com a Mãe, que apaga a luz do candeeiro.)



Cena 6

(Na sala, estão Sara e Gil, sentados no sofá, tristes e silenciosos. Vê-se uma mala e um saco de viagem no chão.)

(Entra Sérgio, de rompante.)

Sérgio (Irritado, não olha para os irmãos.) Pifou! O computador pifou! (Sobe o tom de voz) Que seca! Ainda por cima, é domingo! Logo havia de se avariar a um domingo! Hoje, não arranjo ninguém para cá vir arranjar-me aquela treta! Que seca! (Olha para os irmãos intrigado.) Mas o que é que vocês estão a fazer aí, à frente da televisão desligada?! (Abanando a cabeça em jeito de reprovação) Tss... Passaram-se... (Os irmãos continuam cabisbaixos. Sérgio repara nas malas que estão no chão e fica intrigado.) Alguém vai de viagem?

Sara (Olhando para Sérgio) O melhor é sentares-te, Sérgio. (Suspira.) A história é longa...

Sérgio (Sentando-se no cadeirão) A Mãe?

Gil (Muito triste) Está lá dentro no quarto, a chorar...

Sérgio (Espantado, levanta-se) A chorar?! O que foi? Está alguém doente? (Aflige-se.) O Pai?

Sara (Serenamente) O Pai vai-se embora ao fim da tarde, Sérgio.

Sérgio (Incrédulo, volta a sentar-se.) Vai-se embora?! Vai-se embora para onde?!

Gil (Em voz baixa, sem fitar o irmão.) Para casa da tia Madalena...

Sérgio (Desorientado, levanta-se) Para casa da tia Madalena?! Mas porquê?! A tia está com algum problema?

Sara (Pausadamente) Não, Sérgio. Não é da tia que se trata. (Pausa) Trata-se dos pais. (Em tom solene) Eles é que estão com problemas.

Sérgio (Espantado, volta a sentar-se.) Os pais?! Os pais estão com problemas? Que género de problemas? Não dei por nada!

Gil (Irónico, sem fitar o irmão) Lógico...

Sara (Em voz alta) É claro que não deste por nada! Como é que havias de ter dado, se passas a vida enfiado no quarto, à frente do computador?!

Sérgio (Nervoso) Mas... o que foi que aconteceu, afinal?

Sara (Calmamente) Os pais decidiram separar-se, porque acharam melhor assim.

Gil (Olhando para o irmão) E é por isso que o Pai foi fazer as malas para ir para casa da tia Madalena.

Sérgio (Desorientado, volta a levantar-se.)
E... quando é que o Pai se vai embora?

Sara (Muito constrangida) Hoje mesmo, ao fim da tarde.

Sérgio (Enervado) Hoje?! Mas ninguém me disse nada! Não me avisaram!

Sara (Pausadamente) Como é que querias que te avisassem? A Mãe quis falar contigo ontem,



quando nos deu a notícia, mas tu não estavas. E o Pai, esta manhã, ao pequeno-almoço, perguntou por ti, mas tu ainda estavas a dormir, como de costume...

130 Sérgio *(Abanando a cabeça, incrédulo, senta-se pesadamente.)* Mas como é que é possível?! *(Pausa breve)* Que cena... *(Pausa)* E o Pai, onde está?

Gil Saiu para ir levar algumas coisas para casa da tia Madalena.

Sérgio *(Irritado)* Logo hoje que o computador se avariou e eu precisava que o Pai me fosse lá ver se percebe o que se passou... *(Pausa breve. Sobe o tom de voz.)* **135** Sim, porque, num domingo, está-se mesmo a ver que não arranjo um técnico que venha cá a casa! Que seca!

Sara *(Levanta-se, fora de si, e gesticula, furiosa, deixando o Sérgio assustado.)* Mas tu só pensas na porcaria do computador mesmo numa altura destas?! 'Tás maluco ou quê, Sérgio? Onde é que tu vives, afinal?! Não vês que estamos com problemas sérios, não?! Cegaste completamente ou só estás a fingir que não vês?! **140**

Gil *(Irritado, virando-se para o irmão)* Parece que já não pertences a esta família!

Sérgio *(Embasbacado, levanta-se.)* Bem, eu...

145 Sara *(Autoritária, apontando-lhe o dedo.)* Tu desaparece! Vai lá para o teu quarto, que, lá, não te incomodas com nada! Vai, vai! Desanda, que não fazes cá falta nenhuma! *(Subindo o tom de voz)* E nem te lembres de ir chatear a Mãe por causa da porcaria do computador, ouviste?! Era só o que faltava!

150 Sérgio *(Desorientado)* Mas o que foi que eu fiz, hem?

Sara *(Virando-se para o irmão mais novo, levanta-se.)* Anda, Gil, vamos nós sair daqui, para não haver mais cenas. Não quero que a Mãe nos ouça, que problemas já ela tem de sobra!

(Saem Sara e Gil.)

Cena 7

155 *(Sérgio está sozinho na sala. Olha para as malas, dá uns passos desorientado e chega-se à boca de cena.)*

Sérgio Mas o que é que deu àqueles dois?! *(Abana a cabeça, descontente. Eleva o tom de voz.)* Até parece que tenho culpa de alguma coisa! *(Elevando um pouco os braços)* Sim, até parece que sou eu o culpado! *(Pausa breve. Retoma o tom de voz normal.)* **160** Sabia lá que os pais estavam a dar-se mal! *(Indignado)* Como é que havia de saber, se não me disseram?! *(Sobe o tom de voz.)* Não sou bruxo! *(Amuado, de braços cruzados)* A mim, nunca me dizem nada! A Sara e o Gil já sabiam de tudo, pois claro... *(Com ironia)* A menina querida e o filho mais novo, pois claro... *(Subindo novamente o tom de voz)* **165** A mim ninguém dá satisfações! *(Dá uns passos, nervoso, e regressa à boca de cena.)* Para cúmulo, o computador pifou! *(Subindo ligeiramente o tom de voz)* O que é que eu vou fazer?! E logo a um domingo! Nem posso ver se tenho e-mail nem nada! *(Dá mais uns passos e regressa à boca de cena.)* **170** Já sei! Vou telefonar ao Diogo, pode ser que ele possa vir até cá



e ver o que se passa com o computador, que ele sabe bué de informática. *(Animado, esfrega as mãos de contente.)* É isso mesmo! *(Pausa breve. Mete a mão no bolso das calças.)* Onde foi que eu deixei o telemóvel? Bem, vou para o meu quarto, que não quero estar aqui quando o Pai vier buscar o resto das malas. *(Pausa breve)* Detesto assistir a cenas... Não tenho feitio para dramas. Nunca tive! *(Pausa)* É isso. *(Pausadamente)* Vou para o quarto, que tenho assuntos importantes para tratar e, lá, ninguém me chateia. *(Começa a dirigir-se para a saída.)* Que seca o computador ter-se avariado! *(Abana a cabeça, descontente.)* Logo a um domingo... *(Sobe o tom de voz.)* O que é que eu vou fazer agora?!

Quando Sérgio sai de cena, começa a ouvir-se a canção «No meu quarto», da autoria de Miguel Ângelo e Fernando Cunha: A terra a tremer e o céu a trovejar... / E quando as chuvas caírem, estarei no meu quarto. / O País a discutir, o Estado a massificar... / E quando todos partirem estarei no meu quarto. / No meu espaço fortificado ninguém vai entrar / fico só, desligado, a ver de lado o mundo a girar / fico só, abraçado, a ver de lado o mundo a girar. / No meu quarto fico longe, no meu quarto estou tão perto... / No meu quarto apago a luz e, pela sombra, viajo no deserto.

MARIA TERESA MAIA GONZALEZ, *O Amigo do Computador*, Editorial Verbo, 2006

COMPREENSÃO

- 1 Considera a cena 5.
 - 1.1 Indica as personagens intervenientes.
 - 1.1.1 Caracteriza-as.
 - 1.1.2 Que relações familiares existem entre elas? Justifica a tua resposta.
 - 1.2 Qual é o tema do diálogo?
 - 1.2.1 Como reagem as personagens perante a notícia anunciada? Transcreve expressões que ilustrem a tua resposta.
 - 1.2.2 Que personagens não participantes são referidas no diálogo?
- 2 Atenta, agora, na cena 6.
 - 2.1 Identifica a nova personagem que entra em cena.
 - 2.1.1 Que situação a perturba?
 - 2.1.2 Refere a sua reação ao que lhe é anunciado.
 - 2.1.3 Explica a reação dos seus irmãos perante a sua atitude.
- 3 Centra-te na cena 7.
 - 3.1 Que conclusões tiras quanto ao caráter do Sérgio? Justifica a tua opinião.
 - 3.2 O que pensas da sua atitude? Justifica o teu parecer.
 - 3.3 Relaciona a atitude do Sérgio com a música que fecha a peça.
- 4 Indica as cenas em que predominam os dois modos de expressão: o monólogo e o diálogo.
- 5 Distingue o tipo de informação dado pelas didascálias que iniciam e terminam cada cena da informação dada pelas que surgem encaixadas nas falas. Ilustra a tua resposta com elementos textuais.

GRAMÁTICA

- 6** Completa o quadro que se segue, no teu caderno, de acordo com o exemplo dado.



Expressão	Advérbio/Adjetivo
«(Com ar grave)» (l. 5)	gravemente
(1)	«(Pausadamente)» (l. 8)
«(Com ternura)» (l. 8)	(2)
(3)	nervoso
«(Em tom solene)» (l. 19)	(4)
(5)	«(Calmamente)» (l. 22)
«(Em tom afável)» (l. 29)	(6)
(7)	medrosamente
«(Com ironia)» (l. 74)	(8)
(9)	«(Serenamente)» (l. 101)

- 7** Relê as passagens e identifica a classe e a subclasse dos vocábulos destacados.
- «Ó filho, desliga a televisão por um bocado, **se** não te importas...» (ll. 27-28)
 - «Eu gostava que o Sérgio estivesse aqui connosco esta noite, **para** não ter de repetir [...]» (ll. 31-33)
 - «Cheguei mais tarde a casa, precisamente **porque** estive a conversar com o vosso Pai [...]» (ll. 57-58)
 - «Evidentemente, o Pai também há de falar convosco e com o Sérgio, **quando** ele puder.» (ll. 69-70)
 - «O Sérgio tem andado muito arisco, de facto, **mas** isso há de passar-lhe.» (ll. 75-76)
 - «Os pais decidiram separar-se, **porque** acharam melhor assim.» (ll. 115-116)
 - «Como é que havia de saber, **se** não me disseram?!» (ll. 161-162)

- 8** Relê o texto das linhas 25 a 28 e justifica o emprego dos sinais de pontuação utilizados, relacionando-os com as didascálias.

- 9** Passa para o discurso indireto o trecho compreendido entre as linhas 5 e 12, transformando-o em texto narrativo.

Consulta a Ficha informativa 21, «A coordenação e a subordinação», na página 210.

Consulta a Ficha informativa 20, «O discurso direto e o discurso indireto», na página 208.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 10** A última cena do texto apresenta-nos uma atitude de alheamento e de egoísmo por parte do Sérgio. Reescreve-a, mostrando a personagem em causa numa atitude mais positiva.
- 11** «Se o Sérgio não tivesse um computador, falaria mais com a sua família.»
- 11.1** Num pequeno texto, bem estruturado, comenta a afirmação anterior expondo o teu ponto de vista. Revê a tua redação antes de a entregares.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

- 12** O texto aborda temáticas muito atuais, que se prendem com as relações familiares. Organiza um debate em que problematizes as causas da falta de diálogo na família, propondo soluções para promover a comunicação entre gerações diferentes.

Consulta a informação sobre «Como organizar um debate», na página 80.



Biografia

Maria Alberta Menéres
(n. 1930)

Maria Alberta Rovisco Garcia **Menéres** de Melo e Castro nasceu em Vila Nova de Gaia, em 25 de agosto de 1930. Licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas, pela Faculdade de Letras de Lisboa. Foi professora dos Ensino Básico e Secundário e colaborou em diversas publicações. Tem dedicado grande parte da sua obra à literatura infantil e produziu vários programas de televisão, tendo sido diretora do Departamento de Programas Infantis e Juvenis da RTP de 1974 a 1986. Foi distinguida com vários prémios literários, a saber: Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças; Prémio Especial de Teatro Infantil da Secretaria de Estado da Cultura, Prémio O Ambiente na Literatura Infantil.

Obra: *Intervalo; A Pegada do Yeti; Conversas com Versos; Figuras Figuronas; O Robot Sensível; O Que É Que Aconteceu na Terra dos Procópios; No Coração do Trevo; O Tritão Centenário; Ulisses; O Jogo dos Silêncios; À Beira do Lago dos Encantos; O Poeta Faz-se aos Dez Anos; ...*

Prepara a leitura do texto que se segue e lê-o depois em voz alta.

À Beira do Lago dos Encantos

(Ambiente de casa espacial, com elementos brancos, de preferência transparentes. Integrada na Natureza.

Neste Planeta não há objetos semelhantes aos da Terra, apenas os elementos da Natureza são iguais.)



- 5 **Pai** Onde está o meu chapéu de plumas?
Onde está o meu elmo invisível?
Onde está o meu cavalo supersónico?
Onde está o meu filho?
- Filho** Estou aqui, papá.
- 10 **Pai** Que palavra é essa... «papá»?!...
Há mil anos que não a ouvia.
- Filho** Inventei-a agora mesmo. E gostei muito de a inventar.
- Pai** Sabes muito bem que nós nunca conseguimos inventar nada. Já está tudo inventado, meu filho. Mas... porque é que ainda não estás pronto e transparente?
- 15 **Filho** Se o pai não se importa, eu hoje preferia ficar aqui em casa, a pensar em árvores. Talvez a inventar o que já está inventado!
- Pai** Já há três dias seguidos que preferes ficar em casa a pensar em árvores! Que loucura é essa? Julgas que as árvores aparecem como que por encanto, só por tu pensares nelas?
- 20 **Filho** Não sabemos, nós não sabemos. Quem sabe?
- Pai** Adeus, tenho de partir. Vou lutar pela vida.
- Filho** Todos os dias... lutar?
- Pai** Pela vida.
- 25 **Filho** E a vida gosta que lutem por ela?
- Pai** Nunca lhe perguntei, mas sempre foi assim.
Vê aí no teu ecrã se as portas já se abriram para o longe.
- Filho** Estão escancaradas. Pode avançar sem receio de ser visto, meu Pai.
(O Pai sai)
- 30 **Filho** Os pais gostam destas coisas... Chapéus de plumas, elmos invisíveis, cavalos supersónicos e lutas pela vida...
- Mãe** *(Entrando em cena)* Onde está a minha boneca preferida? Alguém a encontrou? Já plantaste os juncos à beira do Lago dos Encantos, meu filho?
- 35 **Filho** Já estão plantados, minha Mãe.
(A Mãe sai)
- Filho** As mães gostam destas coisas... De procurar bonecas que não sabem como são, de mandar plantar juncos à beira do Lago dos Encantos... Oh!, nestes tempos que vão correndo, como é difícil ter os pais entretidos!
- 40 Bem, mas agora já tenho todo o tempo livre para pensar no que quiser!

Ela (*Rapariga entrando a correr*) Bom dia! Em que estás a pensar hoje?

Ele No costume. Neste nosso Planeta passamos a vida a pensar em coisas que não conhecemos, como se as conhecêssemos lindamente. O meu pai fala de coisas que nunca viu, como se todos os dias as visse: plumas, elmos, cavalos supersónicos... A minha mãe sonha com bonecas e Lagos dos Encantos. E eu, vê lá tu!, continuo a querer perceber o que é uma árvore! Mas tirando estas pequenas preocupações, estas pequeninas manias, somos muito felizes, não achas? Esta nossa transparência por dentro chega a ser fantástica!

Ela Concordo contigo. Sabes o que vinha dizer-te? Hoje inventei uma palavra nova: João. Mas não sei o que quer dizer.

Ele Não faz mal. É bonita e vou decorá-la: João.

Ela Vamos correr, respirar este ar puro. Corre atrás de mim, que eu depois corro atrás de ti!

55 (*Correm, alegremente.*

De súbito, um grande estrondo! Ao longe, para lá de uma leve colina, luzes de várias cores. Crepitações.)

MARIA ALBERTA MENÉRES, *À Beira do Lago dos Encantos*, ASA, 2003

COMPREENSÃO

- 1** Delimita as possíveis cenas existentes neste excerto de *À Beira do Lago dos Encantos*.
- 2** O diálogo entre Pai e Filho centra-se nas palavras e na realidade. Justifica a afirmação, transcrevendo duas frases do diálogo.
 - 2.1** Identifica os objetos que o Pai procura.
- 3** Refere o que pretendem fazer o Pai e o Filho, tendo em conta que revelam atitudes diferentes.
- 4** Verifica que, ao entrar em cena, também a Mãe procura algo.
 - 4.1** O que procura ela?
 - 4.2** Conseguiu o seu objetivo? Justifica a tua resposta.
- 5** Entretanto, o Filho fica sozinho. Que pensamentos exterioriza?
- 6** Explica a mudança de designação das personagens quando, a dada altura, entra uma nova personagem em cena.
 - 6.1** Transcreve expressões que comprovem que também neste diálogo surge a questão das palavras.
- 7** Descreve o jogo com o qual Ele e Ela terminam a cena.
- 8** Atenta, agora, nas didascálias.
 - 8.1** Compara o tipo de indicações que são dadas pela didascália inicial e pelas didascálias intermédias.
 - 8.2** Que conclusões podes tirar sobre o espaço e o tempo em que decorre a ação? Justifica a tua resposta com dados textuais.



Consulta a Ficha informativa 16, «As funções sintáticas», na página 158.

GRAMÁTICA

9



Faz corresponder os elementos destacados na coluna A às funções sintáticas correspondentes da coluna B. Responde no teu caderno.

A	B
A. «Mas... porque é que ainda não estás pronto e transparente?» (ll. 14-15)	1. Complemento direto
B. «Não sabemos, nós não sabemos.» (l. 21)	2. Predicativo do sujeito
C. «Nunca lhe perguntei, mas sempre foi assim.» (l. 26)	3. Predicado
D. « Os pais gostam destas coisas...» (l. 30)	4. Vocativo
E. «Já plantaste os juncos à beira do Lago dos Encantos, meu filho?» (ll. 33-34)	5. Complemento indireto
F. «Hoje inventei uma palavra nova: João.» (ll. 50-51)	6. Sujeito

10

Considera o diálogo entre o Pai e o Filho (ll. 5-29).

10.1 Transcreve um exemplo de frase simples e dois de frases complexas.

10.1.1 Classifica-as quanto ao tipo e à polaridade.

11

Relê as frases transcritas a seguir.

a) «Nunca lhe perguntei, mas sempre foi assim.» (l. 26)

b) «É bonita e vou decorá-la: João.» (l. 52)

11.1 Divide-as em orações e classifica-as.

12

Atenta no vocábulo que te é dado e responde às questões no teu caderno.



12.1 Constrói uma família de palavras possível.

12.2 Regista seis hipónimos da mesma palavra.

13

«Hoje inventei uma palavra nova [...]» (ll. 50-51). Reescreve a frase, na forma passiva.

EXPRESSÃO ESCRITA

14

Relê a última didascália do excerto e continua o texto, imaginando a causa de um tão «grande estrondo». Revê o texto antes de o dares por concluído.

Consulta a Ficha informativa 21, «A coordenação e a subordinação», na página 210.

Consulta a Ficha informativa 5, «Os hipónimos e os hiperónimos», na página 62.



Escuta atentamente a leitura do texto que se segue.

Há sempre lugar para um sonho...

LER+
PLANO NACIONAL
DE LEITURA



PRIMEIRO ATO

Cena 1

Cenário A — Sala de casa de Erica

(A empregada, Natasha, está sentada ao piano, tocando uma valsa de Strauss.)

(Erica com o guarda-roupa 1 vai rodopiando pela sala, ao som da valsa. A certa altura, Natasha para de tocar e olha para o relógio de pulso. Erica continua a dançar...)

Natasha *(Com sotaque dos países de Leste, que mantém sempre)* Ai! Que horror! É quase uma hora! *(Levanta-se.)* A sua Mãe deve estar a chegar do trabalho!

Erica *(Parando de dançar)* Já é uma hora?! O teu relógio está adiantado. Toca mais um bocadinho, Natasha! Vá lá... *(Chegando-se ao pé da empregada, em passinhos de dança)* Só mais um bocadinho...

Natasha *(Indignada)* A menina quer que a sua Mãe me despeça?! Na Ucrânia, não tenho emprego!

Erica É claro que a minha Mãe nunca vai despedir-te! *(Eleva o tom de voz.)* Ela adora-te! Todos te adoramos cá em casa! Vá lá... *(Abraça-a com gestos teatrais.)* Toca só mais um bocadinho...

Natasha *(Contrafeita)* Só mais dois minutos! *(Senta-se ao piano e recomeça a tocar a valsa. Erica retoma a dança, muito feliz.)*

Erica *(Deliciada, a dançar)* Isso! Só mais um bocadinho... *(Continua a rodopiar pela sala.)*

Natasha *(Para de tocar, levanta-se e fecha o piano.)* Pronto. Agora, tenho de ir para a cozinha, menina.

Erica *(Parando de dançar subitamente)* Já?! Mas não tens o almoço pronto? *(Desolada)* Disseste que já estava tudo feito...

Natasha Eu disse que estava quase pronto, menina, quase! Ainda falta o arroz!

Erica *(Muito desolada)* Oh... Que pena... Tu tocas tão bem! *(Eleva o tom de voz.)* Melhor do que a senhora que toca nas minhas aulas de *ballet*!

Natasha *(Sorrindo)* Pois, pois... Isso é só para eu ficar aqui a tocar para si... Mas não pode ser. *(Com determinação)* Não me contrataram para tocar piano!

Erica *(Entristecida)* Mas é pena, Natasha. É pena... Tu tiraste um curso de Música, na tua terra. *(Indignada)* Devias era tocar.

Natasha *(Calmamente)* Só que a música, aqui, não me serve de muito, menina... Estou contente por ter arranjado





este emprego. Ganho melhor do que ganhava, lá na Ucrânia! (*Sorrendo, com ar sonhador*) Um dia, quem sabe?, talvez...

40 Erica Talvez voltes a ter a tua profissão, não é? (*Com convicção*) Eu espero bem que sim, juro!

Natasha (*Com um sorriso triste*) Eu já não tenho muitos sonhos, sabe, Erica? Já tive, já tive, quando era mais nova... Agora, preciso de ganhar dinheiro para pagar o aluguer do quarto e para ajudar a minha família. Não há lugar para sonhos na minha vida...

45 Erica (*Muito indignada*) Não digas isso, Natasha! Como é que podes dizer uma coisa dessas?! Há sempre lugar para um sonho! Se não fosse a dança e o meu sonho de vir a ser uma grande bailarina, a maior que alguma vez existiu, o que seria de mim?! (*Elevando o tom de voz*) Nem quero pensar!

50 Natasha (*Sorrendo*) Está bem, está bem... Viva lá o seu sonho, que eu tenho de voltar para a cozinha...

(*Sai Natasha.*)

(*Erica vai à estante e liga a aparelhagem para começar a ouvir a música da peça O Lago dos Cisnes.*)

MARIA TERESA MAIA GONZALEZ, *A Rapariga Voadora*, Editorial Verbo, 2004

COMPREENSÃO

- 1** A cena, de acordo com o texto, passa-se na sala da casa de Erica. Indica elementos cénicos que o comprovem.
- 2** Na didascália inicial, faz-se alusão ao guarda-roupa 1. O que poderá fazer parte desse guarda-roupa para cada uma das personagens?
- 3** Atenta nas personagens.
 - 3.1** Partindo das suas falas e das didascálias que as acompanham, caracteriza as personagens que dialogam.
 - 3.2** Identifica a outra personagem de quem falam.
 - 3.2.1** O que ficas a saber dela?
- 4** Considera, agora, o conflito.
 - 4.1** Que receio revela Natasha? Justifica a tua resposta com dados textuais.
 - 4.2** Como reage Erica à preocupação de Natasha?
- 5** O texto remete para a atualidade da sociedade portuguesa.
 - 5.1** Como explicas que Natasha, sendo pianista, trabalhe em casa de Erica?
 - 5.2** Quais são as motivações de Natasha?
- 6** O sonho cruza todo o diálogo das personagens. Justifica esta afirmação.
 - 6.1** Quais são os sonhos de Natasha e de Erica?
 - 6.2** O que pensam quanto à possibilidade de concretização desses sonhos? Justifica a tua resposta com dados textuais.
- 7** O excerto termina com uma alusão ao *Lago dos Cisnes*. Recolhe informação sobre este bailado.

GRAMÁTICA



- 8 Completa o quadro seguinte, no teu caderno, com a ajuda das alíneas. Preenche com as formas verbais do texto que se encontram no gerúndio e o correspondente infinitivo.

Consulta a Ficha informativa 13, «O verbo», na página 144.

	Gerúndio	Infinitivo
a)		
b)		
c)		
d)		
e)		
f)		



- 9 Transcreve do texto:

- a) uma frase interrogativa afirmativa;
- b) uma frase exclamativa negativa;
- c) uma frase imperativa afirmativa;
- d) uma frase imperativa negativa;
- e) duas frases declarativas afirmativas.



- 10 Preenche, agora, o quadro de acordo com o exemplo. Responde no teu caderno diário.

	Adjetivo	Advérbio
a)	indignada	indignadamente
b)		subtilmente
c)	teatrais	
d)		calmamente
e)	triste	



- 11 Considera o excerto seguinte.

Natasha (*Indignada*) A menina quer que a sua Mãe me despeça?! Na Ucrânia, não tenho emprego!

Erica É claro que a minha Mãe nunca vai despedir-te! (*Eleva o tom de voz.*) Ela adora-te! Todos te adoramos cá em casa! Vá lá... (*Abraça-a com gestos teatrais.*) Toca só mais um bocadinho... (ll. 12-16)

- 11.1 Reescreve-o no discurso indireto, transformando-o num texto narrativo.
- 11.2 Regista, num quadro semelhante ao da página 208, as principais modificações operadas na passagem do discurso direto para o discurso indireto.

Consulta a Ficha informativa 20, «O discurso direto e o discurso indireto», na página 208.

EXPRESSÃO ESCRITA



- 12 Tal como Erica e Natasha, também tu tens sonhos. Produz um texto em que fales desses sonhos e de como pensas concretizá-los. Não te esqueças de que deves proceder à planificação do texto e, no fim, fazer a sua revisão e correção.



Biografia

Yvette K. Centeno
(n. 1940)

Yvette K. Centeno nasceu em Lisboa e licenciou-se em Filologia Germânica, sendo professora da Universidade Nova de Lisboa. A sua obra estende-se por ficção narrativa, poesia, teatro e ensaio.

Obra: *Não Só Quem Nos Odeia; Sinais; Saudades do Paraíso; Fernando Pessoa, o Amor, a Morte, a Iniciação; Literatura e Alquimia; ...*

Prepara a leitura do texto e **lê-o em voz alta**.

As três cidras do amor

Cena 3

A Cidra do Amor.

Noite escura, o príncipe avança pela floresta dentro até encontrar uma fonte. É uma fonte abundante, circundada de belas árvores de fruto. Todos se regozijam, comem, bebem, folgam.

Príncipe Ouso? Não ousa? Abro? Não abro? Não posso esquecer as recomendações da velha, a mãe do vento. Cortar, só ao comprido, nunca de través. Ou seria ao contrário? De través? Oh que cabeça a minha... Não, é ao comprido. E ao pé de uma fonte. Estou ao pé de uma fonte, por sinal bem bonita. *(Desce do cavalo, para ficar perto da água.)* Atenção, vou cortar.

De dentro da cidra sai outra menina, ainda mais bela que as anteriores.

10 Menina Dá-me água, senão morro!

Príncipe Aqui tens. *(Dá-lhe de beber por uma concha pousada à beira da fonte.)* Bebe mais. Bebe à tua vontade.

Menina Mais não posso. Não tenho forças, preciso de descansar.

A menina quase desfalece e o príncipe vê que não poderá viajar com ela.

15 Príncipe Assim fraca não posso levar-te ao meu palácio, para conheceres o meu pai, que é o rei. Mas não faz mal. Tu não fujas. Eu vou depressa e volto logo, com uma bela carruagem para te transportar e uma aia que tomará conta de ti.

Menina Sim, sim. Farei o que disseres.

20 Príncipe Diz-me: de onde vens? Como é o teu país?

Menina É um país dourado. Nele florescem laranjas, cidras, limões... No céu azul corre uma brisa quente... Oh, quem me dera estar lá agora contigo!

Príncipe Não posso. Eu tenho o reino do meu pai, que há de ser meu um dia. E tu serás a rainha.

25 Menina O quarto em que eu vivia era forrado a brilhantes...

Príncipe Quando casares comigo todos os tesouros do reino serão teus.

O príncipe leva a menina para debaixo de uma árvore.

Príncipe Enquanto eu estiver fora é melhor subires a esta árvore e fiques escondida lá em cima na copa. Pode haver bichos na floresta. Podem ser perigosos.

30 Menina Não tenho medo.

Príncipe Faz como eu digo... Olha, eu já matei dois dragões... E quantos mais haverá? Ou outros bichos... tigres, leões, sei

35 lá! Sobe, que eu parto mais descansado. Não sou de muitas palavras: mas digo que te amo e quero casar contigo. Não fujas enquanto eu vou. Prometo não demorar. Volto logo, logo, logo. Promete que não me foges.

Menina Prometo, claro, prometo. Para onde
40 havia de ir? Eu também te quero muito.
Sem ti já não viveria.

A menina sobe e esconde-se na árvore.

*O príncipe parte para o palácio com os seguidores
atrás. A menina canta um cantar de amor (ou então*
45 *é o trovador, como já acontecera no início).*

«Que de meus olhos partais,
em qualquer parte qu'esteis,
em meu coração ficais,
e nele vos converteis.

50 Est'é o vosso lugar,
em que mais certa vos vejo,
per que nam quer meu desejo
que vos d'i possais mudar.

E por isso que partais
55 em qualquer parte qu'esteis,
em meu coração ficais,
pois nele vos converteis.»

*Surge um tigre mau, passeia pelo jardim, sacode
a árvore com força, mas a menina não se mexe*
60 *e não cai. Surgem depois um urso e um leão. Cum-
prem o mesmo ritual, voltas pelo jardim, fortes
sacudidelas na árvore, mas a menina não dá sinal de
vida e não se deixa cair.*

Há uma rabanada de vento que os leva.

65 *No alto da árvore a menina bate
palmas de satisfação e alívio.*

Cena 4

Uma Preta Princesa.

*A menina permanece escondida, até ao momento em que entra uma preta
muito feia que vem buscar água à fonte. Tem o ar andrajoso da velha, mãe
do vento. Na mão segura um cântaro que vai balouçando enquanto anda.*

70 *A preta olha para o seu reflexo na água da fonte (que é o da cara da
menina) e exclama com admiração e alegria.*

Preta Preta, preta tão bonita, vir buscar água à fonte! Quebra, que-
bra o cantarinho!

Bate com o cântaro na pedra, mas ele não parte, porque é de cobre.

75 *A menina fica cheia de vontade de rir.*

Preta Preta, preta tão bonita, vir buscar água à fonte! Quebra, quebra
o cantarinho!

*Bate de novo com o cântaro na pedra, mas ele não parte e a menina quase
que se desmancha a rir.*

80 **Preta** Preta, preta tão bonita, vir buscar água à fonte! Quebra,
quebra o cantarinho!



Bate ainda com mais força mas o cântaro não quebra. A menina desata a rir de tal maneira que a preta olha para cima e a descobre na árvore.

85 Preta Ooohhh! Mas que linda menina! Vem cá abaixo, vem para eu te poder ver melhor! Os teus olhos, o teu nariz, a tua boca... o teu lindo cabelo... é loiro o teu cabelo... e a tua pele é branca... deves ser toda tão bonitinha, tão maneirinha, tão perfeitinha! Desce, para eu te ver!

Menina Não posso. Prometi ficar escondida na árvore até que me venham buscar.

90 Preta E quem há de ser que te vem buscar? Não posso ser eu a levar-te?

Menina Não... é um príncipe. Eu estou à espera de um príncipe. Salvou-me a vida, e vou casar com ele.

Preta Mas desce, mesmo assim. Eu não te faço mal.

95 Preta Pelo contrário, arranjo-te o cabelo. Ficarás ainda mais linda.

Menina Não posso. Prometi não descer desta árvore. Tenho de cumprir o prometido.

Preta Mas não vês que é só para o teu bem?

100 Preta Depois voltas a subir. Eu só quero catar a tua cabecinha.

Menina Não, já disse.

Preta O que te fez o príncipe?

Menina Abriu a cidra, deu-me água de beber,

105 Preta senão eu morria logo. Conversámos na fonte, e ele foi buscar uma carruagem e uma aia para tomar conta de mim.

Preta Quem bebe água antes do almoço, chora antes do sol posto... Ora! Eu também

110 Preta podia ser a tua aia. Desce, e deixa-me ao menos pentear os teus cabelos. O príncipe ficará a gostar ainda mais de ti. Esse penteado que tens já não se usa, é antiquado.

A menina desce, convencida de que a preta lhe quer bem.

YVETTE CENTENO, *As Três Cidras do Amor*, Cotovia, 1991

COMPREENSÃO

1 Considera as didascálias das duas cenas.

1.1 Refere o espaço e o tempo em que decorre a ação.

1.1.1 Tira conclusões acerca da natureza das marcas espaciais e temporais.

1.2 Identifica os elementos simbólicos presentes.

1.2.1 Relaciona-os com o modo como se desenrola a ação.



- 2 Identifica as personagens.
 - 2.1 Faz a sua caracterização direta e indireta.
 - 2.2 Classifica-as quanto ao relevo e à composição. Justifica.
 - 2.3 Comenta o facto de as personagens não terem nome próprio (anónimas).
- 3 Atenta na primeira fala do Príncipe.
 - 3.1 Qual é o seu estado de espírito?
 - 3.2 Que recomendações lhe tinha dado «a velha, a mãe do vento»?
- 4 Relê a frase: «Atenção, vou cortar.» (l. 8)
 - 4.1 O que aconteceu depois de cortar a cidra?
 - 4.2 Como reagiu o príncipe ao pedido da menina?
 - 4.3 O que lhe propôs?
- 5 Centra-te no momento em que a Menina fica sozinha.
 - 5.1 O que nos revela o seu cantar? Justifica a tua resposta.
 - 5.2 Mostra de que modo se concretizaram os receios do Príncipe.
- 6 O aparecimento de uma nova personagem dá origem a outra cena.
 - 6.1 Identifica-a e refere o seu comportamento.
 - 6.2 Quais são as consequências da sua atitude?
- 7 Presta atenção ao plano delineado pela Preta.
 - 7.1 Refere o seu objetivo.
 - 7.2 Como tenta atingi-lo?
- 8 Relê a seguinte fala da preta: «Quem bebe água antes do almoço, chora antes do sol posto...» (ll. 108-109)
 - 8.1 Prova que o ditado popular constitui um indício para o que irá acontecer nas cenas seguintes.

GRAMÁTICA

- 9 Transcreve dois exemplos de frases:
 - a) exclamativas afirmativas;
 - b) interrogativas negativas;
 - c) interrogativas afirmativas;
 - d) declarativas afirmativas;
 - e) imperativas afirmativas.
- 10 Faz o levantamento dos adjetivos que se encontram no grau diminutivo.
- 11 Completa o quadro, no teu caderno, de acordo com o exemplo.



	Nomes	Adjetivos	Verbos
a)	escuridão	escura	escurecer
b)		abundante	
c)		bela	
d)		fraca	
e)		descansado	

Consulta a Ficha informativa 16, «As funções sintáticas», na página 158.

12



No teu caderno, estabelece a correspondência entre os elementos destacados na coluna A e as funções sintáticas na coluna B.

A	B
A. «E tu serás a rainha .» (l. 24)	1. Sujeito
B. « O príncipe <i>leva a menina para debaixo de uma árvore</i> .» (l. 28)	2. Complemento indireto
C. «Não tenho medo .» (l. 32)	3. Predicativo do sujeito
D. « <i>Há uma rabanada</i> de vento <i>que os leva</i> .» (l. 64)	4. Modificador de valor locativo
E. « No alto da árvore <i>a menina bate palmas de satisfação e alívio</i> .» (ll. 65-66)	5. Complemento do nome
F. «Salvou- me a vida, e vou casar com ele.» (l. 93)	6. Complemento direto

Consulta a Ficha informativa 20, «O discurso direto e o discurso indireto», na página 208.

13

Relê a seguinte passagem e passa-a para o discurso indireto.

«**Príncipe** Diz-me: de onde vens? Como é o teu país?

Menina É um país dourado. Nele florescem laranjas, cidras, limões... No céu azul corre uma brisa quente... Oh, quem me dera estar lá agora contigo!» (ll. 20-22)

14

Delimita as orações que compõem as frases seguintes.

- a) «Não sou de muitas palavras: mas digo que te amo e quero casar contigo.» (ll. 35-36)
- b) «Prometi ficar escondida na árvore até que me venham buscar.» (ll. 88-89)

14.1 Classifica-as.

Consulta a Ficha informativa 21, «A coordenação e a subordinação», na página 210.

EXPRESSÃO ESCRITA

15

«A *menina desce, convencida de que a preta lhe quer bem*.» (ll. 114-115)
Imagina o desfecho da história e produz um texto criativo e original. Não te esqueças de o planificar e de lhe fazer uma revisão final.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

16

Lê, agora, um excerto do mesmo texto contado em narrativa.

[...] Como ali não havia água, a menina morreu. O príncipe estava cada vez mais triste, e não se atrevia a abrir a terceira cidra com medo que lhe acontecesse o mesmo. Mas estava com tantos desejos de ver o que ela tinha, que foi procurar uma fonte e ali a abriu.

5 No mesmo instante saiu-lhe de dentro uma formosa menina, mais linda que nenhuma das outras, que disse também para ele:

— Dá-me água, senão morro!

O príncipe trazia uma concha, tirou água da fonte e deu de beber à menina.

10 A menina restabeleceu-se, mas, como era muito delicada e estava muito fraca, o príncipe teve medo de a levar até ao palácio, que era ainda muito longe.

Disse-lhe então que subisse para uma árvore que ali estava, enquanto ele ia buscar uma carruagem para ela ir.

A menina assim o fez, e o príncipe foi-se embora.

15 Daí a um pouco de tempo apareceu uma preta muito feia, que vinha buscar água à fonte, para o seu senhor.

A preta começou a olhar para a água e, como estava muito clara, viu a cara da menina. A preta, julgando então que era a cara dela, começou a dizer:

— Preta, preta tão bonita, vir buscar água à fonte!... Quebra, quebra o 25 cantarinho!

E dava outra pancada com o cântaro. [...]

A menina dava-lhe muita vontade de rir, mas não se queria rir com medo que a preta a visse.

Até que à terceira vez a menina não se pôde conter e soltou uma grande 25 gargalhada.

A preta começou a olhar para todos os lados sem ver ninguém, até que por fim olhou para cima e viu a menina em cima da árvore.

Começou a fazer-lhe muita festa e a pedir-lhe que descesse.

A menina não queria, porque dizia que estava à espera do príncipe.

30 A preta, como era bruxa, começou a fazer ainda mais festas à menina e a dizer-lhe:

— Anda cá, minha menina, deixa-me ao menos catar-te a cabecinha!

Tanto fez, tanto fez, que a menina desceu.

A preta, assim que apanhou a menina, principiou a fingir que a catava 35 e a fazer-lhe muitas perguntas a respeito do príncipe, a que a menina respondia com toda a verdade. [...]

CONSIGLIERI PEDROSO, *Contos Populares Portugueses*, Dom Quixote, 1988
(texto com supressões)

16.1  Copia e completa o quadro que se segue, tendo em conta as diferenças existentes entre o texto dramático que estudaste anteriormente e o excerto narrativo aqui apresentado.

Diferenças	
Texto dramático <i>As Três Cidras do Amor</i>	Texto narrativo «As três cidras do amor»
(1)	(2)

Consulta a Ficha informativa 11, «As categorias da narrativa», na página 138.

Consulta a Ficha informativa 18, «O texto dramático», na página 206.

16.2 Pesquisa, agora, a versão integral do conto de Consiglieri Pedroso.

16.2.1 Compara o desfecho da história com o texto que produziste na «Expressão Escrita».

16.2.2  Regista as diferenças e as semelhanças entre os dois textos num quadro semelhante ao seguinte, no teu caderno.

	Desfecho do teu texto	Desfecho do conto
Diferenças	(1)	(2)
Semelhanças	(3)	(4)

Leitura integral 6

Aquilo Que os Olhos Vêem ou O Adamastor

LER⁺
PLANO NACIONAL
DE LEITURA

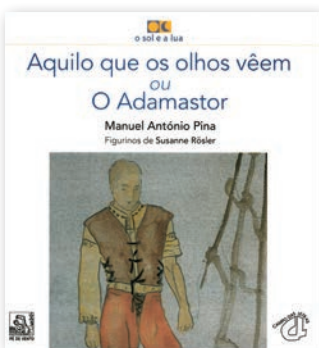


Biografia

Manuel António Pina (1943-2012)

Manuel António Pina nasceu no Sabugal. Licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, exercendo, posteriormente, advocacia. Trabalhou ainda em publicidade e foi jornalista. Poeta e autor de livros para crianças, revelou-se com a coletânea *Ainda não É o Fim nem o Princípio do Mundo, Calma É apenas Um Pouco Tarde*, publicada em Lisboa em 1974.

Obra: *Algo Parecido com Isto, da Mesma Substância; Cuidados Intensivos; ...*



Antes de começar...

A. O título e a capa

- 1 Já ouviste falar do Adamastor?
- 2 O que sabes sobre esta personagem?
- 3 Para que época histórica remete a imagem?
- 4 Que personagens iremos encontrar na obra?
- 5 Em que espaço se poderá passar a ação?

B. O autor

- 1 Partindo da nota biográfica lateral e de outras informações que poderás pesquisar na Internet, preenche uma ficha como a seguinte.



Nome: _____

Data de nascimento: _____

Estudos/habilitações literárias: _____

Profissão/cargos desempenhados: _____

Obras publicadas: _____

Perfil literário: _____

Prémios recebidos: _____

Outros aspetos que consideres relevantes: _____

C. O texto encenado

- 1 Pesquisa na Internet informação relacionada com a representação desta peça pela Companhia Pé de Vento, no Teatro da Vilarinha, no Porto, em 1998.

D. O cenário e a sinopse

- 1 Lê, agora, atentamente dois excertos dos textos que surgem no início do livro e que se intitulam «Cenário» e «Sinopse».

Cenário

«Construção em pranchas de madeira, de dois níveis.

Na maior parte das cenas é uma nau de inícios de Quinhentos.

- Nível inferior do cenário: convés. Nível superior: coberta e castelo da proa. 3 mastros (ditos "grande" e "traquete", a vante; "mezena", à ré). Uma vela latina à ré, mais quatro (duas em cada mastro), redondas, a vante.

Pano de fundo: céu azul escuro.

[...]»

Sinopse

- «A história contada, em finais do primeiro quartel do século XVI, pelo físico e astrólogo Mestre João, que regressa, velho e doente, a Portugal, depois de muitos anos no Oriente e que, à passagem do Cabo da Boa Esperança, recorda os acontecimentos de que fora, aí, testemunha muitos anos antes.

A ação narrada por Mestre João passa-se no mar, em 1501, no interior de uma nau da frota de Pedro Álvares Cabral, que o mesmo Mestre João acompanhara na sua viagem, primeiro, ao Brasil e, depois, pela rota de Vasco da Gama, à Índia.

- 10 Regressando da Índia, a nau recolhera então na Angra de S. Brás, perto do Cabo da Boa Esperança, onde fazia aguada, um naufrago (Manuel) que contou uma história fantástica e terrível.

[...]»

- 1.1 Faz um levantamento dos aspetos que te pareçam mais importantes relativamente ao cenário: objetos, indicações cromáticas, dados referentes à posição relativa dos espaços.



1.2 Começa por perceber o que é uma sinopse, procurando o termo num dicionário.

1.2.1 Refere a importância da sinopse na localização espacial e temporal da ação da obra, bem como na identificação das personagens que ganham particular relevo.

2 Estás, agora, em posição de iniciar a leitura do texto, mas, antes de o fazeres, observa a estrutura externa da peça.

2.1 Em quantas cenas se divide?

2.2 As cenas organizam-se em torno de noções temporais. Preenche o quadro com a indicação das cenas correspondentes.



Tempo	Cenas
Tempo do presente	(1)
Tempo do perfeito	(2)
Tempo do mais-que-perfeito	(3)
Pretérito indeterminado	(4)

Começar a ler...

A. Cenas 1 e 2

Em conjunto com dois colegas teus, prepara a leitura das Cenas 1 e 2, e dramatizem o texto na sala de aula.

Cena 1

Tempo do presente

Circa 1520 (v. Sinopse)

Nau da carreira da Índia.

Dia.

O palco está no escuro.

Uma única luz, branca e coada, ilumina, à direita baixa, MESTRE JOÃO

5 *sentado a uma mesa, com uma pena na mão, escrevendo a sua crónica e detendo-se, a espaços, para repousar e meditar.*

Som: marulhar monótono do mar, muito próximo, eventualmente o grasnar de aves, indicando a proximidade de terra.

Mestre João *(Escrevendo e lendo alto, em tom vagaroso e melancólico)*

10

Hoje, de regresso das Índias a casa, no termo de tantos anos de ausência e de tantos e tão distintos paradeiros, o meu coração está cheio de memórias e de melancolias...



MESTRE JOÃO detém-se por momentos.

Mestre João São dez horas. Estamos de novo prestes daquela Angra de S. Brás...

MESTRE JOÃO interrompe de novo a escritura/leitura.

Mestre João (Prosseguindo)... daquela Angra de S. Brás de tantos distantes acontecimentos. E em mim acorda a lembrança daquele náufrago, que o meu entendimento e os meus sentidos haviam já para sempre esquecido...

Apagam-se lentamente as luzes sobre o espaço da narração.

(Passagem para o tempo do perfeito, o tempo da memória de Mestre João).

Cena 2

Tempo do perfeito

1501 (v. Sinopse)

Ilumina-se o palco: Angra de S. Brás (terra) e nau.

25 Dia.

Barris de água em terra, prontos a embarcar; outros já no batel.

À esquerda baixa, as luzes revelam um marinheiro que pousou o barril que transportava.

Está inclinado, tentando erguer do chão um corpo inanimado, pegando-lhe por debaixo dos braços.

Marinheiro (Para fora, alvoroçado) Ajuda! Aqui! É um náufrago! Está como morto! (Chamando:) Diogo Anes! Nicolau! Chegai aqui!

O marinheiro arrasta com dificuldade o corpo.

35 Surge outro marinheiro.

Diogo O que foi?

Marinheiro Encontrei-o entre as rochas como morto! Ajuda-me aqui!

Diogo inclina-se, amparando também o náufrago.

Diogo (Benzendo-se) Deus misericordioso, é um dos nossos!

40 Como veio ele aqui parar?! (Para fora, pedindo também auxílio:) Nicolau! Nicolau!

Os dois tentam carregar o náufrago, que não dá acordo de si.

Marinheiro Temos que o levar para bordo, ainda respira! (Puxando:) Uuoupa!

45 **Diogo** (Segurando o náufrago pelas pernas) Toma-o tu firme pelos braços! Uuoupa!



Marinheiro Pobre diabo, como teria vindo aqui parar?

Diogo Ele nos contará, se viver!

Os dois erguem o corpo, um segurando-o pelas pernas e o outro pelos
50 *braços.*

A custo, transportam-no para bordo.

Luzes.

MANUEL ANTÓNIO PINA, *Aquilo Que os Olhos Vêem ou O Adamastor*,
Campo das Letras, 1998

COMPREENSÃO

1



Classifica como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmações, relativas às cenas que acabaste de ler.

- A. As duas cenas passam-se no mesmo tempo e no mesmo lugar.
- B. A cena 1 é um diálogo.
- C. Na cena 1, Mestre João encontra-se a escrever e a ler em tom triste.
- D. Mestre João lembra-se de um naufrago que pensara já ter esquecido.
- E. A cena 2 reúne um Marinheiro e Diogo.
- F. As duas personagens encontraram um corpo, em terra.
- G. O Marinheiro reconhece o naufrago como fazendo parte da tripulação.
- H. As duas personagens mostram-se espantadas pelo facto de o naufrago se encontrar ali.
- I. Diogo e o Marinheiro tentam transportá-lo para terra.
- J. O naufrago é levado com dificuldade: um segura-o pelas pernas; o outro, pelos braços.

1.1 Transcreve citações que justifiquem as afirmações verdadeiras.

1.2 Transforma as afirmações falsas em verdadeiras.

2

Considera, agora, as indicações cénicas.

- 2.1 Regista as conclusões que podes tirar sobre o espaço e o tempo nas duas cenas.
- 2.2 Caracteriza a atitude de Mestre João na primeira cena. Justifica a tua resposta com elementos do texto.
- 2.3 Explica por que razão o tempo do presente se relaciona com o espaço da narração.
- 2.4 A que corresponde o tempo do perfeito? Justifica a tua resposta com dados textuais.

3 Atenta nas indicações de luz.

3.1 Que espaços determinam?

3.2 O que significam a presença e a ausência da luz? Justifica.

3.3 Que sons se revelam importantes na cena 1?

4 Nota que o movimento das personagens se intensifica na cena 2.

4.1 O que fazem os marinheiros?

4.2 Comprova com dados textuais que a linguagem dos marinheiros denuncia a fé.

GRAMÁTICA

5 Preenche o quadro associando um sinónimo a cada vocábulo. Responde no teu caderno.



Vocábulos	Sinónimos
«Nau» (l. 1)	(1)
«carreira» (l. 1)	(2)
«detendo-se» (l. 6)	(3)
«meditar» (l. 6)	(4)
«paradeiros» (l. 11)	(5)
«melancolias» (l. 12)	(6)
«(Prosseguindo)» (l. 17)	(7)
«memória» (l. 22)	(8)
«Barris» (l. 26)	(9)
«batel» (l. 26)	(10)
«Surge» (l. 35)	(11)
«auxílio» (l. 41)	(12)
«firme» (l. 45)	(13)
«contará» (l. 48)	(14)

6 Considera os vocábulos «marulhar» (l. 7) e «grasnar» (l. 8).

6.1 Procura o seu significado num dicionário.

6.2 Escreve duas frases em que os utilizes.

7 Atenta na cena 2 e transcreve:

a) duas frases imperativas;

b) uma interjeição;

c) dois vocativos.

Consulta a Ficha informativa 2,
«O dicionário», na página 22.

Consulta a Ficha informativa 13, «O verbo», na página 144.

Consulta a Ficha informativa 16, «As funções sintáticas», na página 158.

- 8 Completa o quadro, no teu caderno, com formas verbais do texto.



Presente	Pretérito perfeito
ilumina	(1)
está	(2)
(3)	encontrei-o
acorda	(4)
apagam-se	(5)
(6)	veio
revelam	(7)
arrasta	(8)

- 9 Identifica as funções sintáticas dos segmentos assinalados nas frases.

- a) «*O palco* está no escuro.» (l. 3)
 b) «Apagam-se lentamente as luzes sobre o espaço *da narração*.» (l. 21)
 c) «É *um naufrago*!» (l. 31)
 d) «O marinheiro arrasta *com dificuldade o corpo*.» (l. 34)

EXPRESSÃO ESCRITA

- 10 «Pobre Diabo, como teria vindo aqui parar?» (l. 47). Imagina a resposta que o naufrago terá dado a esta pergunta e produz um texto original e criativo, não ultrapassando as cento e cinquenta palavras. Planifica a tua redação e faz-lhe uma revisão final.

B. Cena 6

Em conjunto com dois colegas teus, prepara a leitura da Cena 6, e dramatizem o texto na sala de aula.

Cena 6

Tempo do mais-que-perfeito (memória de Manuel)

Ilumina-se, à direita alta, a casa de Manuel no Porto, 13 anos antes: 1488 (v. SINOPSE).

Casa austera e pobre.

Sentados à mesa, tosca, MANUEL, a MÃE e ANA, sua irmã, comem

pão e bebem por uma vasilha comum.

MANUEL tem agora 14 ou 15 anos; a irmã é um pouco mais nova.

Mãe O vosso pai vem na barca que chegou hoje à Ribeira. Dizem-me que, desde que descarregue e se façam os autos de mercadorias, logo virá para casa. À noite deve estar cá...



10 **Ana** Ao fim de tanto tempo!

Mãe E de tantos cuidados, filha! Pelo Mar das Trevas dentro e por terras de negros, e no meio de tormentas e de falsidades... E de pestes, e de doenças...

Ana Virá outra vez doente da malária ou da febre amarela?

15 **Mãe** Que posso eu saber dele, filha, senão que antes prouvera que nunca partisse a desafiar a vontade de Deus Nosso Senhor?

Manuel Homens com cabeça de cão e com grandes pelos...

Mãe Que dizes tu?!...

Manuel Para lá do Cabo Não, mãe, no Mar das Trevas... Diz-se que há
20 por lá homens com cabeça de cão e que comem os filhos que têm...

Ana E que adoram ídolos...

Mãe (*Benzendo-se*) Credo, Nosso Senhor seja louvado!

Manuel (*Malicioso*) E também mulheres lindas e de grande vergonha...

Mãe Calai-vos, filhos, que ofendeis a Deus! (*Pausa:*) Como o ofendem
25 aqueles todos que acometem ao Mar Oceano à procura de Ilhas Encantadas, ou por mor do ouro, da pimenta e dos escravos, e nos levam maridos e filhos...

Manuel Quem não se aventurou não perdeu nem ganhou, minha mãe...

30 **Mãe** De longas vias, mui longas mentiras, filho! A trabalhar o vosso pai aqui com o barqueiro, não nos faltaria de comer, com a graça de Deus. E não andaríamos em cuidados! (*Suspirando:*) Pão alheio caro custa...

Manuel Há muito tempo sonhei que, na viagem, meu pai teve uma
35 forte tempestade no mar e que uma grande Avantesma o devorava...

Mãe Credo!

Ana Conta o teu sonho à mãe, Manuel, conta!

Manuel Um Demónio com uma légua de comprido! (*Excitado:*) E eu
40 salvei o meu pai! Bati-me no meio do mar com a Avantesma e venci-a! Dei-lhe tantas pancadas e tantas facadas que afugentei o Demónio dali para longe!

Mãe Não fales mais de tais coisas, Manuel, que dão medo!

Ana (*Tranquilizando a Mãe*) Foi só um sonho, minha mãe...

45 **Mãe** Os sonhos são alertas que Deus manda, Ana!



Ana Não se aflija... (*Para Manuel:*) Não contes mais, Manuel...

Mãe No ano passado, quando os vossos irmãos morreram empestados da peste de Levante, também eu sonhei... (*Imperativa:*) Não quero escutar mais! (*Põe-se de pé:*) É tempo de voltares para a casa da dona viúva, Ana! (*Virando-se para Manuel:*) E tu leva a tua irmã ao Porto e vai também, que se faz tarde!

Levantam-se todos.

Ana (*Para a Mãe*) Se pudesses comprar-me uma touca no algibebe da Rua de S. Miguel... O meu pai havia de gostar de me ver a recebê-lo com ela...

Mãe O teu pai há de trazer-te panos, como sempre...

Ana (*Contrariada*) Mas não como os do judeu, mãe...

Manuel dirige-se para a porta.

Manuel Adeus, minha mãe.

A Mãe aproxima-se de Manuel e beija-o.

Mãe Adeus, filho, que Deus te acompanhe. E esquece os sonhos, esquece os sonhos! Dos sonhos não vem nunca coisa boa! (*Entrega-lhe algumas moedas:*) Na volta passa pela loja de venda e traz um arrátel de alguma carne, o teu pai vem sempre com vontade dela.

Ana despede-se também da Mãe.

Ana Até mais, minha mãe. Pedirei à Senhora que me permita vir a ver meu pai amanhã.

A Mãe beija-a.

Mãe Adeus, Ana, que te salve Deus.

Saem os dois.

A Mãe fica só.

Luzes.

MANUEL ANTÓNIO PINA, *Aquilo Que os Olhos Vêem ou O Adamastor*,
Campo das Letras, 1998

COMPREENSÃO

1

Atenta nas personagens intervenientes.

1.1 Identifica-as, explicitando as relações de parentesco entre elas.

1.2 Qual é a novidade anunciada pela mãe?

1.3 Como reagem os filhos?

- 2** Identifica a personagem que se salienta na cena apresentada.
- 2.1** Relata, por palavras tuas, o sonho que esta personagem teve.
- 2.2** Traça o perfil psicológico de Manuel.
- 2.3** Que opinião tem a Mãe acerca dos sonhos do seu filho? Justifica a tua resposta com elementos textuais.
- 3** No texto, Manuel descreve a vida dos marinheiros. Transcreve duas passagens ilustrativas.
- 4** Nota que a Mãe se socorre muitas vezes da sabedoria popular para expressar o que sente em relação à atividade do marido.
- 4.1** Transcreve dois exemplos do texto.
- 4.2** Explica, por palavras tuas, um desses exemplos.
- 5** Considera a afirmação seguinte: «No ano passado, quando os vossos irmãos morreram empestados da peste de Levante, também eu sonhei...» (ll. 47-48), e responde às questões.
- 5.1** Refere o motivo pelo qual a mãe interrompe a sua narração.
- 5.2** O que ordena em seguida aos seus filhos?
- 6** Descobre, na sopa de letras, as soluções para as alíneas abaixo apresentadas. Entras as palavras em qualquer sentido: na vertical, na horizontal ou na diagonal. Responde no teu caderno diário.



- a)** Personagem que chega das Descobertas.
- b)** Doença provocada por um mosquito.
- c)** Especiaria trazida pelos marinheiros.
- d)** Ser infinito; divindade.
- e)** Sinónimo de monstro.
- f)** Fantasia.
- g)** Imagem representativa de uma divindade falsa.
- h)** Ancoradouro.
- i)** Antiga medida de peso correspondente a 459 gramas.
- j)** Peça de vestuário que cobre a cabeça.
- k)** Servo.
- l)** Génio do mal.

P	O	T	R	A	T	N	E	M	I	P	A
A	R	A	D	R	O	T	E	B	T	O	S
I	M	P	E	R	T	I	T	N	O	R	A
A	B	A	M	A	N	P	A	H	H	T	E
R	U	I	O	T	O	I	N	A	F	O	R
A	E	R	N	E	U	O	R	A	B	T	I
C	T	A	I	L	S	V	E	S	U	E	D
U	E	L	O	E	R	A	C	A	R	R	O
O	R	A	S	X	R	R	L	O	N	T	L
T	U	M	A	R	I	C	I	T	N	U	O
S	N	U	N	C	A	S	E	P	A	I	R
P	A	V	A	N	T	E	S	M	A	G	A

Consulta a Ficha informativa 13, «O verbo», na página 144.

GRAMÁTICA

- 7 Completa o quadro no teu caderno.



Presente	Pretérito mais-que-perfeito
vem	(1)
dizem	(2)
deve	(3)
adoram	(4)
há	(5)

- 8 Forma famílias de palavras a partir dos vocábulos apresentados.

a) «barca» (l. 7) b) «Mar» (l. 11)

8.1 Identifica o processo de formação das palavras que apresentaste.

8.2 Classifica-as, tendo em conta a classe a que pertencem e a flexão das mesmas.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 9 Escreve um texto narrativo ou dramático em que se aplique o provérbio «Quem não se aventurou não perdeu nem ganhou, [...]» (ll. 28-29). Planifica o teu texto e faz-lhe uma revisão final.

C. Cenas 13 e 14

Prepara a leitura das Cenas 13 e 14 e dramatiza-as na sala de aula.

Cena 13

Tempo presente

Ilumina-se, à direita baixa, o lugar da crónica de MESTRE JOÃO como na CENA 1

Mestre João (*Escrevendo/lendo melancolicamente*) Também eu agora me sinto como que perdido no tempo, recordando todas estas coisas...

5 (*Pausa:*) Estou bem seguro, por minha experiência e minha razão, de que há de tudo ter causa natural, conhecida ou não que ela seja...

MESTRE JOÃO detém-se a pensar.

Mestre João (*Prosseguindo*) Mas, do mesmo modo, pela mesma experiência sei que não nos é dado compreender todas as coisas e todos os sucessos naturais, e menos ainda os sobrenaturais, que, por não contrariar a experiência dos meus sentidos, de ciência certa também agora sei que são verdadeiros. (*Pausa. Continu-*



ando depois de, de novo, a meditar:) Pois haveria Deus, na Sua bondade infinita, de enganar-me e de iludir-me através dos meus sentidos que Ele próprio me deu?... (Outra pausa. Hesitando:) Mas, tendo visto o que vi, e ouvido o que ouvi, que posso eu verdadeiramente saber, que posso eu saber?...

Cena 14

Pretérito indeterminado

Nau. Noite

Uma enorme tempestade como na Cena 5.

- 20 MANUEL faz o seu quarto no convés, embrulhado numa manta. De repente vira-se para trás, aterrorizado.

O Adamastor ergue-se, ameaçador, sobre a nau de hoje (ou, quem sabe?, sobre a caravela de há 13 anos...) e enrola-se sobre MANUEL arrastando-o.

- 25 MANUEL debate-se desesperadamente. Em vão.

Por fim, MANUEL desaparece numa grande onda, levado pelo Adamastor.

A tempestade, aos poucos, amaina.

Na praia, no mesmo local onde foi encontrado na Cena 2, jaz o

- 30 corpo de MANUEL, abandonado e só.

Luzes.

Pano.

FIM.



MANUEL ANTÓNIO PINA, *Aquilo Que os Olhos Vêem ou O Adamastor*,
Campo das Letras, 1998

COMPREENSÃO

- 1 Na cena 13, assiste-se a um regresso ao «tempo presente», tal como aconteceu na cena 1.
 - 1.1 O que está a fazer Mestre João?
 - 1.2 A que conclusão chegas quanto ao intervalo temporal que separa as duas cenas?
- 2 Relê o monólogo de Mestre João.
 - 2.1 Qual é o seu estado de espírito? Justifica a tua resposta.
 - 2.2 Na sua opinião, há uma explicação lógica para tudo o que acontece na vida?
 - 2.3 E neste caso concreto? Transcreve uma frase que comprove o seu ponto de vista.

- 3 Considera agora a didascália que introduz a cena 14.
- 3.1 Onde se encontra Manuel?
- 3.2 O que faz ele?
- 3.3 Em que momento do dia decorre a ação?
- 4 Nota que, de repente, aparece uma criatura terrível...
- 4.1 Identifica-a.
- 4.2 O que sucedeu?
- 5 Apresenta o motivo pelo qual «A tempestade, aos poucos, amaina.» (l. 28).

GRAMÁTICA

- 6 No teu caderno, e com a ajuda das alíneas, completa o quadro com palavras da mesma família. Segue o exemplo.



	Nomes	Adjetivos	Advérbios
a)	melancolia	melancólico	melancolicamente
b)		verdadeiro	
c)	desespero		
d)		grande	
e)			abandonadamente
f)	natureza		

Consulta a Ficha informativa 16, «As funções sintáticas», na página 158.

- 7 Faz a análise sintática dos elementos assinalados nas seguintes frases.
- a) «[...] não **nos** é dado compreender **todas as coisas e todos os sucessos naturais** [...]» (ll. 9-10)
- b) «[...] **agora** sei que são **verdadeiros**.» (l. 12)

EXPRESSÃO ESCRITA / INTERAÇÃO ORAL

- 8 Imagina que eras um marinheiro e que se tinha abatido sobre a tua embarcação uma tempestade medonha...
- Produz um texto em que recries essa experiência: sons; luz; estado de espírito da tripulação; desfecho. Planifica-o e revê-o no fim.
 - Prepara a leitura expressiva do texto.
 - Lê-o à turma.
 - Em trabalho de grande grupo, compara oralmente as várias versões, encontrando semelhanças e diferenças.

Depois de ler...

A. Ficha técnica do espetáculo

- 1** Na montagem de um espetáculo teatral, é necessário o contributo de muitos profissionais e de várias áreas. Faz o levantamento de todas essas áreas profissionais.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

- 2** Lê o poema que se segue.

Lancei ao mar um madeiro,
espetei-lhe um pau e um lençol.
Com palpite marinheiro
medi a altura do Sol.

- 5** Deu-me o vento de feição,
levou-me ao cabo do mundo,
pelote de vagabundo,
rebotinho de gibão.

- 10** Dormi no dorso das vagas,
passei na orla das praias,
arrenequei, roguei pragas,
mordi peloiros e zagaia.

- 15** Chamusquei o pelo hirsuto,
tive o corpo de chagas vivas,
estalaram-me as gengivas,
apodreci de escorbuto.

- 20** Com a mão esquerda benzi-me,
com a direita esganei.
Mil vezes no chão, bati-me,
outras mil me levantei.

Meu riso de dentes podres
ecooou nas sete partidas,
Fundei cidades e vidas,
rompi as arcas e os odres.

- 25** Tremi no escuro da selva,
alambique de suores.
Estendi na areia e na relva
mulheres de todas as cores.

- 30** Moldei as chaves do mundo
a que os outros chamaram seu,
mas quem mergulhou no fundo
do sonho, esse, fui eu.

- 35** O meu sabor é diferente.
Provo-me e saibo-me a sal.
Não se nasce impunemente
nas praias de Portugal.

ANTÓNIO GEDEÃO, *Poemas Escolhidos*,
Edições João Sá da Costa, 1997



- 2.1** Relaciona as aventuras e desventuras descritas no poema com as relatadas na peça que estudaste.
- 2.2** Relê a última estrofe e explica, por palavras tuas, o seu sentido.
- 2.3** Atribui um título ao poema e compara-o com o original.

Texto A

A nau Catrineta

Lá vem a nau Catrineta
Que tem muito que contar!
Ouvides, agora, senhores,
Uma história de pasmar.

- 5 Passava mais de ano e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.
Deitaram sola de molho
- 10 Para ao outro dia jantar;
Mas a sola era tão rija,
Que a não puderam tragar,
Deitaram sortes à ventura
Qual se havia de matar;
- 15 Logo foi cair a sorte
No capitão-general.
— «Sobe, sobe, marujinho,
Àquele mastro real,
Vê se vês terras de Espanha,
- 20 As praias de Portugal.»
— «Não vejo terras de Espanha
Nem praias de Portugal;
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar.»
- 25 — «Acima, acima, gajeiro,
Acima, ao tope real!
Olha se enxergas Espanha,
Areias de Portugal.»
— «Alvíssaras, capitão,
- 30 Meu capitão-general!
Já vejo terras de Espanha,
Areias de Portugal.
Mais enxergo três meninas
Debaixo de um laranjal:

- 35 Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.»
— «Todas três são minhas filhas,
- 40 Oh! Quem mas dera abraçar!
A mais formosa de todas
Contigo a hei de casar.»
— «A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.»
- 45 — «Dar-te-ei tanto dinheiro
Que o não possas contar.»
— «Não quero o vosso dinheiro
Pois vos custou a ganhar.»
— «Dou-te o meu cavalo branco
- 50 Que nunca houve outro igual.»
— «Guardai o vosso cavalo,
Que vos custou a ensinar.»
— «Dar-te-ei a nau Catrineta.
Para nela navegar.»
- 55 — «Não quero a nau Catrineta
Que a não sei governar.»
— «Que queres tu, meu gajeiro,
Que alvíssaras te hei de dar?»
— «Capitão, quero a tua alma
- 60 Para comigo a levar.»
— «Renego de ti, demónio,
Que me estavas a atentar!
A minha alma é só de Deus;
O corpo dou eu ao mar.»
- 65 Tornou-o um anjo nos braços,
Não no deixou afogar.
Deu um estouro o demónio,
Acalmaram vento e mar;
E à noite a nau Catrineta
Estava em terra a varar.

ALMEIDA GARRETT, *Romanceiro*,
Círculo de Leitores, 1997





Texto B

Pedra Filosofal



Eles não sabem que o sonho
é uma constante da vida
tão concreta e definida
como outra coisa qualquer,
5 como esta pedra cinzenta
em que me sento e descanso,
como este ribeiro manso
em serenos sobressaltos,
como estes pinheiros altos
10 que em verde e oiro se agitam,
como estas aves que gritam
em bebedeiras de azul.

Eles não sabem que o sonho
é vinho, é espuma, é fermento,
15 bichinho álaçre e sedento,
de focinho pontiagudo,
que fossa através de tudo
num perpétuo movimento.

Eles não sabem que o sonho
20 é tela, é cor, é pincel,
base, fuste, capitel,
arco em ogiva, vitral,
pináculo de catedral,

contraponto, sinfonia,
25 máscara grega, magia,
que é retorta de alquimista,
mapa do mundo distante,
rosa dos ventos, Infante,
caravela quinhentista,
30 que é Cabo da Boa Esperança,
ouro, canela, marfim,
florete de espadachim,
bastidor, passo de dança,
Colombina e Arlequim,
35 passarola voadora,
para-raios, locomotiva,
barco de proa festiva,
alto-forno, geradora,
cisão do átomo, radar,
40 ultrassom, televisão,
desembarque em foguetão
na superfície lunar.

Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida.

45 Que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos duma criança.

ANTÓNIO GEDEÃO, *Poemas Escolhidos*, Edições João Sá da Costa, 1997

1 A partir do texto A, prepara uma pequena dramatização com os teus colegas, tendo em consideração os elementos cénicos e a movimentação das personagens.

2 Relaciona o texto B com o texto proposto para leitura integral desta unidade.



O TEXTO DRAMÁTICO

O texto dramático pode ser transformado em espetáculo. Com efeito, através da sua representação num espaço cénico e da interação de linguagens diversificadas, ganha sentido pleno quando estabelece uma relação entre a representação e o público. No texto dramático, há um texto principal (as falas de personagens: o diálogo, o monólogo ou o aparte) e um secundário (as didascálias: indicações cénicas sobre a movimentação das personagens, o sentimento que as anima, o tom de voz, a luz, o som, o guarda-roupa e os adereços).

1. Personagens — agentes da ação.

Relevo	Principal — desempenha um papel de maior importância. Secundária — assume um papel de menor relevo. Figurante — figura decorativa, cuja presença física ajuda a compreender a ação.
Composição	Modelada ou redonda — o seu comportamento altera-se ao longo da ação, revelando uma densidade psicológica. Plana — comporta-se sempre do mesmo modo. Tipo — representa um determinado estrato social ou grupo.
Caracterização	Direta — feita pela própria personagem (autocaracterização) ou pelas outras personagens e/ou pelo narrador (heterocaracterização). Indireta — feita pelo leitor/espectador, a partir do comportamento, das atitudes ou das falas da personagem, e/ou pelo narrador, que exprime sentimentos ou pensamentos que passam pela mente das personagens.

2. Ação — desenrolar de acontecimentos.

Estrutura interna	Exposição — apresentação das personagens e da situação inicial. Conflito — acontecimentos que conduzem ao ponto culminante da ação. Desenlace — conclusão da ação dramática.
Estrutura externa	Ato — grande divisão do texto dramático que corresponde à mudança de cenário. Cena — divisão do ato, determinada pela saída ou entrada de uma ou mais personagens.

3. Espaço — lugar onde decorre a ação.

Cénico	Espaço onde se movem as personagens, podendo ser num palco ou em qualquer outro.
Representado	Ambiente recriado pelos atores, interligado à ação e ao espaço cénico.
Palco	Espaço de representação.

4. Tempo — momento em que a ação se desenrola.

De representação	É curto e corresponde à duração do espetáculo.
Representado	Corresponde ao momento histórico recriado pelos atores.

A PONTUAÇÃO

Os sinais de pontuação servem para clarificar a mensagem que se pretende transmitir. Deste modo, indicam os momentos de pausa e a diferente entoação utilizada na linguagem falada, permitindo identificar certas relações sintáticas.

. Ponto final	Indica uma pausa grande e termina frases declarativas ou imperativas.
, Vírgula	Indica uma pausa pequena e serve, entre outras funções, para: • separar os elementos de uma enumeração, quando não são muito extensos; • isolar o vocativo, o modificador apositivo do nome, palavras ou orações intercaladas e modificadores; • anteceder a conjunção adversativa «mas»; • isolar palavras e expressões explicativas ou conclusivas (<i>isto é, ou seja, na verdade, ...</i>); • separar, nas datas, o nome do local.
; Ponto e vírgula	Indica uma pausa intermédia entre o ponto final e a vírgula; frequentemente, marca o fim de uma frase e indica que a frase seguinte continua a ideia da anterior; usa-se na enumeração de elementos extensos, ou organizados em alíneas.
: Dois pontos	Indicam o início do discurso direto, uma explicação, uma enumeração ou uma citação.
? Ponto de interrogação	Indica uma frase interrogativa.
! Ponto de exclamação	Indica sentimentos de admiração, entusiasmo, indignação, dúvida, dor, alegria ou ironia; emprega-se para concluir frases exclamativas ou imperativas; acompanha também as interjeições e os vocativos que expressem emoção.
... Reticências	Indicam a interrupção de uma frase e podem exprimir hesitação, surpresa, dúvida, ironia, irritação ou outros sentimentos.
— Travessão	Indica o início de um diálogo, a mudança de interlocutor e isola apartes.

NOTA:

Há outros sinais gráficos, os sinais auxiliares de escrita, usados para separar, assinalar ou destacar elementos. São exemplos disso:

- « » Aspas — Indicam o início e o fim de uma citação; alertam para o sentido figurado de uma palavra ou expressão; servem para citar o título de um artigo ou de um texto, num documento manuscrito.
- () Parênteses — Adicionam ou clarificam uma informação; isolam as didascálias no texto dramático.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

- 1** Pontua o texto que se segue.

Os Cavaleiros do Dragão tinham sido criados milhares de anos antes no rescaldo da grande guerra entre os Elfos e os Dragões de forma a assegurar que hostilidades daquela estirpe jamais afligissem ambas as raças os Cavaleiros tornaram-se zeladores da paz educadores curandeiros filósofos naturais e os mágicos mais poderosos uma vez que a união com um Dragão conferia aptidões mágicas ao seu companheiro sob orientação e proteção Alagaësia viveu a sua era dourada.

CHRISTOPHER PAOLINI, *Brisingr*, Círculo de Leitores, 2008

O DISCURSO DIRETO E O DISCURSO INDIRETO

- 1. Discurso direto** — modo de enunciação em que o emissor reproduz diretamente as falas das personagens, mantendo todas as formas deícticas da enunciação original. Esta modalidade de discurso torna a narrativa mais dinâmica e mais próxima da realidade.

Ex.: — *E a festa de casamento — diz a Florbela — basta que seja um jantarinho num restaurante discreto, para doze, quinze pessoas no máximo.*

- 2. Discurso indireto** — processo pelo qual o emissor inclui o conteúdo das falas das personagens no seu discurso, sem a preocupação de as reproduzir fielmente, efetuando reformulações, clarificações ou resumos, que envolvem uma interpretação do enunciado primitivo.

Ex.: *E a festa de casamento, dizia a Florbela, bastava que fosse um jantarinho num restaurante discreto, para doze, quinze pessoas no máximo.*

		Normas de transformação morfosintática	
		Discurso direto	Discurso indireto
Pessoa gramatical		1. ^a ou 2. ^a	3. ^a
Tempos e modos verbais		• Modo indicativo: presente, pretérito perfeito e futuro	• Modo indicativo: pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito
		• Modo indicativo: futuro	• Modo condicional
		• Modo conjuntivo: presente e futuro • Modo imperativo	• Modo conjuntivo: pretérito imperfeito
Pronomes e/ou determinantes	personais	eu/nós, tu/vós, me/nos, te/vos	ele/eles, ela/elas
	demonstrativos	este(s), isto, esse(s), isso	aquele(s), aquilo
	possessivos	meu(s)/nosso(s), teu(s)/vosso(s)	seu(s), dele(s)
Advérbios	de valor locativo	aqui, aí, cá	ali, além, acolá, lá
	de valor temporal	agora, já, hoje, ontem, amanhã, logo	então, naquele momento, logo, imediatamente, naquele dia, no dia anterior, na véspera, no dia seguinte, depois
Vocativo		Usa-se só no discurso direto.	Desaparece ou passa a desempenhar a função de complemento indireto ou de sujeito.
Interjeições		Ah!, Ai!, Oxalá!, Eia!, Silêncio!, etc.	Desaparecem ou são descritas no discurso.

Pontuação	dois pontos (:) travessão (—) reticências (...) ponto de exclamação (!) ponto de interrogação (?) aspas (« »)	Desaparecem as marcas de pontuação específicas do discurso direto.
------------------	--	--

NOTA:

- No discurso direto, as falas das personagens são introduzidas, intercaladas ou concluídas por verbos declarativos ou de inquirição, tais como: *dizer, afirmar, responder, perguntar, indagar, exclamar, sugerir, concluir, pensar, ordenar, lamentar, acrescentar*, etc.
- O discurso indireto é introduzido por um verbo declarativo ou de inquirição (*dizer, perguntar, responder, pedir, ordenar, ...*) seguido das conjunções «que» ou «se».

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1 Lê atentamente o excerto que se segue.

— Ora bem, meus meninos, a senhora professora não vem hoje. Teve uma emergência.
 — Aconteceu... aconteceu alguma coisa à professora? — perguntou a Bárbara, e largou o puxador.
 — Não, filha, lá foi alguma coisa inesperada — disse a menina Deolinda. — Sabes como é, fim de semana prolongado... — e riu. A menina Deolinda tem um sorriso escuro, com lampejos de metal nos molares, mas ri e sorri muito. — Quer dizer, tem uma reunião.
 — Reunião de quê? — pergunta a Bárbara.
 A menina Deolinda abre e fecha as gavetas da sua secretária. — Olha, filha — diz —, essas perguntas não são para a tua idade.

ANA SALDANHA, *Como Outro Qualquer*, Editorial Caminho, 2001

1.1 Transforma o discurso direto em indireto.

1.2 Regista as alterações a que procedeste, no teu caderno, num quadro semelhante ao que é apresentado a seguir.



	Discurso direto	Discurso indireto
Pessoa gramatical	(1)	(2)
Tempos e modos verbais	(3)	(4)
Pronomes/determinantes	(5)	(6)
Advérbios	(7)	(8)
Vocativo	(9)	(10)
Interjeições	(11)	(12)

A COORDENAÇÃO E A SUBORDINAÇÃO

A. As conjunções e as locuções conjuncionais

As conjunções são palavras invariáveis que servem para unir orações ou elementos da mesma oração. Existem dois grandes grupos de conjunções: coordenativas e subordinativas.

- 1. Conjunções e locuções conjuncionais coordenativas** — são as que ligam duas orações independentes.

	Conjunções	Locuções conjuncionais
Copulativas (enunciam uma adição ou sequência)	e, nem	não só... mas também, não só... como também, nem... nem, tanto... como
Adversativa (estabelece uma relação de oposição ou contraste)	mas	
Disjuntivas (apresentam uma alternativa)	ou	ou... ou, já... já, ora... ora, nem... nem, quer... quer, seja... seja, seja... ou
Conclusivas (exprimem uma conclusão)	logo, portanto, assim	por conseguinte, por isso, por consequência, pelo que
Explicativas (esclarecem o sentido)	pois, que, porquanto	

- 2. Conjunções e locuções conjuncionais subordinativas** — são as que juntam duas orações, fazendo uma depender sintaticamente da outra.

	Conjunções	Locuções conjuncionais
Causais (introduzem orações que indicam causa)	porque, pois, porquanto, como (= porque), que (= porque)	visto que, pois que, já que, dado que, por isso, por isso que, por isso mesmo que
Finais (introduzem orações que enunciam a finalidade da oração principal)	para	para que, a fim de que
Condicionais (introduzem orações que indicam uma hipótese ou condição)	se, caso	a não ser que, desde que, contanto que, exceto se, salvo se, sem que, a menos que, no caso que, uma vez que

Temporais (introduzem orações que indicam circunstâncias de tempo)	quando, enquanto, apenas, mal	antes que, depois que, logo que, assim que, desde que, até que, primeiro que, sempre que, tanto que, todas as vezes que, à medida que, ao passo que
Concessivas (introduzem orações que indicam uma oposição relativamente ao que é expresso na oração subordinante)	embora, conquanto, que	ainda que, apesar de, mesmo que, mesmo se, posto que, se bem que, nem que, não obstante, por mais que, por menos que, por muito que, sem que
Comparativas (introduzem orações que contêm o segundo elemento de uma comparação)	como, que, qual, segundo, conforme, consoante	assim como... assim também, bem como, como... assim, mais... do que..., menos... do que, ao passo que, conforme... assim, consoante... assim, tão... como, tanto... como
Consecutivas (introduzem orações que indicam uma consequência do que foi dito anteriormente)	que (antecedido de tal, tanto, tão, de tal maneira, de tal modo)	de maneira que, de modo que, de forma que, de sorte que
Completivas (introduzem orações que completam a ideia anterior)	que, se	

B. Orações coordenadas e orações subordinadas

Denominam-se frases simples aquelas que apresentam apenas um verbo flexionado ou conjugado. Por outro lado, consideram-se frases complexas as que são constituídas por duas ou mais formas verbais flexionadas, possuindo cada uma delas os respetivos sujeito e complementos.

- Orações coordenadas** — são as que estão ligadas por uma conjunção ou locução coordenativa, mantendo cada uma delas uma certa autonomia. Quando a conjunção ou locução está expressa, falamos de orações sindéticas; quando isso não acontece, as orações são coordenadas assindéticas e os elementos coordenados estão separados por uma vírgula.

Orações coordenadas	
Copulativas	Ex.: O teatro é um espetáculo <i>e</i> é representado por atores.
Adversativas	Ex.: Ela comprou o bilhete, <i>mas</i> perdeu o autocarro.
Disjuntivas	Ex.: Ou lês a peça <i>ou</i> vais vê-la ao teatro.
Conclusivas	Ex.: O espetáculo correu bem, <i>portanto</i> estão todos de parabéns.
Explicativas	Ex.: O ator foi aclamado, <i>pois</i> representou bem o seu papel.

- 2. Orações subordinadas** — são as que estão ligadas por uma conjunção ou locução subordinativa e estabelecem entre si uma relação de dependência, em que uma é a subordinante e a outra, a subordinada (esta última é sempre iniciada pela conjunção ou locução).

Orações subordinadas		
Substantivas (podem ser substituídas por um nome ou pronome)	Completivas	Ex.: O André disse <i>que ia ver a peça de Almeida Garrett</i> .
	Relativas	Ex.: O professor valorizou <i>quem ficou na sala</i> .
Adjetivas (podem ser substituídas por um adjetivo)	Relativas restritivas	Ex.: Gostei muito daquele livro <i>que me ofereceste</i> .
	Relativas explicativas	Ex.: O João, <i>que tem bom feitio</i> , não se zanga.
Adverbiais (podem ser substituídas por um advérbio)	Causais	Ex.: Gostei desta unidade <i>porque quero ser ator</i> .
	Finais	Ex.: A atriz memorizou o texto <i>para não ter «uma branca»</i> .
	Temporais	Ex.: <i>Quando encenou aquela peça</i> , era muito jovem.
	Condicionais	Ex.: <i>Se fizerem uma boa estreia</i> , o êxito está garantido.
	Comparativas	Ex.: A festa esteve mais animada <i>do que pensávamos</i> .
	Consecutivas	Ex.: Estavas tão linda <i>que todos olhavam para ti</i> .
	Concessivas	Ex.: Tive negativa, <i>embora tivesse estudado bastante</i> .

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

- 1** Lê atentamente as seguintes frases:

- a) O Luís assistiu à peça, mas não gostou.
- b) Se o ator trabalhar a voz, melhorará a expressividade.
- c) O encenador assegurou que as marcações estavam bem feitas.
- d) Enquanto a peça estiver em cena, não haverá ensaios.
- e) Nem gosto de teatro nem gosto de cinema.
- f) A representação vai ficando mais intensa à medida que o fim se aproxima.

- 1.1** Completa um quadro como seguinte, de acordo com o exemplo.



Frases	Conjunções/ locuções conjuncionais	Classificação
a)	mas	conjunção coordenativa adversativa

- 1.2** Delimita e classifica as orações das frases complexas.

2 Constrói frases complexas, em que apliques uma conjunção:

- a) coordenativa adversativa;
- b) coordenativa disjuntiva;
- c) subordinativa causal;
- d) subordinativa temporal;
- e) coordenativa conclusiva;
- f) subordinativa completiva.

3 Constrói frases complexas ligando os elementos da coluna A aos da coluna B. Responde no teu caderno.



A	B
A. O público aplaudiu	1. e o espetáculo foi cancelado.
B. Não fui ao teatro	2. pois gosto imenso daquela atriz.
C. O ator principal adoeceu	3. para pedir um autógrafo.
D. Já assisti à peça três vezes	4. visto que fecham as portas.
E. Não podemos chegar tarde ao espetáculo	5. quando a peça terminou.
F. Temos de ir aos camarins	6. embora tivesse comprado bilhete.

3.1 Identifica e classifica as conjunções/locuções conjuncionais presentes nas frases.

3.2 Classifica as orações introduzidas por essas conjunções/locuções conjuncionais.

4 No teu caderno diário, faz corresponder um elemento de cada coluna, de forma a construíres frases corretas.



A	B	C
A. Gosto de cinema	1. mas	a) estava doente.
B. O ator faltou aos ensaios	2. no entanto	b) o trabalho dos atores superou-o.
C. A peça era tão cómica	3. que	c) me fartei de rir.
D. O cenário era apelativo	4. porque	d) o teatro é mais interessante.

LÊ ATENTAMENTE O SEGUINTE EXCERTO DA OBRA *OS HERDEIROS DA LUA DE JOANA*.

PRIMEIRO ATO

Cena 1

Cenário A — Sala da casa de Joana

A sala está parcamente iluminada, incidindo um foco de luz branca sobre a flor e outro sobre o baloiço em forma de meia-lua.



- Dr. Brito** *(Entra cabisbaixo, senta-se no sofá, trazendo na mão as cartas de Joana, e começa a reler a última, pausadamente.)* «... Não está ninguém em casa...» *(Faz uma pausa breve, olhando em seu redor.)* «Acho que vou telefonar a alguém. Talvez à Rita. O Lucas é ótima companhia, mas não fala...» *(Faz nova pausa e sorri tristemente.)* «Pode ser que, dentro de alguns anos, com o avanço da tecnologia, deem voz humana aos cães. E toda a gente ficará menos só.» *(Pausa)* «Um beijo da tua amiga Joana.» [...]

Cena 2

- Bé** *(Entrando na sala e vendo o marido de pé, com papéis na mão, franze o sobrolho e senta-se no cadeirão mais afastado do sofá.)* Voltaste a ir buscar as... cartas... *(Eleva o tom de voz.)* Para quê? Para quê?! Não as saberás ainda de cor?! *(Abana a cabeça, em jeito de reprovação.)*
- Dr. Brito** *(Agarrando as cartas contra o peito, senta-se no sofá.)* Não percebes, Bé? Será que não percebes?! Estas cartas são tudo quanto nos resta da Joana... São a única coisa a que posso agarrar-me para tentar compreender... Para tentar...
- Bé** *(Irritada)* Para tentares o quê?! Não vês que não há nada mais a tentar; nada mais a fazer?!
- Dr. Brito** *(Em tom solene)* Enganas-te, Bé. Enganas-te redondamente.
- Bé** *(Em tom de ironia)* Como sempre... Mas explica lá, para ver se eu entendo, já que nunca compreendo nada...
- Dr. Brito** Ora, Bé! Tu não queres compreender! *(Com voz desolada)* Tu preferes esquecer...
- Bé** *(Indignada)* Esquecer?! Esquecer?! Como é que eu me posso esquecer?! Como?!, se tu não falas de outra coisa, não pensas noutra coisa?! Achas que é da nossa filha que quero esquecer-me, achas?! É isso que pensas de mim?!
- Dr. Brito** *(Atabalhoadamente)* Não, Bé! Não é isso...
- Bé** *(Em tom muito amargo)* O que eu quero, o que eu preciso é de me esquecer do horror, da aflição por que passámos! Esquecer o tumulto em que esta casa se tornou! *(Olhando para o baloiço, levanta-se, aproxima-se dele e aponta-o com a mão.)* O que faz isto aqui na sala?! Quem trouxe isto para aqui?

Dr. Brito (*Timidamente*) Não fui eu... Também me surpreendi ao dar com o... baloiço que estava no quarto dela... Não fui eu, Bé.

Bé (*Voltando a sentar-se no mesmo lugar*) Então, quem foi?

MARIA TERESA MAIA GONZALEZ, *Os Herdeiros da Lua de Joana*,
Editorial Verbo, 2003 (texto com supressão)

RESPONDE AOS ITENS QUE SE SEGUEM, DE ACORDO COM AS INDICAÇÕES QUE TE SÃO DADAS, NUMA FOLHA À PARTE.

- 1** Atenta nas personagens intervenientes.
 - 1.1** Identifica-as.
 - 1.2** Qual é a relação que as une?
 - 1.3** Caracteriza o estado de espírito da primeira personagem ao entrar em cena. Ilustra a tua resposta com dados textuais.
- 2** O diálogo travado entre o Dr. Brito e a Bé é marcado por uma forte carga emotiva. O que está na origem do seu desentendimento?
 - 2.1** Perante o acontecimento trágico que se abateu sobre aquela família, que tipo de atitudes adotam eles?
 - 2.2** Que fenómeno estranho os intriga? Porquê?
- 3** Repara na estrutura externa do excerto.
 - 3.1** A que ato pertence?
 - 3.2** Quantas cenas o compõem? Justifica a tua resposta.
 - 3.3** Transcreve um exemplo de didascália, comentando a sua importância cénica.
- 4** Presta atenção aos elementos cénicos presentes no texto.
 - 4.1** Refere aqueles que, na tua opinião, mais se evidenciam. Justifica a tua resposta.
 - 4.2** De que modo o jogo de luzes contribui para os realçar?
- 5** Relê a seguinte fala do Dr. Brito: «Ora, Bé! Tu não queres compreender! (*Com voz desolada*) Tu preferes esquecer...» (ll. 24-25)
 - 5.1** Identifica os sinais de pontuação utilizados.
 - 5.2** Comenta o seu uso.
- 6** Atenta na última fala do Dr. Brito, nas linhas 36 e 37.
 - 6.1** Passa-a para o discurso indireto.
 - 6.2** Regista as alterações a que procedeste.
- 7** Afinal quem levou o baloiço para a sala foi o Jorge, irmão da Joana. Elabora um texto dramático, imaginando o diálogo entre os pais e o filho. Planifica o texto e revê-o no fim.

PALAVRAS COM RITMO...

Que é a Poesia?
uma ilha
cercada
de palavras
por todos
os lados.
Que é o Poeta?
um homem
que trabalha o poema
com o suor do seu rosto.
Um homem
que tem fome
como qualquer outro
homem

CASSIANO RICARDO

**Analisar a imagem
e o poema**

1. O que representa a imagem?
2. Relaciona o poema com a imagem apresentada.



Índice

PALAVRAS COM RITMO...

SER POETA

«Motivo», Cecília Meireles	218
«Ser Poeta», Florbela Espanca	219

O SONHO

«O Sonho», Sebastião da Gama	220
«Se...», Luísa Dacosta	221

O AMOR

«Este é o poema do amor», António Gedeão	222
«Mãe», José Agostinho Baptista	223

A AMIZADE

«Sermos amigos», Patrícia Joyce	224
«Amigo é...», Alexandre O'Neill	225

A VIDA

«A cavalo no tempo», Luísa Ducla Soares	226
«Viagem», Miguel Torga	227

A NATUREZA

«Lição», Miguel Torga	228
«Inverno», Eugénio de Andrade	229
«Plantar uma floresta», Luísa Ducla Soares	230

O MAR

«Fundo do mar», Sophia de Mello Breyner Andresen	232
--	-----

POEMAS VISUAIS

Texto A — «Tontura», E. M. de Melo e Castro	234
Texto B — «É o ar...», Mário de Sá-Carneiro	
Texto C — «A serpente», Mário Castrim	
Texto D — «Em quarto minguante», José Luís Luna	

Ler mais	236
-----------------	-----

Ficha informativa 22 — O texto poético	246
---	-----

Ficha informativa 23 — O estilo	248
--	-----

Ficha informativa 24 — A formação de palavras	250
--	-----

Ficha informativa 25 — Os deícticos	251
--	-----

Teste formativo	252
------------------------	-----

A unidade 4 vai permitir-te:

- aprofundar o gosto pessoal pela leitura de textos poéticos;
- conhecer algumas noções de versificação;
- contactar com os dados biográficos dos autores;
- comentar a expressividade dos recursos retórico-estilísticos;
- analisar textos poéticos;
- treinar a leitura expressiva em voz alta;
- aprofundar alguns conhecimentos relativos à gramática da língua;
- desenvolver as competências de escrita.



Biografia

Cecília Meireles (1901-1964)

Cecília Benevides de Carvalho **Meireles** nasceu e faleceu no Rio de Janeiro. Descendente de portugueses, foi professora primária e universitária, tendo também sido produtora e redatora de programas culturais. Organizou a primeira biblioteca infantil do Rio de Janeiro e foi um dos maiores expoentes do Modernismo Brasileiro. A sua poesia é uma das mais puras, belas e válidas manifestações da literatura contemporânea. Foi distinguida com vários prémios, dos quais se destacam os seguintes: Prémio de Poesia Olavo Bilac (1939); Prémio Jabuti de Tradução de Obra Literária (1963); Prémio Jabuti de Poesia; Prémio de Poesia da Academia Brasileira de Letras e Prémio Machado de Assis (1965).

Obra: *Espectros; Ou Isto ou Aquilo; Antologia Poética; Viagem; Solombra; Metal Rosicler; Nunca Mais...; Poemas dos Poemas; ...*

Consulta a Ficha informativa 13, «O verbo», na página 144.

SER POETA

Escuta **atentamente** a leitura do poema que se segue.



Motivo

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem triste:
sou poeta.

5 Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
10 se permaneço ou se me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
15 E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

CECÍLIA MEIRELES, *Obra Poética*, Aguilar, 1967

COMPREENSÃO

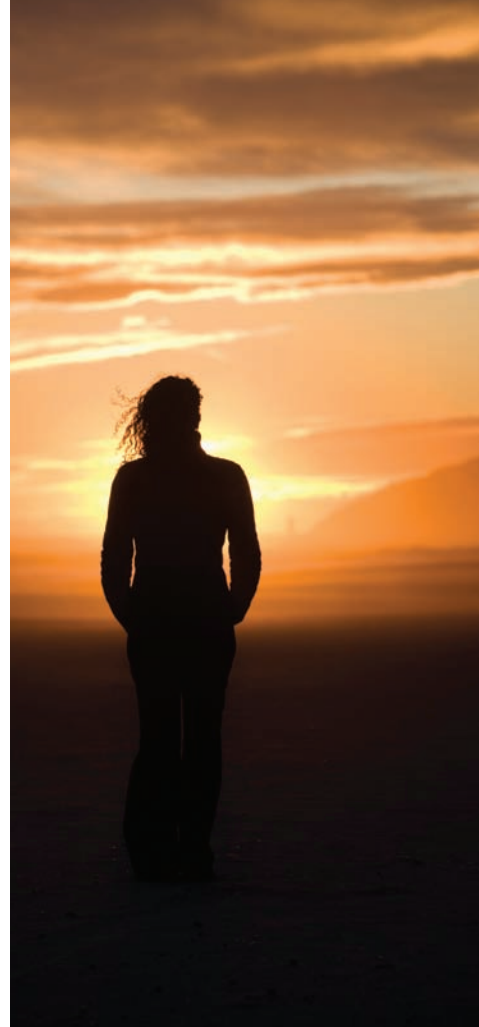
- 1 Atenta na primeira quadra e relaciona os dois primeiros versos com o título do poema.
- 2 Verifica que, ao longo do poema, o sujeito poético se tenta definir.
 - 2.1 Transcreve versos ou expressões que o caracterizem.
 - 2.2 Mostra que essa caracterização assenta num jogo de contrastes.
- 3 Atenta na última estrofe, que constitui a conclusão do poema.
 - 3.1 Quais são as únicas certezas aí reveladas? Justifica a tua resposta.

GRAMÁTICA

- 4 Transcreve três pares de antónimos.
- 5 Identifica o tempo e o modo em que se encontram as formas verbais: «canto» (v. 1) e «estarei» (v. 15).

EXPRESSÃO ESCRITA

- 6 «Eu canto porque o instante existe [...]» é o primeiro verso deste poema. Elabora um poema cujo primeiro verso seja: «Eu estudo porque...»



Escuta atentamente a leitura do poema de Florbela Espanca.



Ser Poeta

EDUCAÇÃO LITERÁRIA
MC
N. E. T. A. S.
CURRICULARES

Ser Poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

- 5 É ter de mil desejos o esplendor
E não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!
- É ter fome, é ter sede de infinito!
- 10 Por elmo, as manhãs de ouro e de cetim...
É condensar um mundo num só grito!
- E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma e sangue e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda a gente!



FLORBELA ESPANCA, *Poesia Completa*,
Dom Quixote, 2001

COMPREENSÃO

- 1 Ao longo do texto, o sujeito poético define o que é ser poeta. Transcreve as duas definições que, na tua opinião, sejam mais significativas e justifica.
- 2 Lê com atenção a segunda quadra e o primeiro terceto do poema. Explica o seu sentido.
- 3 Relê o último terceto. Identifica os intervenientes na situação de comunicação.
3.1 Transcreve as marcas textuais que te permitiram chegar a essa conclusão.
- 4 A estrutura do poema assenta numa figura. Indica-a, comentando o seu valor expressivo.
- 5 Divide o poema em partes, justificando a tua resposta.
- 6 Justifica o uso dos pontos de exclamação ao longo de todo o poema.
- 7 Atenta na estrutura poética fixa do poema transcrito.
7.1 Classifica as estrofes quanto ao número de versos que as constituem.
7.2 Elabora o seu esquema rimático.
7.3 Faz a escansão métrica do primeiro verso da segunda quadra.
7.4 Classifica-o, agora, quanto à forma poética a que pertence.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 8 Partindo da expressão «Ser poeta é...» (v. 1), produz um texto original em que presentes a tua definição de poeta. Planifica o texto e revê-o no fim.



Biografia

Florbela Espanca (1894-1930)

Florbela de Alma da Conceição **Espanca** nasceu em Vila Viçosa, tendo concluído o curso liceal em Évora. Em 1919, foi para Lisboa, frequentando o curso de Direito. A sua poesia reflete a imagem do poeta como sonhador, solitário, confessando a sua dor e a ânsia no infinito. Os seus sonetos refletem uma vida amargurada, cheia de aventuras e desventuras.

Obra: *Livro de Mâgoas*;
Charneca em Flor;
As Máscaras do Destino; ...

Consulta a Ficha informativa 23,
«O estilo», na página 248.

Consulta a Ficha informativa 22,
«O texto poético»,
na página 246.



Biografia

Sebastião da Gama (1924-1952)

Sebastião Artur Cardoso **da Gama** era natural de Vila Nogueira de Azeitão, tendo falecido em Lisboa apenas com 28 anos de idade, vítima de tuberculose. Licenciado em Filologia Românica na Faculdade de Letras de Lisboa, foi professor e poeta, tendo colaborado em várias revistas. Na sua poesia, salientam-se temas como a ligação à terra, o amor ao próximo e a Deus.

Obra: *Serra-Mãe*; *Campo Aberto*; *Pelo Sonho É Que Vamos*; *Diário*; *O Segredo é Amar*; ...

Consulta a Ficha informativa 23, «O estilo», na página 248.

Consulta a Ficha informativa 13, «O verbo», na página 144.

Acróstico

Texto constituído por um conjunto de versos em que cada verso começa por uma letra de uma palavra escrita intencionalmente na vertical.

O SONHO

Prepara a leitura dos poemas e lê-os em voz alta.

O Sonho

EDUCAÇÃO LITERÁRIA
MC
METAS
CURRICULARES

Pelo Sonho é que vamos,
comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não haja frutos,
5 pelo Sonho é que vamos.

Basta a fé no que temos
Basta a esperança naquilo
que talvez não teremos.

10 Basta que a alma dêmos,
com a mesma alegria,
ao que desconhecemos
e ao que é do dia a dia.

Chegamos? Não chegamos?

— Partimos. Vamos. Somos.

SEBASTIÃO DA GAMA, *Pelo Sonho É Que Vamos*, Ática, 1999



COMPREENSÃO

- 1 Explica, por palavras tuas, o sentido dos cinco primeiros versos do poema.
 - 1.1 Segundo o sujeito poético, quais são as condições essenciais para concretizarmos os nossos sonhos?
 - 1.2 Relê a parte final do poema. Confronta as perguntas aí formuladas com as respostas dadas pelo poeta.
- 2 Procura no texto um exemplo de dupla adjetivação, anáfora e pergunta retórica.
- 3 Por que razão se inicia o último parágrafo com travessão?
- 4 Relaciona este poema com o texto «Há sempre lugar para um sonho...», que se encontra nas páginas 181-182 (unidade 3).

GRAMÁTICA

- 5 Transcreve uma forma verbal no presente do modo indicativo, outra no presente do modo conjuntivo e outra no futuro do modo indicativo.
 - 5.1 Escreve frases em que as utilizes.
 - 5.2 Reescreve as frases do modo indicativo no conjuntivo.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 6 Em trabalho de pares, constrói um acróstico com a palavra «sonho».

Se...

Se eu tivesse um carro
havia de conhecer
toda a Terra.

Se eu tivesse um barco
5 havia de conhecer
todo o mar.

Se eu tivesse um avião
havia de conhecer
todo o céu.

10 Tens duas pernas
e ainda não conheces
a gente da tua rua.

LUÍSA DACOSTA, *De Mãos Dadas,
Estrada Fora*, Figueirinhas, 1973



Biografia

Luísa Dacosta
(n. 1927)

Natural de Vila Real, foi professora do Ensino Básico e colaborou em vários jornais e revistas, nomeadamente na revista *Seara Nova*. A partir da década de setenta, dedicou-se à literatura infantil. A sua obra oscila entre o conto, a crónica, o diário e a poesia, revelando grande coerência.

Obra: *Província; Vovó Ana, Bisavó Filomena e Eu; Corpo Recusado; Na Água do Tempo; ...*

COMPREENSÃO

1 Verifica que uma leitura atenta do poema nos conduz à sua divisão em partes.

1.1 Divide-o e justifica a tua divisão.

1.2 Transcreve marcas do «eu» e do «tu» de cada uma das partes.

2 Repara na estrutura formal muito repetitiva do poema.

2.1 Comprova a existência dessa estrutura transcrevendo duas anáforas.

2.2 Comenta o seu valor expressivo.

3 Relê o último terceto.

3.1 Explica o seu sentido, relacionando-o com o título.

GRAMÁTICA

4 Identifica os dois tempos verbais que se cruzam nos três primeiros tercetos do poema, justificando o seu emprego.

5 Considera a terceira e a quarta estrofes.

5.1 Transcreve os deícticos pessoais aí presentes.

5.2 Refere a classe de palavras a que pertencem.

EXPRESSÃO ESCRITA

6 Em trabalho de pares, constrói um poema em que respeites a estrutura:
«Se eu tivesse... / havia de... / toda...»

6.1 Prepara a leitura expressiva do teu poema.

6.2 Lê-o à turma.

Consulta a Ficha informativa 25,
«Os deícticos», na página 251.



Biografia

António Gedeão (1906-1997)

António Gedeão é o pseudónimo literário de Rómulo de Carvalho. Licenciou-se em Ciências Físico-Químicas e exerceu a profissão de professor. Foi poeta, romancista, ensaísta e dramaturgo. O vocabulário científico está presente em muitas das suas obras, deixando sempre transparecer o espírito otimista que o caracterizava.

Obra: *Movimento Perpétuo; Teatro do Mundo; Máquina de Fogo; Poesias Completas; ...*

O AMOR

Escuta atentamente a leitura do texto que se segue.



Este é o poema do amor



Este é o poema do amor.

O poema que o poeta propositadamente escreveu
Só para falar de amor,

De amor,

5 De amor,

De amor,

Para repartir muitas vezes amor,

De amor,

De amor,

10 De amor,

Para que um dia, quando o Cérebro Eletrónico

Contar as palavras que o poeta escreveu,

Tantos que,

Tantos se,

15 Tantos lhe,

Tantos tu,

Tantos ela,

Tantos eu,

Conclua que o poeta mais escreveu

20 Foi amor,

Amor,

Amor.

Este é o poema do amor.

ANTÓNIO GEDEÃO, *Poemas Escolhidos*,

Edições João Sá de Costa, 1997



1

No teu caderno, constrói um poema-acróstico, em que a temática seja o amor.



D _____

I _____

A _____

D _____

O _____

S _____

N _____

A _____

M _____

O _____

R _____

A _____

D _____

O _____

S _____

Prepara a leitura do poema «Mãe», e lê-o, depois, em voz alta.

Mãe

Eu sou aquela que os vê.

E caminho pelos seus caminhos e sou a
fogueira distante.

O tempo não me apaga.

5 Tenho os pontos cardeais e sou a bússola nas
suas mãos,
quando eles vão sobre as águas.

Sou os mapas, a constelação, o cruzeiro do sul,
o arado, o cão,

10 aquela que os guarda.

Sou o regaço, as belas plumas do meu regaço,
a imensa luz de amor que cai sobre a sua
penumbra,
sobre a sua loucura.

15 Sou a mãe da sua vida, da sua morte.

E vou com eles, espalhando as rosas tristes,
e os meus cabelos espalham sobre os seus
cabelos as raízes brancas.

Sou aquela que escreve quando eles dormem,

20 sou as palavras através do sono.

E adormeço com eles,
fechando as últimas portas.



Maternidade, de José de Almada Negreiros (100 cm × 100 cm),
1948, Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão,
Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa).

JOSÉ AGOSTINHO BAPTISTA, *Mãe*, *Uma Antologia Poética*, Edições 101 Noites, 2004

COMPREENSÃO

1 Verifica que o poema se encontra enunciado na primeira pessoa do singular.

1.1 Identifica o sujeito poético.

1.2 Transcreve três traços que o caracterizem.

1.3 A quem se refere o sujeito poético? Justifica a tua opinião.

2 Considera os versos dois, três, cinco e seis.

2.1 Identifica a figura aí presente e comenta a sua expressividade.

3 O poema foca a relação que se estabelece entre a mãe e o filho. Que sentimentos perpassam nessa relação?

Consulta a Ficha informativa 23,
«O estilo», na página 248.

GRAMÁTICA

4 Transcreve cinco deícticos pessoais.

Consulta a Ficha informativa 25,
«Os deícticos», na página 251.

EXPRESSÃO ESCRITA

5 Todos nós temos um carinho especial pela nossa mãe. Cria um poema dedicado a todas as mães.

Biografia

Patrícia Joyce
(1913-1985)

Dagmar Joyce Damas Mora nasceu e morreu em Lisboa, tendo-se estreado nas letras aos 41 anos de idade. Foi ficcionista, poetisa, dramaturga e tradutora. Grande parte da sua atividade literária é dedicada às crianças, das quais revela um profundo conhecimento.

Foi nomeada membro da comissão de leitura das Bibliotecas Gulbenkian e viu duas peças de teatro suas serem patrocinadas pela Direção de Educação Permanente.

Obra: *Anúncio de Casamento*; *O Pecado Invisível*; *Romance da Gata Preta*; *Arca Transitória*; ...

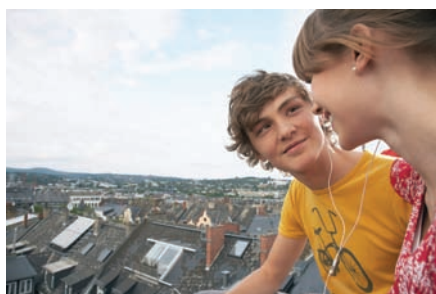
A AMIZADE

Prepara a leitura do poema e **lê-o em voz alta**.

Sermos amigos

Sermos Amigos
É contar contigo
É contares comigo
Confiantemente

- 5 É esperar por ti
Sabendo que vens
Evidentemente
É esperares por mim
Sabendo que eu chego
10 **Infalivelmente**



É guardar para ti
É guardares para mim
Naturalmente
As coisas que vimos
15 E as que sentimos
Intimamente
E que a ti direi
E a mim dirás
Necessariamente

- 20 É tomar para mim
Rigorosamente
Teu bem e teu mal
É tomares para ti
Meu mal e meu bem
25 Meus e teus são nossos
Verdadeiramente

PATRICIA JOYCE, *Toadas para Gente Nova*, Livros Horizonte, 1984

COMPREENSÃO

- 1 Lê o poema de Patrícia Joyce.
- 1.1 Identifica a ideia que o sujeito poético tenta esclarecer ao longo do texto.
 - 1.2 Transcreve três passagens que a ilustrem.
 - 1.3 A quem se dirige o sujeito poético? Justifica a tua resposta.
 - 1.4 Partindo do poema, indica quatro valores indispensáveis à amizade.

GRAMÁTICA

- 2 Indica a classe das palavras assinaladas no poema.
- 2.1 Que ideia se pretende realçar com o seu emprego?
 - 2.2 Substitui a palavra assinalada na primeira estrofe por outra, sem alterar o seu sentido.
- 3 Transcreve três pronomes pessoais.
- 3.1 Escreve frases em que os utilizes.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 4 Redige um texto, comentando a expressão: «É na adversidade que se conhecem os verdadeiros amigos.» Planifica o texto e faz-lhe uma revisão final.

Consulta a Ficha informativa 15, «O pronome», na página 154.

Escuta atentamente a leitura do texto que se segue.



Amigo é...

EDUCAÇÃO LITERÁRIA
MC
M E T A S
CURRICULARES

Mal nos conhecemos
Inaugurámos a palavra amigo!

Amigo é um sorriso
De boca a boca,
5 Um olhar bem limpo,

Uma casa, mesmo modesta, que se oferece.
Um coração pronto a pulsar
Na nossa mão!

Amigo (recordam-se, vocês aí,
10 Escrupulosos detritos?)
Amigo é o contrário de inimigo!

Amigo é o erro corrigido,
Não o erro perseguido, explorado.
É a verdade partilhada, praticada.

15 Amigo é solidão derrotada!

Amigo é uma grande tarefa,
Um trabalho sem fim,
Um espaço útil, um tempo fértil,
Amigo vai ser, é já uma grande festa!

ALEXANDRE O'NEILL, *No Reino da Dinamarca*, Relógio d'Água, 1997



Ver biobibliografia de Alexandre O'Neill, na página 168.

COMPREENSÃO

- 1 Neste poema, o sujeito poético procura definir o que é ser amigo. Transcreve a definição que te parece mais sugestiva, justificando a tua escolha.
 - 1.1 Localiza a passagem onde se defende que a amizade tem de ser alimentada todos os dias.
 - 1.2 Explica o sentido do último verso do poema.
- 2 Verifica que o sujeito poético se dirige também aos «escrupulosos detritos» (v. 10).
 - 2.1 Esclarece o significado da expressão usada.
 - 2.2 Qual é a intenção do recurso a palavras tão violentas?

GRAMÁTICA

- 3 Classifica as palavras do verso 14 no que respeita à classe a que pertencem e à flexão das mesmas.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 4 Em trabalho de pares, redige um poema, subordinado ao tema «Amigo é...» No fim, verifica se foi respeitada a estrutura desta tipologia textual.



Biografia

Luísa Ducla Soares (n. 1939)

Maria **Luísa** Bliebernicht **Ducla Soares** Sottomayor Cardia nasceu em Lisboa e licenciou-se em Filologia Germânica. Foi tradutora, consultora literária, jornalista e adjunta do Gabinete do Ministro da Educação. Trabalhou desde 1979 a 2009 na Biblioteca Nacional como assessora principal e foi responsável pela Área de Informação Bibliográfica. Dedicou especial atenção à literatura para crianças e jovens e escreveu vários guiões para séries televisivas. Recusou, por razões políticas, o Grande Prémio de Literatura Infantil e foi galardoada com o Grande Prémio Calouste Gulbenkian.

Obra: *Contrato; O Menino e a Nuvem; Poemas da Mentira e da Verdade; Crime no Expresso do Tempo; A Nau Mentireta; Diário de Sofia & C.ª aos 15 Anos; Viagens de Gulliver; ...*

A VIDA

Prepara a leitura dos poemas apresentados e **lê-os**, depois, **em voz alta**.

A cavalo no tempo

LER⁺
PLANO NACIONAL
DE LEITURA

Ando a cavalo no tempo
anda o tempo a galopar.
Quando nasci fui bebé,
agora sei bem falar,
5 hei de ser gente crescida
com força para trabalhar,
hei de ter como os avós
muita coisa para lembrar.
Sempre a cavalo no tempo,
com o tempo a galopar.



LUÍSA DUCLA SOARES, *A Cavalo no Tempo*,
Civilização Editora, 2008

COMPREENSÃO

- 1 Lê o poema acima transcrito.
 - 1.1 Que fases da vida são sugeridas ao longo do texto?
Fundamenta a tua resposta.
 - 1.2 Que idade terá o sujeito poético?
 - 1.3 A que é associado o «tempo»?

GRAMÁTICA

- 2 Presta atenção às formas verbais.
 - 2.1 Que tempos verbais identificas no poema?
 - 2.2 Transcreve um exemplo para cada um deles.
- 3 Transcreve do poema:
 - a) dois advérbios;
 - b) duas preposições;
 - c) dois nomes.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 4 «[...] hei de ter como os avós / muita coisa para lembrar.» (vv. 7-8).

Pede aos teus avós ou a outras pessoas mais velhas que te contem um episódio ou algo especial da sua vida. Recria num texto a conversa travada e lê-o à turma. Não te esqueças de planificar o teu texto e, no fim, de fazeres a sua revisão.
- 5 Questiona os teus familiares mais velhos e recolhe informação que te permita fazer a árvore genealógica da tua família.

Aparelhei o barco da ilusão
E reforcei a fé de marinheiro.
Era **longe** o meu sonho, e **traíçoeiro**
O **mar**...

- 5 (Só **nos** é concedida
Esta vida
Que temos;
E é nela que é preciso
Procurar
10 O velho paraíso
Que perdemos).

Prestes, larguei a vela
E disse adeus ao cais, à paz tolhida.
Desmedida,

- 15 A revolta imensidão
Transforma dia a dia a embarcação
Numa errante e alada sepultura...
Mas corto as ondas sem desanimar.
Em qualquer aventura
O que importa é partir, não é chegar.

MIGUEL TORGA, *Antologia Poética*, Círculo de Leitores, 2001



COMPREENSÃO

- 1 Relê a primeira estrofe, na qual se assiste aos preparativos de uma viagem.
 - 1.1 De que viagem se trata?
 - 1.2 Quais são os obstáculos que o sujeito poético tem de enfrentar?
 - 1.3 Qual é o seu objetivo?
- 2 Caracteriza o estado de espírito do sujeito poético, partindo do verso 12. Fundamenta a tua resposta.
- 3 Relaciona o sentido dos dois últimos versos com a mensagem que o poema pretende transmitir.
- 4 Transcreve um exemplo de metáfora, um de dupla adjetivação e um de personificação.

Consulta a Ficha informativa 23, «O estilo», na página 248.

GRAMÁTICA

- 5 Identifica a classe e a subclasse de palavras a que pertencem os vocábulos assinalados no texto.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 6 Imagina que tinhas regressado de uma viagem de sonho. Produz um texto onde relates todas as peripécias dessa viagem, bem como os locais visitados. Faz uma planificação do teu texto e, no fim, a sua revisão e correção.

A NATUREZA

Prepara a leitura dos dois poemas e lê-os, depois, **em voz alta**.

Lição



Oiço todos os dias,
De manhãzinha,
Um bonito poema
Cantado por um melro
5 Madrugador.
Um poema de amor
Singelo e desprendido,
Que me deixa no ouvido
Envergonhado
10 A lição virginal
Do natural,
Que é sempre o mesmo, e sempre variado.

MIGUEL TORGA, *Antologia Poética*,
Círculo de Leitores, 2001



COMPREENSÃO

- 1 Nota que o sujeito poético tem a felicidade de acordar sempre a ouvir um poema.
 - 1.1 Como é qualificado esse poema?
 - 1.2 Por quem é recitado?
- 2 Transcreve os dois adjetivos que qualificam o amor.
 - 2.1 Concordas com o seu uso? Justifica a tua resposta.
- 3 Explica o efeito que o poema provoca no sujeito poético, sabendo que ouvir poesia não nos pode deixar indiferentes.
 - 3.1 Qual foi a «lição» que lhe foi transmitida?

GRAMÁTICA

- 4 Transcreve do texto:
 - a) um verbo;
 - b) uma preposição;
 - c) um advérbio;
 - d) um nome comum;
 - e) um pronome pessoal;
 - f) uma conjunção.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 5 Diz-se que «O amor vence tudo».
 - 5.1 Prova a veracidade desta afirmação, redigindo um poema de louvor a tão nobre sentimento. Podes utilizar o vocabulário que transcreveste no exercício 4.
- 6 Troca de poema com um colega e leiam o poema um do outro expressivamente.

Inverno



Velho, velho, velho.
Chegou o inverno.

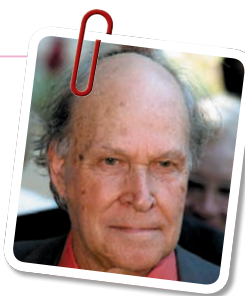
Vem de sobretudo,
vem de cachecol,
5 o chão onde passa
parece um lençol.

Esqueceu as luvas
perto do fogão:
quando as procurou
10 roubara-as um cão.

Com medo do frio,
encosta-se a nós:
dai-lhe café quente
senão perde a voz.

15 Velho, velho, velho.
Chegou o inverno.

EUGÉNIO DE ANDRADE, *Aquela Nuvem e Outras*,
Edições ASA, 1989



Biografia

Eugénio de Andrade (1923-2005)

Eugénio de Andrade é o pseudónimo literário de José Fontinhas, natural da Póvoa da Atalaia (Beira Baixa). Depois de ter vivido em Lisboa e em Coimbra, passou a residir no Porto, onde foi criada uma fundação com o seu nome. Autor de uma vasta obra lírica, os seus poemas caracterizam-se por uma exploração límpida e pura da palavra, sempre aliada à musicalidade, possuindo um sentido rítmico bastante apurado. Recebeu o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores, o Prémio Jean Malrieu, o Grande Prémio Vida Literária, o Prémio Camões, o Prémio D. Diniz, da Fundação Casa de Mateus, entre outros.

Obra: *As Mãos e os Frutos; Os Amantes sem Dinheiro; As Palavras Interditas; Coração do Dia; O Sal da Língua; ...*

COMPREENSÃO

1 Atenta no poema de Eugénio de Andrade, que tem como tema o inverno.

1.1 A que é o inverno comparado?

1.2 Caracteriza-o física e psicologicamente. Justifica a tua resposta.

1.3 Por que razão acaba o poema da mesma forma que se inicia? Justifica.

2 Transcreve um exemplo de:

a) anáfora;

b) comparação.

GRAMÁTICA

3 Relê atentamente as passagens seguintes.

a) «[...] quando **as** procurou / roubara-**as** um cão.» (vv. 9-10);

b) «Com medo do frio, / encosta-se **a nós** / dai-**lhe** café quente [...].» (vv. 11-13).

3.1 Classifica os vocábulos assinalados quanto à classe e à flexão.

3.2 Identifica a função sintática por eles desempenhada.

EXPRESSÃO ESCRITA

4 Imagina que acolhias o inverno em tua casa... Escreve um texto criativo recriando o diálogo travado entre vós. Planifica o texto e revê-o no fim.

Consulta a Ficha informativa 16, «As funções sintáticas», na página 158.



Plantar uma floresta



Quem planta uma floresta
planta uma festa.

Planta a música e os ninhos,
faz saltar os coelhinhos.

- 5 Planta o verde vertical,
verte o verde,
vário verde vegetal.

Planta o perfume
das seivas e flores,

- 10 solta borboletas de todas as cores.

Planta abelhas, planta pinhões
e os piqueniques das excursões.

Planta a cama mais a mesa.
Planta o calor da lareira acesa.

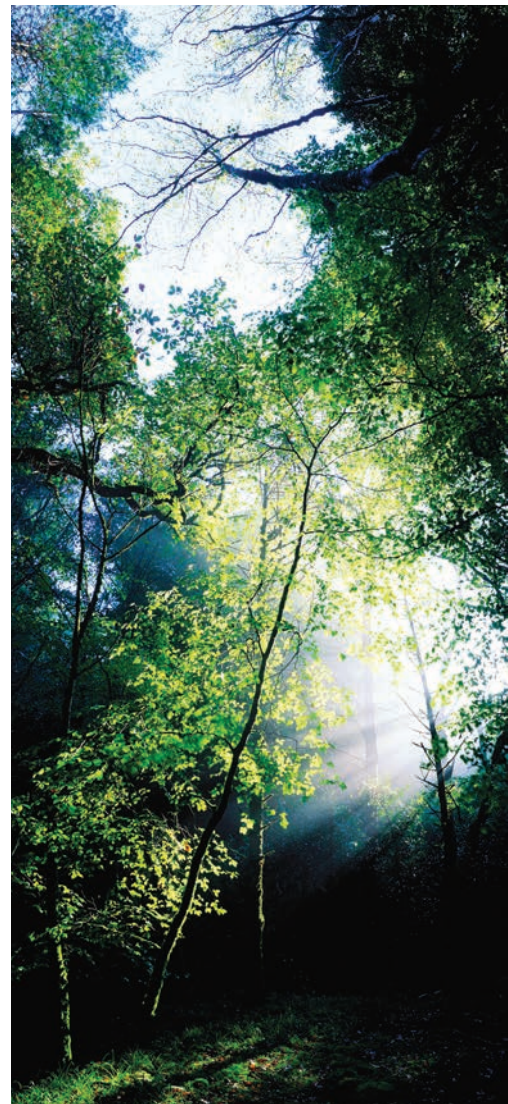
- 15 Planta a folha de papel,
a girafa do carrossel.

Planta barcos para navegar,
e a floresta flutua no mar.

Planta carroças para rodar,

- 20 muito a floresta vai transportar.
Planta bancos da avenida,
descansa a floresta de tanta corrida.

Planta um pião
na mão de uma criança:
a floresta ri, rodopia e avança.



LUÍSA DUCLA SOARES, *A Gata Tareca e Outros Poemas*
Levados da Breca, Teorema, 1990

COMPREENSÃO

- 1 Atenta na primeira estrofe e explica o sentido dos dois versos.
- 2 Repara no modo como a floresta surge animada nas quatro estrofes seguintes.
 - 2.1 Que sinais de festa a animam?
 - 2.2 Refere os dois sinais que mais te chamaram a atenção. Justifica.
 - 2.3 Comenta o sentido da terceira estrofe (vv. 5-7).
- 3 Verifica que as três últimas estrofes nos falam da utilidade da floresta.
 - 3.1 Enumera tudo o que a floresta proporciona.
 - 3.2 Encontras outra utilidade para a floresta? Justifica a tua opinião.
 - 3.3 Explica o sentimento de esperança presente na última estrofe.

4 Comenta a relação de sentido que se estabelece entre a primeira e a última estrofes.

5 Atenta na estrutura formal do poema.

5.1 Classifica as estrofes quanto ao número de versos.

5.2 Partindo do esquema rimático, procede à classificação da rima.

6 Completa o quadro, no teu caderno, com exemplos dos recursos expressivos indicados.



Figuras	Exemplos
anáfora	(1)
aliteração	(2)
metáfora	(3)
personificação	(4)

Consulta a Ficha informativa 22, «O texto poético», na página 246.

Consulta a Ficha informativa 23, «O estilo», na página 248.

GRAMÁTICA

7 O sentido do texto constrói-se em torno de dois campos lexicais: «natureza» e «alegria». No teu caderno, completa os dois esquemas com vocábulos do poema.



Consulta a Ficha informativa 6, «O campo lexical e o campo semântico», na página 53.

EXPRESSÃO ESCRITA

8 Há um provérbio que diz: «Planta, semeia e cria, e viverás com alegria.» Constrói uma história em que se aplique esta máxima. Planifica o teu texto e faz-lhe uma revisão final.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

9 Pesquisa, na biblioteca da tua escola, na biblioteca pública da tua localidade ou na Internet, outros poemas cuja temática se relacione com o texto que acabaste de trabalhar.

9.1 Partilha com a turma o resultado da tua pesquisa.

9.2 Em conjunto, escolhe os poemas de que mais gostam.

9.3 Constrói um *placard* de poesia sobre a Natureza para expor na biblioteca da vossa escola.

9.4 Organiza uma sessão de poesia, na sala de aula, e declama os poemas selecionados.

O MAR

Prepara a leitura do poema e lê-o em voz alta.

Fundo do mar

LER⁺
PLANO NACIONAL
DE LECTURA

No fundo do mar há brancos pavores,
Onde as plantas são animais
E os animais são flores.

Mundo silencioso que não atinge

5 A agitação das ondas.

Abrem-se rindo conchas redondas,
Baloíça o cavalo-marinho.

Um polvo avança
No desalinho

10 Dos seus mil braços,
Uma flor dança,
Sem ruído vibram os espaços.

Sobre a areia o tempo poisa
Leve como um lenço.

15 Mas por mais bela que seja cada coisa
Tem um monstro em si suspenso.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, *Obra Poética I*, Círculo de Leitores, 1992



COMPREENSÃO

- 1 Ao longo do poema, o sujeito poético faz uma descrição do fundo do mar. Indica o que aí se pode encontrar.
 - 1.1 Refere os sentimentos que desperta o fundo do mar no sujeito poético.
 - 1.2 Justifica a tua resposta com dados textuais.
- 2 Comenta a afirmação seguinte, aludindo a elementos do poema: O mistério desprende-se do mundo descrito.
- 3 Relê o penúltimo dístico do poema e explica-o por palavras tuas.
- 4 A personificação surge como uma constante na segunda estrofe. Ilustra a afirmação com três exemplos.
- 5 Identifica os recursos expressivos nos seguintes exemplos.



Exemplos	Figuras
«[...] as plantas são animais / E os animais são flores.» (vv. 2-3)	(1)
«Mundo silencioso [...]» (v. 4)	(2)
«[...] No desalinho / Dos seus mil braços [...]» (vv. 9-10)	(3)
«[...] o tempo poisa / Leve como um lenço.» (vv. 13-14)	(4)

Consulta a Ficha informativa 23, «O estilo», na página 248.

GRAMÁTICA

- 6 No teu caderno, constrói o campo lexical de «mar», transcrevendo exemplos do poema.



Consulta a Ficha informativa 6, «O campo lexical e o campo semântico», na página 63.

- 7 Apresenta cinco vocábulos da família de «mar».
- 8 Recorrendo a exemplos do texto, completa o quadro seguinte no teu caderno.



Formação de palavras	Exemplos
Derivação por sufixação	(1)
Derivação por prefixação	(2)
Composição morfológica	(3)

Consulta a Ficha informativa 24, «A formação de palavras», na página 250.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 9 É usual associar o mar às férias. Redige um texto original recontando um episódio que tenhas vivido ou a que tenhas assistido junto ao mar. Planifica o teu texto e revê-o quando o terminares.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

- 10 Lê o poema, memoriza-o e declama-o à turma.

Mar

Mar!
E é um aberto poema que ressoa
No búzio do areal...
Ah, quem pudesse ouvi-lo sem mais versos!

- 5 Assim puro,
Assim azul,
Assim salgado...
Milagre horizontal
Universal,
Numa palavra só realizado.

MIGUEL TORGA, *Antologia Poética*, Círculo de Leitores, 2001

- 11 Pesquisa, na biblioteca da tua escola, outros poemas com a mesma temática.

11.1 Procura imagens que os ilustrem.

11.2 Cria um blogue em que publiques esses poemas e essas imagens.

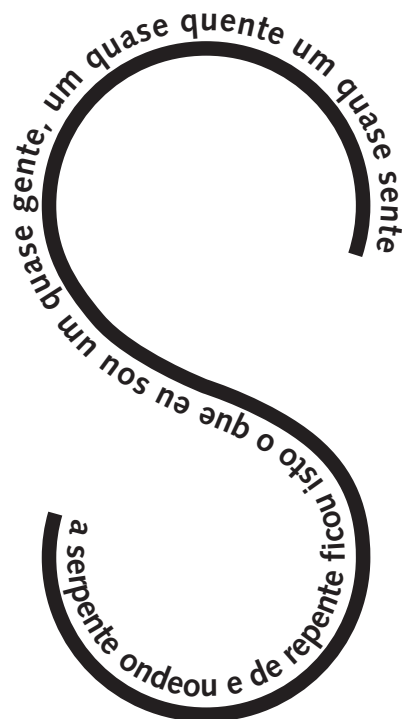
POEMAS VISUAIS

Texto A



E. M. DE MELO E CASTRO (org.), *Antologia da Poesia Concreta em Portugal*, Assírio & Alvim, 2003

Texto C



MÁRIO CASTRIM, *Estas São as Letras*, Caminho, 2012

Texto B

É no ar que ondeia tudo! É lá que tudo existe!...

MÁRIO DE SA-CARNEIRO,
Manucure, A Mar Arte, 1995

Texto D

Em Quarto Minguante

L
LU
LUN
LUNA
ULAN
NULA
ANUL
UNA
NA
A

José Luís LUNA, *Antologia da Poesia Concreta em Portugal*, Angelus Novus, 2003

COMPREENSÃO

- 1 Após a leitura dos textos, relaciona-os com o título da secção.
- 2 Relativamente ao texto A, responde às seguintes questões.
 - 2.1 De que modo a disposição gráfica da linguagem verbal permite a construção da mensagem do poema?
 - 2.2 Identifica o recurso expressivo que configura o sentido do poema.
 - 2.3 Se tivesses de atribuir um título ao poema, qual seria?
- 3 Considera, agora, o texto B.
 - 3.1 Seleciona a palavra do poema que estabelece uma relação com o seu grafismo.
 - 3.2 Que outro vocábulo reforça o sentido do poema?
- 4 Finalmente, centra-te nos textos C e D.
 - 4.1 Como é que visualmente os textos reforçam a mensagem verbal?
 - 4.2 Qual dos dois preferes? Justifica a tua opinião.

GRAMÁTICA

- 5 Atenta na pontuação do texto B.
 - 5.1 Identifica os sinais de pontuação utilizados pelo sujeito poético.
 - 5.2 Justifica a sua opção.

Consulta a Ficha informativa 19, «A pontuação», na página 207.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 6 Produz um texto que também se inicie por «A serpente ondeou...», mas em que recries um outro ambiente visual.
- 7 Imagina que o título do texto D é «Em quarto crescente».
 - 7.1 Em trabalho de pares, escreve um poema visual partindo desse título.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

- 8 Pesquisa, num dicionário onomástico, informação biográfica relativa aos autores dos textos A e B.
 - 8.1 Regista-a, no teu caderno, numa ficha bibliográfica semelhante à seguinte.



Nome: _____
Data de nascimento: _____ Nacionalidade: _____
Estudos/Habilitações literárias: _____
Profissão: _____
Obras publicadas: _____
Prémios recebidos: _____

- 8.2 Elabora tópicos e apresenta essa informação à turma oralmente.

1. A LINGUAGEM

Poema A

- 1** Ouve o tema musical de Rui Veloso intitulado «País do gelo» e completa a letra com as palavras da caixa. Responde no teu caderno.



Adamastor	Cabo Verde	diabo	história	padres	vacilante
bordo	canção	escrivão	leme	podres	vento
branca	capitão	meninas	farnéis	sempre	vizinho



País do gelo

- Lá vai a nau Catrineta
Que tem tudo por contar
Ouvi só mais uma **(1)**
Que vos vai fazer pasmar
- 5** Eram 1012 a bordo
Nas contas do **(2)**
Sem contar os galináceos
Sete patos e um cão
- Era lista mui sortida
10 De fidalgos passageiros
Desde mulheres de má vida
A **(3)** e mesteiros
- Iam todos tão airosos
Com seus **(4)** e merendas
- 15** Mais parecia um piquenique
Do que a carreira das Índias
- Ao passarem **(5)**
O mar deu em encrespar
Logo viram ao que vinham
- 20** Quando a nau deu em bailar
- Veio a cresta do Equador
E o Cabo da Boa Esperança
Onde o Velho **(6)**
Subiu o ritmo da dança
- 25** Foi tamanha a danação
Foi puxado o bailarico
Quem sanfonava a **(7)**
Era a mão de um mafarrico
- Tinha morrido o piloto
30 Em febre o **(8)** ardia
Encantada pela corrente
Pra sul a nau se perdia
- Subia a conta dos dias
Ficavam **(9)** os dentes
- 35** Eram tantas as sangrias
Morriam da cura os doentes
- E o cheiro era tão mau
E a fé tão **(10)**
Parecia que a pobre nau
- 40** Era o Inferno de Dante
- Com o **(11)** sem governo
E a derrota já perdida
Fizeram um auto de fé
Com as mulheres de má vida
- 45** E foram tirando à sorte
Quem havia de morrer
Para que o **(12)** do lado
Tivesse o que comer

No céu três (13) loiras
50 Cantavam um cantochão
Todas vestidas de tule
Para levar o capitão

No meio do seu delírio
Mostrou a raça de bravo
55 Teve ainda força na língua
Para as mandar ao (14)

Neste martírio sem fim
Ficou o lenho a boiar
Até que um (15) gelado
60 A terra firme o fez varar

Que diria o escrivão
Se pudesse escrevinhar
Eram 1012 a (16)
E 12 haviam de chegar

65 Ao grande país do gelo
Com 1000 cristais a brilhar
Onde a paz era tão (17)
Só se quiseram deitar

Naqueles lençóis de linho
70 A plumas acolchoados
E lá dormiram para (18)
Como meninos cansados

RUI VELOSO, *Auto da Pimenta*, EMI, 1991

Poema B

2 Lê o poema e enumera as ações do eu poético que envolvem palavras.

Verbo

Ponho palavras em cima da mesa; e deixo
que se sirvam delas, que as partam em fatias, sílaba a
sílaba para as levarem à boca — onde as palavras se
voltam a colar, para caírem sobre a mesa.

5 Assim, conversamos uns com os outros. Trocamos
palavras e roubamos outras palavras, quando não
as temos e damos palavras, quando sabemos que estão
a mais. Em todas as conversas sobram as palavras.

Mas há as palavras que ficam sobre a mesa quando
10 nos vamos embora. Ficam frias, com a noite se uma janela
se abre, o vento sopra-as para o chão. No dia seguinte,
a mulher a dias há de varrê-las para o lixo.

Por isso, quando me vou embora, verifico se ficaram
palavras sobre a mesa, e meto-as no bolso, sem ninguém
15 dar por isso. Depois, guardo-as na gaveta do poema. Algum
dia, estas palavras hão de servir para alguma coisa.

NUNO JÚDICE, *As Coisas mais Simples*, Dom Quixote, 2006

Poema C

As palavras



São como um cristal,
as palavras.

Algumas, um punhal,
um incêndio.

- 5 Outras,
orvalho apenas.
Secretas vêm, cheias de memória.
Inseguras navegam:
barcos ou beijos,
10 as águas estremecem.

Desamparadas, inocentes,
leves.

Tecidas são de luz
e são a noite.

- 15 E mesmo pálidas
verdes paraísos lembram ainda.

Quem as escuta? Quem
as recolhe, assim,
cruéis, desfeitas,
nas suas conchas puras?

EUGÊNIO DE ANDRADE, *Coração do Dia*, 1958

- 3 Transcreve dois versos que demonstrem que as palavras podem estar associadas:
a) à violência;
b) à suavidade e à fragilidade.

- 4 Explica por palavras tuas o apelo que é feito na última estrofe.

2. O AMOR

Poema A

A espera



E a expedição partiu.
Partiu, e o coração da mãe parou.
E parado de angústia assim viveu.
Enquanto a caravela não voltou.

MIGUEL TORGA, *Poemas Ibéricos*, 1965



Poema B



Não posso adiar o amor

Não posso adiar o amor para outro século
não posso
ainda que o grito sufoque na garganta
ainda que o ódio estale e crepite e arda
5 sob as montanhas cinzentas
e montanhas cinzentas

Não posso adiar este braço
que é uma arma de dois gumes
amor e ódio
10 Não posso adiar
ainda que a noite pese séculos sobre as costas
e a aurora indecisa demore
não posso adiar para outro século a minha vida
nem o meu amor
15 nem o meu grito de libertação

Não posso adiar o coração

ANTÔNIO RAMOS ROSA,
Viagem através Duma Nebulosa, 1960

Poema D

Linha de rumo



Quem não me deu Amor, não me deu nada.
Encontro-me parado...
Olho em redor e vejo inacabado
O meu mundo melhor.

5 Tanto tempo perdido...
Com que saudade o lembro e o bendigo:
Campos de flores
E silvas...
Fonte da vida fui. Medito. Ordeno.

10 Penso o futuro a haver.
E sigo deslumbrado o pensamento
Que se descobre.

Poema C



Urgentemente

É urgente o amor.
É urgente um barco no mar.

É urgente destruir certas palavras
ódio, solidão e crueldade,
5 alguns lamentos,
muitas espadas.

É urgente inventar alegria,
multiplicar os beijos, as searas,
é urgente descobrir rosas e rios
10 e manhãs claras.

Cai o silêncio nos ombros e a luz
impura, até doer.
É urgente o amor, é urgente
permanecer.

EUGÉNIO DE ANDRADE, *Até Amanhã*, 1956

Quem não me deu Amor, não me deu nada.
Desterrado,
15 Desterrado prossigo.
E sonho-me sem Pátria e sem Amigos.
Adrede.

RUY CINATTI,
O Livro do Nómada Meu Amigo, 1958

Poema E

Gaivota



Se uma gaivota viesse
trazer-me o céu de Lisboa
no desenho que fizesse,
nesse céu onde o olhar
5 é uma asa que não voa,
esmorece e cai no mar.

Que perfeito coração
no meu peito bateria,
meu amor na tua mão,
10 nessa mão onde cabia
perfeito o meu coração.

Se um português marinheiro,
dos sete mares andarilho,
fosse quem sabe o primeiro
15 a contar-me o que inventasse,
se um olhar de novo brilho
no meu olhar se enlaçasse.

Que perfeito coração
no meu peito bateria,
20 meu amor na tua mão,
nessa mão onde cabia
perfeito o meu coração.

Se ao dizer adeus à vida
as aves todas do céu
25 me dessem na despedida
o teu olhar derradeiro,
esse olhar que era só teu,
amor que foste o primeiro.



Que perfeito coração
30 no meu peito morreria,
meu amor na tua mão,
nessa mão onde perfeito
bateu o meu coração.

ALEXANDRE O'NEILL,
Poesias Completas, 1984

- 1 Nos poemas anteriores, fala-se de diferentes tipos de amor. Escolhe os dois poemas de que mais gostaste e explica porquê.
- 2 Prepara a leitura dos dois poemas que escolheste e lê-os expressivamente à turma.

3. A AMIZADE

Poema A

Segredo



Sei um ninho.
E o ninho tem um ovo.
E o ovo, redondinho,
Tem lá dentro um passarinho
5 Novo.

Mas escusam de me atentar:
Nem o tiro, nem o ensino.
Quero ser um bom menino
E guardar

10 Este segredo comigo.
E ter depois um amigo
Que faça o pino
A voar...

MIGUEL TORGA, *Diário VIII*, 1959



1 Explica o significado do primeiro verso.

2 Que promessas faz o menino?

2.1 Com que objetivo faz essas promessas?

4. O RESPEITO

Poema A

Lágrima de preta

EDUCAÇÃO LITERÁRIA
MC
METAS
CURRICULARES

Encontrei uma preta
que estava a chorar,
pedi-lhe uma lágrima
para a analisar.

- 5 Recolhi a lágrima
com todo o cuidado
num tubo de ensaio
bem esterilizado.

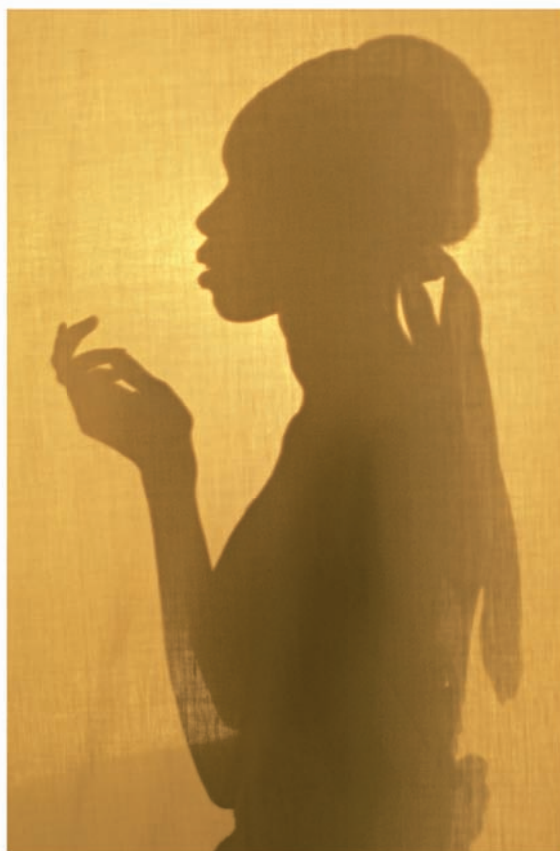
- Olhei-a de um lado,
10 do outro e de frente:
tinha um ar de gota
muito transparente.

- Mandeir vir os ácidos,
as bases e os sais,
15 as drogas usadas
em casos que tais.

- Ensaiei a frio,
experimentei ao lume,
de todas as vezes
20 deu-me o que é costume:

nem sinais de negro,
nem vestígios de ódio.
Água (quase tudo)
e cloreto de sódio.

ANTÓNIO GEDEÃO, *Máquina de Fogo*, 1961



- 1 Explica o motivo por que o sujeito poético decidiu analisar a lágrima.

- 2 A que conclusão chegou?

- 2.1 Que lição é possível extrair deste poema?

5. A VIDA

Poema A

Meu coração é como um peixe cego



Meu coração é como um peixe cego,
Só o calor das águas o orienta,
E por isso me arrasta aonde me nego;
De puros impossíveis me sustenta.

- 5 O que eu tenho sentido é mais que mar;
Em força e azul, cinco oceanos soma:
Mas ainda há a tristeza a carregar
E as coisas que só pesam pelo aroma.

Há o país da espera e dos sinais,
10 Se feitos, apagados na neblina,
E a terra de tudo e muito mais,
Onde a minha alma é quase uma menina.

Sentada no jardim de nunca, a triste!
Se vale a pena em flor, essa ainda rego.
15 Tudo o mais — nem me agrava, nem existe:
Árida distração, lânguido apego.

VITORINO NEMÉSIO, *Eu, Comovido a Oeste*, 1940

- 1 Explica a razão por que o sujeito poético afirma que o «[seu] coração é como um peixe cego», relacionando este verso com a globalidade do texto.

Poema B

Impressão digital



Os meus olhos são uns olhos.
E é com esses olhos uns
que eu vejo no mundo escolhos
onde outros, com outros olhos,
5 não veem escolhos nenhuns.

Quem diz escolhos diz flores.
De tudo o mesmo se diz.
Onde uns veem luto e dores
uns outros descobrem cores
10 do mais formoso matiz.

Nas ruas ou nas estradas
onde passa tanta gente,
uns veem pedras pisadas,
mas outros, gnomos e fadas
15 num halo resplandecente.
Inútil seguir vizinhos,
querer ser depois ou ser antes.
Cada um é seus caminhos.
Onde Sancho vê moinhos
20 D. Quixote vê gigantes.

Vê moinhos? São moinhos.
Vê gigantes? São gigantes.

ANTÓNIO GEDEÃO, *Movimento Perpétuo*, 1956

- 2 Explica o sentido da última estrofe, estabelecendo a sua ligação com o assunto do poema.

Poema c

Cântico negro



«Vem por aqui» — dizem-me alguns com
os olhos doces,
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: «vem por aqui!»
5 Eu olho-os com olhos lassos,
(Há, nos meus olhos, ironias e cansaços)
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:
10 Criar desumanidade!
Não acompanhar ninguém.
— Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
Com que rasguei o ventre a minha Mãe.

Não, não vou por aí! Só vou por onde
15 Me levam meus próprios passos...

Se ao que busco saber nenhum de vós
responde,
Por que me repetis: «vem por aqui!»?
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
20 Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés na areia
inexplorada!
25 O mais que faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós
Que me dareis impulsos, ferramentas,
e coragem
Para eu derrubar os meus obstáculos?...
Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,
30 E vós amais o que é fácil!
Eu amo o Longe e a Miragem,
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! Tendes estradas,
Tendes jardins, tendes canteiros,
35 Tendes pátria, tendes tetos,
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...
Eu tenho a minha Loucura!
Levanto-a, como um facho, a arder na noite
escura,
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

40 Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém!
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
Mas eu, que nunca principio nem acabo,
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,
45 Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: «vem por aqui»!
A minha vida é um vendaval que se soltou.
É uma onda que se alevantou.
É um átomo a mais que se animou...

50 Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou
— Sei que não vou por aí!

JOSÉ RÉGIO, *Poemas de Deus e do Diabo*, 1925

3 Atenta nos três últimos versos do poema: «Não sei por onde vou / Não sei para onde vou / Sei que não vou por aí».

3.1 Relaciona-os com o sentido global do texto.

6. A ESPERANÇA

Poema A

História antiga



Era uma vez, lá na Judeia, um rei.
Feio bicho, de resto:
Uma cara de burro sem cabresto
E duas grandes tranças.

- 5 A gente olhava, reparava, e via
Que naquela figura não havia
Olhos de quem gosta de crianças.
E, na verdade, assim acontecia.
Porque um dia,
10 O malvado,
Só por ter o poder de quem é rei
Por não ter coração,
Sem mais nem menos,
Mandou matar quantos eram pequenos
15 Nas cidades e aldeias da Nação.

Mas,
Por acaso ou milagre, aconteceu
Que, num burrinho pela areia fora,
Fugiu
20 Das mãos de sangue um pequenito
Que o vivo sol da vida acarinhou;
E bastou
Esse palmo de sonho
Para encher este mundo de alegria;
25 Para crescer, ser Deus;
E meter no inferno o tal das tranças,
Só porque ele não gostava de crianças.

Lisboa, Cadeia do Aljube, 1 de Janeiro de 1940

MIGUEL TORGA, *Diário I*, 1941



Cena do Massacre dos Inocentes (pormenor), Léon Cogniet (1824).

- 1 Reconta, por palavras tuas, a história narrada no poema.
- 2 Explica por que razão este texto pode ser associado ao tema da esperança.

O TEXTO POÉTICO

Na poesia, predomina a subjetividade do «eu», que expõe o seu mundo interior, sentimentos, emoções e sensações. Frequentemente, este «eu» é também crítico e, por isso, utiliza a ironia. Por meio de um discurso de primeira pessoa, em que as palavras ganham novos sentidos, o sujeito poético revela a sua visão do mundo e a sua experiência pessoal.

No texto poético, não são só os sentidos das palavras que têm significação, também o seu som e a musicalidade que suscita no leitor têm significado. Ritmo e musicalidade, produzidos por assonâncias e aliterações e pela rima, são também portadores de sentido.

Finalmente, até a mancha gráfica que o poema revela aos olhos do leitor encerra a sua mensagem.

- 1. Verso** — é cada uma das linhas do poema. Os versos podem ser rimados (os que rimam entre si) ou brancos/soltos (os que não rimam com outros).
- 2. Estrofe** — é um conjunto de versos separados graficamente por um espaço, usualmente com sentido completo.

Tipos de estrofe

Monóstico (um verso)	Sétima (sete versos)
Dístico (dois versos)	Oitava (oito versos)
Terceto (três versos)	Nona (nove versos)
Quadra (quatro versos)	Décima (dez versos)
Quintilha (cinco versos)	Irregulares (com mais de dez versos)
Sextilha (seis versos)	

- 3. Rima** — é a correspondência de sons a partir da vogal tônica final de cada verso de um poema. Contribui para o ritmo, para a musicalidade e para a memorização do poema.

Tipos de rima

Disposição	Emparelhada — os versos rimam dois a dois. Cruzada — os versos rimam alternadamente. Interpolada — os dois versos que rimam estão separados por dois de rima diferente. Encadeada — a última palavra do verso rima com uma do meio do verso seguinte.
Riqueza	Rica — as palavras que rimam pertencem a classes diferentes. Pobre — as palavras que rimam pertencem à mesma classe.
Acentuação	Aguda — termina por uma palavra aguda. Grave — termina por uma palavra grave. Esdrúxula — termina por uma palavra esdrúxula.
Correspondência de sons	Consoante — correspondência de sons vocálicos e consonânticos, a partir da sílaba tônica. Toante — correspondência de sons vocálicos, a partir da sílaba tônica.

4. **Ritmo** — resulta da alternância de sílabas tónicas com átonas das palavras que compõem o poema, o que o pode tornar lento e pausado ou rápido e sincopado.
5. **Métrica** — é a medida do verso que se obtém pela escansão do mesmo, ou seja, pela contagem das sílabas métricas. É importante ter em atenção duas regras:
- As sílabas métricas contam-se até à sílaba tónica da última palavra de cada verso.
 - Quando uma palavra termina em vogal e a seguinte se inicia também por vogal, faz-se uma sinalefa, ou seja, juntam-se as sílabas e conta-se apenas uma (elisão das vogais).

Tipos de versos quanto à métrica

Monossílabo (uma sílaba)	Pentassílabo (cinco sílabas)	Eneassílabo (nove sílabas)
Dissílabo (duas sílabas)	Hexassílabo (seis sílabas)	Decassílabo (dez sílabas)
Trissílabo (três sílabas)	Heptassílabo (sete sílabas)	Hendecassílabo (onze sílabas)
Tetrassílabo (quatro sílabas)	Otossílabo (oito sílabas)	Dodecassílabo (doze sílabas)

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

- 1 Lê atentamente o poema que se segue.

Depois da chuva

Abre a janela, e olha!
Tudo o que vires é teu.
A seiva que lutou em cada folha,
E a fé que teve medo e se perdeu.

- 5 Abre a janela, e colhe!
É o que quiser a tua mão atenta:
Água barrenta,
Água que molhe,
Água que mate a sede...
- 10 Abre a janela, quanto mais não seja
Para que haja um sorriso na parede!

MIGUEL TORGA, *Diário IV*, Edição de Autor, 1973

- 1.1 Indica o número de estrofes que compõem o poema.
- 1.2 Classifica as estrofes quanto ao número de versos.
- 1.3 Indica, quanto à disposição dos versos, o tipo de rima da primeira estrofe.
- 1.4 Classifica, quanto à riqueza e à acentuação, a rima da segunda estrofe.
- 1.5 Classifica, quanto ao número de sílabas métricas, o verso nove.
- 1.6 Faz a escansão dos dois últimos versos.

O ESTILO

Designa-se por **estilo** de um determinado autor o modo pessoal e único como este utiliza a língua para criar sentidos. O estilo pode, pois, ser entendido como uma fuga à norma, ou língua-padrão.

Em poesia, o poeta explora não só o sentido das palavras como também a sua materialidade (som e mancha gráfica), de forma a transportar para o universo de sentidos que é o poema os sentimentos que pretende transmitir e fazer sentir ao leitor.

Assim, quando falamos de **recursos expressivos**, onde se incluem as **figuras**, pensamos no poder de **sugestão** e **expressividade** que o autor consegue transmitir à **linguagem**, pela exploração dos **níveis fónico, sintático e interpretativo**.

Recursos expressivos	
Nível sintático	Anáfora — repetição de uma palavra ou expressão no início de frases ou versos sucessivos. Ex.: <i>Irei beber a luz...</i> / <i>Irei beber a voz...</i> (Sophia de Mello Breyner Andresen) Repetição — repetição de uma ou mais palavras. Ex.: <i>Ralha, ralha</i> comigo, mas de manso... (Sebastião da Gama) Enumeração — apresentação sucessiva de vários elementos. Ex.: Os <i>sons</i>, os <i>gestos</i>, os <i>motivos humanos</i>. (Sophia de Mello Breyner Andresen) Gradação — disposição de palavras em progressão de sentido (ascendente e descendente.) Ex.: <i>Amigo é uma grande tarefa</i> / <i>Um trabalho sem fim</i>. (Alexandre O'Neill)
Nível interpretativo	Personificação — atribuição de características próprias do Homem a seres inanimados e a animais irracionais. Ex.: <i>Sereno, o parque espera</i>. (Miguel Torga) Metáfora — transposição do significado de uma palavra ou expressão para outro campo semântico diferente do inicial. Ex.: <i>Amigo é um sorriso...</i> (Alexandre O'Neill) Comparação — apresentação de duas objetividades distintas postas em paralelo. Estabelece-se uma relação de semelhança através da conjunção <i>como</i> ou seu equivalente. Ex.: <i>O chão onde passa</i> / <i>parece um lençol</i>. (Eugénio de Andrade) Hipérbole — exagero de uma determinada realidade, de forma negativa ou positiva. Ex.: <i>Meu riso de dentes podres</i> / <i>ecoou nas sete partidas</i>. (António Gedeão) Antítese — oposição ou contraste entre duas ideias, objetos ou seres. Ex.: Se <i>desmorono</i> ou <i>edifico</i> / Se <i>permaneço</i> ou se me <i>desfaço</i>. (Cecília Meireles) Ironia — utilização de uma expressão com sentido contrário ao que na realidade se quer dizer. Na oralidade resulta, frequentemente, da entoação utilizada. Ex.: <i>As pessoas sensíveis não são capazes</i> / <i>De matar galinhas</i> / <i>Porém são capazes</i> / <i>De comer galinhas</i>. (Sophia de Mello Breyner Andresen) Apóstrofe — invocação de alguém, real ou fictício, sob forma exclamativa. Ex.: <i>Vida!</i>, / Não me venhas roubar o meu tesouro. (Sebastião da Gama) Adjetivação — uso abundante de adjetivos. Ex.: <i>Pela estrela da noite tão limpa e serena</i>. (Sophia de Mello Breyner Andresen)

**Nível
fônico**

Aliteração — repetição sucessiva de sons consonânticos idênticos.

Ex.: *Que um fraco rei faz fraca a forte gente.* (Camões)

Onomatopeia — imitação de sons ou de ruídos.

Ex.: *O tempo passa... tiquetaque... tiquetaque... tiquetaque...*

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1



Completa o quadro que se segue no teu caderno, ora com os recursos expressivos solicitados ora exemplificando com passagens dos textos poéticos da unidade 4.

Figuras	Exemplos
(1)	<i>Ó grande noite alucinada e pura.</i> (Sophia de Mello Breyner Andresen)
Comparação	(2)
(3)	<i>No mundo estranho do arvoredor.</i> (Sophia de Mello Breyner Andresen)
Anáfora	(4)
(5)	<i>Depois de ser tronco, / Depois de ser rama, / Depois de cortado.</i> (Miguel Torga)
Metáfora	(6)
(7)	<i>Não tens corpo, nem pátria, nem família.</i> (Miguel Torga)
Apóstrofe	(8)
(9)	<i>Há pessoas que são como aviões no ar.</i> (Alexandre O'Neill)
Onomatopeia	(10)
(11)	<i>Que bela noite ordinária que eu passei!</i> (Alexandre O'Neill)
Aliteração	(12)
(13)	<i>Ó velho, que festa grande / hoje te faria a gente.</i> (Carlos Drummond de Andrade)
Ironia	(14)
(15)	<i>E nunca acordo deste sonho e nunca durmo.</i> (Sophia de Mello Breyner Andresen)
Antítese	(16)
(17)	<i>Quase livre como um deus eu caminhava.</i> (Sophia de Mello Breyner Andresen)
Hipérbole	(18)
(19)	<i>São como um cristal / as palavras.</i> (Eugénio de Andrade)
Adjetivação	(20)
(21)	<i>Sereno, o parque espera.</i> (Miguel Torga)

A FORMAÇÃO DE PALAVRAS

O enriquecimento do vocabulário da língua portuguesa pode fazer-se por meio de dois processos de formação de palavras:

- 1. Derivação** — é um processo de formação de palavras que consiste na adição de afixos (prefixos ou sufixos) à palavra de base, e é, por isso, denominada **afixação**.
Os **afixos** são unidades mínimas de significação utilizadas na formação de palavras derivadas, fornecendo-lhes um novo significado.
Os **prefixos** são os afixos que se colocam no início de uma palavra de base.
Os **sufixos** são os afixos que se colocam no final de uma palavra de base.
- 2. Composição** — consiste na junção de duas ou mais palavras, ou radicais, formando uma única palavra com significado próprio.

Formação de palavras	
Derivação	Prefixação — é um processo de formação de palavras que associa um prefixo a uma forma de base (palavra primitiva). Ex.: <i>des</i> + <i>regular</i> = <i>desregular</i> Sufixação — é um processo de formação de palavras que associa um sufixo a uma palavra de base. Ex.: <i>chuva</i> + <i>oso</i> = <i>chuvoso</i> Parassíntese — é um processo de formação de palavras (verbos) por meio da junção de um prefixo e de um sufixo em que os dois afixos (prefixo e sufixo) se aglutinam em simultâneo. Ex.: <i>a</i> + <i>maduro</i> + <i>ecer</i> = <i>amadurecer</i>
Composição	Morfológica — resulta da união de um radical ou elemento de formação com uma palavra. Ex.: <i>agri</i> + <i>cultura</i> = <i>agricultura</i> Morfossintática — resulta da união de duas ou mais palavras que se subordinam a um único acento tónico (o da segunda) e sofrem alterações ortográficas. Ex.: <i>passa</i> + <i>tempo</i> = <i>passatempo</i>

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS



1 Completa o quadro agrupando as palavras da caixa de acordo com o seu processo de formação. Responde no teu caderno.

chuvoso	azul-marinho	vaivém	florista	contratempo
ângulo	planalto	disforme	pesca	dispor
rodapé	manhã	lentamente	passatempo	para-quedas

Palavra de base	Derivação por		Composição	
	prefixação	sufixação	morfológica	morfossintática
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

OS DEÍTICOS

Pode afirmar-se que os **deícticos** são marcas da presença do sujeito de enunciação no texto ou discurso produzidos. Por outras palavras, a existência de certos vocábulos permite compreender o contexto do discurso e aceder ao seu sentido. Assim sendo, a referência deíctica pode ser dada por pronomes pessoais (*eu, me, tu, te, ...*), pronomes possessivos (*meu, teu, ...*), advérbios de lugar (*aqui, ali, ...*), expressões temporais (*aqui, neste momento, ontem, ...*) e pelas formas verbais (1.^a e 2.^a pessoas).

Em suma, os deícticos organizam o tempo e o espaço em que a ação decorre em função do sujeito.



Deícticos	Pessoais — remetem para o « <i>eu/tu</i> » da situação de enunciação; podem ser: • pronomes pessoais; • determinantes e/ou pronomes possessivos; • flexão verbal (pessoa e número).
	Espaciais — remetem para o « <i>aqui</i> » da situação de enunciação; podem ser: • determinantes e pronomes demonstrativos; • advérbios.
	Temporais — remetem para o « <i>agora</i> » da situação de enunciação; podem ser: • advérbios e locuções adverbiais; • tempos verbais (presente, pretérito e futuro).

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

- 1 Identifica e classifica os deícticos presentes no excerto apresentado.

[...] — Mas que vem a ser aquela coisa?

— Aquilo não é uma coisa. Aquilo voa. Aquilo é um avião. É o meu avião.

E sentia-me todo orgulhoso por lhe revelar que sabia voar. Mas ele exclamou:

— O quê? Tu cáíste do céu?

5 — Caí — disse eu — com a maior modéstia.

— Ah! Que engraçado!

E o príncipezinho soltou uma gargalhada muito linda que me irritou imenso.

SAINT-ÉXUPÉRY, *O Príncipezinho*, Caravela, 1987

LÊ ATENTAMENTE O POEMA QUE SE SEGUE.

Poema do coração



Eu queria que o Amor estivesse realmente no coração,
e também a Bondade,
e a Sinceridade,
e tudo, e tudo o mais, tudo estivesse realmente no coração.

5 Então poderia dizer-vos:

«Meus amados irmãos,
falo-vos do coração»,
ou então:
«com o coração nas mãos.»

10 Mas o meu coração é como o dos compêndios.

Tem duas válvulas (a tricúspida e a mitral)
e os seus compartimentos (duas aurículas e dois ventrículos).
O sangue ao circular contrai-os e distende-os
segundo a obrigação das leis dos movimentos.

15 Por vezes acontece

ver-se um homem, sem querer, com os lábios apertados,
e uma lâmina baça e agreste, que endurece
a luz dos olhos em bisel cortados.
Parece então que o coração estremece.

20 Mas não.

Sabe-se, e muito bem, com fundamento prático,
que esse vento que sopra e ateia os incêndios,
é coisa do simpático.
Vem tudo nos compêndios.

25 Então, meninos!

Vamos à lição!
Em quantas partes se divide o coração?

ANTÓNIO GEDEÃO, *Poemas Escolhidos*, Edições João Sá da Costa, 1997

RESPONDE, AGORA, ÀS QUESTÕES QUE SE SEGUEM, NUMA FOLHA À PARTE.

1 Atenta na primeira estrofe do poema de António Gedeão.

1.1 Que desejo começa por formular o sujeito poético?

1.2 Transcreve uma frase que prove que o coração é, de facto, o centro das emoções.

1.3 Explica, por palavras tuas, o sentido dos versos sete e nove.

2 Repara no confronto que se estabelece entre a primeira e a segunda estrofes.

2.1 Indica o vocábulo responsável por esse confronto e identifica a classe e a subclasse de palavras a que pertence.

2.2 Demonstra que o sujeito poético revela um profundo conhecimento científico do órgão coração, fazendo o levantamento de palavras ou expressões elucidativas.

3 Relê a terceira estrofe do poema e esclarece o sentido das expressões:

a) «[...] uma lâmina baça e agreste, que endurece / a luz dos olhos em bisel cortados.» (vv. 17-18)

b) «[...] esse vento que sopra e que ateia os incêndios, / é coisa do simpático.» (vv. 22-23)

4 Interpreta a última estrofe do poema.

5 Completa o quadro que se segue com os recursos expressivos solicitados.



Figuras	Exemplos
(1)	«Mas o meu coração é como o dos compêndios [...]» (v. 10)
(2)	«[...] uma lâmina baça e agreste, [...]» (v. 17)
(3)	«[...] esse vento que sopra e ateia os incêndios [...]» (v. 22)

6 Presta atenção à forma do poema.

6.1 Classifica cada uma das estrofes atendendo ao número de versos.

6.2 Faz o esquema rimático da terceira estrofe e refere os tipos de rimas aí presentes.

7 Apresenta o antónimo dos vocábulos que se seguem.

a) «amor»

c) «sinceridade»

e) «endurece»

b) «bondade»

d) «contraí»

f) «prático»

8 Transcreve um exemplo de:

a) frase declarativa;

b) frase imperativa;

c) frase interrogativa.

9 Considera o verso: «O sangue ao circular contrai-os e distende-os [...]» (v. 13)
Indica a palavra a que se referem os pronomes destacados.

10 Faz a análise sintática do seguinte segmento frásico: «Meus amados irmãos, [...]» (v. 6)

11 Considera este excerto do poema: «Eu queria que [...] tudo estivesse realmente no coração.» (vv. 1 e 4)
Redige um texto onde digas o que guardas no teu coração. Faz uma planificação prévia e uma revisão final ao teu texto.



Noticiar é anunciar o que é novo — e essa regra é válida para todas as áreas do jornalismo. Mas, para captar a novidade, é preciso atacar frontalmente os factos e organizar a narrativa de modo que a sua cadência seja formalmente apelativa e tecnicamente eficaz.

Público — Livro de Estilo, http://static.publico.clix.pt/nos/livro_estilo/index.html

Analisar a imagem e a citação

1. O que representa a imagem?
2. Relaciona a citação com a imagem apresentada.



Índice

COMUNICAÇÃO

NOTÍCIA

Texto A — «Portugueses e espanhóis juntos em defesa do Tejo», <i>Público</i>	256
Texto B — «E se medirmos o tempo pelas estrelas?», <i>Diário de Coimbra</i>	258
Texto C — «Poesia e caça ao tesouro no mundo virtual do <i>Second Life</i> », <i>Público</i>	260

ENTREVISTA

Entrevista a Nelson Évora, <i>Jornal de Leiria</i>	262
--	-----

ANÚNCIO PUBLICITÁRIO

«Margarina, campeã em alimentação saudável»	264
---	-----

BANDA DESENHADA

SÍMBOLOS DE PREVENÇÃO RODOVIÁRIA	268
---	-----

ETIQUETAS

	269
--	-----

Ler mais

Texto A — «Sharapova eliminada», <i>Record</i>	270
Texto B — «Grande Prémio de Poesia da APE», http://annualia-verbo.blogs.sapo.pt	271
Texto C — «Brincar com a Matemática», <i>Visão</i>	272

Ficha informativa 26 — A notícia	274
---	-----

Ficha informativa 27 — A entrevista	275
--	-----

Ficha informativa 28 — O anúncio publicitário	276
--	-----

Ficha informativa 29 — A banda desenhada	277
---	-----

Teste formativo	278
------------------------	-----

A unidade 5 vai permitir-te:

- aprofundar o gosto pessoal pela leitura de textos informativos e utilitários;
- conhecer a estrutura da notícia, da entrevista, do anúncio publicitário e da banda desenhada;
- contactar com símbolos de prevenção rodoviária;
- descodificar informação contida em rótulos e etiquetas;
- analisar textos informativos e utilitários;
- comentar a expressividade de várias figuras;
- aprofundar alguns conhecimentos relativos à gramática da língua;
- desenvolver as competências de escrita;
- pesquisar dados relativos às temáticas referentes às diversas tipologias textuais.

Prepara a leitura do texto e lê-o em voz alta.

Texto A

Portugueses e espanhóis juntos em defesa do Tejo

Dezenas de tratores e inúmeros caiaques deram cor aos mais de 30 mil manifestantes que ontem se concentraram na localidade de Talavera de la Reina, Espanha, em defesa do rio Tejo. Meia

5 centena de organizações, de Portugal e de Espanha, participou no protesto que contesta o atual transvase do Tejo para a Segura e rejeita mais desvios de águas de um rio que afirmam estar a «morrer» e a «secar».

10 «Temos aqui uma garrafa da água que vai para Segura, recolhida da Barragem de Entrepeñas. Esta é a água limpa que se desvia e que deveria passar por aqui», disse aos manifestantes Miguel Mendez, um dos promotores do protesto.

15 Convocada pela «Plataforma em Defesa do Tejo e do Alberche», a manifestação representou uma ampla unidade de quase todas as forças sociais, culturais e políticas da região. De forma algo insólita, o protesto caracterizou-se pela presença de

20 bandeiras dos principais partidos espanhóis — PSOE, PP e IU — bem como de organizações empresariais, sindicais, agrícolas e ambientais.

«Este é o princípio da mudança, um antes e um depois na defesa do Tejo, que está a secar e a morrer», disse à Lusa José Francisco Ribas, presidente da autarquia local. «A sensibilidade plural da sociedade de Castela la Mancha e destas terras uniu-se para, a uma só voz, explicar que isto não pode continuar», acrescentou.

30 Um dos momentos mais aplaudidos ocorreu quando duas dezenas de tratores, em representação da Comunidade de Regantes, se uniram à manifestação. «O nosso rio e as nossas águas não são de ninguém. Mas nós, povos ribeirinhos, somos do

35 Tejo. Somos o seu espelho e lutamos pela sua dignidade e sobrevivência. Sem ele, perdemos a nossa identidade», sublinhou ainda Ribas.



Presente no protesto esteve o município de Vila Nova da Barquinha, cujo presidente de

40 câmara, Miguel Pombeiro, elegeu como «prioridade das prioridades» evitar que se aprovem mais transvases do Tejo.

«As pessoas que vivem do Tejo todos os dias notam que os caudais estão a diminuir. Temos estruturas fluviais construídas há poucos anos que em

45 alguns períodos ficam secas. Temos de lutar por um Tejo vivo e com os seus caudais naturais», frisou.

Sob o lema «Pelos nossos rios, pelo nosso futuro», o manifesto aposta na unidade em defesa

50 do Tejo, para defesa dos recursos naturais ribeirinhos. Lusa

Público, 21 de junho de 2009 (adaptado)

COMPREENSÃO

- 1 Identifica e delimita as diversas partes que constituem a notícia apresentada.
 - 1.1 Tendo em conta esta estrutura, a que conclusão chegas?
- 2 O que representa a manifestação ocorrida?
 - 2.1 Quem a convocou?
 - 2.2 Identifica um dos seus momentos altos.
 - 2.3 Quem esteve presente no protesto?
- 3 O rio aparece como fator de união entre povos. Identifica esses povos.
 - 3.1 O que os preocupa?
 - 3.2 Qual é o lema dos povos ribeirinhos na sua luta?
- 4 Transcreve um exemplo de um facto e outro de uma opinião.
 - 4.1 O que podes concluir relativamente ao aparecimento de factos e de opiniões nesta notícia?

GRAMÁTICA

- 5 Como sabes, nas notícias, a classe de palavras predominante é o nome. Completa o quadro que se segue com a subclasse de cada nome apresentado. Responde no teu caderno diário.



Nome	Subclasse
«Espanha» (l. 4)	(1)
«protesto» (l. 6)	(2)
«desvios» (l. 8)	(3)
«garrafa» (l. 10)	(4)
«promotores» (l. 14)	(5)

Consulta a Ficha informativa 4, «O nome», na página 58.

- 6 Ao longo da notícia, surgem aspas por diversas vezes. Justifica o seu emprego.

Consulta a Ficha informativa 19, «A pontuação», na página 207.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 7 Imagina que o lugar onde habitas vive um problema ecológico. Redige uma notícia em que relates como as forças vivas desse lugar reagem a esse desastre. Planifica o teu texto e revê-o quando o terminares.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

- 8 Pesquisa informação relativa ao rio Tejo, nomeadamente:
 - a sua nascente;
 - o seu percurso;
 - os lugares por onde passa;
 - a sua foz;
 - as atividades que nele são exercidas;
 - as espécies animais e vegetais nele existentes.
 - 8.1 Estrutura as informações recolhidas em tópicos e apresenta-os à turma. Se possível, faz a apresentação com o auxílio de um suporte informático.

E se medirmos o tempo pelas estrelas?

No Museu da Ciência, famílias podem aprender a construir relógios de sol, bússolas ou nocturlábios.

Medir o tempo pelas estrelas é um dos desafios que o físico João Pedro Saraiva lança hoje às famílias que visitarem o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. A sessão, marcada para as 11h00, destina-se a pequenos e a graúdos, inserindo-se no ciclo «Ciência em Família».

Muitos de nós já terão visto as horas por um relógio de sol, mas quantos saberão medir o tempo pelas estrelas? O físico e formador em Astronomia vai ensinar os participantes a olharem o céu e a criarem os seus próprios instrumentos de observação, à semelhança do que fizeram cientistas célebres como Galileu, que construiu o telescópio para descobrir as crateras da Lua, os satélites de Júpiter e as manchas solares.

No Museu da Ciência, as famílias poderão, assim, construir relógios de sol, bússolas ou nocturlábios (instrumentos utilizados pelos marinheiros antigos para medir o tempo a partir do céu noturno).

A sessão, subordinada ao tema «Descobre os astros», coincide com o dia do solstício de verão e está integrada nas comemorações do Ano Internacional da Astronomia, no ano em que se celebram os 400 anos das primeiras observações feitas por Galileu. Sujeita a marcação — através do telefone 239854350 ou do correio eletrónico geral@museu-daciencia.pt —, a participação nesta atividade do Museu da Ciência custa apenas 3 euros. O ciclo «Ciência em Família» prossegue a 12 de julho.

Diário de Coimbra, 21 de junho de 2009 (adaptado)



COMPREENSÃO

- 1** Depois de leres cuidadosamente a notícia, responde às questões de forma clara e completa.

1.1 Relê o *lead* e completa o seguinte quadro no teu caderno.



Lead	
Quem?	(1)
O quê?	(2)
Onde?	(3)
Quando?	(4)

1.2 Transcreve do corpo da notícia a resposta às duas questões.



Corpo da notícia	
Como?	(1)
Porquê?	(2)

1.3 Consideras que a notícia apresentada respeita a técnica da pirâmide invertida? Justifica a tua resposta.

- 2** Que atividade é divulgada no texto B?

2.1 Em que contexto surge?

2.2 O que te pareceu mais interessante nessa atividade?

- 3 Relê o título da notícia.
- 3.1 O que o torna apelativo?
- 3.2 O que te suscita a sua leitura?

GRAMÁTICA

- 4 Completa o quadro no teu caderno.



Vocábulos	Processo de formação de palavras
«nocturlábios» (l. 3)	(1)
«marinheiros» (l. 23)	(2)
«Internacional» (l. 29)	(3)
«Astronomia» (l. 29)	(4)

Consulta a Ficha informativa 24, «A formação de palavras», na página 250.

- 5 Completa o quadro que se segue a partir das formas verbais retiradas do texto. Segue o exemplo. Responde no teu caderno, com a ajuda das alíneas.



	Infinitivo	Presente do indicativo	Pretérito perfeito	Futuro	Gerúndio
a)	medir	mede	mediu	medirá	medindo
b)					inserindo-se
c)		coincide			
d)			construiu		
e)				poderão	
f)	ensinar				

Consulta a Ficha informativa 13, «O verbo», na página 144.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 6 Estuda a hipótese de entrevistares o especialista em Astronomia João Pedro Saraiva. Elabora um conjunto de perguntas que lhe poderias fazer.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

- 7 Visita a página da Internet do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra e prepara uma visita de estudo, em trabalho interdisciplinar com Físico-Química, Ciências Naturais e Geografia.
- 8 Nota que o texto refere a figura histórica de Galileu e as comemorações do Ano Internacional da Astronomia.
- 8.1 Procura informação, em enciclopédias e na Internet, relativa a estes dois temas.
- 8.2 Informa-te sobre o Ano Internacional da Astronomia no *site* da Unesco.
- 9 Faz uma recolha de outras notícias relacionadas com o Ano Internacional da Astronomia.
- 9.1 Partilha a tua informação com a turma.
- 9.2 Verifica se as notícias pesquisadas respondem à estrutura da pirâmide invertida.

Texto C

Espaço 10 de Junho

Poesia e a caça ao tesouro no mundo virtual do *Second Life*

FILOMENA FONTES

O convite para vagar no admirável mundo virtual do *Second Life* está no vídeo que, desde ontem, o *site* da Presidência da República oferece. É uma curta viagem que serve para espreitar tudo aquilo de que um cibernauta pode desfrutar do programa virtual no Espaço da Presidência da República dedicado às comemorações do Dia de Portugal. Desde a visita virtual ao Museu da Presidência da República até uma caça ao tesouro, seguramente sedutora para os mais aventureiros.

Mas vamos por partes. No Auditório Armilar, um espaço preparado com recursos multimédia, ontem foi possível ouvir em direto a mensagem do Presidente da República às Comunidades Portuguesas e o concerto de Rodrigo Leão, duas das iniciativas que marcaram o primeiro dia das comemorações do Dia de Portugal, que este ano se realizam em Santarém. Ainda ontem, ao mesmo tempo que Cavaco Silva inaugurava a exposição *Portugal 12.21 — Identidade*, os avatares do *Second Life* poderiam visitá-la num edifício futurista, em vidro e em espaço aberto, representando a proa de uma nau que rompe a terra para se fazer ao mar. Recriados digitalmente em versão tridimensional, aqui figuram todos os objetos da exposição e a respetiva descrição, sob a forma

escrita e áudio. O Museu da Presidência da República é um dos outros espaços. Está organizado em dois andares e reúne fotos históricas e retratos dos presidentes, estes últimos interativos, permitindo aceder à informação, em português e inglês, sobre cada um dos chefes de Estado. Uma «Árvore de Comunicação», plantada no terraço do museu, abre a porta para a presença da Presidência nas redes sociais (Youtube, Flickr e Twitter). No Miradouro da Poesia, ao longo destes dois dias, os internautas podem ler e ouvir 25 poemas de autores portugueses, mas quem preferir partir à descoberta de um astrolábio mágico pode optar por entrar no Espaço Tesouro Passado e Futuro, vasculhando uma caverna submarina. No labirinto virtual onde estão recriados objetos, personagens e momentos da História portuguesa, os caçadores de tesouros têm um mundo de descobertas à sua espera. Aqui estão também representados os países da Lusofonia através de um mapa-mundo, focos de luz iluminam a representação dos países de expressão oficial em língua portuguesa.

Todo o projeto resultou de uma parceria entre a Presidência da República e uma equipa de mais de 40 membros da Comunidade Cultural Virtual.

Público, 10 de junho de 2009 (adaptado)

COMPREENSÃO

1

Atenta no primeiro parágrafo da notícia e identifica o *lead*.

1.1 A que conclusão chegaste? Justifica a tua resposta.

2

Relê o texto a partir de: «Mas vamos por partes.» (l. 11)

2.1 Refere a efeméride que justifica o conjunto de atividades descritas.

2.2 Enumera as atividades virtuais disponibilizadas no Espaço da Presidência da República.

2.2.1 Na tua opinião, qual é a mais atrativa? Justifica.

- 3 Identifica as várias redes sociais da Internet referidas no texto.
- 3.1 Tens conta em alguma dessas redes? Em qual?
- 3.2 Costumas disponibilizar documentos pessoais nesses *sites* (fotografias; filmes; músicas)?
- 3.2.1 Estás consciente dos perigos que podes correr ao partilhar essas informações ou ficheiros?
- 4 Relê o último parágrafo e explica como foi concretizado este projeto.

GRAMÁTICA

- 5 Todo o texto se organiza em torno da ideia de aventura. Transcreve vocábulos que remetam para o campo lexical em causa. Responde no teu caderno.



- 6 Identifica o processo de formação de cada uma das seguintes palavras.
- a) «tridimensional» (ll. 24-25)
- b) «interativos» (l. 30)
- c) «internautas» (l. 37)
- d) «mapa-mundo» (l. 46)

Consulta a Ficha informativa 6, «O campo lexical e o campo semântico», na página 63.

Consulta a Ficha informativa 24, «A formação de palavras», na página 250.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 7 O Presidente da República é o mais alto representante da Nação. Depois de fazeres uma pesquisa sobre os Presidentes da República Portuguesa, seleciona um deles e elabora um texto sobre a sua vida. Planifica o teu texto e faz-lhe uma revisão. Podes enriquecer o teu trabalho com fotografias. No fim, apresenta a bibliografia das obras e/ou *sites* consultados.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

- 8 Organiza uma visita ao Museu da Presidência, em Lisboa. Repara no que deves fazer:
- definir os locais/eventos a visitar;
 - estabelecer os contactos necessários, via telefone, fax ou *e-mail*, com vista à reserva dos bilhetes;
 - reservar o transporte pretendido, pedindo orçamentos a várias empresas do ramo;
 - providenciar as refeições;
 - definir os horários (partida, visitas, refeições, regresso);
 - elaborar um desdobrável/folheto que irá servir de roteiro à visita de estudo;
 - elaborar um relatório da visita de estudo.

PARTICIPAR NUMA VISITA DE ESTUDO

Uma visita de estudo não é um mero passeio! Logo, deves comportar-te devidamente, de modo a dignificares a tua escola e a tirares proveito de tudo o que visitaste. Esforça-te por criar um ambiente saudável à tua volta! Aproveita a oportunidade de ter uma aula diferente!

Escuta atentamente a leitura do texto que se segue.



O Pedro e a Maria entrevistaram Nelson Évora e ficaram a saber como se faz um campeão olímpico.

Desde quando gostas de correr e saltar?

Desde os 7 anos. Comecei a praticar em Odivelas, porque o meu vizinho, que era professor de Educação Física, viu que eu, nas brincadeiras de rua, tinha jeito para o desporto e começou a levar-me para algumas competições.

O que sentiste quando ganhaste a medalha de ouro?

Os Jogos Olímpicos são a maior competição desportiva do mundo e sente-se essa grandeza toda logo no desfile de abertura. Quando percebi que tinha ganho, senti uma emoção muito forte. Aquilo que antes era um sonho de criança tinha acabado de se concretizar.

Como passaste esse dia e o outro a seguir?

Passei os dias seguintes a dar entrevistas!

O que é mais importante quando se quer ser um grande atleta?

Um grande atleta constrói-se com muito esforço, com alegria e, acima de tudo, com rigor. Claro que nada disso substitui o talento e o jeito que tem de se ter.

Como é o dia a dia de um atleta profissional?

A preparação para as provas é contínua, seja para *meetings*, campeonatos ou Jogos Olímpicos. Ao longo do ano treino sempre seis dias por semana, duas vezes por dia.

O que fazes nos teus tempos livres?

Gosto de cinema, Internet, estar com os amigos e de viajar sempre que posso.

Além do desporto, o que é mais importante para ti?

A minha família e o bem-estar dela é o mais importante de tudo para mim.



O que é que queres para o futuro?

Estou a estudar Marketing e Publicidade, e escolhi este curso porque sempre me fascinou esse mundo. Acredito que, com a experiência que tenho de ser atleta, poderei ser um bom profissional nesta área. Além disso, é bom estar na alta competição atualmente e perceber que por trás das grandes glórias muitas vezes não estão só os resultados.

O desporto é importante para as crianças?

O desporto é importante porque nos permite que aprendamos valores, como o espírito de sacrifício e de interajuda. O desporto motiva-nos para querermos sempre ser os melhores. Quero contudo dizer, porque eu sou um exemplo, que é possível concretizarmos os nossos sonhos sem negligenciar os estudos. Hoje em dia estou a tirar a licenciatura de Marketing e Publicidade e continuo todos os dias a treinar ao mais alto nível para atingir os meus objetivos. Portanto não é de todo impossível sermos bons desportistas e ao mesmo tempo sermos bons e aplicados estudantes. É só uma questão de persistência, força de vontade e disciplina.

Jornal de Leiria, dezembro de 2008 (adaptado)

COMPREENSÃO

- 1** Identifica a modalidade praticada por Nelson Évora, o campeão olímpico.
 - 1.1** Desde que idade pratica esse desporto?
 - 1.2** Que circunstância o conduziu a essa prática?
- 2** Considera o facto de os Jogos Olímpicos serem uma competição importantíssima.
 - 2.1** O que sentiu Nelson Évora logo na cerimónia de abertura?
 - 2.1.1** E quando ganhou a medalha de ouro?
 - 2.2** O que se passou nos dias seguintes à sua vitória?
 - 2.2.1** Como justificas tal facto?
- 3** O atleta fornece a receita para se ser um campeão. Quais são os ingredientes indispensáveis?
 - 3.1** Que outros ingredientes podem ser utilizados?
 - 3.2** O que pensas da rotina de um campeão?
- 4** Identifica os valores que Nelson Évora preserva.
 - 4.1** Posiciona-te em relação a eles.
- 5** O campeão olímpico não se dedica só ao desporto. Como ocupa os seus tempos livres?
 - 5.1** O que estuda o nosso atleta e o que o motivou a seguir essa área?
 - 5.2** O que espera ele do futuro?
- 6** No final da entrevista, Nelson Évora dá-nos uma pequena lição de vida. Transcreve as frases que a podem ilustrar.
 - 6.1** Desses conselhos, quais são, para ti, os mais importantes? Justifica.
- 7** Coloca-te na posição de entrevistador e escreve outras perguntas que gostarias de fazer a Nelson Évora.
- 8** Agora que conheces melhor a entrevista, presta atenção à sua estrutura.
 - 8.1** Identifica as diversas partes que a constituem.
 - 8.2** Transcreve um exemplo de pergunta aberta e outro de pergunta fechada.
- 9** Transcreve um exemplo de facto.

Consulta a Ficha informativa 27, «A entrevista», na página 275.

GRAMÁTICA

- 10** Refere o tipo e a polaridade das frases que se seguem.
 - a)** «Passei os dias seguintes a dar entrevistas!» (l. 16)
 - b)** «O que é que queres para o futuro?» (l. 35)
 - c)** «[...] não é de todo impossível sermos bons desportistas [...]» (ll. 54-55)

EXPRESSÃO ESCRITA

- 11** Nelson Évora dá a sua opinião sobre a importância do desporto. Num texto original, fala tu também do que é para ti o desporto, quais são as suas vantagens e se praticas algum desporto (e qual). Planifica a tua redação e revê-a depois de terminada.

MARGARINA, CAMPEÃ EM ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL.

Sabia que a Organização Mundial de Saúde recomenda o consumo diário de gorduras boas como a margarina e cremes vegetais para barrar? Descubra esta e outras verdades em www.porquemargarina.com



PORQUÊ
MARGARINA



Nuno Delgado

COMPREENSÃO

1 Considera o anúncio apresentado na página anterior.

1.1 A que valores faz apelo?

1.2 Procura, num jornal ou numa revista, um outro anúncio que remeta para a sustentabilidade da vida no nosso planeta.

1.3 Preenche o quadro que se segue, partindo da análise do anúncio sugerido e do anúncio por ti pesquisado. Responde no teu caderno.



Consulta a ficha informativa 28, «O anúncio publicitário», na página 276.

	«PORQUÊ MARGARINA»	(1)
Produto publicitado	a)	(2)
Público a que se destina	b)	(3)
Tipo de publicidade	c)	(4)
Respeito pela sigla AIDMA	d)	(5)
Slogan	e)	(6)
Tipos de frases dominantes	f)	(7)
Classes de palavras mais utilizadas	g)	(8)
Partes constituintes	h)	(9)
Recursos linguísticos mais relevantes	i)	(10)
Comentário ao aspeto gráfico	j)	(11)

2 Que importância dás a este tipo de publicidade no mundo em que vivemos?

3 Como se explica que a publicidade assuma cada vez mais uma faceta pedagógica?

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

4 Debate com os teus colegas a seguinte questão: «Poderá a publicidade modificar atitudes consumistas e promover valores?»

4.1 Elabora um conjunto de tópicos com as conclusões do debate.

4.2 Em trabalho interdisciplinar com Educação Visual, cria um cartaz em que tornes públicas essas conclusões.

4.3 Afixa o cartaz na biblioteca da tua escola.

5 Faz uma recolha de outros textos publicitários que promovam valores.

5.1 Compara a tua pesquisa com as dos teus colegas e tira conclusões.

5.2 Organizem uma exposição com os textos recolhidos.

Em conjunto com um colega, prepara a leitura desta banda desenhada e **dramatizem-na na sala de aula.**

BANDA DESENHADA



COMPREENSÃO

- 1 Lê o diálogo travado entre os dois jovens.
 - 1.1 Refere o tema da conversa.
 - 1.2 Indica o que pretendem fazer.
 - 1.2.1 Como vão proceder?
- 2 Presta atenção à estrutura da banda desenhada.
 - 2.1 Qual é o número de tiras e de vinhetas que a compõem?
 - 2.2 Delimita as partes que a constituem. Justifica a tua resposta.
 - 2.3 Identifica os tipos de balões apresentados.
- 3 Para desenvolverem o seu projeto, os dois jovens vão envolver professores e os restantes alunos da turma. Que outras sugestões poderão surgir?

Consulta a Ficha informativa 29, «A banda desenhada», na página 277.

GRAMÁTICA

- 4 Transcreve três exemplos de nomes comuns.
- 5 Transcreve três exemplos de adjetivos.
 - 5.1 Diz em que grau se encontram.
 - 5.2 No teu caderno, elabora um quadro semelhante ao que se segue e preenche-o com as várias formas dos adjetivos apresentados.

Consulta a Ficha informativa 12, «O adjetivo», na página 141.



Grau			Exemplos		
			1. claro	2. inteligente	3. baixo
Normal					
Comparativo	de superioridade				
	de igualdade				
	de inferioridade				
Superlativo	absoluto	analítico			
		sintético			
	relativo	de superioridade			
		de inferioridade			

- 6 Transcreve três exemplos de formas verbais no pretérito perfeito do indicativo.

EXPRESSÃO ESCRITA

- 7 As questões relacionadas com o meio ambiente e a sustentabilidade da vida na Terra são certamente do teu interesse. Pesquisa informação variada sobre estes temas e cria a tua banda desenhada, apresentando-a à turma.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

- 8 Concretiza a sugestão da personagem da banda desenhada da página anterior: «E para lembrar a política dos 3R, construímos um folheto!» Promove a divulgação desse folheto na tua escola. Planifica o teu texto e faz a sua revisão e correção antes de o entregares.

SUGESTÃO

Podes recorrer aos professores de Educação Visual, Ciências Naturais e Geografia para enriquecer o teu trabalho. No fim, tu e a tua turma podem expor os vossos trabalhos na biblioteca da escola, escolhendo um fundo musical que remeta para a calma da Natureza e para a beleza deste nosso planeta azul.

SÍMBOLOS DE PREVENÇÃO RODOVIÁRIA

1 Observa os sinais que se seguem:

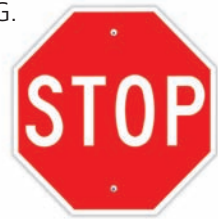
A.



D.



G.



B.



E.



H.



C.



F.



I.



1.1 Agrupa-os segundo a forma geométrica que apresentam.

1.1.1 Descreve o tipo de informação associado a cada uma dessas formas.

1.2 Refere o significado das cores presentes nos sinais em causa.

1.3 Agora que conheces melhor estes sinais de trânsito, indica o que representa cada um deles.

2 Além dos sinais de trânsito, existem outros que fornecem informações preciosas, alertando para diversas situações. Procura o símbolo usado para as informações abaixo indicadas e desenha-o no teu caderno diário.

- a)** Proibido fumar;
- b)** Proibido fazer fogo;
- c)** Produto inflamável;
- d)** Produto tóxico;
- e)** Substância venenosa;
- f)** Não ingerir;
- g)** Manter fora do alcance das crianças;
- h)** Evitar o contacto com os olhos;
- i)** Saída de emergência;
- j)** Hospital;
- k)** Polícia;
- l)** Farmácia.

ETIQUETAS

- 1 Observa o seguinte guia dos símbolos das etiquetas.

Guia dos símbolos das etiquetas

Lavar					
	Lave à mão	Programa para roupa delicada	Lave a 30°C (máximo)	Pode usar lixívia	Não use lixívia
Engomar					
	Pode ser engomado	Engome até uma temp.máx. de 110°C	Engome até uma temp.máx. de 150°C	Engome até uma temp.máx. de 200°C	Não engome
Secar					
	Lavagem a seco	Pode usar máquina de secar	Seque a uma temp. suave	Seque a uma temp. moderada	Não use máquina de secar

Cole-me na sua máquina de lavar. Ser-lhe-ei muito útil

- 1.1 Que tipo de informações te são fornecidas?

1.1.1 Considera-las úteis? Porquê?

- 2 Imagina que acabaste de comprar uma camisola com os seguintes símbolos na etiqueta:



- 2.1 Que cuidados deverás ter aquando da sua lavagem?

- 2.2 Como deves proceder quando a fores engomar?

- 3 Atenta nas frases: «Cole-me na sua máquina de lavar. Ser-lhe-ei muito útil.»

- 3.1 Qual é a sua pertinência?

- 4 Este guia de símbolos é indispensável em qualquer lar. Existe algum idêntico em tua casa?

- 4.1 Caso isso não se verifique, reprodu-lo e afixa-o na tua máquina de lavar.

- 5 Que vantagens encontras no conhecimento de todos estes símbolos?

- 5.1 Utiliza-los no quotidiano?

Texto A

Norte-americana Melanie Oudin causa sensação no campo central em Nova Iorque Sharapova eliminada

Maria Sharapova lutou durante duas horas e 58 minutos para acabar rendida à eficácia do serviço de Melanie Oudin, que sem ter nada a temer, manteve sempre uma toada ofensiva ganhando em 3 *sets*, por 3-6, 6-4 e 7-5.

Sharapova, de 22 anos, estava a fazer um percurso bem interessante até chegar a esta terceira ronda, escondendo bem alguma desconfiança por força da lesão no ombro que a manteve afastada da competição durante 9 meses.

Mais rodada, a russa — campeã em 2006 — tinha esperanças de ir longe; mas a coragem de Oudin foi exatamente a mesma de quando Sharapova tinha 17 anos e ganhou Wimbledon com essa idade. O mérito vai por inteiro para a jovem norte-americana.

«Estava a lutar com todas as forças que tinha e não posso acreditar neste triunfo», disse Oudin ainda em pleno campo central, assegurando a passagem aos oitavos de final.

Oudin já tinha dado nas vistas este ano no torneio de Wimbledon quando chegou também à 4.^a ronda, tornando-se na primeira norte-americana a chegar tão longe desde Jennifer Capriati em 1993. A próxima adversária de Oudin é a russa Nadia Petrova.



Menina prodígio dos EUA tem 17 anos

A 17 dias de completar 18 anos, Melanie Oudin é a nova coqueluche do ténis norte-americano. Foi a n.º 2 júnior mundial e a 17 de agosto ocupou o 67.º posto no *ranking* mundial, a sua melhor classificação de sempre. Tendo como referência a belga Justine Henin, Oudin já representou a «Fed Cup» pelos Estados Unidos e neste torneio afastou a russa Elena Dementieva.

NORBERTO SANTOS, *Record*, 6 de setembro de 2009
(adaptado)

1

Considera o texto A.

1.1 Identifica o título e o antetítulo da notícia principal.

1.2 Transforma a notícia numa pequena narrativa em que Sharapova seja a personagem principal. Não te esqueças de planificar o teu texto e de o rever antes de o dares por finalizado.

Texto B

Grande Prémio de Poesia da APE



O Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores (APE) foi atribuído ao livro *Entre dois rios e outras noites*, de Ana Luísa Amaral (Campo das Letras). Integraram o júri, que tomou a sua decisão por unanimidade, Ana Paula Arnaut, José Cândido Martins e Nuno Júdice.

Instituído pela APE e com uma dotação de 5000 euros, o prémio é integralmente patrocinado pelos CTT — Correios de Portugal.

Ana Luísa Amaral (n. Lisboa, 1956) é docente de Literatura Inglesa no Departamento de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras do Porto. É doutorada em Literatura Norte-Americana, com uma tese sobre Emily Dickinson. Tem publicações académicas (em Portugal e no estrangeiro) nas áreas de Literatura Inglesa, Literatura Norte-Americana, Literatura Portuguesa e Literatura Comparada.

Passou dois anos (entre 1991 e 1993) na Universidade de Brown (EUA) como Investigadora Convidada do Departamento de Inglês daquela Universidade. É Investigadora Associada do Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra. No âmbito de um projeto desse Centro, preparou, em colaboração com Ana Gabriela Macedo, um dicionário português de termos feministas. Em 2007, obteve o Prémio Literário Casino da Póvoa/Correntes d'Escritas e recentemente foi galardoada em Itália com o Prémio de Poesia Giuseppe Acerbi.

Obras: *Minha Senhora de Quê* (1990, reed. 1999), *Coisas de Partir* (1993, reed. 2003), *Epopéias* (1994), *E Muitos os Caminhos* (1995), *Às Vezes o Paraíso* (1998, 2.^a ed.1998), *Imagens* (2000), *Imagias* (2002), *A Arte de Ser Tigre* (2003), *A Génese do Amor* (2005), *Poesia Reunida: 1990-2005* (2006), *Entre Dois Rios e Outras Noites* (2008).

<http://annualia-verbo.blogs.sapo.pt/2008/06> (3 de junho de 2008, adaptado)



2 Lê o texto B.

2.1 Pesquisa, na Internet, nomes de outros autores premiados pela Associação Portuguesa de Escritores.

2.2 Procura também alguns poemas de Ana Luísa Amaral.

2.2.1 Seleciona três desses poemas.

2.2.2 Prepara a leitura expressiva de um deles e lê-o, depois, na aula.

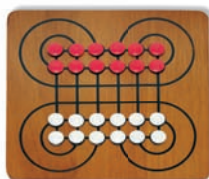
2.2.3 Apresenta as razões que te levaram a escolher esse poema.

Texto C

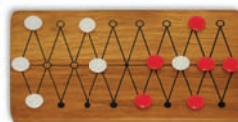
Jogos



Petteia
Grécia



Surakarta
Indonésia



Awithlaknannai
América pré-colombiana



Shaturanga
Índia



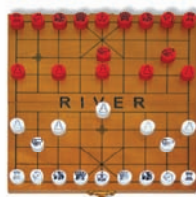
Ur
Babilónia



Senet
Antigo Egito



Bao
África



Xiang-Qi
China



Shogi
Japão



Hex
Europa

Brincar com a Matemática

A disciplina mais traumática não tem de ser uma seca — se for aprendida em torno de um jogo de tabuleiro

O jogo de damas e os quatro em linha saíram de moda com as calças à boca de sino e os sapatos de tacão. Mas as modas são cíclicas e os inofensivos jogos de tabuleiro estão de regresso e em força. E são muito úteis. Podem funcionar como uma espécie de ginásio para o cérebro. O xadrez, as damas, o gamão e o *sudoku* obrigam os jogadores a pensar, a um nível incomparável com qualquer *shoot'em up* em 3D, numa consola topo

de gama. A partir de 10 de julho, a *Visão* e o *Público* vão vender um conjunto de dez pequenos livros que traçam uma viagem histórica aos quatro cantos do mundo, cada um deles acompanhado de um jogo de tabuleiro, inspirado em princípios matemáticos, que espelha a respetiva realidade cultural. No ano passado, a iniciativa foi um tremendo sucesso, tendo-se vendido mais de 100 mil jogos.

Jogos do mundo

Com uma amplitude temporal que vai do século IV a. C. ao século XX, alguns dos livros vendidos com a *Visão* e o *Público* ressuscitam os jogos antepassados do xadrez, do gamão e das damas.

Os tabuleiros e *puzzles* acompanham livros que contextualizam a tradição e a cultura que estiveram na sua origem. Com um preço de lançamento de 3,99 euros, os livros+jogos estarão nas bancas até 11 de setembro e reproduzem quebra-cabeças de zonas tão díspares como o Antigo Egito, a Babilónia, a América do Sul pré-colombiana, a Índia, o Japão, a China e a Europa.

O estímulo intelectual é o grande apelo destes passatempos. «Há jogos de tabuleiro muito bons para exercitar o intelecto, porque desenvolvem aptidões semelhantes às utilizadas nas operações matemáticas», explica Jorge Nuno Silva, 53 anos, professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e autor desta coleção.

Embora a Matemática pressuponha uma aprendizagem progressiva, sequencial e «nem sempre compatível com brincadeiras», Jorge Nuno Silva sublinha que hoje já se efetuam campeonatos nacionais de jogos de Matemática e que o Museu da Ciência, em Lisboa, tem patente, até 31 de outubro, uma exposição sobre «jogos matemáticos através dos

tempos». Um sinal de mudança? Neste ano, diz, «o campeonato nacional contou, na final, com 1100 jovens de um total de 30 mil participantes».



Jorge Nuno Silva

A Cultura Matemática

«A Matemática não tem de ser hermética e árida», assegura Jorge Nuno Silva, que é também presidente da Associação Ludus (AL), cujo objetivo consiste em promover e divulgar a Matemática recreativa. Trocando por miúdos, não tem de ser uma seca e pode ser acessível a todos, se «apresentada de uma forma leve e divertida». Afinal, o lado lúdico até pode servir de união entre civilizações. «Ao brincarmos com um jogo com quatro mil anos, originário do Antigo Egito, exatamente como ele era jogado nessa altura, experimentamos uma das formas mais genuínas de partilha cultural», explica o professor.

A brincar a brincar, talvez a Matemática acabe por seduzir os portugueses.

João Luz, *Visão*, 3 de julho de 2008 (adaptado)

3 Após leres atentamente o texto C, responde às questões.

3.1 Indica o que mais te interessou na sua leitura.

3.2 Elabora um resumo do texto.

3.3 Mostra-o ao teu professor de Matemática e troca ideias acerca do seu conteúdo.

A NOTÍCIA

1. **A notícia** — é um relato curto e objetivo de um acontecimento atual com interesse geral. É, por excelência, o texto jornalístico mais informativo.
2. **Partes constituintes:**
 - **Título** — deve ser curto, informativo e expressivo, podendo, eventualmente, ser precedido de um antetítulo e/ou sucedido de um subtítulo;
 - **Lead, cabeça ou parágrafo-guia** — corresponde ao primeiro parágrafo da notícia, onde se resume o acontecimento, se cativa a atenção do público e se dá resposta às perguntas «Quem?», «O quê?», «Onde?» e «Quando?».
 - **Corpo da notícia** — corresponde ao desenvolvimento da mesma e fornece pormenores sobre o acontecimento e se responde às perguntas «Como?» e «Porquê?».
3. Quando uma notícia é elaborada de acordo com esta constituição, diz-se que segue a **técnica da pirâmide invertida**, dado que apresenta as informações mais importantes no início e, posteriormente, os pormenores complementares. Esta técnica costuma ser representada por uma pirâmide invertida (A) em oposição à da narrativa (B). É possível encontrar notícias que não obedecem a esta estrutura.



4. A **linguagem** utilizada na notícia deve:
 - ser clara, breve, concisa, objetiva, atual, acessível;
 - recorrer sobretudo ao uso de nomes e de verbos;
 - evitar o uso de adjetivos valorativos e de frases feitas;
 - usar frases de tipo declarativo;
 - ser escrita na 3.ª pessoa gramatical;
 - articular parágrafos e frases recorrendo a palavras ou expressões que indiquem o tempo, o lugar, o modo, a causa, a consequência, etc.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

- 1 Em três jornais diários com a mesma data, pesquisa uma notícia correspondente ao mesmo assunto.

1.1 Tira conclusões quanto à diferença de tratamento da mesma.

A ENTREVISTA

1. **A entrevista** — é uma técnica utilizada pelos meios de comunicação social, com a finalidade de obter informações sobre a vida ou sobre a atividade profissional de alguém.
2. Antes de se realizar uma entrevista, é necessário selecionar:
 - o tema;
 - os objetivos;
 - a pessoa a entrevistar (o entrevistado).
3. **Partes constituintes:**
 - **Título** — que pode ser precedido de um antetítulo e/ou sucedido de um subtítulo;
 - **Introdução** — apresentação do entrevistado, indicação do lugar e do porquê da entrevista;
 - **Questionário** — perguntas do entrevistador e respostas do entrevistado;
 - **Conclusão** — opinião do entrevistador sobre o trabalho realizado ou sobre a personalidade do entrevistado.

NOTA:

É possível encontrar entrevistas que não respeitam esta estrutura.

4. **Procedimentos** — na condução de uma entrevista, devem ser respeitados alguns procedimentos:
 - elaborar perguntas adequadas ao tema, aos objetivos estipulados, ao perfil do entrevistado e às expectativas do público;
 - formular perguntas diversificadas (abertas — em que o entrevistado pode dar a sua opinião de forma desenvolvida; fechadas, cujas respostas se limitam ao «sim» ou «não» por parte do entrevistado; perguntas decorrentes das respostas do entrevistado);
 - estabelecer o número de questões e proceder à sua ordenação de forma lógica;
 - utilizar uma linguagem rigorosa, objetiva e acessível;
 - não emitir juízos de valor sobre as respostas dadas pelo entrevistado.
5. Antes da publicação da entrevista, é **importante:**
 - prestar atenção à pontuação e à ortografia do texto;
 - certificar-se de que a entrevista reproduz fielmente as palavras do entrevistado;
 - cuidar do aspeto gráfico da mesma.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

- 1 Elabora um guião de entrevista para realizares a uma personalidade da tua região, tendo em conta:
 - o perfil do entrevistado;
 - o tema e os objetivos da entrevista;
 - as expectativas do entrevistador;
 - as possíveis expectativas dos leitores/ouvintes;
 - a formulação das perguntas abertas e fechadas;
 - o número de perguntas e a sua ordenação;
 - o uso de vocabulário claro, acessível e rigoroso.
 - Não te esqueças da planificação e da revisão do texto.

O ANÚNCIO PUBLICITÁRIO

1. A expressão «anúncio publicitário» remete-nos para a palavra «publicidade», que, por sua vez, deriva do termo latino «*publicus*» («algo conhecido por todos») e deve ser entendida como uma técnica que visa promover a venda de produtos ou divulgar serviços.
2. Um anúncio bem elaborado deve respeitar a sigla **AIDMA**:
 - Atenção** — despertar a atenção;
 - Interesse** — suscitar o interesse;
 - Desejo** — provocar o desejo;
 - Memorização** — permitir a memorização;
 - Ação** — desencadear a ação.
3. **Partes constituintes:**
 - **Texto linguístico** (*slogan* e texto argumentativo/comentário);
 - **Texto icónico** (imagem).

Os dois textos devem estar interligados, funcionando a imagem como reforço da mensagem verbal.

O *slogan* deve ser original, breve, com linguagem simples e que facilite a memorização.
4. O anúncio publicitário, para atingir o objetivo de persuadir e incentivar ao consumo, serve-se de vários **recursos linguísticos**, tais como:
 - frases de tipo imperativo;
 - adjetivação abundante;
 - repetição/anáfora;
 - onomatopeia;
 - comparação;
 - polissemia;
 - aliteração;
 - interjeição;
 - apóstrofe;
 - hipérbole;
 - metáfora;
 - rima;
 - ...
5. É muito importante ter sempre em conta o **público** a que se destina o anúncio e os sentimentos e as emoções que se pretende despertar. Para isso contribui, em grande medida, o **aspeto gráfico** do anúncio publicitário.
6. Existem dois **tipos de publicidade**:
 - **Comercial** — destinada à venda de artigos diversos;
 - **Institucional** — destinada à promoção de eventos culturais, instituições, campanhas humanitárias e à modificação dos comportamentos sociais, de modo a atingir benefícios individuais ou coletivos, sem fins lucrativos.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1

Em trabalho de grupo, elabora um anúncio institucional a promover a feira do livro da tua escola.

A BANDA DESENHADA

1. **A banda desenhada** (BD) — é um texto não literário especial, dado que resulta da interligação de vários elementos: o texto verbal, a imagem (texto icónico) e a cor. No fundo, conta uma história que se desenvolve graças à sucessão de desenhos.

2. **Partes constituintes:**

- introdução;
- desenvolvimento;
- conclusão.

3. A banda desenhada apresenta:

- **Prancha** — corresponde a uma página de BD;
- **Tira** — corresponde a uma parte da prancha na horizontal;
- **Vinheta** — corresponde a um quadradinho da tira.

4. Dentro das vinhetas, o texto verbal pode surgir de várias maneiras:

- **Legenda** — texto do narrador;
- **Balão** — fala ou pensamento da personagem.

5. **Tipos de balões:**

- Balão de fala



- Balão de fala em voz baixa



- Balão de fala em voz alta



- Balão de fala coletiva



- Balão de pensamento



- Balão exclamativo



- Balão interrogativo



- Balão musical



6. A banda desenhada recorre muito a **onomatopeias** (reprodução de sons, ruídos, vozes de animais, etc.), a **metáforas visualizadas** (desenhos que representam ideias) e a **sinais de movimento**.

LÊ ATENTAMENTE O TEXTO QUE SE SEGUE.

Prémio Gazeta para história sobre Garrido e Branquinho

Sofia Leite e António Louçã, jornalistas da RTP, venceram o Grande Prémio Gazeta 2008 com o trabalho Lista de Chorin. O documento conta a história de dois diplomatas portugueses, Sampaio Garrido e Teixeira Branquinho, que durante a II Guerra Mundial evitaram que centenas de judeus fossem deportados para Auschwitz.

Emitido no ano passado pela estação pública de televisão, o trabalho relata o que se passou na primavera de 1944, quando a Alemanha invadiu a sua aliada Hungria e centenas de milhares de judeus foram deportados. O embaixador português em Budapeste, Sampaio Garrido, e o encarregado de negócios, Teixeira Branquinho, tentaram salvar «umas centenas, entre outros os pais das famosas atrizes Zsa Zsa e Eva

Gabor», lê-se num comunicado da RTP. Já à família mais rica do país foi proposto que negociasse diretamente com a polícia política da Alemanha nazi.

A moeda de troca era a Manfred Weiss, um grupo industrial controlado pela família Weiss, que detinha minas, bancos, fábricas de armamento. Ferenc Chorin, o membro mais influente da família, estava num campo de concentração e aceitou entregar às SS o controlo da Manfred Weiss se os nazis deixassem sair para Portugal 36 familiares. A história dos dois diplomatas tinha sido revelada pelo *Público* em 1994, ao longo de vários trabalhos dos jornalistas Clara Viana e João Mendes. A.S.

Público, 11 de junho de 2009

DEPOIS DE LERES CUIDADOSAMENTE A NOTÍCIA, RESPONDE ÀS QUESTÕES DE FORMA CLARA E COMPLETA, NUMA FOLHA À PARTE.

1 Delimita o *lead* da notícia.



1.1 Completa, agora, o seguinte quadro.

Quem?	(1)
O quê?	(2)
Onde?	(3)
Quando?	(4)

1.2 Identifica, no *lead*, a resposta à pergunta «porquê?».

1.3 É usual esta resposta aparecer no *lead*? Justifica.

2 Verifica que o título da notícia não é muito elucidativo quanto ao seu conteúdo.

2.1 Compreendes o seu verdadeiro sentido a partir da leitura do primeiro parágrafo?

3 Identifica os parágrafos que constituem o corpo da notícia.



3.1 Demonstra que o corpo desta notícia assume um tom narrativo e preenche um quadro semelhante ao seguinte no teu caderno.

«[...] o trabalho relata o que se passou [...]» (Il. 12-13) — HISTÓRIA	
Quando? TEMPO	(1)
Onde? ESPAÇO	(2)
Com quem? PERSONAGENS	(3)
O quê? AÇÃO	(4)
CONTEXTO HISTÓRICO	(5)
Quem conta? NARRADOR	(6)
Como conta?	(7)

4 Consideras que a notícia apresentada respeita a técnica da pirâmide invertida? Justifica a tua resposta.

5 Repara nas formas verbais «venceram», «conta» e «evitaram», presentes no primeiro parágrafo da notícia.

5.1 Identifica o tempo verbal em que se encontram.

5.2 Transcreve os respetivos sujeitos e classifica-os.

6 Respeitando a «técnica da pirâmide invertida», elabora uma notícia para um dos títulos apresentados abaixo.

a) «Descoberto novo planeta no Sistema Solar»

b) «Televisão perde terreno para computador»

c) «Feira do Livro na Escola»

d) «Finalmente o Ouro nos Jogos Olímpicos»

6.1 Elabora previamente uma planificação e, após redigires o teu texto, verifica se este responde a todas as questões relativas ao *lead* e ao corpo da notícia. No fim, faz uma última revisão.

6.2 Sugere uma imagem para ilustrar a tua notícia.

BIBLIOGRAFIA

- BOUT, Brian — *Atividades Matemáticas*. Lisboa: Gradiva, 1991.
- AA. VV. — Enciclopédia do Estudante — *Literatura Portuguesa*, vol. 10. Lisboa: Santillana-Constância/Público, 2008.
- AA. VV. — Enciclopédia do Estudante — *Língua Portuguesa*, vols. 13 e 14. Lisboa: Santillana-Constância/Público, 2008.
- AA. VV. — Enciclopédia do Estudante — *Literatura Universal*, vol. 7. Lisboa: Santillana-Constância/Público, 2008.
- AZEREDO, M. Olga et alii — *Gramática Prática de Português: da Comunicação à Expressão*. Lisboa: Lisboa Editora, 2006.
- CEIA, Carlos (org.) — *E-Dicionário de Termos Literários*, disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/>. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, s/d.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain — *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Teorema, 1982.
- COELHO, Jacinto do Prado (dir.) — *Dicionário de Literatura*. Porto: Figueirinhas, 1979.
- DGIDC — *Dicionário Terminológico para consulta em linha*, disponível em: <http://dt.dgicd.min-edu.pt/>. Lisboa: 2008.
- FERNANDES, Francisco — *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1984.
- MACHADO, Álvaro Manuel (org.) — *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
- MACHADO, José Pedro — *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Mem Martins: Livros Horizonte, 1977.
- MOREIRA, Vasco; PIMENTA, Hilário — *Gramática de Português*. Porto: Porto Editora, 2008.
- PARENTE, Salvador — *O Livro dos Provérbios*. Barcelos: Círculo de Leitores, 2005.
- REIS, Carlos (coord.) — *Programa de Português do Ensino Básico*, disponível em: <http://www.dgicd.min-edu.pt>
- SARAIVA, António José; LOPES Óscar — *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1996.

PÁGINAS DA INTERNET

- Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, disponível em: <http://www.ciberduvidas.com/>
- Plano Nacional de Leitura*, disponível em: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/>
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?>

FONTES FOTOGRÁFICAS

Capa: Luís Prina

Casa da Imagem

P. 97 Imagem de Nossa Senhora da Nazaré

Corbis

- PP. 6-7 Grupo de amigos
- P. 25 Rapaz a passear no bosque
- P. 89 Cão *épagneul-breton*
- P. 96 Vila da Nazaré
- P. 97 Varina da Nazaré
- P. 98 Elevador e vila da Nazaré
- P. 130 Jean-Jacques Sempé
- P. 219 Pomba
- P. 224 Adolescentes

Gettyimages

- PP. 70-71 Grupo de alunos
- PP. 216-217 Rapariga a ler um livro
- P. 218 Mulher olhando o horizonte
- P. 220 Pegadas na areia
- P. 225 Amigas abraçadas
- P. 230 Floresta
- P. 232 Cavalo-marinho

Petit Palais, Geneva, Switzerland / © DACS / The Bridgeman Art Library

PP. 164-165 *Grand Carnival Ostendais*, Felix Labisse

Private Collection / The Bridgeman Art Library

PP. 254-255 *De Standaard*, P. J. Crook

Reuters

- P. 262 Nelson Évora
- P. 270 Maria Sharapova e Melanie Oudin

AGRADECIMENTOS

Arquivo Municipal de Lisboa / Arquivo Fotográfico

P. 85 Profissões

Companhia de Teatro Pé de Vento, Teatro da Vilarinha, Porto

PP. 196/197/200/201 Representação da peça *Aquilo Que os Olhos Vêem ou O Adamastor*

O Projeto **Desafios** de Português destinado ao 7.º ano de escolaridade, 3.º Ciclo do Ensino Básico, é uma obra coletiva, concebida e criada pelo Departamento de Investigações e Edições Educativas da Santillana-Constância, sob a direção de Sílvia Vasconcelos.

EQUIPA TÉCNICA

Chefe de Equipa Técnica: Patrícia Boleto
Modelo Gráfico e Capa: Carla Julião
Ilustrações: Luís Prina, Paulo Oliveira e Raquel Pinheiro
Paginação: Christophe Marques e Célia Neves
Documentalista: Luísa Rocha
Revisão: Eva Arim, Fátima Santos, Luís Alho e Elisabete Rodrigues

EDITORAS

Sandra Ferreira e Susana Malagueiro

CONSULTORA CIENTÍFICA

Edite Prada — Mestre em Estudos Portugueses, pela Universidade Aberta. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Franceses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Professora aposentada do Ensino Básico e Secundário. Docente da Universidade Sénior de Almada. Membro do Conselho Consultivo do Ciberdúvidas da Língua Portuguesa.

A edição revista de acordo com as novas metas curriculares é da responsabilidade de Patrícia Nunes.



© 2013

Rua Mário Castelhana, 40 – Queluz de Baixo
2734-502 Barcarena, Portugal

APOIO AO PROFESSOR

Tel.: 214 246 901
apoioaoprofessor@santillana.com

APOIO AO LIVREIRO

Tel.: 214 246 906
apoioaolivreiro@santillana.com

Internet: www.santillana.pt

Impressão e Acabamento: Lidergraf

ISBN: 978-989-708-456-0

C. Produto: 410 110 105

2.ª Edição

5.ª Tiragem

Depósito Legal: 361028/13



A **cópia ilegal** viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.